



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA

THAYSA ANDRÉIA DE MIRANDA RODRIGUES

**FAMÍLIAS TRANSNACIONAIS DE MIGRANTES BRASILEIRAS NA ESPANHA:  
UMA ANÁLISE A PARTIR DA PERSPECTIVA DOS/AS FILHOS/AS**

BRASÍLIA

2024

THAYSA ANDRÉIA DE MIRANDA RODRIGUES

**FAMÍLIAS TRANSNACIONAIS DE MIGRANTES BRASILEIRAS NA ESPANHA:  
UMA ANÁLISE A PARTIR DA PERSPECTIVA DOS/AS FILHOS/AS**

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade de Brasília (UnB) como requisito para a obtenção do título de Doutora de Sociologia.

**Orientadora: Prof.<sup>a</sup>. Dra. Tânia Mara Passarelli Tonhati**

BRASÍLIA

2024

THAYSA ANDRÉIA DE MIRANDA RODRIGUES

**FAMÍLIAS TRANSNACIONAIS DE MIGRANTES BRASILEIRAS NA ESPANHA:  
UMA ANÁLISE A PARTIR DA PERSPECTIVA DOS/AS FILHOS/AS**

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade de Brasília (UnB) como requisito para a obtenção do título de Doutora em Sociologia.

Orientadora: Tânia Mara Passarelli Tonhati

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

**BANCA EXAMINADORA:**

---

Dr<sup>a</sup>. Gisele Maria Ribeiro de Almeida

---

Dr<sup>a</sup>. Maria Catarina Chitolina Zanini

---

Dr<sup>a</sup>. Tânia Mara Campos de Almeida

---

Dr<sup>a</sup>. Zakia Ismail Hachem

A todas as famílias migrantes que contribuíram  
para esta pesquisa com suas histórias.

Às mulheres migrantes da minha família.

Ao povo palestino que está sendo dizimado no  
maior genocídio do século.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, à minha orientadora, professora Dra. Tânia Tonhati, por ter aceito o meu pedido de orientação; por suas valiosas contribuições para a construção desta pesquisa; e pela sua atenção durante todo o processo de escrita da tese. Obrigada pela generosidade de compartilhar comigo suas experiências de pesquisa na área das migrações internacionais, com foco nas questões de gênero.

Agradeço a todas as pessoas participantes que me ajudaram a construir esta pesquisa com suas experiências e histórias de vida: aos filhos e filhas de mulheres migrantes, às mulheres migrantes e às representantes de organizações que trabalham com migrantes em Barcelona. Obrigada pela confiança em se abrirem sobre assuntos que muitas vezes não são compartilhados no dia a dia e nem com outras pessoas, seja porque as experiências relacionadas à migração trazem consigo uma certa solidão, seja porque evocam fortes lembranças e emoções que permanecem latentes apesar do tempo transcorrido.

Também quero agradecer às professoras Christiane Girard e Christiane Coêlho por terem se disponibilizado, generosamente, no início do curso, a orientarem esta pesquisa.

Agradeço a todos/as os/as professores/as do curso de doutorado em Sociologia da UnB, pela qualidade de suas aulas e ensinamentos valiosos.

Ao professor Dr. Leonardo Cavalcanti, por ter me apresentado ao Laboratório de Estudos de Migrações Internacionais da UnB e por ter me auxiliado, mediante sua rede de contatos em Barcelona, a levar a cabo meu trabalho de campo nessa cidade.

À equipe da secretaria e coordenação do curso da Pós-Graduação em Sociologia da UnB, por terem conduzido e auxiliado a nossa turma durante e após a pandemia de COVID-19, considerando que fomos atingidos/as no início de nosso segundo ano de curso. Enfrentamos a doença e a perda de pessoas queridas, longos períodos de solidão e de incertezas sobre o futuro de nossas pesquisas, tudo isso durante um governo federal negacionista e inimigo da ciência e dos/as cientistas.

Agradeço ao CNPq pela bolsa de doutorado concedida durante os quatro anos de curso, sem a qual esta pesquisa não teria sido possível.

À CAPES, pela bolsa de intercâmbio de seis meses de duração, que me possibilitou realizar parte do meu trabalho de campo na cidade de Barcelona, com estância na Universitat Autònoma de Barcelona.

Agradeço à professora Dra. Sònia Parella Rubio, coordenadora do GEDIME na Universitat Autònoma de Barcelona, por ter me recebido em seu grupo de estudos durante o

meu intercâmbio, por ter me facilitado o acesso às dependências da universidade e pelas suas valiosas contribuições para a minha pesquisa. Aos colegas que conheci no GEDIME e, em especial, a Matías Jaramillo, pelas trocas de experiências como estudante estrangeiro, pelo seu carinho e acolhimento nessa universidade.

A todos/as os/as amigos/as doutorandos/as brasileiros/as que conheci durante meu intercâmbio em Barcelona, em um período tão difícil para se estar fora do Brasil, quando nosso povo estava lutando e votando nas urnas, apesar de todas as tentativas de golpe, pela continuidade da democracia no Brasil. Por estar fora, muitos de nós não pudemos votar, mas isso não nos impediu de fazer alianças e participar da resistência antifascista brasileira no exterior.

Aos meus amigos e amigas doutores/as em Sociologia da UFG e, em especial, à querida professora Dra. Eliane Gonçalves, pelo suporte e companhia durante meu trajeto na pós-graduação; por compartilharem suas experiências e trazerem mais leveza para este árduo trabalho que é o da escrita.

Aos meus amigos e companheiros de doutorado da UnB, especialmente a Tony Gigliotti, quem me acolheu em sua casa em Brasília.

Agradeço também aos meus amigos e amigas de Goiânia que me apresentaram muitos/as dos/as participantes desta pesquisa.

Aos meus pais, por apoiarem minha carreira acadêmica.

“Difícilmente uma pessoa passa pela experiência de migração sem que isso deixe algumas marcas em sua história de vida”

(Abdelmalek Sayad)

“Tenho inventado milhares de histórias; tenho enchido inumeráveis cadernetas com frases a serem usadas quando eu tiver encontrado a história verdadeira, a história à qual todas essas frases remetem. Mas ainda não encontrei essa história. E começo a perguntar: As histórias existem?”

(Virginia Woolf)

## RESUMO

Esta tese investiga os impactos que a migração de mães brasileiras para a Espanha provoca na organização e na estrutura familiar de seus filhos e filhas que ficam no Brasil, a partir do ponto de vista destes últimos. Desde uma perspectiva transnacional, a pesquisa foca nas práticas familiares desenvolvidas por estas famílias separadas pela distância a fim de manterem seus vínculos afetivos; no modo em que se deu a organização do cuidado dos/as filhos/as; assim como em suas experiências como membros de famílias transnacionais, tanto no país de origem, como no de destino. Trata-se de uma pesquisa qualitativa com um trabalho de campo multissituado, onde realizei entrevistas em profundidade, no Brasil e na Espanha, com 14 filhos/as que ficaram no estado de Goiás; com 7 mães que migraram para a Espanha; e com 2 representantes de associações que atendem a pessoas migrantes na cidade de Barcelona, no âmbito do meu doutorado sanduíche realizado entre 2022 e 2023. Para tanto, utilizei a técnica da bola de neve para, a partir de alguns informantes iniciais, encontrar mais participantes. A análise dos dados aponta que os/as filhos/as ficaram no Brasil, majoritariamente, sob os cuidados de suas avós maternas, tias e pais, de modo que, posteriormente, após a regularização da situação administrativa de suas mães na Espanha, a metade dos/as participantes também migrou para estar junto a elas. Observa-se que, diante das dificuldades impostas pela política migratória espanhola para a entrada de migrantes não comunitários, deixar os/as filhos/as no Brasil durante os primeiros anos de migração constitui, muitas vezes, uma estratégia destas mães para conseguir entrar no país, encontrar trabalho e moradia para tentar regularizar sua situação e, só depois, levá-los consigo. A pesquisa conclui pela necessidade de uma mudança no tratamento que a política migratória espanhola dá às mulheres migrantes não comunitárias, visto que o modelo atual dificulta o acesso das migrantes e de seus/suas filhos/as ao direito de reagrupamento familiar, contribuindo, desse modo, para sua separação.

**Palavras-chave:** famílias transnacionais; práticas transnacionais; filhos; maternidade transnacional; reorganização do cuidado.



## ABSTRACT

This thesis investigates the impacts that the migration of Brazilian mothers to Spain has on the organization and family structure of their sons and daughters who remain in Brazil, from the point of view of these. From a transnational perspective, the research focuses on the family practices developed by these families separated by distance in order to maintain their emotional bonds; the way in which the care of their children was organized; as well as their experiences as members of transnational families, both in the country of origin and destination. This is a qualitative research with multi-sited fieldwork, where I carried out in-depth interviews, in Brazil and Spain, with 14 children who stayed in the state of Goiás; with 7 mothers who migrated to Spain; and with 2 representatives of associations that serve migrant people in the city of Barcelona, as part of my doctoral exchange carried out between 2022 and 2023. To do so, I used the snowball technique to, based on some initial informants, find more participants. Data analysis indicates that the children remained in Brazil mostly under the care of their maternal grandmothers, aunts and fathers so that, later, after the regularization of their mothers' administrative situation in Spain, half of them also migrated to be with their mothers. Given the difficulties imposed by Spanish migration policy for the entry of non-European migrants, leaving their children in Brazil during the first years of migration often constitutes a strategy for these mothers to manage to enter the country, find work and housing to try to regularize their situation and, only then, take their children with them. The research concludes that there is a need for a change in the treatment that Spanish migration policy gives to non-European migrant women, as the current model makes it difficult for migrants and their children to access the right to family reunification, thus contributing to their separation.

**Keywords:** transnational families; transnational practices; children; transnational motherhood; reorganization of care.

## LISTA DE GRÁFICOS E TABELAS

Tabela 1 – Países com o maior número de emigrantes brasileiros - 2015.....	33
Tabela 2 – População sul-americana residente na Espanha por sexo e nacionalidade – 2020 .....	40
Tabela 3 – Evolução da população imigrante brasileira na Espanha por sexo, 2002 – 2020 .....	49
Tabela 4 – Distribuição da população brasileira cadastrada, segundo Comunidades Autônomas – 2020 .....	52
Tabela 5 – Perfil dos/as filhos/as entrevistados/as – 2023 .....	93
Tabela 6 – Perfil das mães entrevistadas – 2023 .....	95
Gráfico 1 – Ganho médio anual por nacionalidade e sexo, 2016 .....	42
Gráfico 2 – Linha do tempo da evolução da população brasileira na Espanha por sexo, 2002 – 2020 .....	50

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CEE – Comunidade Econômica Europeia

EM – *Estadística de Migraciones*

EPA – *Encuesta de Población Activa*

EUA – Estados Unidos

EVR – *Estadística de Variaciones Residenciales*

FMI – Fundo Monetário Internacional

GO – Goiás

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

INE – *Instituto Nacional de Estadística*

MRE – Ministério das Relações Exteriores

OBMigra – Observatório das Migrações Internacionais

OCDE – Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico

RCNs – Relatórios Consulares

TICs – Tecnologias de Informação e Comunicação

## SUMÁRIO

<b>LISTA DE GRÁFICOS E TABELAS .....</b>	<b>10</b>
<b>LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS .....</b>	<b>11</b>
<b>CAPÍTULO 1 - INTRODUÇÃO .....</b>	<b>14</b>
<b>1.1 A migração brasileira na Espanha.....</b>	<b>19</b>
1.1.2 A feminização da migração brasileira na Espanha .....	30
<b>1.2 Objetivos da tese .....</b>	<b>345</b>
1.2.1 Objetivo geral: .....	345
1.2.2 Objetivos específicos:.....	35
<b>1.3 A estrutura da tese.....</b>	<b>35</b>
<b>CAPÍTULO 2 - FAMÍLIAS TRANSNACIONAIS E MATERNIDADE À DISTÂNCIA: REVISÃO DA LITERATURA E MARCOS TEÓRICOS .....</b>	<b>38</b>
<b>2.1 Divisão Internacional do Trabalho Reprodutivo.....</b>	<b>39</b>
2.1.1 Circulação de cuidados.....	488
<b>2.2 Transnacionalismo e práticas transnacionais .....</b>	<b>50</b>
<b>2.3 Maternidade transnacional no contexto das novas tecnologias de comunicação .....</b>	<b>57</b>
<b>2.4 Revisão da literatura sobre filhos “left-behind” .....</b>	<b>60</b>
<b>3 – TRABALHO DE CAMPO E ASPECTOS METODOLÓGICOS .....</b>	<b>74</b>
<b>3.1 Perfil dos/as participantes.....</b>	<b>74</b>
<b>3.2 A pesquisa multissituada .....</b>	<b>79</b>
<b>3.3 Metodologia qualitativa e a técnica da entrevista biográfica .....</b>	<b>822</b>
<b>CAPÍTULO 4 – REORGANIZAÇÃO DO CUIDADO E DA ESTRUTURA FAMILIAR SOB UMA PERSPECTIVA GERACIONAL E DE GÊNERO .....</b>	<b>90</b>
<b>4.1 Lembranças da partida .....</b>	<b>94</b>
<b>4.2 Os motivos da migração das mães .....</b>	<b>107</b>
4.2.1 Monoparentalidade feminina .....	125
<b>4.3 Impactos da migração e da reorganização do cuidado na vida dos/as filhos/as .....</b>	<b>130</b>
<b>CAPÍTULO 5 – COMUNICACÕES, PRÁTICAS E IDENTIDADES TRANSNACIONAIS.....</b>	<b>145</b>
<b>5.1 Comunicação à distância e meios utilizados .....</b>	<b>150</b>
<b>5.2 Envio de presentes e outros objetos para o Brasil .....</b>	<b>161</b>
5.2.1 Aniversários e outras datas comemorativas .....	168

<b>5.3</b>	<b>Visitas das mães ao Brasil e a política de migração espanhola .....</b>	<b>174</b>
<b>5.4</b>	<b>Envio de remessas e melhora na qualidade de vida da família no Brasil.....</b>	<b>189</b>
<b>CAPÍTULO 6 – PROCESSANDO A MIGRAÇÃO NA IDADE ADULTA: A PERCEPÇÃO DOS/AS FILHOS/AS SOBRE SUAS MÃES E SOBRE O PROCESSO MIGRATÓRIO.....</b>		
<b>203</b>		
<b>6.1</b>	<b>A relação entre filhos/as e mães durante a infância, a adolescência e a idade adulta.....</b>	<b>203</b>
<b>6.2</b>	<b>Momentos em que os/as filhos/as mais sentiram falta da presença física da mãe ....</b>	<b>217</b>
<b>6.3</b>	<b>A influência dos discursos da família na relação dos/as filhos/as com suas mães ....</b>	<b>222</b>
<b>6.4</b>	<b>Reagrupamento familiar dos/as filhos/as na Espanha .....</b>	<b>230</b>
6.4.1	Visitas dos/as filhos/as às mães na Espanha.....	240
6.4.2	Adaptação, convivência e vivências dos/as filhos/as reagrupados na Espanha .....	248
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>		
<b>259</b>		
<b>REFERÊNCIAS .....</b>		
<b>265</b>		

## CAPÍTULO 1 - INTRODUÇÃO

Diante da crescente feminização das migrações internacionais, muitas mulheres optam ou se veem obrigadas a deixar os/as filhos/as em seus países de origem, sob os cuidados de outros membros da família, para empreenderem o projeto migratório. Sua migração implica na reorganização do cuidado em seu grupo familiar, sendo que, na maioria das vezes, são outras mulheres as que assumem a responsabilidade pela criação de seus filhos.

Surgem, assim, as famílias transnacionais cujos membros, separados no tempo e no espaço, desenvolvem práticas familiares para manter suas relações e laços afetivos à distância (Tonhati, 2019).

Inúmeras pesquisas em diversos países já analisaram o fenômeno da maternidade transnacional a partir da perspectiva das mulheres migrantes, demonstrando como elas elaboram outros modos de exercer o cuidado e de preservar sua identidade materna através da comunicação, do envio de remessas e bens materiais, de visitas ao país de origem e fazendo-se presentes virtualmente mediante as tecnologias de comunicação (Hondagneu-Sotelo e Avila, 1997; Madianou e Miller, 2012; Parreñas, 2015; Carpenedo e Nardi, 2017).

Segundo Mazzucato e Schans (2011), as pesquisas sobre migrações que analisam a situação das pessoas que permanecem na sociedade de origem tendem a focar nos ganhos econômicos e em seus impactos na qualidade de vida destas pessoas, de modo que ainda são poucos os estudos sobre as famílias transnacionais a partir da perspectiva dos/as filhos/as, acerca dos impactos da migração e das mudanças que a reorganização do cuidado provoca em suas vidas.

Nesse sentido, a presente pesquisa tem como objetivo analisar como a migração de mulheres que são mães afeta as vidas dos/as filhos/as que ficam a partir de suas próprias perspectivas, considerando o impacto da saída destas mulheres para a organização e estruturação de suas famílias.

Em se tratando de uma pesquisa feminista que tem como uma de suas características a reflexividade, considero importante me apresentar enquanto pesquisadora, contando um pouco da minha vivência como filha de pais migrantes e, também, da minha trajetória de migração na Espanha, e como isso se relaciona com a escolha do meu objeto de estudo.

Em 1999, meus pais emigraram para a Espanha a convite de uma tia, irmã da minha mãe, e em busca de salários melhores. Eles me deixaram no Brasil, às vésperas de cumprir meus seis anos, junto ao meu irmão, oito anos mais velho que eu, e sob os cuidados de minha avó materna e dos/as tios/as mais próximos/as na cidade de Portelândia – GO, onde eu nasci. Desde seu nascimento, meu irmão já morava com minha avó, de modo que somente eu sofri com a mudança de casa e com a reorganização familiar de passar a morar com outras pessoas que não eram meus pais. Me lembro de ter sofrido muito com a partida deles, sobretudo da minha mãe, uma vez que meu pai passava a maior parte do tempo trabalhando em uma fazenda longe da cidade. Dessa época, também guardo algumas lembranças de ter que ir sozinha para a escola de manhã, a pé ou de bicicleta, sendo aquele meu primeiro ano escolar.

Então, meu irmão sofreu um grave acidente e, três meses depois da viagem, meus pais decidiram retornar ao Brasil porque, além disso, seu projeto migratório na Espanha não tinha dado certo. Lá eles trabalharam durante meses na cozinha de um restaurante em um shopping de Valencia, sem receber nada por isso.

Mais tarde, em fevereiro de 2006, quando eu tinha 12 anos de idade, eles decidiram migrar novamente para esse país e, dessa vez, eu não quis ficar no Brasil, de modo que minha mãe e eu emigramos primeiro e meu pai se juntou a nós quatro meses depois. Fomos primeiro porque minha tia, que já morava na Espanha desde o início dos anos 90, tinha um trabalho previsto para minha mãe, que consistia em cuidar de uma idosa que morava na mesma avenida de sua casa e da que seria minha escola – a Avenida Reino de Valencia –, como cuidadora residente, de modo que ela tinha que dormir todas as noites no trabalho.

Enquanto isso, eu ficava na casa da minha tia, que consistia em um cômodo pequeno dividido entre o quarto, de um lado, e o banheiro junto à cozinha, do outro, no último andar de um prédio muito antigo e sem elevador. Lá moravam minha tia e outra brasileira, também de Goiânia, que ela tinha ajudado a migrar havia pouco tempo. Quando estávamos as quatro nessa casa, dormiam duas pessoas na cama de solteiro e outras duas em um colchão no chão, assim até a chegada do meu pai, quando, finalmente, alugamos um quarto grande em outro apartamento.

Os primeiros dias e meses foram muito desafiadores para mim pois, além das situações descritas acima, minha bagagem foi extraviada durante a viagem, de modo que cheguei em Valencia sem nenhum pertence ou roupa para encarar o frio de fevereiro. Uma senhora francesa que oferecia trabalhos de faxina em sua casa e em seu restaurante para

minha mãe foi quem me doou algumas roupas de seu filho e, assim, eu comecei a frequentar a escola, onde cheguei sem saber falar nada de espanhol.

Durante os primeiros anos, moramos em vários apartamentos compartilhados com outros/as migrantes de diversas nacionalidades, sobretudo latino-americanas, onde nós três dividíamos o mesmo quarto. Nesses apartamentos, aos meus doze anos, além de frequentar a escola, eu também trabalhei como babá de crianças em duas ocasiões para que suas mães, mulheres migrantes latino-americanas, pudessem sair para trabalhar. Minha tarefa consistia em buscar a criança na creche e cuidá-la no apartamento onde morávamos por mais algumas horas ao anoitecer, até que sua mãe chegasse do trabalho.

Em diversas ocasiões eu acompanhei minha mãe em suas jornadas de trabalho como doméstica, cuidadora de idosos e crianças e ajudante de cozinha, em casas e restaurantes. Moramos na cidade de Valencia durante quase cinco anos e nosso status administrativo permaneceu irregular durante todo esse período, o que contribuiu para que não visitássemos o Brasil até o dia do retorno definitivo para a cidade de Goiânia, que se deu em setembro de 2010.

Todas estas experiências me levaram, portanto, a querer pesquisar os diversos aspectos da migração de mulheres latino-americanas para a Espanha durante minhas graduações e mestrado e, agora, no Doutorado, mais especificamente sobre as famílias transnacionais brasileiras. Para finalizar, acredito que se meus pais tivessem tido sucesso em sua primeira tentativa de migrar e eu tivesse crescido sob os cuidados de outros familiares na cidade onde nasci, no interior de Goiás, certamente minha vida teria sido muito diferente. Talvez eu não tivesse conhecido a Espanha, estudado os mesmos cursos durante a graduação e me tornado uma pesquisadora das migrações. E, mesmo se tivesse, a minha percepção destes processos certamente seria outra.

A minha ida para a Espanha aos 12 anos, a participação no dia a dia dos meus pais – ambos trabalhadores migrantes em situação administrativa irregular –, a minha trajetória na Escuela de Artesanos de Valencia e, mais tarde, na universidade no Brasil, me trouxeram a sensibilidade necessária para querer entender melhor, através da pesquisa acadêmica, os motivos e os esforços das mulheres que tomam a decisão de migrar. No caso da minha família, a maior motivação para migrar veio de minha mãe – que foi mãe solo do meu irmão aos 15 anos, e que sempre contou com a ajuda de minha avó para sua criação –, que queria ir para a Espanha trabalhar para poder custear os estudos universitários dele aqui no Brasil.



Para além da minha vivência, a escolha por pesquisar as famílias transnacionais de migrantes brasileiras a partir da perspectiva dos/as filhos/as se deu, também, em razão dos desdobramentos da minha pesquisa de mestrado, onde entrevistei a sete mulheres latino-americanas que trabalhavam como domésticas e cuidadoras na Espanha. Naquela pesquisa, eu pude explorar a vivência da migração também a partir da perspectiva de mães de diversas nacionalidades latino-americanas, incluindo duas brasileiras, assim como analisar o seu dia a dia como trabalhadoras migrantes na Espanha. Nesse estudo, eu observei que elas mantinham práticas transnacionais com suas famílias no Brasil, através da comunicação e do envio de presentes e remessas. A partir daí foram surgindo, portanto, as questões que procuro responder nesta tese acerca das famílias transnacionais brasileiras.

Existem diversos estudos sobre a migração brasileira na Espanha (Cavalcanti, 2004, 2005; Fernandes e Nunan, 2008; Masanet, 2008; Ripoll, 2008; Solé, Cavalcanti e Rubio, 2011; Masanet, Baeninger e Mateo, 2012; Barrio e Duarte, 2012; Finotelli *et al.*, 2013; Figueiredo, 2019), assim como sobre as migrantes brasileiras em Londres e suas famílias transnacionais (Carpenedo & Nardi, 2017; Tonhati, 2019), mas ainda não encontrei estudos sobre as famílias transnacionais de migrantes brasileiras que moram na Espanha, privilegiando a perspectiva de seus filhos e filhas que ficaram no Brasil no momento de sua migração. Como afirmam Pedone e Araujo (2016, p. 14), “as formas de organização familiar e os rearranjos das relações de gênero e geracionais na migração brasileira continuam sem ser abordados em profundidade”.

Considerando o aumento da feminização das migrações durante as últimas décadas, sobretudo a partir do final dos anos 1980, muitos desses/as filhos/as de mulheres migrantes que experimentaram a separação física e viveram sob os cuidados de outros familiares são agora adultos e, portanto, capazes de produzir e participar deste tipo de pesquisa, elaborando suas vivências e contando suas histórias de vida. É neste contexto, portanto, que eu, como pesquisadora, e os demais participantes nos localizamos.

Segundo a UNICEF (2008), não existem dados globais sobre o número de crianças deixadas para trás por se tratar de uma informação não coletada pelos países. Ainda assim, as organizações internacionais UNICEF e *Save the Children* estimam que aproximadamente 25% das crianças de países emissores de imigrantes possuem pelo menos um de seus progenitores vivendo fora do país (Mazzucato; Schans, 2011). Neste contexto, o fator da

situação administrativa irregular dos/as migrantes, desencoraja muitas pessoas de fornecerem informações sobre seus familiares migrantes para pesquisas demográficas.

A literatura sobre famílias transnacionais utiliza a expressão ‘filhos deixados para trás’, ou *children left-behind*, para se referir aos filhos/as de um ou ambos os pais migrantes que ficaram no país de origem. De acordo com a UNICEF (2008), esta expressão deve ser utilizada com cautela, pois pode passar uma ideia negativa acerca dos pais que migraram, ou sugerir que todos/as os/as filhos/as que ficam sofrem com emoções e impactos psicológicos negativos.

Em se tratando da migração de mulheres que são mães, concordo com Garey e Arendell (1999) acerca dos perigos de sua culpabilização nesse tipo de estudo, mesmo que ocorra de maneira não proposital, visto que existe uma tendência cultural de culpar as mães pelos resultados da criação dos/as filhos/as. Isto porque o tema do cuidado dos mesmos e de seu bem-estar aparecem constantemente ligados às condutas das mães.

As mães são culpadas pelo mau desempenho escolar dos filhos, baixa autoestima e pobreza. Hoje, os problemas dos filhos - ou filhos como problemas - estão frequentemente ligados às situações sociais de suas mães - mães pobres, mães solteiras, mães divorciadas, mães empregadas e assim por diante (Garey; Arendell, 1999, p. 1).<sup>1</sup>

Para evitar que isso aconteça, estas autoras defendem que as pesquisas sobre os/as filhos/as sejam sensíveis tanto às situações dos mesmos como às de suas mães. Para tanto, é preciso lembrar como as normas de gênero contribuem para uma maior estigmatização da figura da mulher que migra e deixa seus filhos/as para trás, o que não ocorre no caso dos homens (Parreñas, 2015). Do mesmo modo, é necessário ter em conta que outros fatores, além da decisão inicial de migrar, atuam para o prolongamento da separação física entre mães e filhos/as, tais como seu status administrativo irregular e as políticas migratórias presentes no país de destino (Bernhard *et al.*, 2009; Buriticá, Pedone e Araujo, 2013).

Esta pesquisa enfrenta, portanto, o desafio de trazer a perspectiva dos/as filhos/as das mulheres migrantes para o centro de nosso estudo, sem, no entanto, contribuir para a culpabilização das mães pelos resultados dos mesmos, conforme defendem Garey e Arendell (1999).

---

<sup>1</sup> Mothers are blamed for children’s poor school performance, low self-esteem, and poverty. Today, children’s problems – or children as problems – are often linked to the social situations of their mothers – poor mothers, unmarried mothers, divorced mothers, employed mothers, and so forth. (Tradução livre).

Sugerimos que podemos evitar cair na culpabilização das mães em nossa pesquisa, recorrendo sistematicamente a uma sociologia feminista. Quatro temas são especialmente significativos. Em primeiro lugar, as famílias são compostas por indivíduos com interesses comuns e diversos. Em segundo lugar, nossas ideias sobre crianças e famílias estão histórica e culturalmente situadas. Em terceiro lugar, as famílias estão econômica e culturalmente situadas e podem variar de acordo. E, em quarto lugar, cuidar das crianças é uma questão pública que está conectada a forças sociais e econômicas maiores (Garey; Arendell, 1999, p. 3).<sup>2</sup>

Concordo com Fonseca (2007, p. 14) que qualquer análise sobre a família deve ser feita a partir “de uma discussão sobre reprodução no sentido amplo – a reprodução de uma situação econômica, de um status quo político, de um sentimento de pertencimento ou exclusão”. Isto porque a família não é uma entidade natural, e sim uma noção política e historicamente situada. Como afirmam Bernhard *et al.* (2009), todas as configurações familiares experimentam tensões, contêm relações de poder desiguais e realizam negociações entre seus membros. Logo, a imagem da família unida e estável constitui uma idealização burguesa e ocidental (Donzelot, 1979).

Como o foco da minha pesquisa são as relações familiares (re) construídas entre mulheres migrantes na Espanha e seus filhos/as que inicialmente ficaram no Brasil, na próxima seção, eu procuro contextualizar a migração de mulheres brasileiras para a Espanha, trazendo as especificidades deste coletivo em relação às questões de gênero e nacionalidade, e como a confluência destes marcadores incidem no acesso das migrantes brasileiras ao mercado de trabalho e ao direito de exercer sua cidadania na Espanha. Como veremos nos capítulos a seguir, todos estes fatores interferem na formação e na organização das famílias transnacionais e, sobretudo, na vida dos/as filhos/as que ficam no Brasil.

## **1.1 A migração brasileira na Espanha**

O coletivo de migrantes brasileiros na Espanha não possui uma presença numérica significativa se comparado com as demais nacionalidades e, nesse sentido, concordo com Masanet, Baeninger e Mateo (2012) em que este fator não diminui a importância de seu

---

<sup>2</sup> We suggest that we can avoid falling into mother-blaming in our research by drawing systematically on a feminist sociology. Four themes are especially significant. Firstly, families are composed of individuals with both common and diverse interests. Secondly, our ideas about children and families are historically and culturally situated. Thirdly, families are economically and culturally situated and may vary accordingly. And fourthly, the care of children is a public issue that is connected to larger social and economic forces. (Tradução livre).

estudo, uma vez que tal critério quantitativo diz respeito somente à sociedade de destino. A importância de se estudar a migração de brasileiras/os na Espanha se dá a partir de outros fatores, como, por exemplo, as características sociodemográficas deste coletivo; sua inserção no mercado de trabalho da Espanha; as questões relacionadas ao outro lado dessa migração, ou seja, à sociedade de origem; e a feminização deste fluxo migratório durante as últimas décadas e suas implicações, tanto na vida das mulheres migrantes quanto na vida das pessoas que ficam no Brasil.

Desde a perspectiva da sociedade de origem, a Espanha tornou-se um dos principais destinos dos emigrantes brasileiros. De acordo com Solé, Cavalcanti e Rubio (2011), o coletivo dos migrantes brasileiros é um dos que mais aumentou durante as últimas décadas na Espanha, especificamente a partir de 1997, demonstrando um crescimento tardio em relação às nacionalidades que apresentavam o maior número de pessoas registradas no *padrón municipal*<sup>3</sup> nessa época, sendo elas Argentina, Bolívia, Colômbia e Equador.

De acordo com o censo de 2010, o total de emigrantes brasileiras/os que escolheram a Espanha como país de destino é de 46.330 pessoas, das quais 29.497 são mulheres e 16.833 são homens. Goiás aparece como o estado brasileiro que mais enviou pessoas para a Espanha, com um total de 7.095, das quais 4.812 são mulheres e 2.283 são homens. Depois de Goiás, São Paulo, Paraná, Bahia e Rondônia aparecem como os estados de origem da maioria destes emigrantes. Em sua pesquisa sobre os migrantes goianos retornados de outros países, Botega (2015) observa que a Europa é o continente de onde os goianos retornam em maior quantidade, provenientes majoritariamente da Espanha (13,2%), Portugal (11,7%), Escócia (7,7%), França (3,8%) e Itália (3,5%). Fora da Europa, os Estados Unidos aparecem como o primeiro país em número de migrantes goianos retornados, representando a 29,6% do total.

No que diz respeito ao perfil dos migrantes goianos, “a maioria dos retornados reside nas cidades de Goiânia, Aparecida de Goiânia ou Anápolis e teve os Estados Unidos, Espanha ou Portugal como último país de residência” (Botega, 2015, p. 107). As migrantes

---

<sup>3</sup> O *Padrón Municipal de Habitantes de España* é o registro administrativo onde constam os habitantes dos municípios. Desde 1996, é obrigatório que toda pessoa que resida na Espanha esteja empadronizada, tanto os espanhóis quanto os estrangeiros, em situação administrativa regular ou irregular. Apesar de apresentar alguns problemas de superestimação e subestimação, o *padrón* ainda é a fonte disponível mais precisa acerca do total de pessoas residentes no território espanhol. É importante ressaltar que, a partir de 2000, com a publicação da *Ley Orgánica 4/2000*, também conhecida como *Ley de Extranjería*, os estrangeiros precisam se registrar no *padrón* para ter direito à educação e assistência sanitária.

brasileiras na Espanha são o coletivo de mulheres estrangeiras que mais contrai matrimônios com os espanhóis. No que diz respeito à entrada de brasileiros na Espanha, em 2007, o Brasil encontrava-se entre os países que mais enviaram turistas para este país, situando-se na 21ª posição desse ranking, e em 1º lugar ao se considerar somente os países latino-americanos<sup>4</sup> (Solé; Cavalcanti; Rubio, 2011).

Diversos fatores externos ou estruturais levam as/os brasileiras/os a escolherem a Espanha como país de destino, tais como os acontecimentos do 11 de setembro de 2001 que levaram ao endurecimento das políticas migratórias nos Estados Unidos, assim como na Europa, ainda que em menor medida, tornando sua política de migração mais restritiva; a não exigência de visto de turista para adentrar o espaço *Schengen*; a presença de redes de apoio e solidariedade de migrantes brasileiros que moram há mais tempo na Espanha; o fato de a viagem para a Espanha ser mais barata e menos arriscada que para outros destinos. Além disso, em 23 de outubro de 2005, o México passou a exigir visto de todos os brasileiros que quisessem adentrar no país como turistas, dificultando assim o percurso rumo aos Estados Unidos.

Um fato singular da imigração brasileira é o seu deslocamento pendular. Por não exigir o visto para entrar no território dos países que compõem o espaço *Schengen* – formado pela maioria dos Estados membros da União Europeia e outros países –, alguns imigrantes realizam uma migração pendular, com empregos sazonais na Espanha. Alguns trabalhadores chegam a se deslocar de forma circular entre dois ou mais países da União Europeia. [...] Aprofundar o seu conhecimento é essencial para identificar e analisar as práticas transnacionais da comunidade brasileira na Espanha e na Europa (Solé; Cavalcanti; Rubio, 2011, p. 219).<sup>5</sup>

Além destas questões, a Espanha também apresenta outros fatores atrativos para a migração, como o incremento de sua economia a partir de 2000, que gerou oportunidades de emprego no setor da construção civil; os melhores salários oferecidos na Espanha em relação a Portugal atraíram a vários migrantes brasileiros que se encontravam neste país, tendo sua

---

<sup>4</sup> Em 2011, quando foi publicado o estudo destes autores, o Brasil gozava de sucesso econômico e potencial de crescimento, situando-se entre as economias emergentes, em uma conjuntura bem diferente, portanto, da que vivemos atualmente em 2021, onde a Espanha é um dos países europeus que proibiu a entrada de turistas brasileiros em virtude da pandemia de Covid-19.

<sup>5</sup> Un dato singular de la inmigración brasileña es su desplazamiento pendular. Al no requerirse el visado para entrar en el territorio de los países que conforman el espacio Schengen —formado por la mayoría de los Estados miembros de la Unión Europea y otros países—, algunos inmigrantes realizan una migración pendular, con trabajos por temporadas en España. Incluso algunos trabajadores se desplazan de forma circular entre dos o más países de la Unión Europea. [...] Profundizar en su conocimiento es fundamental para identificar y analizar las prácticas transnacionales del colectivo brasileño en España y en Europa. (Tradução livre).

mobilidade facilitada pela proximidade física e pela ausência de controle nas fronteiras terrestres entre ambos países (Masanet; Baeninger; Mateo, 2012). No que diz respeito ao contexto socioeconômico do Brasil, Solé, Cavalcanti e Rubio (2011) apontam algumas características que atuam como motivadoras da emigração de brasileiras/os, tais como as profundas desigualdades sociais, a falta de oportunidades para o acesso à educação, a exclusão social, a injustiça social e o racismo. Diante das dificuldades de acesso a diversos recursos, as pessoas saem do Brasil com o objetivo de melhorar suas vidas e alcançar uma mobilidade social ascendente através da migração.

Segundo estes autores, uma análise das entrevistas sobre os motivos que levam brasileiras/os a migrarem para a Espanha demonstra uma combinação de condições estruturais macro e micro, determinantes familiares, motivações pessoais e aspirações de melhora econômica e social, tudo isso influenciado por imagens e resultados positivos que se têm dessa migração. Outro estudo realizado por Masanet, Baeninger e Mateo (2012) afirma que o fator das redes sociais no país de destino encontra-se presente na maioria dos relatos analisados. A não exigência de visto para a entrada de brasileiros como turistas na Espanha e a migração tardia deste coletivo – que ocorre em maior quantidade após as duas regularizações extraordinárias, que tiveram lugar em 2000 e 2005 – explicam o elevado número de brasileiras/os em situação administrativa irregular neste país. A regularização extraordinária que ocorreu entre fevereiro e maio de 2005, por exemplo, possibilitou que 578.375 pessoas saíssem da irregularidade administrativa.

Um dos requisitos para participar deste processo de regularização era estar registrado previamente no *padrón municipal* por no mínimo seis meses. No entanto, grande parte dos brasileiros chegou à Espanha a partir de 2005, o que explicaria a quantidade elevada de migrantes deste coletivo em situação irregular. Tal fenômeno fica evidente ao se comparar o total de migrantes brasileiros com permissão de residência na Espanha em 2009 (47.229) com o total de brasileiros *empadronados* nesse mesmo ano (124.737) (Solé; Cavalcanti; Rubio, 2011). De acordo com estes autores, a migração de brasileiras/os para a Espanha ocorre em duas etapas distintas, que se relacionam com os objetivos do projeto migratório das pessoas. A primeira ocorre entre meados da década de 1990 e o início da primeira década do Século XXI, constituída por uma população com perfil jovem, urbano, muito especializado, com boa formação escolar e com projetos migratórios voltados para a aquisição de capital cultural, social, laboral e econômico.

Já a segunda etapa ocorreu em meados da década de 2000, por volta de 2004 e 2006. Trata-se de um fluxo migratório mais complexo, com um perfil de imigrantes que procuram qualquer tipo de trabalho com o objetivo de economizar dinheiro para mandar para o Brasil (Solé; Cavalcanti; Rubio, 2011). Diferentemente da emigração brasileira que se intensifica nos anos 1980, na conjuntura econômica da ‘década perdida’, esta segunda etapa insere-se no contexto da globalização econômica ou da produção, uma etapa do capitalismo que “baseia-se na flexibilidade dos processos de trabalho, dos mercados de trabalho, dos produtos e dos padrões de consumo” (Masanet; Padilla, 2010, p. 55).

É possível observar a evolução da população brasileira residente na Espanha na Tabela 3, que apresenta o total de homens e mulheres nascidos no Brasil e registrados/as no *padrón municipal* espanhol entre os anos de 2002 e 2020. É importante ressaltar que existe uma diferença entre o número de pessoas nascidas no Brasil e as pessoas com nacionalidade brasileira, de modo que esta última cifra costuma ser menor em razão das pessoas nascidas no Brasil e que adquiriram outra nacionalidade ao longo do tempo de migração, seja ela espanhola ou de outro país.

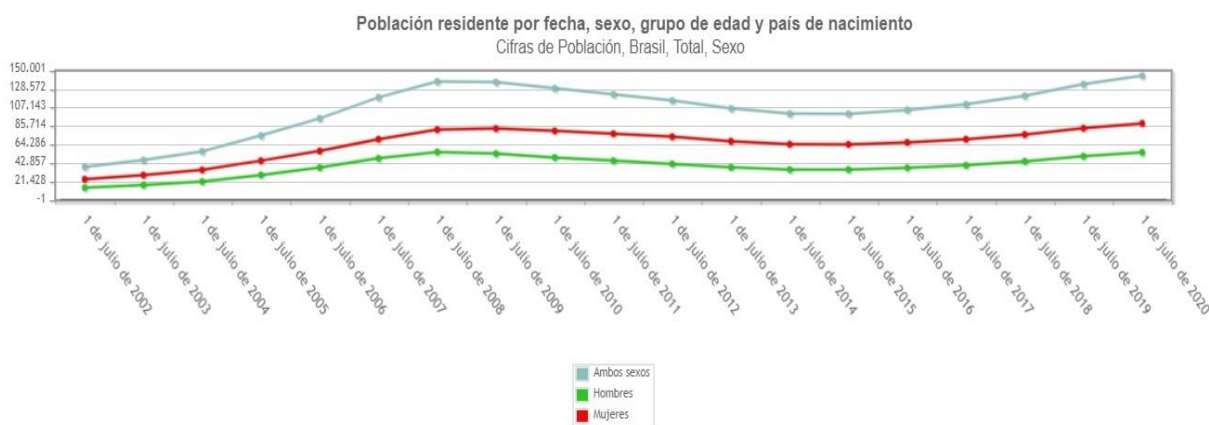
Tabela 3 – Evolução da população brasileira na Espanha por sexo, 2002 – 2020

Ano	Homens	Mulheres	Total
2002	14.307	24.169	38.476
2003	17.431	28.946	46.377
2004	21.461	34.902	56.363
2005	29.055	45.598	74.654
2006	37.732	56.767	94.500
2007	48.326	70.487	118.813
2008	55.691	81.534	137.225
2009	53.754	82.742	136.496
2010	49.305	80.037	129.342
2011	45.603	76.793	122.396
2012	41.888	73.350	115.238
2013	37.921	68.117	106.038
2014	35.322	64.623	99.945
2015	35.359	64.468	99.827
2016	37.423	66.829	104.252
2017	40.286	70.431	110.717
2018	44.815	75.808	120.623
2019	50.872	83.140	134.012
2020	55.228	88.731	143.958

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados fornecidos pelo INE - Instituto Nacional de Estadística da Espanha.

Observa-se que a partir do ano de 2010 o número de brasileiros residentes na Espanha começa a diminuir, uma tendência que se mantém até o ano de 2016, quando este fluxo volta a crescer, mantendo-se em alta até a atualidade. É possível observar melhor esta mudança no Gráfico 2, que apresenta as cifras da tabela anterior em uma linha do tempo.

Gráfico 2 – Linha do tempo da evolução da população brasileira na Espanha por sexo, 2002 – 2020



Fonte: INE - Instituto Nacional de Estadística da Espanha, 2021.

Se, por um lado, a Espanha enfrenta uma forte crise econômica a partir de 2008, o Brasil experimenta um período de crescimento econômico entre 2004 e 2011, com uma breve recessão em 2009 em virtude da crise econômica mundial (De Paula; Pires, 2017). Tal período de crescimento econômico provocou importantes transformações no panorama migratório do Brasil, levando a uma diminuição de sua emigração e convertendo-o novamente em um país receptor de imigrantes (Masanet; Baeninger; Mateo, 2012). Nesse contexto de grande potencial de crescimento, o Brasil situa-se entre as economias emergentes, sendo também o primeiro país da América Latina e o segundo país do continente americano – depois dos Estados Unidos -, que mais enviava turistas para a Espanha (Solé; Cavalcanti; Rubio, 2011).

No que diz respeito à Espanha, sabe-se que nos anos seguintes à crise internacional, entre 2010 e 2015, seu saldo migratório manteve-se negativo, ou seja, que o número de entradas de imigrantes foi menor que o número de saídas. Vemos, portanto, que a população brasileira acompanhou a tendência das migrações em geral nesse momento.



Entre 2015 e 2017, o Brasil encontrava-se em oitavo lugar entre os principais países de origem dos imigrantes que entraram na Espanha nesse período. Este incremento da população brasileira também mantém relação com a “presença de um grupo numeroso de população de sua mesma origem nacional que funciona como elemento propulsor da escolha do destino pelo migrante” (Consejo Económico y Social, 2019, p. 50). Tal como afirmam Solé, Cavalcanti e Rubio (2011), as perspectivas unicamente econômicas mostram-se insuficientes para explicar a migração brasileira, considerando que “[...] as migrações implicam um deslocamento a partir de lógicas econômicas, mas também entre diferentes espaços sociais, políticos e culturais” (Solé; Cavalcanti; Rubio, 2011, p. 47).

Para Masanet, Baeninger e Mateo (2012), a perspectiva teórica das redes sociais – ou redes migratórias – mostra-se fundamental para a compreensão da migração brasileira na Espanha. A partir de um nível micro, as redes sociais são capazes de explicar os motivos da migração, no caso das pessoas que migram porque outros familiares, amigos ou conhecidos migraram antes; para onde se dirigem os fluxos migratórios, assim como a manutenção e intensificação destes movimentos.

Redes migratórias podem ser definidas como o conjunto de relações interpessoais que unem migrantes e não migrantes nas áreas de origem e destino por meio de laços de parentesco, amizade e pertença a uma mesma comunidade de origem. Essas redes constituem o canal pelo qual circulam bens intangíveis como as informações, apoios, ideias, experiências etc., bem como as remessas monetárias e as ajudas financeiras necessárias para realizar a viagem. Dessa forma, ao reduzir os custos e riscos do deslocamento, as redes facilitam a inserção do migrante e, em última instância, estimulam a migração (Masanet; Baeninger; Mateo, 2012, p. 9).<sup>6</sup>

Neste contexto, podemos situar a questão da crise econômica internacional de 2008 e a crescente importância das redes sociais, respectivamente, no âmbito dos fatores que provocam mais saídas do país emissor, e dos que atraem mais chegadas desde o país receptor.

[...] ou seja, os ciclos migratórios provenientes de cada país respondem, de modo geral, a um conjunto complexo de fatores, que poderiam agrupar-se em dois grupos, os que impulsionam mais saídas do país emissor (às vezes chamados de

---

<sup>6</sup> Las redes de migración pueden definirse como el conjunto de relaciones interpersonales que vinculan a los migrantes y los no migrantes en zonas de origen y destino a través de lazos de parentesco, amistad y de pertenencia a la misma comunidad de origen. Estas redes constituyen el canal a través del cual circulan bienes intangibles como las informaciones, los apoyos, las ideas, las experiencias, etc., así como también las remesas monetarias y la ayuda financiera necesaria para emprender el viaje. De este modo, al reducir los costes y riesgos del desplazamiento, las redes facilitan la inserción del migrante y, en definitiva, incentivan la migración. (Tradução livre).

expulsão) e os que atraem mais chegadas desde o receptor (de chamada) (Consejo Económico y Social, 2019. p. 48).

Dados do INE sobre a distribuição da população brasileira em território espanhol para o ano de 2020 apontam que as três comunidades autônomas com maior número de brasileiros são a Catalunha (23.184), Madri (17.046) e Comunidade Valenciana (9.382). A Tabela 4 também nos mostra que a porcentagem das mulheres dentre a população migrante geral tende à paridade de gênero, enquanto no caso brasileiro a presença das mulheres mostra-se acima da média, ultrapassando a quantidade de homens brasileiros em todas as comunidades autônomas da Espanha. Assim, as três comunidades que apresentam a maior proporção de mulheres entre a população de migrantes em geral são La Rioja (53,57%), Madrid (52,82) e Cantábria (52,34). Já no caso brasileiro, estas comunidades são La Rioja (71,9%), Astúrias (71,7%) e Cantábria (71,6%).

Tabela 4 – Distribuição da população brasileira cadastrada, segundo Comunidades Autônomas – 2020

Comunidades Autônomas	População estrangeira	Mulheres (%)	População Brasileira	Mulheres (%)
Andaluzia	700.215	49,50	9.928	66,4
Aragon	161.531	49,34	1.916	68,2
Astúrias	45.279	53,57	2.290	71,7
Baleares	219.684	49,44	4.480	60,1
Canárias	291.639	50,54	2.373	65,5
Cantábria	35.837	52,34	1.499	71,6
Castilha e León	140.374	51,06	4.232	67,5
Castilha-La Mancha	186.507	49,07	2.251	63,3
Catalunha	1.259.013	48,40	23.184	59,6
Comunidade Valenciana	750.513	49,66	9.382	63,6
Extremadura	34.560	51,58	1.522	71,3
Galícia	112.022	52,04	9.367	66,6
Madri	954.837	52,82	17.046	58,7
Múrcia	222.022	45,94	1.852	67,4
Navarra	70.467	49,55	1.823	66,6
País Basco	179.678	50,16	4.778	66,9
Rioja (La)	40.017	50,43	524	71,9
Total	5.404.195	49,93	98.480	63,3

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados proporcionados pelo Instituto Nacional de Estadística da Espanha. Padrão Municipal de Habitantes, 2020.

Os primeiros movimentos de migração de brasileiros para outros países são caracterizados por terem mais homens, o que não ocorre no caso da migração para a Espanha,

onde a porcentagem de mulheres tende a ser sempre maior. De acordo com Solé, Cavalcanti e Rubio (2011), a elevada feminização presente neste coletivo ocorre, sobretudo, durante os primeiros anos desta migração, de modo que tais números caminham para uma maior paridade à medida que ocorrem os processos de reagrupamento familiar.

No ano de 2008, a presença feminina, apesar de ser alta em todas as comunidades autônomas e províncias (nenhuma conta com mais homens que mulheres), difere significativamente de uma para outra. As províncias que superam a porcentagem de 70% de mulheres são: Ávila (73,5%), Soria (74,5%), La Rioja (73,3%) e Ceuta (75%). Por outro lado, as que contêm menor presença feminina são, nessa ordem: Burgos, com paridade entre os sexos (50%); Madrid, com 53,3% e Taragona, 54,9% (Solé; Cavalcanti; Rubio, 2011, p. 62).<sup>7</sup>

Conforme explicam estes autores, o fenômeno da feminização das migrações diz menos respeito “a um repentino incremento quantitativo da proporção de mulheres migrantes”, e mais a um fator qualitativo, onde cada vez mais mulheres estão se deslocando por motivos econômicos e laborais, protagonizando, assim, seus próprios projetos migratórios, o que difere de épocas anteriores quando elas migravam como acompanhantes dos homens.

A nível mundial, portanto, a porcentagem de mulheres migrantes, segundo estes autores, é de cerca de 49%. Já no caso da migração brasileira para a Espanha, observa-se que as mulheres sempre tiveram uma presença majoritária em relação aos homens, de modo que podemos dizer que, para este caso, a feminização se apresenta tanto qualitativa quanto quantitativamente.

Portanto, o coletivo brasileiro segue a tendência de preeminência feminina na imigração da América Central e do Sul, cujos fatores explicativos se encontrariam, em parte, nas condições do mercado de trabalho espanhol e no tipo de demanda de trabalho orientada para o setor doméstico. De modo específico, outro motivo para a alta feminização do fluxo brasileiro pode ser devido à sua presença destacada no mercado do sexo, embora as estatísticas oficiais não demonstrem este fenômeno (Masanet; Padilla, 2010, p. 69).<sup>8</sup>

---

<sup>7</sup> En el año 2008, la tasa de feminidad, a pesar de ser alta en todas las comunidades autónomas y provincias (ninguna cuenta con más varones que mujeres), difiere significativamente de una a otra. Las provincias que superan el porcentaje de 70% de mujeres son: Ávila (73,5%), Soria (74,5%), La Rioja (73,3%) y Ceuta (75%). Por otra parte, las menos feminizadas son, por este orden: Burgos, con paridad entre sexos (50%); Madrid, con 53,3% y Tarragona, 54,9%. (Tradução livre).

<sup>8</sup> Por tanto, el colectivo brasileño sigue la tónica de la preeminencia femenina en la inmigración procedente de América Central y del Sur, cuyos factores explicativos se hallarían, en parte, en las condiciones del mercado de trabajo español y el tipo de demanda laboral orientado al sector doméstico. De manera específica, otro de los motivos de la alta feminización del flujo brasileño puede deberse a su destacada presencia en el mercado del sexo, aunque las estadísticas oficiales no reflejen este fenómeno. (Tradução livre).

As distintas etapas desta migração ficam evidentes através dos projetos migratórios deste coletivo, constituído por “pessoas com biografias sociais, econômicas, regionais e culturais muito diferentes, que sintetizam alguns dos projetos heterogêneos da migração brasileira” (Solé; Cavalcanti; Rubio, 2011, p. 102). Nesse sentido, a situação econômica e a pertença de classe dos indivíduos exercem grande influência em seus projetos migratórios, de modo que aqueles que procedem dos setores econômicos mais baixos encaram a migração como uma estratégia familiar de subsistência. No caso dos setores mais altos ou da classe média, os projetos migratórios vão além do objetivo da subsistência familiar, procurando também manter ou ampliar o seu capital de classe.

De acordo com Masanet, Baeninger e Mateo (2012), a inserção dos migrantes brasileiros no mercado de trabalho espanhol ocorre de maneiras diferentes para homens e mulheres, apresentando, portanto, uma forte segmentação laboral por sexo, assim como um nível elevado de informalidade, precariedade e exploração laboral, sobretudo durante os primeiros anos de imigração.

Os homens empregam-se, principalmente, no setor da construção e, em segundo lugar, na hotelaria. Já as mulheres brasileiras inserem-se principalmente no trabalho doméstico e, em segundo lugar, no setor de serviços (hotelaria e comércio). Na Espanha, o trabalho doméstico é realizado em diversas modalidades, podendo ser como *internas*, que diz respeito às trabalhadoras que residem na mesma casa onde trabalham; *externas*; faxinas, onde se cobra pelas horas trabalhadas, etc. Por ser este um trabalho realizado a portas fechadas no âmbito privado do lar, sua regulamentação é escassa, o que contribui para que seja a principal fonte de ingressos das mulheres migrantes que se encontram em situação administrativa irregular.

Para as mulheres brasileiras, ao não precisarem de visto para poder entrar na Espanha como turistas, elas se incorporam ao mercado laboral na economia subterrânea, de forma irregular. Esta situação jurídica frequentemente se prolonga no tempo e aumenta as possibilidades de que as mulheres só possam obter renda no trabalho doméstico assalariado e no trabalho sexual (Rubio; Cavalcanti, 2010, p. 15).<sup>9</sup>

---

<sup>9</sup> Para las mujeres brasileñas, al no precisar de visado para poder entrar a España como turistas, se incorporan al mercado laboral en la economía sumergida, de forma irregular. Esta situación jurídica a menudo se mantiene en el tiempo e incrementa las posibilidades de que las mujeres sólo puedan obtener ingresos económicos en el trabajo doméstico asalariado y en el trabajo sexual. (Tradução livre).

Rubio e Cavalcanti (2010), em seu estudo sobre a mobilidade laboral das mulheres brasileiras na Espanha, identificaram que o perfil da migrante brasileira é diversificado e varia entre projetos migratórios de caráter familiar, motivados por necessidades econômicas do grupo familiar, e projetos de caráter individual. Percebe-se, portanto, uma relação entre o tipo de projeto migratório, de motivação familiar ou individual, e a trajetória laboral das migrantes brasileiras. No caso daquelas que apresentam um nível educacional médio ou superior, elas alcançam melhores posições no mercado de trabalho em relação às demais mulheres migrantes latino-americanas que possuem um nível educacional semelhante. Por outro lado, as mulheres brasileiras que possuem menores qualificações educacionais se empregam em setores de atividade em que também se concentram as mulheres migrantes de outras nacionalidades, ou seja, nos trabalhos de reprodução social e na indústria do sexo.

Estes autores utilizam o conceito de “inconsistência de status” para explicar esta situação em que as migrantes detêm um nível educacional médio ou superior, mas não conseguem acessar os espaços laborais ou sociais compatíveis com seu nível de qualificação na Espanha, devido à presença de determinados fatores estruturais e da discriminação que elas sofrem em razão do estereótipo de “mulheres brasileiras”.

Os fatores estruturais atuam como condicionantes das oportunidades no mercado laboral, sendo estes a existência de uma demanda nas economias pós-industriais por mão de obra feminina para realizar os trabalhos de reprodução social; a existência de estruturas normativas na Espanha que atuam, por ação ou omissão, de modo a delimitar as possibilidades de incorporação das mulheres migrantes no mercado laboral; a exclusão dos trabalhos que são majoritariamente realizados por mulheres, tais como o trabalho doméstico e o trabalho sexual, do rol das atividades que compõem o mercado formal de trabalho, sendo estas últimas as únicas profissões presentes nos canais de migrações previstos pelo Estado; as dificuldades para levar a cabo os processos de homologação e convalidação de títulos acadêmicos e profissionais das mulheres migrantes, o que impede a sua mobilidade laboral ascendente (Rubio; Cavalcanti, 2010).

Tais fatores estruturais operam ao mesmo tempo em que são legitimados por uma construção simbólica que surge da vinculação que se produz no imaginário social, com o passar do tempo, entre a mulher migrante e determinadas ocupações. Junto a estes fatores, opera-se também uma discriminação em razão do estereótipo de “mulheres brasileiras”, dando lugar a essa situação de inconsistência de status.

Para o caso específico das mulheres brasileiras, combinam-se estereótipos de base sexual e racial, como resultado de processos históricos que fundem a ideologia colonizadora com a hegemonia masculina europeia. A interação entre as hierarquias étnico-raciais e as desigualdades de gênero cria imaginários homogêneos e representações associadas à sensualidade e à ferosidade da mulher brasileira (Rubio; Cavalcanti, 2010).<sup>10</sup>

Nesse sentido, os fatores estruturais presentes no mercado laboral da Espanha impactam de forma diferenciada na experiência das mulheres migrantes brasileiras a depender de como se articulam as categorias de diferenças de raça, classe social, sexualidade e gênero para cada caso particular (Rubio; Cavalcanti, 2010).

### **1.1.2 A feminização da migração brasileira na Espanha**

Os fluxos migratórios contemporâneos para a Espanha ocorrem em um contexto de mudanças socioeconômicas relacionadas à expansão industrial do período pós Segunda Guerra Mundial, junto ao modelo Fordista, onde as sociedades industriais europeias recrutam mão de obra migrante para “empregos altamente segmentados, flexíveis e precários que não são atendidos pela oferta de mão de obra local” (Salih, 2000, p. 78). Nesta fase, conforme explica Kofman *et al.*, (2000), a maioria dos migrantes na Europa eram homens, situação que mudou a partir de 1980 com a crescente feminização dos fluxos migratórios.

Em meados de 1980, a Espanha tornou-se o segundo país, depois dos Estados Unidos, mais acessado pelos/as migrantes latino-americanos/as, como resposta ao endurecimento das políticas migratórias norte-americanas. Esta migração teve como característica a rápida feminização de seus fluxos, de modo que a partir de 1980 as mulheres chegaram a compor a maioria desta população. Neste contexto, a migração de brasileiros/as para a Espanha aumentou consideravelmente durante a primeira década do século XXI, apresentando uma quantidade elevada de pessoas em situação administrativa irregular devido à não necessidade de visto para sua entrada.

Trata-se de uma migração em que as mulheres representam a maioria, sendo frequentemente as pioneiras de suas famílias a empreenderem o projeto migratório e atuando como suporte econômico de seu grupo familiar que permanece no Brasil (Pedone; Araujo,

---

<sup>10</sup> Para el caso específico de las mujeres brasileñas, se combinan estereotipos de base sexual y racial, como resultado de procesos históricos que fusionan la ideología colonizadora con la hegemonía masculina europea. La interacción entre las jerarquías étnico-raciales y las desigualdades de género crea homogéneos imaginarios y representaciones asociadas a la sensualidad y la ferosidad de la mujer brasileña. (Tradução livre).

2016). A maternidade aparece como um dos elementos motivadores da migração das mulheres brasileiras, de modo que muitas delas migram sozinhas em busca de trabalho e melhores condições de vida, contando, quase sempre, com o apoio de uma rede de contatos, tanto no país de origem como no país de destino, que possibilita e facilita este processo.

Na Espanha, existe uma alta taxa de migrantes brasileiras jovens e chefes do lar em situação irregular, o que dificulta os processos de reagrupamento familiar. O fato de não precisarem de visto para entrar como turistas neste país faz com que muitas migrantes permaneçam em situação administrativa irregular após o vencimento de seus vistos, que ocorre aos três meses de sua chegada. A distância geográfica, sua situação administrativa irregular, o alto custo da viagem e a regulação e limitação da reagrupação familiar por parte do Estado são fatores que obstaculizam, portanto, a reunião destas famílias.

A teoria da divisão internacional do trabalho reprodutivo, desenvolvida por Parreñas (2015), visibiliza este fenômeno da transferência internacional de cuidado e mão de obra barata das mulheres migrantes dos países do Sul para os países do Norte Global que, por sua vez, possibilita a entrada das mulheres nativas no mercado de trabalho, enquanto outras mulheres no país de origem das migrantes assumem o cuidado de seus filhos/as que ali permanecem.

A teoria neoclássica ou macroeconômica é a teoria mais antiga utilizada para explicar as migrações internacionais. Ela tem como foco as desigualdades econômicas e a oferta e demanda de trabalho entre os países de origem e de destino, e concebe os/as migrantes como agentes racionais que migram para melhorar sua situação econômica. Fatores que dizem respeito às desigualdades de gênero enfrentadas pelas mulheres na sociedade não são levados em consideração por esta teoria, tais como as razões pessoais, o término de casamentos infelizes, a violência doméstica e abusos de seus parceiros, o fato de serem mães solas e a segmentação do mercado laboral (Madianou; Miller, 2012).

Nesse sentido, as motivações para a migração de mulheres não são necessariamente ou somente econômicas, podendo também se basear em seu desejo de aproveitar a vida no país de destino, de conhecer outros lugares do mundo ou a um companheiro estrangeiro (Carpenedo; Nardi, 2017). Além disso, é preciso levar em conta que suas razões para prolongar a migração evoluem ao longo do curso da vida.

As dificuldades para regularizar sua situação administrativa na Espanha, o tempo de espera para poder realizar uma reagrupação familiar, assim como o custo elevado das

viagens para o Brasil, fazem com que as mulheres migrantes enfrentem longos períodos de separação física de seus filhos/as e familiares. Nesse sentido, a comunicação através de cartas, do telefone e, mais recentemente, através da Internet e das redes sociais, assim como o envio de remessas e presentes para seus países de origem, constituem práticas que lhes possibilitam realizar a maternidade à distância, ou maternidade transnacional (Madianou e Miller, 2012; Baldassar, 2017; Tonhati, 2019).

Os estudos sobre as famílias transnacionais partem de um olhar multidimensional sobre os cuidados, entendendo o envio de remessas, de presentes e objetos, o intercâmbio de conselhos e o apoio emocional como formas de cuidado à distância (Merla, 2014). O cuidado transnacional refere-se, portanto, ao intercâmbio de cuidados e de apoio que transcende as distâncias geográficas e as fronteiras dos estados-nação (Baldassar *et al.*, 2007).

Para as mães, a compra de bens materiais funciona, portanto, como modo de compensar sua ausência. Os/as filhos/as, por outro lado, parecem menos convencidos do que elas de que a segurança material alcançada compensa os custos emocionais dessa separação, conforme explica Parreñas (2015) em sua pesquisa sobre os/as filhos/as de migrantes filipinas em Londres.

Enquanto os/as filhos/as podem vir a experimentar sentimentos de abandono, solidão e ansiedade em relação à migração, suas mães tendem a sentir culpa e vergonha por não poderem presenciar os processos familiares que envolvem tanto o crescimento dos/as filhos/as como o envelhecimento dos pais.

Isto ocorre porque as migrações femininas apresentam especificidades que não aparecem no caso dos homens migrantes, relacionadas à construção social da figura da mulher em cada sociedade. Diferentemente dos homens que migram e deixam seus filhos/as e famílias no país de origem, as mulheres migrantes enfrentam os estereótipos de gênero que lhes prescrevem, historicamente, a responsabilidade pelo cuidado com o outro na esfera privada do lar. Assim, as normas sociais que determinam a forma correta de exercer a maternidade influenciam no modo como estas mulheres se sentem (Carpenedo; Nardi, 2017), assim como nas expectativas que seus filhos/as criam a seu respeito (Parreñas, 2015).

Como leituras feministas pós-coloniais apontam, esses discursos tiveram um impacto especial em mães pobres que sempre tiveram que trabalhar para sustentar suas famílias, mães solteiras, mães negras e indígenas, já que tais standards de maternidade baseados na ideologia burguesa e branca conferiram muitas vezes a essas mulheres um status de 'mães de segunda categoria' (Carpenedo; Nardi, 2017, p. 6).



Nesse sentido, a migração das mulheres implica mudanças na organização do cuidado e da estrutura familiar em termos geracionais e de gênero onde, na maioria das vezes, as avós, tias ou irmãs/irmãos mais velhas/os assumem o cuidado de seus filhos/as (Pedone; Araujo, 2016). Sua migração gera novas práticas de cuidado no interior das famílias, onde a mobilidade e a ausência física tornam-se características comuns da vida nas famílias transnacionais (Baldassar; Merla, 2014).

Percebe-se que, se por um lado elas vivenciam o processo migratório carregadas de uma culpa por “transgredirem” determinadas regras socialmente estabelecidas sobre o modelo tradicional de maternidade, por outro, essas mulheres acreditam que por trás de todo seu sacrifício e sofrimento encontra-se a possibilidade de proporcionarem um outro tipo de cuidado, antes impossível, representado pelas remessas e pelo envio de objetos para seu país de origem, melhorando assim a qualidade de vida de suas famílias. Deste modo, é através da própria experiência migratória que são produzidos novos sentidos para a maternidade, ressignificando seus papéis de mães mediante outras práticas de cuidado.

Isto posto, esta pesquisa tem como objetivo analisar as famílias transnacionais de mães brasileiras que migraram para a Espanha a partir da perspectiva dos/as filhos/as que ficaram no Brasil no momento de sua migração, buscando compreender as práticas familiares, a reconstrução familiar e os impactos que a migração de suas mães teve em suas vidas.

A migração de mulheres que são mães implica em uma reorganização do cuidado, onde outras pessoas assumem a responsabilidade pela criação de seus/as filhos/as que ficam no Brasil. Na maioria dos casos, essas pessoas são outras mulheres da mesma família, como as avós, tias e irmãs mais velhas, mas também podem ser os pais ou outras cuidadoras que não são da família.

Desde as perspectivas dos/as filhos/as que ficaram no Brasil, partimos das hipóteses de que a separação física de suas mães, causada pela migração, assim como sua vivência como membros de famílias transnacionais, produzem consequências práticas e emocionais em suas vidas; e que as normas familiares relativas ao tipo de organização do cuidado prévias à migração de suas mães influenciam no modo como os/as filhos/as vivenciam tais processos. Para tanto, adotei a metodologia qualitativa baseada na realização de entrevistas com os/as filhos/as que permaneceram no Brasil no momento da migração de suas mães, visibilizando, assim, esta outra face da feminização da migração brasileira para a Espanha.

Acredito que conhecer as histórias de vida dos/as filhos/as pode nos revelar novos aspectos sobre as organizações das famílias e as práticas transnacionais, assim como dar voz a estes sujeitos que tendem a passar despercebidos nas pesquisas sobre migrações, seja por ocuparem uma posição secundária em relação às protagonistas do processo migratório, seja por estarem localizados na sociedade de origem. Nesse sentido, realizamos as entrevistas com filhos/as de mulheres migrantes em idade adulta, pois, conforme explica Parreñas (2015), trata-se de pessoas que cresceram em famílias transnacionais e que tiveram tempo de desenvolver suas opiniões a respeito desse processo.

Neste capítulo vimos que há uma segregação laboral no mercado espanhol onde as mulheres migrantes se empregam, principalmente, nos trabalhos de reprodução – doméstico e de cuidados –, com escassa regulamentação e baixos salários. Devido às dificuldades de encontrar trabalho em situação administrativa irregular, a indústria do sexo torna-se, também, outra área muito acessada pelas migrantes brasileiras na Espanha.

Há, portanto, uma demanda nesse país por mão de obra feminina, migrante e barata para os trabalhos de reprodução que, por sua vez, se vê refletida no desenho da política migratória desse país, que dificulta o acesso das migrantes não comunitárias, sobretudo, ao mercado de trabalho formal e ao exercício da cidadania. Como veremos nos capítulos seguintes, os relatos dos/as participantes demonstram que tal situação de irregularidade das migrantes dificulta o processo de reunificação familiar, produzindo diversos efeitos na vida dos/as filhos/as.

Os dados trazidos neste capítulo também reforçam a importância desta pesquisa para preencher uma lacuna nesse campo de estudos, ao privilegiar a perspectiva dos/as filhos/as que ficaram no Brasil, sem, no entanto, culpabilizar as mães pelos resultados de seu processo migratório. Pois, como veremos a seguir, a responsabilização da mulher como principal cuidadora é uma consequência das desigualdades de gênero presentes na sociedade.

## **1.2 Objetivos da tese**

### 1.2.1 Objetivo geral:

- Analisar quais são os impactos da migração de mulheres que são mães para a Espanha na organização e na estrutura familiar de seus filhos e filhas que ficaram no Brasil, desde sua perspectiva.

#### 1.2.2 Objetivos específicos:

- Investigar como se deu a reorganização do cuidado dos/as filhos/as em termos geracionais e de gênero no Brasil;
- Verificar como as famílias transnacionais mantêm seus laços afetivos e praticam o cuidado à distância;
- Observar a presença de conflitos intergeracionais nas famílias transnacionais;
- Averiguar como os/as filhos/as processaram a migração de suas mães na idade adulta;
- Observar as consequências da política migratória espanhola para o reagrupamento familiar dos/as filhos/as de migrantes brasileiras na Espanha.

### 1.3 A estrutura da tese

A tese está estruturada em seis capítulos, sendo que no primeiro deles, a introdução, eu apresento o tema da pesquisa e a minha motivação para o estudo, assim como faço um breve histórico das migrações entre o Brasil e a Espanha, contextualizando a feminização da migração brasileira nas últimas décadas, assim como as desigualdades de gênero, raça, etnia, classe e nacionalidade que as migrantes enfrentam no mercado de trabalho espanhol.

No segundo capítulo, abordo as perspectivas teóricas acerca da divisão internacional do trabalho reprodutivo, do transnacionalismo, da família transnacional, das práticas familiares e da maternidade transnacional, no contexto das novas tecnologias de comunicação. Do mesmo modo, analiso algumas questões acerca do modelo de maternidade esperado pela sociedade e sua relação com os sentimentos dos/as filhos/as no tocante à separação física da mãe provocada pela migração.

No terceiro capítulo, realizo uma discussão sobre a metodologia da tese, onde apresento os meus caminhos de pesquisa, o perfil dos/as participantes, o recorte geográfico do trabalho de campo e os desafios e as estratégias presentes em sua realização. Em seguida,

explico sobre a escolha da metodologia qualitativa, baseada na realização de entrevistas em profundidade, para analisar as mudanças na organização familiar e as consequências que a migração teve na vida dos/as filhos/as que permaneceram no Brasil no momento da migração de suas mães.

Neste capítulo, analiso, também, a importância da pesquisa multissituada, ou seja, que se desenvolve tanto no país de origem como no país de destino, para uma visão mais completa acerca do fenômeno migratório. Acredito que a realização de entrevistas com os/as filhos/as que moram no Brasil e com aqueles que foram para a Espanha encontrar suas mães pode revelar diferenças em suas perspectivas acerca da migração e das famílias transnacionais.

O quarto capítulo da tese abre a série de três capítulos empíricos, onde analiso os dados obtidos nas entrevistas com os/as filhos/as das migrantes brasileiras, com algumas mães migrantes e com duas representantes de associações que trabalham com pessoas migrantes na cidade de Barcelona. Neste capítulo, eu analiso a organização familiar dos/as filhos/as no Brasil antes da migração da mãe e, também, as mudanças que ocorreram após sua partida. Existe uma diversidade de arranjos familiares, anteriores e posteriores à migração das mulheres, que foge do modelo de família nuclear e burguesa e que, muitas vezes, constitui um dos motivos da migração das mulheres brasileiras que são mães para a Espanha, sendo este o caso do arranjo familiar monoparental feminino.

Analiso também as lembranças que os/as filhos/as guardam do momento da partida de suas mães, visando elucidar, nos capítulos seguintes, como eles/as elaboraram a questão da separação ao longo do tempo, considerando que entrevistei os/as participantes em sua idade adulta.

No quinto capítulo, eu analiso o exercício da maternidade transnacional no contexto das novas tecnologias de comunicação através da perspectiva dos/as filhos/as que ficaram no Brasil, buscando visibilizar suas práticas transnacionais, assim como suas expectativas acerca do cuidado de suas mães. Para tanto, exploro como se dava a comunicação entre as famílias transnacionais através das tecnologias comunicacionais disponíveis em cada época, assim como analiso a ocorrência, a frequência e o tipo de práticas transnacionais entre as mães migrantes e seus filhos/as que ficaram no Brasil. Nesse contexto, averiguo também a importância de certas datas comemorativas, tais como aniversários e o Natal, promovendo comunicação, trocas e união, por um lado, ou tristeza, solidão e conflitos, por outro,

considerando a ambiguidade que muitas vezes se faz presente no convívio familiar. E, finalmente, através das trocas comunicacionais, de objetos materiais e visitas à Espanha, observei que muitos dos/as participantes desenvolveram uma identidade ou pertencimento transnacional.

No sexto e último capítulo empírico, analiso o modo como os/as filhos/as, já na idade adulta, processaram a migração de suas mães para a Espanha, através de sua perspectiva sobre suas mães e de seu processo migratório. Nesse sentido, diversos fatores – tais como a relação que tiveram com a mãe durante sua infância e adolescência, os discursos e valorações da família sobre o tema em questão, e o fato de visitar a Espanha e acompanhar de perto a vida de suas mães – contribuíram para a maneira como os/as filhos/as processaram a experiência migratória de suas mães e sua relação com elas.

Por último, nas considerações finais, sintetizo os resultados apresentados nos capítulos empíricos e trago as contribuições teóricas desta tese para o debate acadêmico das famílias transnacionais.

## CAPÍTULO 2 - FAMÍLIAS TRANSNACIONAIS E MATERNIDADE À DISTÂNCIA: REVISÃO DA LITERATURA E MARCOS TEÓRICOS

A migração constitui um fenômeno dinâmico e complexo, que se apresenta em constante movimento e é tão vivo quanto as pessoas que dele participam.

O processo de migração é extremamente complexo e multifacetado e, portanto, qualquer tentativa de produzir qualquer arcabouço teórico coerente sobre ele leva inevitavelmente a um confinamento a algumas dimensões do processo e a abordar apenas algumas questões fundamentais relacionadas, por exemplo, às causas dos movimentos, sua direção, seus impactos e consequências, sua dinâmica e assim por diante (Iosifides, 2011, p. 18).<sup>11</sup>

Para uma análise das migrações internacionais, é preciso levar em conta, conforme afirma Sayad (2000), que a pessoa que recebe a denominação de migrante é, ao mesmo tempo, imigrante e emigrante. Ela existe, simultaneamente, em duas dimensões sociais diferentes, tanto no país de origem como no país de destino.

Isso faz com que o “imigrante” encontre de forma exemplar os paradoxos constitutivos da alteridade ao ser, por um lado, em sua qualidade de “emigrante” na sociedade de que partiu, uma ausência que está extremamente presente; e, por outro lado, na sociedade em que se estabeleceu mais ou menos integralmente, uma presença que não se percebe como tal. A figura social do imigrante se concebe, por conseguinte, a partir dessa invisibilidade e desconhecimento sociais, como uma presença ausente, como uma presença em grande medida imperceptível e sem voz (Lorenzo, 2017, p. 63).

Sayad (1998) se refere à imigração como um “fato social completo” ou “fato social total”, visto que seu estudo implica falar da sociedade como um todo, adentrando na história de seu povo, sua política, sua economia e suas estruturas sociais. Nesse sentido, é preciso analisar as “duas faces da moeda”, ou seja, as condições que produzem a emigração na sociedade de origem e as transformações que ocorrem na sociedade de destino (Masanet, 2006). Além do espaço geográfico, os/as migrantes também se deslocam “em outros espaços, como podem ser o social, o político, o econômico e/ou o cultural” (Cavalcanti *et al.*, 2017, p. 12).

---

<sup>11</sup> The migration process is extremely complex and multi-faceted and thus any attempt to produce any coherent theoretical frameworks about it leads inevitably to a confinement to some dimensions of the process and to addressing only some fundamental questions related, for example, to the causes of movements, their direction, their impacts and consequences, their dynamics and so on. (Tradução livre).

[...] a análise dos movimentos migratórios entre, digamos, os países A e B, envolve o exame do contexto político mais amplo (políticas de saída, entrada e assentamento, relações internacionais), contexto social (redes de migrantes e diferenciais de bem-estar), contexto demográfico (diferenciais de fertilidade e ligações de viagens de curto prazo), contexto econômico (diferenciais de salários e preços, blocos regionais), outros laços históricos, culturais, coloniais ou tecnológicos entre os dois países, os movimentos migratórios reais que ocorrem entre eles e o feedback e ajustes produzidos por todo o processo (Iosifides, 2011, p. 28).<sup>12</sup>

Em uma perspectiva multidimensional e microssocial, analisar as dinâmicas familiares transnacionais a partir das mulheres que vão para a Espanha implica conhecer suas trajetórias de vida, de trabalho e migração, seus motivos e expectativas diante da decisão de migrar, assim como conhecer as subjetividades, trajetórias e percepções dos/as filhos/as que ficaram no Brasil. Por outro lado, de modo inter-relacionado, em uma perspectiva macrossocial, podemos observar como o fenômeno da feminização das migrações responde a processos maiores, como a divisão internacional do trabalho reprodutivo no âmbito da globalização.

Neste capítulo, pretendo analisar a questão da feminização das migrações a partir da teoria da divisão internacional do trabalho reprodutivo; discutir as teorias sobre o transnacionalismo que deram base ao conceito de família transnacional; e analisar a problemática da maternidade à distância no contexto das novas tecnologias de comunicação, trazendo, também, a literatura existente sobre as experiências e vivências dos/as filhos/as que ficam sem suas mães em seus países de origem.

Observa-se que os estudos sobre famílias transnacionais têm focado na construção da maternidade, a partir da perspectiva das mães migrantes, e pouco se tem dado voz às experiências e práticas familiares das/os filhas/os das mulheres migrantes. A próxima seção traz uma revisão da literatura sobre esse outro lado da construção da família transnacional, que a minha tese pretende estudar.

## **2.1 Divisão Internacional do Trabalho Reprodutivo**

---

<sup>12</sup> [...] the analysis of migratory movements between, say, countries A and B, entails the examination of the broader political context (exit, entry and settlement policies, international relations), social context (migrant networks and welfare differentials), demographic context (fertility differentials and short-term travel links), economic context (wage and price differentials, regional blocks), other historical, cultural, colonial or technological bonds between the two countries, the actual migratory movements taking place between them and the feedback and adjustments produced by the whole process. (Tradução livre).

A teoria da ‘divisão internacional do trabalho reprodutivo’ foi elaborada pela socióloga Rhacel Salazar Parreñas em sua tese de doutorado, defendida em 1998<sup>13</sup>, sobre as mulheres filipinas migrantes que trabalhavam como domésticas nas cidades de Roma e Los Angeles. Conforme explica a autora na segunda edição de sua obra “*Servants of Globalization: migration and domestic work*” (2015), ela uniu duas importantes discussões sobre o status das mulheres para construir uma análise mais completa acerca da globalização e da feminização das migrações.

Trata-se da teoria da ‘divisão racial do trabalho reprodutivo’, elaborada por Evelyn Nakano Glenn<sup>14</sup>, que explica como as mulheres brancas nos Estados Unidos historicamente se libertaram do trabalho reprodutivo, transferindo-o para outras mulheres não brancas (negras e latinas, por exemplo), mediante o pagamento de baixos salários e criando, assim, uma hierarquia entre mulheres mais e menos privilegiadas; e da teoria da ‘divisão internacional do trabalho’ de Saskia Sassen (1991; 2008), que trata da transformação da estrutura da atividade econômica em relação à configuração vigente no pós guerra, e da imposição do Programa de Ajuste Estrutural pelo FMI e pelo Banco Mundial aos países em desenvolvimento ou empobrecidos, a partir de 1980.

Antes de prosseguir com a teoria de Parreñas (2015), considero fundamental discutir o funcionamento das cidades globais a partir dos trabalhos de Saskia Sassen (1991; 2008), que visibiliza o importante papel que as mulheres imigrantes desempenham no funcionamento da economia global.

Segundo Sassen (1991), nesse contexto de globalização surge uma série de serviços avançados que substituem a indústria como setor econômico dominante. A autora explica que a tecnologia moderna não destruiu as formas de trabalho do século XIX, mas transformou várias atividades de manufatura em serviços. Na globalização, a nova estrutura da atividade econômica apresenta uma transferência de várias atividades do chão da fábrica para os computadores, assim como a fragmentação espacial e organizacional do processo de trabalho, tratando-se agora de uma linha de montagem global que opera mediante a divisão internacional do trabalho (Sassen, 1991).

---

<sup>13</sup> PARREÑAS, Rhacel Salazar. *The Global Servants: (In)Migrant Domestic Workers in Rome and Los Angeles*. PhD dissertation, Department of Ethnic Studies, UC Berkeley, 1998.

<sup>14</sup> GLENN, Evelyn Nakano. *From Servitude to Service Work: The Historical Continuities of Women’s Paid and Unpaid Reproductive Labor*. *Signs*, 18 (1): 1–44, 1992.



A atividade econômica torna-se espacialmente dispersa graças aos avanços das TICs e, ao mesmo tempo, globalmente integrada, de modo que este tipo de organização trouxe um novo papel estratégico para as cidades. As estruturas-chaves da economia global situam-se necessariamente nas chamadas cidades globais, que “são locais para a produção de serviços especializados que as organizações complexas necessitam para administrar uma rede espacialmente dispersa de fábricas, escritórios e pontos de serviço” (Sassen, 1991, p. 3).

Nesse aglomerado de serviços voltados para a administração da atividade econômica nas cidades globais, Sassen (2008) observa a existência de um mercado de trabalho no topo e outro na base do sistema econômico, sendo o primeiro voltado para os talentos gerenciais e profissionais de alto nível e com altos salários, e o último voltado para os trabalhos informais de baixa remuneração – e aqui a autora cita as cadeias globais de cuidados<sup>15</sup> como o trabalho que mais se destaca. Assim, a crescente demanda por profissionais altamente qualificados – homens e mulheres – nas cidades globais produz, por sua vez, uma demanda pelos serviços de reprodução de trabalhadores de baixa remuneração para suas firmas e casas.

Paralelamente, a autora observa como a imposição de Programas de Ajustes Estruturais nos países em desenvolvimento durante a década de 1980 teve como consequências,

[...] o crescimento do desemprego, o fechamento de muitas empresas em setores tradicionais voltados para o mercado local ou nacional, a promoção de safras comerciais voltadas para a exportação que substituíram cada vez mais a agricultura de subsistência e a produção de alimentos para os mercados locais ou nacionais e, finalmente, um fardo contínuo e principalmente pesado da dívida pública na maioria dessas economias (Sassen, 2008, p. 460).<sup>16</sup>

Os governos, empresas e famílias dos países atingidos se deparam com enormes dificuldades para sobreviver, de modo que surgem os chamados circuitos informais de

---

<sup>15</sup> O conceito de cadeia de cuidado ou *the care chain*, comumente utilizado na literatura sobre migrações de mulheres, trata-se de uma apropriação indevida de Arlie Russel Hochschild da teoria da divisão internacional do trabalho reprodutivo, originalmente desenvolvida pela socióloga Rhacel Salazar Parreñas, conforme a autora esclarece na segunda edição de sua obra “*Servants of Globalization*” (2015). Parreñas (2015) explica que, apesar de a apropriação ter contribuído para que a discussão recebesse mais atenção, o conceito de ‘cadeia de cuidado’ exclui o fundamento político-econômico de sua teoria original, limitando-se a uma análise da distribuição dos cuidados e retirando o foco das desigualdades do trabalho reprodutivo.

<sup>16</sup> the growth in unemployment, the closure of a large number of firms in traditional sectors oriented toward the local or national market, the promotion of export-oriented cash crops that have increasingly replaced subsistence agriculture and food production for local or national markets, and finally, an ongoing and mostly heavy burden of government debt in most of these economies. (Tradução livre).

trabalho, tais como a imigração e o tráfico de pessoas, que, por sua vez, geram fluxos de dinheiro para estes países e acabam ajudando em sua sobrevivência. É neste ponto, portanto, que Sassen (2008) chama a atenção para o papel das mulheres nos processos econômicos internacionais que se apresentam como neutros em termos de gênero, visto que existe uma elevada feminização nestes circuitos informais de trabalho, onde as mulheres dos países do Sul global constituem a maioria. Como nos lembra Parreñas (2009, p. 8), “o esgotamento dos recursos de assistência do estado por medidas de austeridade prejudica muito mais as mulheres do que os homens. [...] Isso é especialmente verdadeiro para as mães solteiras”.<sup>17</sup>

Seguindo esta lógica, tem-se a incorporação em larga escala de migrantes nos postos de trabalho de serviços de baixa remuneração nas cidades globais, com destaque para o trabalho de reprodução realizado majoritariamente pelas mulheres migrantes. Sassen (2008) ressalta a importância estratégica que os lares dos profissionais altamente qualificados das cidades globais adquirem para a explicação deste processo. Neles, seus habitantes, tanto os homens como as mulheres, submetem-se a demandas profissionais que tornam a maneira tradicional de lidar com o funcionamento e as tarefas do lar inadequada, de modo que necessitam cada vez mais de uma classe de serviço para sua reprodução.

A organização das cidades globais mediante a existência destes dois mercados de trabalho acentuou a polarização econômica e, também, o processo de gentrificação nesses espaços. Assim, apesar da importância que as classes de serviços detêm para o funcionamento da atividade econômica internacional, elas são frequentemente invisibilizadas nestes processos.

Imigrantes e mulheres minorizadas são uma oferta de trabalho favorecida para este tipo de trabalho doméstico, marcando um ponto de intersecção fundamental entre as condições nos países do Sul Global e nas cidades globais do Norte. Além disso, ser imigrante ou mulheres minorizadas facilita a quebra do nexo entre ser trabalhadoras com uma função importante na economia corporativa global e a oportunidade de se tornar uma força de trabalho capacitada, como tem acontecido historicamente nas economias industrializadas. Nesse sentido, a categoria de *mulheres imigrantes* surge como o equivalente sistêmico do proletariado feminino offshore (Sassen, 2008, p. 488).<sup>18</sup>

---

<sup>17</sup> The depletion of state care resources by austerity measures hurts women much more so than men. [...] This is especially true of single mothers. (Tradução livre).

<sup>18</sup> Immigrant and minoritized women are a favored labor supply for this type of household work, marking a key intersection point between conditions in Global South countries and in global cities of the North. Furthermore, being immigrant or minoritized women facilitates breaking the nexus between being workers with an important function in the global corporate economy and the opportunity to become an empowered workforce, as has historically been the case in industrialized economies. In this sense, the category *immigrant women* emerges as the systemic equivalent of the offshore female proletariat. (Tradução livre).

Conclui-se, portanto, que as políticas de ajuste neoliberal impostas aos países em desenvolvimento, no âmbito da globalização, levaram ao empobrecimento destas populações e, em maior medida, das mulheres, como resultado da posição de subordinação em que nos encontramos historicamente na sociedade. Tal empobrecimento das mulheres nos países em desenvolvimento reflete-se na feminização dos circuitos informais de trabalho, com destaque para a formação das cadeias globais de cuidado (Sassen, 1991; 2008).

Nesse sentido, Kofman *et al.* (2000) observam que na Europa, durante o período pós-guerra, os homens constituíam a maioria dos imigrantes. Mais tarde, a partir de 1980, tem-se uma crescente feminização das migrações, sobretudo rumo aos países do Sul da Europa, como Espanha e Itália, à medida que cresce sua demanda no setor de serviços. As mulheres migrantes que chegam à Europa são cada vez mais qualificadas e costumam vir cada vez mais das cidades, de modo que elas aceitam trabalhos que estão abaixo de seu nível de qualificação nos países de destino (Kofman *et al.*, 2000).

Parreñas (2015), através de sua teoria da divisão internacional do trabalho reprodutivo, também chamada de transferência internacional do cuidado, defende que uma análise da globalização e da feminização das migrações deve levar em conta as questões de gênero e de raça, uma vez que são as mulheres as principais responsáveis pelo trabalho reprodutivo; e que são as desigualdades de raça e de classe entre as próprias mulheres que determinam quem presta e quem recebe os trabalhos de cuidados.

O trabalho reprodutivo diz respeito ao trabalho necessário para manter a força de trabalho produtiva: “a compra de bens domésticos, preparo de alimentos, lavagem de roupas, limpeza de móveis, varrer pisos, manter laços comunitários, cuidar das crianças e fornecer apoio emocional” (Parreñas, 2015, p. 47).

A importância de sua teoria reside em sua capacidade de visibilizar a transferência deste tipo de trabalho das mulheres mais privilegiadas para as menos privilegiadas e que, por sua vez, sustenta a estrutura da atividade econômica internacional no âmbito da globalização, demonstrando como o gênero constitui um elemento estruturante da política econômica global. Assim, Parreñas (2015) também evidencia que a conexão entre os países na economia global não se baseia apenas no comércio de bens materiais, mas, também, na compra de serviços e de trabalho reprodutivo.

A “divisão internacional do trabalho reprodutivo” nos mostra que as mulheres podem entrar no mercado de trabalho com mais facilidade porque estão comprando a mão de obra de outras mulheres para fazer seu trabalho reprodutivo ou de cuidado. Em outras palavras, uma mulher 'nativa' profissional, digamos na Itália ou nos Estados Unidos, pode entrar convenientemente no mercado de trabalho porque pode contratar uma mulher migrante para cuidar de seus dependentes, mas essa mulher migrante, por sua vez, só pode migrar porque outras mulheres que ela também compensa financeiramente estão lá para cuidar de seus próprios dependentes. Estas podem ser suas parentes ou sua própria empregada doméstica remunerada (Parreñas, 2009, p. 6).<sup>19</sup>

Ao se verem livres do trabalho reprodutivo mediante a sua transferência para as trabalhadoras migrantes, as famílias dos países desenvolvidos conseguem aumentar o seu trabalho produtivo, assim como contribuir mais para o crescimento da economia dos mesmos através do pagamento de baixos salários para estas trabalhadoras.

O gênero constitui, portanto, uma ferramenta analítica central para analisar as migrações de mulheres porque ele explica, por um lado, a demanda dos países de destino pelo trabalho doméstico e, por outro, como esta migração também significa um meio para as mulheres negociarem as desigualdades de gênero presentes em seus países de origem (Parreñas, 2015). Nesse sentido, a autora cita como exemplo o caso das mulheres migrantes filipinas que sofreram violência doméstica ou abuso por parte de seus parceiros e que migraram porque não conseguiam arcar com os custos de criar seus filhos/as sozinhas.

Considerando que as mulheres migrantes na Espanha são o grupo populacional que recebe os piores salários em razão das desigualdades de gênero, raça/etnia e nacionalidade presentes no mercado de trabalho, a renda de muitas delas não é suficiente para criar os filhos no país de destino, de modo que elas se veem forçadas a deixá-los em seus países de origem sob o cuidado de outras mulheres de seu grupo familiar, dando lugar ao fenômeno descrito por Parreñas (2015, p. 29) da “transferência em três níveis do trabalho reprodutivo entre as mulheres”, também conhecida como a divisão internacional do trabalho reprodutivo. Deste modo, junto à feminização das migrações no contexto da globalização, cresce também o número de famílias transnacionais de mulheres migrantes.

Entende-se por famílias transnacionais aquelas

---

<sup>19</sup> The “international division of reproductive labor” shows us that women are able to enter the labor market more smoothly because they are purchasing the labor of other women to do their reproductive labor or care work for them. In other words, a professional ‘native’ woman, let us say in Italy or the United States, can conveniently enter the workforce because she can hire a migrant woman to care for her dependents, but this migrant woman in turn can only migrate because other women who she likewise financially compensates are there to take care of her own dependents. This can be her relatives or her own paid domestic worker. (Tradução livre).

[...] cujos membros estão localizados em pelo menos dois países. Embora não ocupem a mesma residência, os membros da família em domicílios transnacionais compartilham recursos, mantêm um senso de responsabilidade coletiva pelo bem-estar uns dos outros e defendem os deveres esperados deles como parentes. Nessas famílias, as trabalhadoras domésticas migrantes frequentemente atuam como provedoras, enviando remessas mensais para seus pais idosos, filhos e, às vezes, outros parentes (Parreñas, 2015, p. 53).<sup>20</sup>

As mulheres migrantes que deixam seus filhos/as no país de origem passam a exercer a maternidade transnacional, que diz respeito ao “exercício da maternidade à distância, a partir da saída da mulher como iniciadora do projeto migratório familiar” (Pedone, 2017, p. 439).

Segundo Parreñas (2002), ao contrário das famílias em que os pais migram, os lares transnacionais chefiados por mulheres migrantes desafiam a ideologia de gênero dominante que defende que o lugar da mulher é na casa junto à família, de modo que “os filhos/as de mães migrantes, ao contrário dos/as filhos/as de pais migrantes, têm o fardo adicional de aceitar papéis de gênero não tradicionais em suas famílias” (Parreñas, 2002, p. 49).<sup>21</sup>

Isto ocorre porque, conforme explica Pedone (2017, p. 439), para além dos processos biológicos da maternidade, outras práticas que não dependem necessariamente da anatomia do corpo da mulher, tais como o “cuidado e a socialização, atenção à saúde, alimentação, higiene, amor e carinho”, são atribuídas pela sociedade à figura da mãe. Como a maternidade transnacional contrasta radicalmente com este modelo, observa-se que tais normas ou ideais culturais influenciam, portanto, na experiência de sentimentos contraditórios por parte das mães transnacionais, assim como na visão que os/as filhos/as têm das mesmas (Hondagneu-Sotelo; Avila, 1997).

De acordo com Hondagneu-Sotelo e Avila (1997), não existe um modelo de maternidade biologicamente determinado, sendo esta uma construção histórica e social que varia de acordo com as categorias de diferenças de raça e de classe. O ideal de maternidade que defende a presença física da mãe para o cuidado e criação dos/as filhos/as no ambiente do lar é próprio da classe média branca e característica de uma fase específica do capitalismo, conforme explica a autora.

---

<sup>20</sup> [...] whose members are located in at least two countries. Although not occupying the same residence, family members in transnational households share resources, maintain a sense of collective responsibility for each other's well-being, and uphold the duties expected of them as kin. In these households, migrant domestic workers often act as breadwinners, sending monthly remittances to their elderly parents, children, and sometimes other kin. (Tradução livre).

<sup>21</sup> Children of migrant mothers, unlike those of migrant fathers, have the added burden of accepting nontraditional gender roles in their families. (Tradução livre).

O 'culto da domesticidade' é uma variante cultural da maternidade, tornada possível pela revolução industrial, pelos maridos chefes de família que têm acesso a empregadores que pagam um 'salário familiar' e por configurações particulares de desigualdades socioeconômicas e raciais globais e nacionais (Hondagneu-Sotelo; Avila, 1997, p. 550).<sup>22</sup>

Não obstante, historicamente, observa-se que tanto as classes mais altas quanto as mais baixas descumprem tal ideal, uma vez que as primeiras sempre contrataram a outras mulheres, como as babás e empregadas domésticas, ou as escravizaram para criar e cuidar de suas crianças; assim como as mulheres trabalhadoras, pobres ou racializadas, costumam contar com uma rede extensa de outros membros da família para cuidarem de seus filhos/as durante sua ausência. Desse modo, a maternidade transnacional distancia-se da realidade da classe média branca, aproximando-se mais da realidade de muitas mulheres trabalhadoras ou racializadas que se apoiam nessa rede familiar ou pagam a outras mulheres para cuidarem de seus filhos/as (Hondagneu-Sotelo; Avila, 1997).

No Brasil, esta situação é similar à descrita por Hondagneu-Sotelo e Avila (1997) nos Estados Unidos. Como demonstram Carpenedo e Nardi (2017), nosso modelo de maternidade tradicional baseia-se em um formato de família nuclear e burguesa, o que difere da realidade de muitas famílias da classe trabalhadora brasileira que adotam uma multiplicidade de arranjos organizacionais onde nem sempre se dá a presença física das mães.

As famílias transnacionais que se formam a partir da migração de mulheres que são mães geralmente requerem uma série de arranjos e negociações entre seus membros no que diz respeito à transferência do cuidado dos/as filhos/as entre os demais familiares que permanecem no país de origem. Nesse sentido, propomos uma concepção de família conforme aquela defendida por Parreñas (2015, p. 72), ou seja, como uma “instituição social que adota várias estratégias como resposta às forças externas estruturais, culturais e ideológicas na sociedade”, não sendo, portanto, fixa ou determinada.

Historicamente, as mudanças econômicas influenciam na organização familiar, de modo que as famílias transnacionais são exemplos de famílias pós-modernas resultantes das mudanças ocorridas no final do século XX, referentes à estruturação global da economia.

---

<sup>22</sup> The 'cult of domesticity' is a cultural variant of motherhood, one made possible by the industrial revolution, by breadwinner husbands who have access to employers who pay a 'family wage', and by particular configurations of global and national socioeconomic and racial inequalities. (Tradução livre).

Nesse contexto, “os migrantes criam famílias transnacionais para maximizar recursos e oportunidades na economia global. Eles mediam os níveis desiguais de desenvolvimento econômico entre as nações emissoras e receptoras” (Parreñas, 2015, p. 54).

Para levar a cabo a maternidade transnacional, as mulheres migrantes desenvolvem uma série de estratégias, arranjos e significados para lidar com as separações espaciais e temporais no contexto da globalização, que envolvem “circuitos de afeto, cuidado e suporte financeiro que transcendem as fronteiras nacionais” (Hondagneu-Sotelo; Avila, 1997). Neste cenário, o avanço das tecnologias de comunicação e de informação desempenha um papel fundamental ao possibilitar a presença virtual e o exercício do cuidado através da comunicação e do envio de remessas e objetos para seu país de origem.

O tema dos cuidados é bastante discutido na literatura feminista por ser uma atividade que se constituiu ao longo dos séculos como responsabilidade das mulheres, que se ocupam do cuidado de si e dos outros, no âmbito familiar, sem receber nenhum tipo de remuneração pelo dispêndio de tempo e energia. O modelo de produção capitalista, que depende da disponibilidade do tempo – ou seja, da força de trabalho dos empregados – aproveita-se, portanto, desse trabalho de reprodução da vida social e dos corpos, realizado de forma gratuita pelas mulheres.

No nível mais geral, sugerimos que o cuidado seja visto como uma espécie de atividade que inclua tudo o que fazemos para manter, continuar, e reparar nosso “mundo” para que possamos viver nele da melhor forma possível. Esse mundo inclui nossos corpos, nosso eu e nosso meio ambiente, todos os quais procuramos enlaçar em uma rede complexa e sustentável (Fisher; Tronto, 1990, p. 6).<sup>23</sup>

Quando mercantilizados, os trabalhos que envolvem o cuidado permanecem vinculados majoritariamente às mulheres, sendo também mais desvalorizados e precarizados que os trabalhos considerados masculinos. Assim opera a divisão sexual do trabalho, mediante a separação das profissões por sexo e sua hierarquização, sendo responsável pelas desigualdades de gênero no mercado laboral e pela apropriação do tempo das mulheres na esfera privada do lar.

---

<sup>23</sup> On the most general level, we suggest that caring be views as a species activity that includes everything we do to maintain, continue, and repair our “world” so that we can live in it as well as possible. That world includes our bodies, ourselves, and our environment, all of which we seek to interweave in a complex, life-sustaining web. (Tradução livre).

### 2.1.1 Circulação de cuidados

Baldassar e Merla (2014) formularam o conceito de ‘circulação de cuidados’ para analisar as formas e as direções do intercâmbio de cuidado nas famílias transnacionais, entendendo-o como:

[...] o intercâmbio recíproco, multidirecional e assimétrico de cuidados que flutuam no curso da vida dentro das redes familiares transnacionais sujeitas aos contextos políticos, econômicos, culturais e sociais de envio e recepção das sociedades (Baldassar; Merla, 2014, p. 22).

A perspectiva da circulação de cuidados é, portanto, complementar à teoria das cadeias globais de cuidado ao afirmar que o cuidado não possui um fluxo unidirecional do Sul para o Norte, mas sim um caráter circular entre diferentes membros da família – além de mães e filhos – e entre as sociedades de origem e destino, não se limitando às remessas monetárias.

Tal perspectiva inclui as duas vertentes do conceito de cuidados, que dizem respeito ao *care about*, ou preocupar-se com, e o *care for*, ou cuidar de. A atividade do *care about* abrange ações como o contato e o apoio e refere-se às funções emocionais relacionadas à sociabilidade, conselhos, conforto e autovalidação. Como exemplos, tem-se o fornecimento de pequenos favores e empréstimos de dinheiro, comunicação por telefone, cartas, e-mails, visitas para dar conselhos, apoio ou simplesmente para conferir se está tudo bem; a participação na tomada de decisões familiares; e financiamento para a compra de cuidados.

Já o *care for* diz respeito à ajuda doméstica, tal como o cuidado de crianças, a assistência financeira como, por exemplo, as remessas; a organização regular das refeições familiares, como, por exemplo, as comidas de aniversários, Natal e Páscoa; as visitas regulares ao lar; a hospedagem de parentes em casa; e a doação de presentes (Baldassar; Merla, 2014).

Nesse sentido, a perspectiva da circulação de cuidados se ocupa das mobilidades do cuidado desde uma visão voltada para os deveres e solidariedades intrafamiliares.

Uma análise da circulação dos cuidados transnacionais evidencia os vínculos e as interseções entre parentesco e motivações econômicas e políticas nos movimentos migratórios, destacando o papel da família e da esfera doméstica na manutenção dos laços da diáspora (Baldassar; Merla, 2014, p. 21)



A separação física entre as mulheres migrantes e seus filhos/as que permanecem no país de origem dá lugar à prática da maternidade transnacional, onde as mães continuam sentindo-se emocionalmente responsáveis pelos filhos/as. Novas práticas de cuidado à distância são desenvolvidas, tais como o envio de remessas, presentes e a comunicação através das novas tecnologias, possibilitando que as mulheres migrantes preservem assim suas identidades de mães (Carpenedo; Nardi, 2017).

Para estes autores, a maternidade transnacional, como uma prática que se realiza à distância, desafia, por um lado, as normas de gênero que regulam a maternidade tradicional, ou o que significa ser uma ‘boa mãe’; por outro, as mães transnacionais continuam respondendo às expectativas de gênero relativas ao cuidado, mediante as práticas transnacionais de cuidado mencionadas anteriormente. Tudo isso implica em uma intensificação de seu papel de mulheres provedoras, uma vez que garantir o sustento e a educação dos filhos no país de origem constituem práticas de cuidados assumidas por elas através da migração (Carpenedo; Nardi, 2017).

O gênero é um conceito chave para a compreensão das famílias transnacionais, pois é esperado que as mulheres migrantes realizem o trabalho de cuidados e o trabalho emocional associado à maternidade, ao mesmo tempo que assumem, também, a responsabilidade pelo sustento do lar, papel tradicionalmente considerado como masculino pela sociedade (Madianou; Miller, 2012).

As mulheres migrantes desafiam as normas de gênero no sentido de exercerem a maternidade à distância, diferente do modelo tradicional esperado, mas elas continuam desempenhando as funções de cuidadoras e responsáveis pelo sustento dos/as filhos/as, estando “predominantemente empregadas nos trabalhos domésticos e de cuidados, preservando assim as ideologias patriarcais” (Madianou; Miller, 2012, p. 5).

O desafio às normas de gênero através do evento migratório constitui, portanto, uma questão complexa e relativa ao contexto desde o qual se observa, pois, estas mulheres podem obter um empoderamento econômico e maior autonomia pessoal em relação à sua situação anterior na sociedade de origem, mas, por outro lado, continuam enfrentando dificuldades no mercado laboral da sociedade de destino em razão das desigualdades de gênero, raça, classe e nacionalidade. Nesse sentido,

[...] as mulheres migrantes ocupam, simultaneamente, diferentes e, muitas vezes, posições subjetivas contraditórias: provedoras e cuidadoras; mães devotadas e

heroínas nacionais; consumidoras globais e trabalhadoras exploradas” (Madianou; Miller, 2012, p. 6).<sup>24</sup>

Vimos, portanto, como a teoria da divisão internacional do trabalho reprodutivo, de Parreñas (2015) ilustra o caso das migrantes brasileiras que vão para a Espanha em busca de melhores condições de vida e que deixam seus filhos e filhas no Brasil sob o cuidado de outras pessoas. A transferência internacional do cuidado do Sul rumo ao Norte supre as demandas dessa economia, possibilita a entrada da mulher espanhola no mercado de trabalho fora do lar, enquanto outras mulheres do Sul assumem esse cuidado dos/as filhos/as que ficaram no país de origem.

A teoria da divisão internacional do trabalho reprodutivo (Parreñas, 2015) e o conceito de cidades globais de Sassen (1991; 2008) demonstram que o gênero constitui uma ferramenta fundamental para analisar a migração de mulheres a partir da sociedade de origem e de destino.

## **2.2 Transnacionalismo e práticas transnacionais**

No contexto da globalização, além da economia global, as identidades políticas e culturais também passaram a constituir-se através das conexões transnacionais. Diante da crescente interconectividade entre pessoas, ideias, culturas e economias, a imaginação antropológica desenvolveu novos tipos de etnografias, para além dos estudos limitados às comunidades locais, evidenciando como os processos globais e locais influenciam uns aos outros (Salih, 2000). Nesse sentido, as etnografias multissituadas “abriram caminho para novas etnografias, lançando luz sobre a crescente articulação entre as fronteiras nacionais das vidas de muitos migrantes contemporâneos” (Salih, 2000, p. 75).

A literatura sobre práticas transnacionais dos/as migrantes surge a partir do trabalho das antropólogas Linda Basch, Nina Glick-Schiller e Cristina Blanc-Szanton, que conceituaram o transnacionalismo como

[...] o processo pelo qual os transmigrantes, por meio de suas atividades diárias, forjam e sustentam relações sociais, econômicas e políticas multifacetadas que

---

<sup>24</sup> Migrant women occupy simultaneously different and often contradictory subject positions: breadwinners and caregivers; devoted mothers and national heroines; global consumers and exploited workers. (Tradução livre).

unem suas sociedades de origem e assentamento, e por meio do qual eles criam campos sociais transnacionais que cruzam as fronteiras nacionais (Basch; Glick-Schiller; Blanc-Szanton, 1994, p. 6).<sup>25</sup>

Como explica Portes (2001), o surgimento da teoria do transnacionalismo, na década de 1990, levantou diversas críticas no que diz respeito à novidade deste fenômeno, considerando que já existiam na literatura exemplos de grupos de migrantes que mantinham práticas similares no passado; e à frequência de sua incidência na vida dos migrantes, uma vez que a metodologia utilizada tende a focar nos casos em que o transnacionalismo se mostra presente, sem observar, por outro lado, os casos em que ele não aparece. O autor cita, a título de exemplo, os grupos de imigrantes poloneses, italianos, russos, checos e chineses que mantinham, cada um a seu modo, diferentes práticas e relações que ligavam suas sociedades de origem e de destino.

Tem-se, também, o caso das/os migrantes que atualmente realizam práticas transnacionais, em diferentes países, sem, no entanto, utilizarem esta nomenclatura. Alguns exemplos são o envio de remessas de dinheiro, a compra de terras, casas ou a abertura de algum negócio nos países de origem, muitas vezes motivados pela expectativa do retorno destes/as migrantes (Salih, 2000).

Por sua vez, Portes (2001) se posiciona em relação aos críticos do transnacionalismo e defende que o fato de apontarem a existência de estudos que já falavam sobre o fenômeno não constitui argumento suficiente para negar a sua contribuição para o estudo das migrações. Para este autor, a relevância do transnacionalismo reside justamente em sua capacidade teórica de traçar paralelos entre as práticas de diferentes grupos de migrantes, em diferentes países.

Vários exemplos históricos de atividades transfronteiriças de base existem e foram amplamente documentados. No entanto, até que o conceito de transnacionalismo imigrante fosse cunhado e refinado, o caráter comum e o significado desses fenômenos permaneceram obscuros. Os paralelos entre o ativismo político dos emigrantes russos e poloneses e as atividades comerciais da diáspora chinesa, por exemplo, não poderiam ter sido estabelecidos porque não havia uma ideia teórica que os ligasse e apontasse para suas semelhanças. Na sua ausência, as respectivas literaturas permaneceram díspares e isoladas umas das outras, bem como dos eventos atuais (Portes, 2001, p. 184).<sup>26</sup>

---

<sup>25</sup> [...] the process by which transmigrants, through their daily activities, forge and sustain multi-stranded social, economic, and political relations that link together their societies of origin and settlement, and through which they create transnational social fields that cross national borders. (Tradução livre).

<sup>26</sup> Multiple historical instances of grassroots cross-border activities exist and have been extensively documented. Yet, until the concept of immigrant transnationalism was coined and refined, the common

Seguindo esta linha de pensamento, Tonhati (2019), em sua pesquisa sobre as migrantes brasileiras em Londres e suas famílias que ficaram no Brasil, demonstra como estas mulheres mantinham o contato e os vínculos afetivos com suas famílias através da escrita e do recebimento de cartas – assim como sua preservação ao longo do tempo –, antes de que se popularizasse o uso do telefone, constituindo, portanto, uma prática transnacional.

A autora utiliza o conceito de ‘ritual’ para explicar como “algumas participantes exaltaram a ‘sacralidade’ e a ‘eficácia’ das cartas que receberam de seus familiares e como elas se tornaram um ‘totem’” (Tonhati, 2019, n. p). As cartas, entendidas como um ‘totem’, funcionam como símbolos de conexão entre estes dois lugares geograficamente separados. Como afirmam Madianou e Miller (2012, p. 58), “as cartas podem ser lidas uma e outra vez. Nesse sentido, mesmo que a comunicação não seja síncrona, ela pode ser esticada no tempo”.<sup>27</sup>

Outro exemplo de prática transnacional diz respeito ao envio de comida por parte das mães filipinas migrantes para seus filhos em seu país de origem. Segundo Madianou e Miller (2012), trata-se de uma prática emocional e simbólica, uma vez que seu custo elevado não constitui uma justificativa econômica. Neste caso, o recebimento dos produtos costuma ser transmitido por meio de chamadas de voz ou de vídeo para que a mãe observe a felicidade dos/as filhos/as.

Se, por um lado, as práticas transnacionais estiveram presentes na vida dos/as migrantes ao longo da história, por outro, observa-se que “a natureza e a qualidade dos vínculos dos migrantes sofreram mudanças significativas com o tempo” (Salih, 2000, p. 80).

Como previu Portes (2001), as atividades e práticas transnacionais se expandiram desde então até a atualidade, e provavelmente continuarão a se expandir conjuntamente às tecnologias de transporte e comunicação. Nesse sentido, a teoria do transnacionalismo também é capaz de visibilizar as transformações que tais práticas experimentam em relação ao passado, tais como sua “densidade, o caráter instantâneo e a flexibilidade possibilitada pelas tecnologias de hoje” (Portes, 2001, p. 188).

---

character and significance of these phenomena remained obscure. The parallels between Russian and Polish émigré political activism and the trading activities of the Chinese diaspora, for example, could not have been established because there was no theoretical idea that linked them and pointed to their similarities. In its absence, the respective literatures remained disparate and isolated from each other, as well as from present events. (Tradução livre).

<sup>27</sup> [...] letters can be read again and again. In this sense, even if communication is not synchronous, it can be stretched in time. (Tradução livre).

As migrações internacionais contemporâneas demonstram que é cada vez mais difícil entender a vida de um crescente número de indivíduos se olharmos somente para o que acontece dentro das fronteiras nacionais, já que as vidas dos/as imigrantes e de seus descendentes são influenciadas pelos laços contínuos com seu país de origem, mantidos através das redes sociais (Levitt; Schiller, 2004). Assim, ao repensar as fronteiras da vida social a partir uma ideia de simultaneidade, percebe-se que “a incorporação dos indivíduos nos estados-nações e a manutenção de conexões transnacionais não são processos sociais contraditórios” (Levitt; Schiller, 2004, p. 2).

Neste contexto, Portes (2001) ressalta a importância do transnacionalismo no processo de integração dos/as imigrantes na sociedade de destino, podendo contribuir para que este seja bem-sucedido. Como exemplo, temos o caso das migrantes que preservam as cartas recebidas de seus familiares do Brasil para ler em momentos de dificuldades em Londres, alegando que isso lhes dá forças para seguir adiante com o projeto migratório (Tonhati, 2019); assim como o caso das migrantes filipinas que moram na Inglaterra e que acreditam que as novas tecnologias de comunicação facilitam sua permanência nesse país, por lhes possibilitarem exercer a maternidade à distância (Madianou; Miller, 2012). Desse modo, “a conceituação da migração em termos transnacionais permite uma compreensão dos migrantes como não mais presos entre a assimilação ou nostalgia e o ‘mito do retorno’” (Salih, 2000, p. 76).<sup>28</sup>

Sayad (2000) considera o retorno como uma categoria fundamental para se compreender o fenômeno migratório a partir da figura do/a ‘emigrante’ e do/a ‘imigrante’, referindo-se aos dois lados diferentes da existência do/a ‘migrante’. A ilusão ou a exigência do retorno é, portanto, parte constitutiva da figura do/a emigrante. Já no caso do imigrante, este é classificado como tal pela sociedade de destino por ser de outra nacionalidade e, como um estrangeiro, não pode ser considerado um habitante definitivo. Conforme explica Cavalcanti e Boggio (2004), a ilusão ou expectativa do retorno também funciona como uma forma de tolerar a imigração.

Essas ideias de retorno estão ligadas ao que os imigrantes almejam e que podem ser sintetizadas como uma volta ao espaço físico, como uma dimensão espacial da experiência social; em relação ao tempo, um retorno a quem se era antes de emigrar e um retorno a ocupar os lugares que experimentava como seus no seu

---

<sup>28</sup> The conceptualisation of migration in transnational terms allows an understanding of migrants as no longer caught between either assimilation or nostalgia and the ‘myth of return’. (Tradução livre).

grupo de pertença. O imaginário do retorno, seria, de alguma forma, retornar ao que foi e que permanece como um presente existente em algum lugar (Cavalcanti; Boggio, 2004, p. 3).<sup>29</sup>

As mudanças trazidas pelo surgimento e expansão das novas tecnologias de informação e comunicação (TICs) interferem nas visões e expectativas dos/as migrantes acerca do retorno, uma vez que agora eles detêm a possibilidade de se engajarem simultaneamente nas sociedades de origem e de destino, mediante a manutenção de atividades de diversas naturezas (Salih, 2000).

De acordo com Levitt e Schiller (2004), uma visão da sociedade reduzida às fronteiras de um estado-nação mostra-se insensível diante da complexa interconectividade da realidade contemporânea que, no caso dos/as migrantes internacionais – ou transnacionais –, significa viver simultaneamente dentro e além das fronteiras de um estado-nação. Logo, “a limitação territorial confina o estudo de processos sociais dentro das fronteiras políticas e geográficas de um estado-nação particular” (Levitt; Schiller, 2004, p. 7).

Não se trata, portanto, de diminuir a importância do estado-nação, mas de reconhecer que, no atual contexto de revolução das tecnologias de transporte e de comunicação, a vida social destas pessoas não mais se restringe às fronteiras nacionais.

Segundo Salih (2000), o ato de atravessar as fronteiras refere-se, agora, não só às fronteiras físicas, mas, também, às fronteiras simbólicas, ilustrando as experiências de duplo ou múltiplo pertencimento a que muitas/os migrantes estão sujeitas/os. O transnacionalismo desafia, portanto, as noções tradicionais de nacionalidade, cultura e território, visto que os/as migrantes “são capazes de construir suas vidas através das fronteiras, desenvolvendo atividades econômicas, sociais, políticas e culturais que lhes possibilitam manter relações em ambos os países de destino e de origem” (Salih, 2000, p. 76).

Esta autora analisa o transnacionalismo a partir da migração de mulheres marroquinas para a Itália e defende a ideia de que os atores e as estruturas presentes no processo migratório, como os estados nações e a economia global, atuam de um modo generificado. Desse modo, a posição que as mulheres ocupam tanto em seu país de origem

---

<sup>29</sup> Estas ideas respecto al retorno se ven vinculadas a aquello que los inmigrantes añoran, y que se puede sintetizar como una vuelta al espacio físico, en tanto, dimensión espacial de la experiencia social; en relación al tiempo, un regreso a aquel que se era antes de emigrar y una vuelta a ocupar los lugares que experimentaba como suyos en su grupo de pertenencia. El imaginario de retornar, sería de alguna manera, retornar a lo que fue y que se mantiene como un presente existente en algún sitio. (Tradução livre).

como no país de destino influencia no modo como elas vivem o transnacionalismo, diferentemente, portanto, dos homens de sua mesma nacionalidade.

Para capturar essas diferenças, Salih (2010) defende uma abordagem das migrações que integre tanto os fatores estruturais quanto as estratégias individuais das mulheres migrantes. Para isto, há que se considerar os fatores econômicos, relacionados à divisão sexual do trabalho e às relações de produção, assim como a responsabilidade pela reprodução da vida e as hierarquias existentes dentro dos lares, de modo que tal abordagem “revela a interconexão entre agência individual, fatores culturais e estruturas socioeconômicas” (Salih, 2010, p. 659).

Salih (2010) observa em sua pesquisa que os homens são vistos como provedores e as mulheres como as principais cuidadoras, logo, as mulheres marroquinas migrantes visitam seu país com maior frequência. Além do gênero, a condição econômica e o status legal também influenciam no modo como elas vivenciam o transnacionalismo, no sentido de que muitas delas experimentam uma escassez de recursos econômicos no país de destino, devido aos baixos salários e à precarização dos trabalhos de reprodução, assim como a insegurança advinda do status de ilegalidade administrativa. Ambos os fatores fazem com que muitas destas migrantes encarem as práticas transnacionais como uma estratégia para otimizarem tanto seus recursos materiais como os simbólicos, através da criação de espaços transnacionais ancorados em ambos os países (Salih, 2010).

Como exemplo destas práticas transnacionais, a autora cita as viagens que as mulheres migrantes fazem para o Marrocos durante o verão, nas quais ocorre um “fluxo de ideias, significados culturais e mercadorias” (Salih, 2010, p. 666), e onde elas também participam de rituais e celebrações. Geralmente, as viagens envolvem uma preparação com antecedência onde elas compram “presentes para seus parentes, mas também muitas coisas para elas e para seus filhos” (Salih, 2010, p. 667). É comum que elas levem objetos que são mais caros no país de origem, assim como bens de consumo que elas se acostumaram a utilizar no país de destino, considerados modernos ou novidades no país de origem.

O mesmo ocorre durante sua volta para a Itália, onde elas levam consigo coisas do Marrocos para suas casas, assim como comidas. Nesse sentido, as mulheres migrantes constroem seu lar transnacional e seu status social “objetificando-se nas mercadorias que trazem de um lado para outro” (Salih, 2010, p. 666).<sup>30</sup> Através dos objetos que elas levam e

---

<sup>30</sup> [...] by objectifying themselves in the commodities they bring back and forth. (Tradução livre).

trazem, as mulheres migrantes dão, assim, significados para os espaços que elas habitam (Salih, 2010).

Segundo esta autora, através do consumo e da doação de presentes, as mulheres migrantes “se apropriam e negociam símbolos da modernidade”, distinguindo-se daqueles que permaneceram no país de origem, de modo que esta prática também reflete “o discurso de poder entre os lugares” (Salih, 2010, p. 666). Neste contexto, os objetos adquirem novos significados sociais e culturais, assim como têm a capacidade de produzir, modificar e redefinir as relações no lugar onde são recebidos e consumidos. Salih (2010) concebe este processo como a ‘construção transnacional do lar’, sendo este “tanto o espaço-físico que as mulheres e suas famílias habitam, como a concepção simbólica de onde alguém pertence” (Salih, 2010, p. 666).

Através destas práticas transnacionais, “as mulheres migrantes distribuem e otimizam o capital simbólico e econômico e buscam reconhecimento social na tentativa de manter ou renovar sua filiação em seu país de origem” (Salih, 2000, p. 77). Para a autora, tais práticas transnacionais deixam as fronteiras e limites culturais da região mediterrânea mais ‘porosos’, sendo capazes de até mesmo embaralhar certas dicotomias como as de ‘moderno’ e ‘tradicional’, comumente associadas às regiões Norte e Sul do Mediterrâneo.

Para finalizar, a autora tece críticas às teorias que celebram o transnacionalismo e ignoram os paradoxos nele existentes. Salih (2010) cita uma série de dificuldades enfrentadas pelas mulheres migrantes que coexistem com suas práticas transnacionais, tais como os sentimentos de ruptura e de saudade; e os sentimentos de dúvida e de ansiedade em relação a qual lugar elas devem investir seus recursos materiais e simbólicos no futuro, por exemplo, no caso da educação dos/as filhos/as e na aquisição da casa própria.

Se, por um lado, elas são capazes de construir suas identidades através das fronteiras, por outro, “os vínculos transnacionais não têm o poder de superar o sentimento de ruptura que as mulheres experimentam como resultado das tentativas de manter a filiação em ambos os países, embora em última análise não sejam de nenhum dos dois” (Salih, 2010, p. 668).<sup>31</sup>

A teoria do transnacionalismo mostra-se, portanto, fundamental para uma maior compreensão do fenômeno da migração feminina e das famílias transnacionais, por ser capaz de apontar as semelhanças e diferenças entre a migração de mulheres de diversas

---

<sup>31</sup> [...] transnational links do not have the power to overcome the sense of rupture women experience as a result of attempts to maintain membership in both countries, yet being ultimately ‘of’ neither. (Tradução livre).



nacionalidades e entre a natureza de suas práticas transnacionais, sendo estas últimas influenciadas pelos fatores de gênero, classe social e status legal (Salih, 2010).

Nos capítulos a seguir, os relatos dos/as participantes evidenciam a existência de relações sociais, afetivas, econômicas e de práticas transnacionais entre sociedade de origem e de destino que se desenvolvem a partir da migração das brasileiras que são mães para a Espanha. Nesse sentido, nos interessa compreender como estas relações e práticas transnacionais entre as mulheres migrantes e suas famílias no Brasil se dão no dia a dia; se essas relações foram inicialmente afetadas e como; como essas se (re) constituíram posteriormente; quais os meios utilizados para manter tais relações à distância; e como a evolução dos meios de comunicação ao longo do tempo provocou mudanças na frequência ou na qualidade dessas relações e práticas familiares transnacionais.

### **2.3 Maternidade transnacional no contexto das novas tecnologias de comunicação**

O modo como as famílias transnacionais mantêm seus vínculos afetivos à distância sofreu uma revolução com o surgimento das novas mídias, como o e-mail, as mensagens instantâneas, sites de redes sociais, mensagens de voz e chamadas de vídeo via Internet. Nesse contexto, a qualidade da intimidade e dos laços no interior das famílias transnacionais depende fortemente das condições econômicas referentes ao acesso a tais tecnologias de comunicação, de modo que as famílias que não possuem acesso ao telefone ou à Internet possivelmente têm menos chances de praticar o cuidado transnacional (Madianou; Miller, 2012).

Conforme explicam Sargent, Larchance-Kim e Yatera (2007, p. 263),

[...] a difusão das telecomunicações envolve mais do que a compressão do tempo e espaço. De fato, enquanto ela reforça a produção, a criatividade cultural e as obras da imaginação, ela também carrega as comunidades imigrantes de obrigações crescentes para com a família e amigos na comunidade de onde saíram.

Nesse sentido, Madianou e Miller (2012) analisaram o papel das mídias de comunicação nas famílias transnacionais de mulheres migrantes filipinas que moram na Inglaterra e desenvolveram a teoria da polimídia (*polymedia*), que explica como, diante do surgimento das novas mídias de comunicação, a própria natureza das relações familiares está mudando. O caso das Filipinas é fundamental para a compreensão do fenômeno da

maternidade à distância, uma vez que “mais de 10% de sua população trabalha no exterior, onde a maioria são mulheres cujos filhos foram deixados para trás” (Madianou; Miller, 2012, p. 2).<sup>32</sup>

Nas décadas de 1970 e até meados de 1990, a comunicação entre as mulheres migrantes e suas famílias ocorria, principalmente, através de cartas e fitas cassetes e, a partir de meados de 1990, também através de ligações telefônicas, diferentemente da atualidade, onde as mídias de comunicação instantâneas permitem um maior envolvimento das mães na vida dos/as filhos/as. A explosão das novas mídias de comunicação associadas ao transnacionalismo deu lugar às chamadas famílias transnacionais conectadas, de modo que tais tecnologias não resolvem o problema da separação familiar, mas transformam a experiência da migração e da maternidade.

Nesta mesma lógica, tem-se também o caso das migrantes que têm acesso às novas mídias, como as chamadas de vídeo, e que visitam seus países de origem com menos frequência, visto que conversam com seus filhos/as a qualquer momento (Madianou; Miller, 2012).

A teoria da polimídia apresenta-se como uma equação entre mediação, distância física e presença virtual e explica que, diante de uma gama de mídias de comunicação disponíveis, as pessoas alternam entre uma e outra segundo sua necessidade de se expressar emocionalmente, assim como segundo a natureza do assunto tratado, sendo ele público ou privado.

As novas tecnologias funcionam em uma temporalidade que permite a imediaticidade da voz, assim como a performance dos indivíduos – no caso das chamadas de vídeo –, dotando a comunicação de uma maior emoção e sensação de presença em comparação a épocas anteriores em que predominavam as cartas e vídeos cassetes. Assim, os autores observaram que, através da gravação de fitas cassetes, as pessoas se sentiam mais livres para falar sobre seus sentimentos do que ao se verem cara a cara, por exemplo.

Assim como acontece com as cartas, nossos participantes descobriram que seus entes queridos costumavam ser mais afetuosos na fita do que na interação face a face. Nesse sentido, a distância da mediação engendra proximidade (Madianou; Miller, 2012, p. 61).<sup>33</sup>

---

<sup>32</sup> [...] with over 10 per cent of its population working overseas, the majority of whom are women with children left behind. (Tradução livre).

<sup>33</sup> As with letters, our participants found that their loved ones would often be more affectionate on tape than in face-to-face interaction. In this sense, the distance of mediation engenders proximity. (Tradução livre).

Além destes fatores, a idade dos/as filhos/as também influencia na escolha da mídia utilizada para a comunicação, de modo que os/as filhos/as pequenos desfrutam mais da comunicação simultânea ou cara a cara, onde a mãe se faz mais presente, do que os filhos mais velhos, que tendem a experimentar a comunicação simultânea e constante como uma forma de controle e monitoramento. Nesse sentido, “a webcam é particularmente popular e bem-sucedida na maternidade de crianças mais novas, pois o aspecto visual atende melhor às necessidades das crianças e da mãe” (Madianou; Miller, 2012, p. 75).<sup>34</sup>

Se, por um lado, as mães experimentam as tecnologias de comunicação como uma nova oportunidade para praticar a maternidade à distância, por outro, seus filhos adolescentes experimentam a comunicação frequente de suas mães como algo intrusivo e não requisitado. As novas tecnologias de comunicação permitem às mães entrarem em contato várias vezes ao dia para fazer perguntas ou lembrar os/as filhos/as de suas tarefas escolares e outras questões que considerem importantes. Nesse sentido, dentre as consequências do uso das mídias digitais na maternidade transnacional tem-se a ampliação dos conflitos entre mães e filhos/as, uma vez que a comunicação constante tende a revelar os problemas que estes últimos enfrentam em seu dia a dia.

Exemplo disso é a emergência de sites de redes sociais como o Facebook, que provoca o rompimento entre o público e privado para aqueles que o utilizam. Neste caso, as mães migrantes têm a possibilidade de acessar a vida dos/as filhos/as de forma mais direta, olhando, por exemplo, o perfil de seus amigos. Os/as filhos/as adolescentes que se veem nesta situação, por sua parte, recorrem a diferentes meios de comunicação para tentar escapar da vigilância e do controle. Não obstante, este aspecto conflitivo das relações costuma mudar à medida que os/as filhos/as se tornam adultos e, portanto, capazes de compreenderem melhor suas mães (Madianou; Miller, 2012).

Mas, também é possível que a distância da migração e a mediação do processo de comunicação dê aos/as adolescentes a combinação ideal de autonomia (uma vez que suas mães não se encontram fisicamente presentes e, talvez, não tão opressivas) e de suporte emocional (fornecido através das novas mídias) (Madianou; Miller, 2012, p. 73).<sup>35</sup>

---

<sup>34</sup> Webcam is particularly popular and successful with the parenting of younger children, as the visual aspect better meets both children's and mother's needs. (Tradução livre).

<sup>35</sup> But it is also possible that the distance of migration and the mediating process of communication give teenagers the ideal combination of autonomy as well as emotional support (provided through new media). (Tradução livre).

Para estes autores, a intensidade e a performance da maternidade transnacional dependem, portanto, de fatores como a idade dos/as filhos/as e a disponibilidade das mídias de comunicação, de modo que tal experiência está sujeita a transformações a depender do contexto histórico em que se realiza, assim como do momento pessoal em que se encontram os sujeitos, neste caso, os/as filhos/as.

O sucesso ou fracasso das relações entre as mães migrantes e seus filhos depende de fatores como a idade dos/as filhos/as no momento da migração; da qualidade das relações pré-existentes à migração; e das possibilidades de mídias de comunicação então disponíveis. Nessa perspectiva, as mulheres que migraram após a explosão das novas tecnologias de comunicação tiveram uma maior garantia de comunicação com os filhos se comparadas às que migraram em épocas anteriores. Para estas últimas, “a lacuna aberta durante o período em que a comunicação era cara e rara, muitas vezes se mostra difícil de preencher” (Madianou; Miller, 2012, p. 78).<sup>36</sup>

Para finalizar, concordo com Hondagneu-Sotelo e Avila (1997) em seu entendimento de que não se trata de exaltar a maternidade transnacional e seus arranjos, visto que muitas vezes ela surge como consequência de fatores políticos e estruturais que afetam as experiências migratórias das mulheres, tais como seu não acesso aos direitos no país de destino, os controles fronteiriços da imigração e os baixos salários, contribuindo para que elas passem longos períodos longe de seus filhos. O transnacionalismo constitui, assim, um processo contraditório que tanto possibilita o exercício da maternidade à distância, quanto faz com que as mulheres migrantes experimentem este processo de separação física e temporal com muita ansiedade (Hondagneu-Sotelo; Avila, 1997).

## **2.4 Revisão da literatura sobre filhos “*left-behind*”**

A revisão da literatura acerca dos filhos deixados para trás – ou *children left-behind*, em inglês – indica que os estudos adotam diferentes perspectivas para analisar o tema em diferentes países.

Destacam-se três trabalhos que se inscrevem em vertentes diferentes. O primeiro deles diz respeito ao estudo de Olwig (2014) e de Poeze e Mazzucato (2014), que privilegia

---

<sup>36</sup> [...] the gap opened up during the period when communication was expensive and infrequent often proves hard to fill. (Tradução livre).

a diversidade de normas familiares e valores culturais de cada sociedade, e que parte da perspectiva da circulação de cuidados sem conceber a estrutura da família nuclear e o modelo de maternidade tradicional como universais; o segundo trabalho, de Parreñas (2015), analisa como se dá a constituição do gênero nas famílias transnacionais e o modo como esta influencia no modo como os filhos de pais migrantes entendem a sua migração; e, por último, tem-se o estudo de Castañeda e Buck (2011), que tem como foco os impactos psicológicos da migração e da separação familiar na vida dos migrantes e dos filhos *left-behind*, influenciado pela psicanálise e, sobretudo, pela teoria do apego.

Olwig (2014) e Poeze e Mazzucato (2014) defendem que o modelo de maternidade baseado na proximidade física entre mães e filhos não se aplica à realidade das famílias transnacionais em diferentes países. Isto porque as normas familiares e de organização do cuidado diferem segundo a cultura de cada povo. Como exemplo, têm-se as famílias cuja organização do cuidado se estende entre vários membros, em uma rede de apoio e solidariedade onde nem sempre a mãe biológica exerce com exclusividade o papel de principal cuidadora. Logo, apesar de essa noção de maternidade ser amplamente difundida, ela não é universal (Poeze e Mazzucato, 2014).

Como vimos anteriormente, o fenômeno da divisão internacional do trabalho reprodutivo, descrito por Parreñas (2015), e também conhecido como cadeias globais de cuidado, visibiliza a transferência do trabalho de cuidado das mulheres dos países do Sul para os países do Norte Global, de modo que aquelas pessoas localizadas no final dessa cadeia, ou seja, os filhos das mulheres migrantes que permanecem em seus países de origem, são quem “pagam o preço” por esse processo ao serem privados do cuidado e da presença física de suas mães.

De acordo com Olwig (2014), a perspectiva das cadeias globais de cuidado mostra-se problemática para as mulheres migrantes que trabalham como cuidadoras na medida em que adota noções fixas e universalizantes das relações familiares, onde é a mãe biológica quem cuida de seus filhos.

Como sugere o termo 'cadeia global de cuidado', o deslocamento da prestação de cuidados desafia o 'ideal de mães biológicas que criam seus próprios filhos', porque torna difícil para as mulheres migrantes, que deixaram seus filhos

biológicos sob cuidados de outros, manterem sua posição como mães nas famílias deixadas para trás (Olwig, 2014, p. 157).<sup>37</sup>

No entanto, os estudos sobre a feminização das migrações evoluíram para análises mais profundas acerca da constituição das famílias transnacionais, que transcendem os ideais da família tradicional nuclear e do modelo biologizante de maternidade, ressaltando, por outro lado, a importância das normas familiares e dos valores culturais presentes em diferentes sociedades. Nesse contexto, autoras como Olwig (2014) – em sua pesquisa sobre as famílias transnacionais de mulheres migrantes no Caribe – e Poeze e Mazzucato (2014) – em sua pesquisa sobre as crianças de famílias transnacionais em Gana, na África – trazem outros pontos de vista acerca da constituição das famílias transnacionais a partir da sociedade de origem, utilizando a perspectiva da circulação do cuidado.

A lente da circulação do cuidado amplia as trajetórias dessas trocas diádicas para considerar toda a rede de relações em torno da qual o cuidado flui. Essa perspectiva mais ampla evita o risco inerente ao foco em relacionamentos um-para-um, que tende a ignorar o ‘contexto estrutural social dentro do qual os laços diádicos operam’ (Baldassar e Merla, 2014, p. 22).<sup>38</sup>

Segundo Poeze e Mazzucato (2014), existe nas sociedades ocidentais uma crença de que a intimidade entre pais/mães e filhos/as depende de sua proximidade física, e que a separação entre ambos atrapalha o desenvolvimento saudável da criança. Não obstante, observa-se a existência de outras noções mais flexíveis e inclusivas que aceitam que a responsabilidade pela criação das/os filhas/os não se restrinja aos pais biológicos e se estenda para o resto do grupo familiar. Logo, a aceitação social da separação física entre mães e filhos influencia no modo como estes percebem os arranjos transnacionais de cuidado dos quais fazem parte (Poeze e Mazzucato, 2014).

Partindo da perspectiva da sociedade de origem, Olwig (2014) realiza uma etnografia na Ilha de Nevis, no Caribe, sobre as práticas e significados das relações de cuidado no contexto migratório, e observa que o fluxo de cuidado nestas famílias é circular e não

---

<sup>37</sup> As the term ‘global care chain’ suggests, the displacement of caregiving challenges the prevalent ‘ideal of biological mothers raising their own children’ because it makes it difficult for migrant women, who have left their biological children in the care of others, to maintain their position as mothers in the families left behind. (Tradução livre).

<sup>38</sup> The care circulation lens broadens out the trajectories of these dyadic exchanges to consider the entire network of relationships around which care flows. This broader perspective avoids the risk inherent in a focus on one-to-one relationships, which tend to ignore the ‘social structural context within which dyadic ties operate’. (Tradução livre).

unidirecional, associando-se à mobilidade física de seus membros no decorrer de suas vidas. Nesta região, entre as mulheres das classes mais baixas, “prevalecem extensas redes de relações de parentesco, ligadas a papéis de gênero flexíveis e fortes tradições de mobilidade física” (Olwig, 2014, p. 157)<sup>39</sup>.

Trata-se de uma concepção de família baseada no amor entre seus membros – expressado em forma de ajuda em momentos de necessidade, por exemplo, mediante o empréstimo de dinheiro, doação de alimentos ou suporte emocional –, e caracterizada pela abertura e elasticidade, o que permite ajustes e substituições entre seus membros diante de situações de mudanças. Nesse sentido, apesar de estarem presentes as práticas de dar e receber cuidados nestas relações familiares, estas não estão ligadas a nenhuma posição genealógica particular (Olwig, 2014).

Nesta perspectiva, Poeze e Mazzucato (2014) observam que fatores e normas culturais sobre a maternidade e a paternidade, assim como a qualidade da relação da criança com seus pais antes da migração, resultam no tipo de expectativas que esta tem sobre o cuidado. Tais expectativas, por sua vez, somadas a fatores situacionais – tais como as políticas migratórias, o status socioeconômico dos pais e a relação entre mãe e cuidador/a – influenciam, portanto, nas experiências dos filhos como membros de famílias transnacionais.

A segunda vertente dos estudos sobre os filhos *left-behind* diz respeito ao estudo de Parreñas (2005), em que a autora investiga a constituição do gênero na formação de lares migrantes transnacionais nas Filipinas. Parreñas (2005) observa que nesse país prevalece a ideologia patriarcal como dominante, que estabelece a divisão sexual do trabalho segundo a qual a mulher pertence à esfera doméstica e se encarrega do cuidado dos filhos, enquanto o homem trabalha fora e atua como o principal provedor do grupo familiar.

Nas entrevistas realizadas com os filhos de pais e mães migrantes que ficaram nas Filipinas, Parreñas (2005) verifica que o gênero orienta o modo como estes entendem as decisões de migrar de seus pais e mães – sendo estas sempre motivadas por razões econômicas –, assim como também influencia no modo como eles entendem tais razões econômicas. Logo, é mais comum que os filhos de pais migrantes digam que eles migraram para prover para a família ou em busca de progressão na carreira, enquanto que os filhos de

---

<sup>39</sup> [...] extensive networks of kin relations, tied to flexible gender roles and strong traditions of physical mobility, prevail. (Tradução livre).

mães migrantes dizem que estas migraram para escapar da pobreza ou em razão da ausência de oportunidades no mercado de trabalho.

Apesar de reconhecer a motivação econômica da migração de suas mães, eles também afirmam que tais motivações só aconteceram por força de circunstâncias excepcionais, como para escaparem da pobreza ou pelo fato de serem mães solteiras. Segundo Parreñas (2005), isto revela que os filhos só aceitam ver a mãe como a principal provedora diante da ausência de um provedor masculino na família.

As diferenças na construção narrativa sobre as causas da migração entre homens (que saem para prover) e mulheres (que saem para escapar) nos dizem que as fronteiras de gênero do ganha-pão determinam tanto a formação de famílias transnacionais quanto preparam o cenário para as relações intergeracionais nas famílias transnacionais (Parreñas, 2005, p. 95).<sup>40</sup>

Nesse sentido, para os/as filhos/as, quando os pais migram, eles estão desempenhando seu papel de provedores, enquanto no caso das mães, sua migração representa o rompimento dos limites de gênero que estabelecem que seu lugar primordial é em casa, cuidando de seus filhos. Diante disso, Parreñas (2005) observa a existência de um “paradoxo de gênero” nas famílias transnacionais filipinas, segundo o qual a migração acarreta tanto um rompimento com os limites de gênero, quanto o seu reforço.

Em primeiro lugar, as mulheres migrantes rompem esses limites ao aumentar seu poder econômico em relação aos homens, e ao situar-se longe da esfera doméstica do lar. No entanto, o reforço dos limites de gênero também se faz presente na medida em que as migrantes continuam realizando trabalhos de reprodução e de cuidado nos países de destino; e na medida em que suas famílias que permanecem nas Filipinas se organizam de modo que:

[...] os pais minimizam o trabalho doméstico; as mães migrantes mantêm a responsabilidade de cuidar de seus filhos; as filhas mais velhas e parentes alargados do sexo feminino suportam o peso do trabalho doméstico deixado para trás pelas mães migrantes; e, finalmente, parentes estendidos impõem pressão social às famílias para que sigam as convenções de gênero. Esse processo de reforço de gênero contradiz a reconstituição de gênero iniciada pela migração das mulheres (Parreñas, 2005, p. 151).<sup>41</sup>

---

<sup>40</sup> The differences in the narrative construction regarding the causes of migration between men (who leave to provide) and women (who leave to escape) tell us that gender boundaries of breadwinning both determine the formation of transnational households and set the stage for intergenerational relations in transnational families. (Tradução livre).

<sup>41</sup> [...] fathers minimize their household work; migrant mothers maintain responsibility for nurturing their children; eldest daughters and female extended kin bear the brunt of household work left behind by migrant mothers; and finally extended kin impose social pressure on families to follow gender conventions. This



Os/as filhos/as de mães migrantes relatam enfrentar problemas de perda de intimidade, sentimentos de abandono e a mercantilização de seus vínculos. Parreñas (2005) defende, portanto, que tais problemas devem ser interpretados à luz das condições sociais em que se produzem, como é o caso do “paradoxo de gênero” explicado anteriormente.

Para a autora, o gênero e seus limites agravam os problemas e as dificuldades emocionais dos filhos de mulheres migrantes, uma vez que estes baseiam seus padrões de cuidado em parâmetros de gênero. Ao terem como ideal de família o modelo nuclear, com uma mãe que fica em casa e um pai provedor, torna-se quase impossível para a mãe migrante responder às expectativas de cuidados dos filhos. Nesse sentido, algumas mudanças sociais, tais como o trabalho do pai em casa e a maior aceitação da sociedade de modelos de família não nucleares, podem facilitar a aceitação ideológica da maternidade transnacional.

Os filhos de mães migrantes expressam maiores problemas em relação à vida familiar transnacional do que os filhos de pais migrantes. Ouvindo partes de minhas entrevistas com os filhos de mães migrantes, poderíamos facilmente supor que eles não receberam nenhum cuidado. De várias maneiras, eles falam sobre a inadequação do cuidado em suas famílias. Crianças cujas mães não apenas enviam uma remessa mensal, mas também ligam uma vez por semana, alegam que foram “abandonadas”. As crianças cujas tias as ajudam com os deveres de casa quase todas as noites alegam que receberam tutela inadequada (Parreñas, 2005, p. 196).<sup>42</sup>

Do mesmo modo, os/as filhos/as de mães migrantes que ficaram sob os cuidados do pai sentem que não têm suas necessidades emocionais preenchidas, pois continuam sentindo falta de suas mães. Por outro lado, as mulheres são capazes de assumir a responsabilidade socialmente prescrita do cuidado do lar e dos/as filhos/as e, além disso, o papel de provedoras que é associado aos homens. Assim, quando as mulheres migram, elas se tornam as provedoras de sua família e os filhos continuam esperando que elas também lhes proporcionem o cuidado emocional. De modo contrário, os/as filhos/as não apresentam a mesma expectativa em relação aos pais (Parreñas, 2015). Isto ocorre porque as crianças

---

process of gender reinforcement contradicts the gender reconstitution initiated by women’s migration. (Tradução livre).

<sup>42</sup> The children of migrant mothers express greater problems regarding their transnational family life than the children of migrant fathers do. Hearing parts of my interviews with the children of migrant mothers, one could easily have assumed that they have received no care at all. In various ways, they talk about the inadequacy of care in their families. Children whose mothers not only send a monthly remittance but also call once a week claim that they have been “abandoned.” Children whose aunts help them with their homework almost every night allege that they received inadequate guardianship. (Tradução livre).

frequentemente consideram a divisão do trabalho – onde as mães cuidam e proveem estabilidade emocional, e os pais disciplinam e proveem estabilidade financeira – como algo naturalizado (Parreñas, 2005).

A autora explica que, quando a emigração nas Filipinas era composta majoritariamente por homens, durante os anos 1970 e 1980, não se questionava a organização familiar daqueles que ficavam, por não haver uma alteração na divisão do trabalho entre os sexos. Não obstante, diante do aumento da migração feminina a partir de meados dos anos 1980, os lares transnacionais passam a ser vistos como problemáticos ou desestruturados diante da ausência da mãe.

As crianças reconhecem os ganhos materiais que a separação proporciona. [...] Porém, ao contrário de suas mães, estão menos convencidas de que a segurança material que suas famílias alcançaram aliviou os custos emocionais da separação. (Parreñas, 2015, p. 99).<sup>43</sup>

A autora lista três tipos de cuidados esperados para garantir a reprodução de uma família, o cuidado moral, emocional e material, de modo que as normas de gênero impõem expectativas diferentes para homens e mulheres proverem estes cuidados. Neste contexto, os filhos tendem a conceber o dinheiro e a família como coisas incompatíveis, de modo que, para eles, suas mães deveriam escolher entre um e outro, ou seja, entre migrar e estar com a família.

Observa-se, assim, a existência de alguns conflitos onde os filhos discordam de que os bens materiais sejam formas suficientes de demonstrar amor; não acreditam que suas mães reconheçam os sacrifícios que eles/elas fazem para manter unidas suas famílias; apesar de valorizarem seus esforços comunicacionais e de afeto, eles ainda questionam tais esforços (Parreñas, 2015).

No âmbito da terceira e última vertente, tem-se o estudo de Castañeda e Buck (2011), que analisa as famílias que ficaram para trás no México no contexto da migração para os Estados Unidos, e que descreve a realidade por trás das remessas como um cenário de “crianças sem pais/mães e comunidades sem mão de obra local” (Castañeda; Buck, 2011, p. 87)<sup>44</sup>.

---

<sup>43</sup> Children recognize material gains separation provides. [...] However, in contrast to their mothers, they are less convinced that the material security that their families have achieved has alleviated the emotional costs of separation. (Tradução livre).

<sup>44</sup> [...] parentless children and communities without a local labor force. (Tradução livre).

Para desenhar sua pesquisa acerca dos impactos psicológicos dos filhos que ficaram no México, Castañeda e Buck (2011) se apoiam na teoria do trauma advindo da migração, de Grinberg e Grinberg (1984) e, principalmente, na Teoria do Apego – ou *attachment theory* – de John Bolby<sup>45</sup>, que será discutida mais adiante.

A partir da teoria do trauma da migração, Castañeda e Buck (2011) explicam que as/os migrantes enfrentam uma série de dificuldades em seu processo migratório e de adaptação, que podem ser experienciadas como trauma caso tais situações constituam um *shock* para sua psique, correndo um alto risco de virem a sofrer de depressão, ansiedade, doenças psicossomáticas, vícios, dentre outros problemas. Diante disto, as/os migrantes teriam, assim, menos recursos emocionais para exercerem sua parentalidade à distância, em razão dos traumas por eles vivenciados (Castañeda; Buck, 2011).

O fenômeno da migração pode desencadear diferentes tipos de angústias no sujeito que emigra: angústias de separação, angústias do superego por lealdades e valores, angústias de perseguição diante do novo e desconhecido, angústias depressivas que dão origem ao luto por objetos deixados para trás e pelas partes perdidas do eu, e ansiedades confusas devido à falha em discriminar entre o velho e o novo. Essas ansiedades, juntamente com os mecanismos de defesa e os sintomas que podem causar, fazem parte da “psicopatologia da migração”; o curso a seguir dependerá da capacidade do indivíduo para lidar com essas ansiedades, os sentimentos de ser desenraizado e os sentimentos de perda (Grinberg; Grinberg, 1984, p. 13).<sup>46</sup>

León Grinberg e Rebeca Grinberg, ambos psicanalistas, analisaram o fenômeno da migração a partir da perspectiva da psicanálise, descrevendo o que seriam as reações normais e patológicas à migração. Os autores afirmam que o processo de desenvolvimento de uma pessoa pode ser visto, metaforicamente, como uma série de migrações onde ocorre o afastamento do indivíduo de seus primeiros objetos.

Assim como outros psicanalistas, Grinberg e Grinberg – por sua vez, também influenciados por John Bowlby – depositam na mãe a responsabilidade pelo resultado bem-sucedido desse processo, de modo que “se a capacidade de suporte da mãe for boa, a criança

---

<sup>45</sup> Presente em: Bowlby, John. *A Secure Base: Parent-child Attachment and Healthy Human Development*. New York: Basic Books, 1988.

<sup>46</sup> The phenomenon of migration can trigger different types of anxieties in the subject who emigrates: *separation anxiety*, *superego anxieties* over loyalties and values, *persecutory anxieties* when confronted with the new and unknown, *depressive anxieties* which give rise to mourning for objects left behind and for the lost parts of the self, and *confusional anxieties* because of failure to discriminate between the old and the new. These anxieties, together with defensive mechanisms and the symptoms they may cause, form a part of the “psychopathology of migration”; the course it takes will depend on the individual’s capacity for working through these anxieties, the feelings of being uprooted, and the feelings of loss. (Tradução livre).

poderá realizar as diferentes ‘migrações’ de desenvolvimento e até mesmo migrações reais, se ocorrerem, sem transtornos posteriores” (Grinberg; Grinberg, 1984, p. 15).

De acordo com sua teoria, o evento migratório reativaria na pessoa migrante o sentimento de desamparo similar àquele experimentado na infância e que advém da experiência da perda do objeto. Logo, caso a pessoa tenha passado por situações importantes de privação e de separação durante sua infância, o risco de enfrentar uma desintegração e dissolução do ego são maiores em sua vida adulta. A experiência de perda do objeto a que se referem os autores diz respeito à situação edipiana descrita, primeiramente, pelo psicanalista Sigmund Freud.

Nesse sentido, segundo Grinberg e Grinberg (1984), a criança que se sentiu excluída pelos pais na situação edipiana e que conseguiu lidar com seus sentimentos de ciúme, frustração e ódio conseguirá se sentir só e, portanto, quando adulta, conseguirá lidar com as experiências próprias da migração referentes à mudança e perda; capacidade para estar só; e capacidade para esperar, o que lhe garantirá sucesso em seu processo de integração à nova sociedade.

Dentre os diversos tipos de ansiedades descritas pelos autores, destaca-se a ansiedade de confusão, cuja explicação se dá mediante uma analogia entre a situação edipiana – representada pelos pais – e a migração, onde o indivíduo se vê entre seu país de origem e o de destino.

A ansiedade de confusão surge pela dificuldade em diferenciar os sentimentos direcionados aos dois pontos primordiais de interesses e conflitos: o país e as pessoas deixadas para trás e o ambiente recém-descoberto. Por vezes, a migração pode fazer reviver a situação edipiana triangular em relação aos dois países, como se representassem simbolicamente os dois pais, evocando ambivalência e conflito de lealdades (Grinberg; Grinberg, 1984, p. 25).<sup>47</sup>

Em se tratando de uma pesquisa realizada no contexto da migração mexicana para os Estados Unidos, caracterizada por dificuldades, violências, deportações, etc., ou seja, pela insegurança resultante de sua política de criminalização da migração, cabe indagar se o trauma relatado por estes autores estaria relacionado menos ao evento migratório em si e mais às circunstâncias em que ele ocorre. O trauma, tanto dos migrantes quanto dos filhos

---

<sup>47</sup> Confusional anxiety arises because of difficulty in differentiating feelings directed at the two primordial points of interests and conflicts: the country and people left behind and the newfound environment. Sometimes migration can cause the triangular oedipal situation to be relived with respect to the two countries, as if they symbolically represented the two parents, evoking ambivalence and conflict of loyalties. (Tradução livre).

*left-behind*, pode estar relacionado ao tipo de tratamento dado aos migrantes e suas famílias que tentam entrar nos Estados Unidos e à impossibilidade do retorno, dificuldades estas citadas pelos autores. Nesse sentido, o tempo de separação, assim como as dificuldades enfrentadas no processo migratório, podem variar segundo o contexto em que ocorrem, levando os sentimentos das pessoas envolvidas nesse processo a variarem também em grau de intensidade.

Se, por um lado, Castañeda e Buck (2011) lançam mão da teoria do trauma vivenciado pelos pais migrantes, relacionando-a com a qualidade de sua relação com os filhos, por outro, os autores afirmam que “as crianças muitas vezes sentem que, de alguma forma, é culpa delas que seus pais tenham ido embora e podem se recusar a aceitar explicações alternativas sobre a migração” (Castañeda; Buck, 2011, p. 90).<sup>48</sup> Tais argumentos constituem exemplos de como, nas análises acerca deste tema, confluem fatores e expectativas de ambos os lados da relação analisada, ou seja, tanto dos pais quanto dos filhos, nem sempre sendo possível estabelecer uma divisão precisa do alcance de cada um.

De maneira fugaz, os autores mencionam a existência de outras culturas onde é comum o modelo de cuidado trigeracional, assim como as redes de cuidado de parentesco estendido, o que, segundo eles, no entanto, não invalida a teoria do apego, que defende que “se um ou mais cuidadores primários deixar a criança, isto amiúde lhe afetará negativamente” (Castañeda; Buck, 2011, p. 90).<sup>49</sup> Os impactos negativos que a separação traz para o desenvolvimento da criança, segundo a teoria do apego, aplicados ao contexto da migração, se manifestam da seguinte forma:

As crianças choram por seus pais perdidos e também pelo sentimento perdido de si mesmas que as acompanha, que está incorporado nos pais e em seu relacionamento com eles, mas que ainda não está incorporado em si mesmas como uma parte independente de sua identidade (Castañeda; Buck, 2011, p. 90)<sup>50</sup>

Nesse sentido, apesar de reconhecerem os esforços das pessoas migrantes e o poder das remessas para as famílias que ficam em seu país de origem, estes autores defendem “que

---

<sup>48</sup> Children often feel as if somehow it is their fault that their parents left and may refuse to accept alternative explanations of the migration. (Tradução livre).

<sup>49</sup> [...] if one or more of the primary caretakers leaves the child, this often will negatively affect children. (Tradução livre).

<sup>50</sup> Children mourn for their lost parents, and also for the accompanying lost sense of themselves that is embodied in the parents and in their relationship with them but is not yet incorporated into the children as an independent part of their identity. (Tradução livre).

ser um bom pai/mãe à distância pode ainda não ser suficiente para compensar totalmente a sua ausência física” (Castañeda; Buck, 2011, p. 89).

No que diz respeito à teoria do apego, desenvolvida por John Bolby (1907 – 1990), ela postula que o desenvolvimento saudável da criança depende da presença de pais sensíveis e responsáveis, fazendo apelo específico à figura da mãe ao afirmar que as separações duradouras entre esta e a criança durante seus primeiros três anos de vida imprimem marcas em sua personalidade, de modo que as crianças se tornariam, assim, retraídas e isoladas (Castañeda; Buck, 2011).

[...] a Teoria do Apego se baseia na premissa de que os seres humanos, assim como outros animais, apresentam uma inclinação natural para construir vínculos afetivos que, ao longo do tempo, podem se tornar insubstituíveis. E isso se explica pelo fato de que, por virem ao mundo em uma condição de extrema vulnerabilidade fisiológica, os bebês humanos dependem de alguém que lhes forneça os cuidados essenciais para garantir sua sobrevivência (Gomes; Melchiori, 2011, p. 11).

O psiquiatra e psicanalista inglês, John Bowlby, é fortemente influenciado pela etologia, de modo que ele se apoia, fundamentalmente, em estudos com filhotes de macacos para afirmar que os comportamentos de busca de proximidade como estratégia de sobrevivência que caracterizam o apego fazem parte do processo de seleção natural. Ele desenvolve sua teoria no período pós Segunda Guerra Mundial (1939 – 1945), a partir de observações acerca do sofrimento das crianças e das consequências negativas para o seu desenvolvimento que resultavam de separação de seus pais para serem cuidadas por outras pessoas em lugares desconhecidos durante a guerra (Gomes; Melchiori, 2011).

Em 1953, Bowlby elabora um relatório para a Organização Mundial da Saúde acerca da condição psicológica das crianças separadas de suas famílias. Os resultados são publicados em *Maternal Care and Mental Health* (1976), que chega ao Brasil com o título “Cuidados maternos e saúde mental”, onde o autor

[...] enfatiza os efeitos da carência de cuidados maternos na gênese posterior de relações afetivas superficiais, destacando problemas como inacessibilidade ao outro, déficits cognitivos, além de delinquência sem motivo aparente (Gomes; Melchiori, 2011).

Partindo destas considerações, observa-se que a pesquisa de Castañeda e Buck (2011), ao se utilizar da teoria do apego de John Bowlby para explicar o sofrimento psíquico dos filhos *left-behind*, mobiliza esse modelo biologizante de maternidade que pressupõe a

proximidade física entre mães e filhos, ao dizer que tal separação traz consequências negativas para o desenvolvimento das crianças.

Como explica Contratto (2002), a teoria do apego não só contribui para a culpabilização das mães, mas também afasta da discussão outros fatores que influenciam no desenvolvimento das crianças, tais como os debates políticos sobre cuidados infantis; a participação das mulheres na força de trabalho; os ciclos de pobreza, dentre outros. Como consequência, tem-se uma crença de que se as mães, e quase nunca os pais, fizessem bem o seu trabalho, o mundo seria mais feliz e saudável.

Para finalizar, a teoria do apego encontra-se inserida no contexto da classe média ocidental, de modo que aplicá-la a outros países ou culturas que diferem do modelo em questão mostra-se “não só culturalmente insensível, mas também antiético por impor os padrões de um grupo sobre o que constitui saúde emocional e bem-estar em outro grupo” (Contratto, 2002, p. 32).<sup>51</sup>

A migração de mulheres, sem dúvida, traz impactos na organização do cuidado de seus filhos que ficam para trás, sobretudo nas sociedades em que a mãe é considerada a principal cuidadora. No entanto, parte do sofrimento que estes experimentam em relação à separação está ligado a noções de famílias nucleares, uma vez que nas famílias que adotam práticas de parentalidade extensa ou de circulação de cuidados “reconhece-se que os sentimentos de perda podem ser amenizados quando outros membros femininos da família atuam como cuidadoras principais” (Poeze e Mazzucato, 2014, p. 174)<sup>52</sup>.

Conforme explica Parreñas (2005; 2015), não se trata de negar a dor da separação que os filhos experimentam, mas de reconhecer que a ideologia patriarcal dominante influencia fortemente as expectativas que os filhos têm sobre suas mães e sobre o tipo de cuidado que devem receber, o que contribui para a intensificação desse sofrimento. Do mesmo modo que também contribui para que as mães migrantes se sintam mais culpadas em comparação aos pais migrantes.

Neste capítulo, eu apresentei alguns dos trabalhos que mais se destacam na literatura sobre os/as filhos/as deixados para trás e que trabalham com diferentes tipos de abordagens, sendo elas a da circulação de cuidados, discutida por Olwig (2014) e Poeze e Mazzucato

---

<sup>51</sup> [...] not only culturally insensitive but also unethical to impose one group's standards of what constitutes emotional health and well-being on another group. (Tradução livre).

<sup>52</sup> [...] it is acknowledged that feelings of loss can be alleviated when other female members of the family serve as the main caregiver. (Tradução livre).

(2014); a dos limites de gênero, de Parreñas (2005); e a da psicanálise, presente em Castañeda e Buck (2011).

Observa-se que uma análise das famílias transnacionais a partir das perspectivas das/os filhas/os de mulheres migrantes deve reconhecer a importância da não universalização do modelo de família nuclear ocidental, nem do modelo biologizante de maternidade, assim como deve reconhecer a influência que os limites de gênero exercem sobre as expectativas que os/as filhos/as têm de suas mães.

Partindo destas considerações, a seguir, nos capítulos empíricos da tese, ao analisar as experiências vividas e narradas pelos/as filhos/as de mulheres migrantes brasileiras, observa-se que parte da teoria da circulação do cuidado se confirma, uma vez que nem sempre são as mães as principais cuidadoras desde o nascimento ou antes da migração e, sim, as avós maternas; não obstante, a outra parte que afirma que isso traria menos impactos advindos da separação entre mães e filhos/as não se confirma, uma vez que todos/as os/as filhos/as participantes desta pesquisa relataram algum tipo de impacto que a migração de suas mães provocou em suas vidas, assim como a necessidade de tempo para conseguir processar e/ou superar isso.

Mais adiante, veremos, também, como as desigualdades de gênero presentes em nossa sociedade patriarcal fazem com que os pais não se responsabilizem pelo cuidado dos/as filhos/as e, quando o fazem, o cuidado não possui a mesma qualidade que aquele exercido pelas mães, contribuindo para que estas sejam vistas pelos filhos/as como as principais cuidadoras e, conseqüentemente, sejam objeto de suas expectativas de cuidado. Através da migração, muitas destas expectativas dos/as filhos/as para com suas mães são quebradas, provocando-lhes sofrimento e/ou sentimento de abandono diante do novo modelo de maternidade que se dá à distância.

A análise das entrevistas nos revela que há, de fato, uma circulação do cuidado entre as famílias transnacionais participantes, tanto antes como após a migração, assim como, também, existem impactos emocionais e uma mudança na organização do cuidado provocados pela migração das mães; e que as desigualdades de gênero presentes na sociedade, conforme explica Parreñas (2005), e não os fatores biologizantes da maternidade, presentes na teoria de Castañeda e Buck (2011), são os responsáveis pelo sofrimento advindo da separação entre mães e filhos/as.



Os estereótipos de gênero que prescrevem o tipo de maternidade e de cuidadora ideal influenciam no modo como os/as filhos/as e mães se sentem após a separação física e ao longo do processo migratório, mesmo com a presença de práticas transnacionais, conforme veremos nos capítulos seguintes.

Nesse sentido, defendo a tese de que a migração de mulheres brasileiras que são mães para a Espanha produz impactos na organização do cuidado de seus filhos/as que ficam no Brasil e, também, em suas vidas, de modo que a maioria desses filhos/as deixados durante sua infância e adolescência sofreram fortemente com os impactos dessa separação. Os/as filhos/as que ficam no Brasil perdem sua principal referência de cuidado e de afeto, o que lhes provoca sentimentos de ansiedade, abandono e insegurança, conforme relatado pelos/as participantes nas entrevistas.

### **3 – TRABALHO DE CAMPO E ASPECTOS METODOLÓGICOS**

Neste capítulo, apresento a metodologia utilizada na pesquisa e os caminhos que percorri durante o trabalho de campo. Primeiramente, explico como se deu a escolha dos/as participantes e o recorte geográfico da pesquisa. Em seguida, apresento as características da pesquisa multissituada e sua importância para os estudos migratórios no contexto da globalização. E, por último, elucido a escolha pela metodologia qualitativa e pela realização de entrevistas biográficas, considerando-a a que melhor atende aos objetivos desta pesquisa.

#### **3.1 Perfil dos/as participantes**

Para levar a cabo esta pesquisa, eu escolhi a metodologia qualitativa para analisar as implicações que a migração traz para a vida das pessoas, tanto daquelas que migram, como das que permanecem no país de origem, ao se tratar de uma experiência que é muitas vezes ‘fragmentada e indescritível’, sendo esta metodologia capaz de apreender melhor suas complexidades (De Tona, 2006).

Para atingir os objetivos da pesquisa, realizei entrevistas em profundidade com enfoque biográfico pessoalmente e na modalidade online – em razão da pandemia de Covid-19 – com filhos e filhas cujas mães brasileiras migraram para a Espanha a partir da década de 1990, tendo como requisito o fato destes/as filhos/as terem ficado no Brasil no momento de sua migração. Tendo essa vivência em comum como ponto de partida, eu encontrei filhos/as em idade adulta que moram atualmente no Brasil, na Espanha e, em alguns casos, em outros países.

Comecei o trabalho de campo na cidade de Goiânia, por ser a cidade onde eu moro e onde também moram alguns participantes que eu já conhecia. A escolha se deu também em razão de Goiás ser o estado brasileiro que mais enviou a migrantes para a Espanha, em sua maioria, mulheres, de acordo com os dados do censo de 2010. Desde o ponto de vista da sociedade de destino, Goiás também aparece como “um dos estados da federação que conta com um maior número de imigrantes registrados nos consulados gerais de Barcelona e Madrid” (Solé; Cavalcanti; Rubio, 2011, p. 108). Assim, mediante a técnica da bola de neve, eu comecei a encontrar filhos/as de mulheres migrantes nascidos/as em diversas cidades do estado de Goiás.

A técnica da bola de neve consiste em encontrar algum ou alguns participantes iniciais e pedir para que estes indiquem mais pessoas que se encaixem no perfil do estudo, o que funcionou no caso de muitos filhos/as que indicaram também seus irmãos, irmãs, mães e amigos/as<sup>53</sup>. Não obstante, nem todas as pessoas contactadas responderam ao convite para participar da pesquisa. Desse modo, quando a técnica da bola de neve deixou de dar resultados, entrei em contato com grupos de migrantes brasileiros/as na Espanha, no site da rede social Facebook, onde divulguei a chamada da pesquisa e pude ampliar o número de participantes. Também divulguei a chamada da pesquisa em outras redes sociais, como o Instagram e o WhatsApp, onde consegui mais participantes através da indicação de amigos/as de Goiânia.

Além das entrevistas em profundidade, também realizei uma pesquisa documental nos bancos de dados sobre migrações na Espanha, presente nos dois primeiros capítulos da tese.

O trabalho de campo realizou-se entre os anos de 2021 e 2023. Durante a sua realização, eu fui selecionada para fazer um intercâmbio pelo programa Capes Print com duração de seis meses na cidade de Barcelona, entre setembro de 2022 e fevereiro de 2023, o que me possibilitou expandir o campo para incluir a participação de mais filhos/as, de algumas mães que se encontram na Espanha e que deixaram seus filhos no Brasil, assim como de algumas associações que trabalham com pessoas migrantes na cidade de Barcelona. Conforme vimos no capítulo 1, Catalunha é a comunidade autônoma com maior número de brasileiros na Espanha, dos quais a maioria é mulher.

Ao chegar nesta cidade, conheci o grupo de Mulheres Brasileiras Contra o Fascismo, do qual uma integrante me adicionou em seu grupo de WhatsApp, onde pude divulgar a chamada da pesquisa e, assim, entrevistar duas mães brasileiras e a representante da associação Casa da Gente.

Nesse sentido, trata-se de uma pesquisa multissituada, isto é, realizada tanto na sociedade de origem como na de destino, na qual entrevistei 14 filhos/as, sendo que 8 se encontravam no Brasil, 5 se encontravam na Espanha e 1 na Inglaterra no momento da entrevista; entrevistei 7 mães, sendo que 2 delas se encontravam no Brasil, 4 na Espanha e 1 na Escócia no momento da entrevista; e, por último, entrevistei 2 mulheres representantes

---

<sup>53</sup> Para preservar a identidade de todos/as os/as participantes, eu usei nomes fictícios.

de 2 associações que trabalham com pessoas migrantes na cidade de Barcelona, sendo uma delas brasileira e a outra espanhola.

O perfil dos/as filhos/as entrevistados, presente na Tabela 5, varia entre: I) os/as filhos/as que ficaram no Brasil no momento da migração de suas mães e continuam morando no país; II) aqueles/as que foram para a Espanha encontrar suas mães e voltaram para o Brasil; III) aqueles/as que foram para a Espanha encontrar suas mães e não voltaram para o Brasil; e, por último, IV) os/as filhos/as que se encontram no Brasil e cujas mães também retornaram.

Ao todo, foram entrevistados quatorze filhos/as de mulheres migrantes, sendo que onze são mulheres e três são homens, cujas idades variam entre os 23 e os 38 anos. Observa-se que, à época da migração, a maioria eram crianças e adolescentes com idades entre 2 e 16 anos, e uma adulta de 26 anos; suas mães migraram entre os anos 1998 e 2010; antes da migração, a maioria dos/as filhos/as morava com as mães em lares compostos também pelas avós; a maioria dos/as filhos/as ficou sob os cuidados de suas avós maternas no Brasil; e a maioria teve pais ausentes, sendo estes desconhecidos ou conhecidos, mas que não participaram de seu cuidado.

Investiguei acerca de como era a organização familiar antes da migração e observei que quatro participantes moravam somente com a mãe antes da migração; três deles moravam com ambos os pais e irmãos; três moravam com a mãe e a avó; três moravam com a avó materna e um participante morava com o pai. Sobre a localização atual das mães dos/as participantes, observei que doze mulheres continuam morando fora do Brasil, incluindo outros países além da Espanha, e duas moram no Brasil, vide Tabela 5.

No que diz respeito à origem dos/as filhos/as, todos são naturais de diversos municípios do estado de Goiás e, no momento da entrevista, eles/as se encontravam morando tanto no Brasil como na Espanha.

Tabela 5 – Perfil dos/as filhos/as entrevistados/as - 2023

Participante	Idade à época da entrevista	Idade à época da migração da mãe	Cidade natal	Cidade onde morava à época da entrevista	Ano em que a mãe migrou pela primeira vez	Cuidador/a antes da migração	Cuidador/a após a migração	Presença do pai	Cidade da mãe no momento da entrevista
1 – Adriana	23	11	Minaçu – GO	Goiânia – Brasil	2008	Mãe e pai	Pai	Presente	Madri - Espanha
2 – Alex	33	16	Goiânia - GO	Goiânia – Brasil	2005	Tia e mãe	Avó materna	Ausente	Lisboa - Portugal
3 – Beatriz	26	7	Goiânia - GO	Goiânia - Brasil	2003	Mãe	Pai e madrasta	Presente durante a migração	Goiânia - Brasil
4 – Bruna	27	8	Jataí - GO	Florianópolis - Brasil	2001	Mãe, avó materna e tias	Avó e tias	Ausente	Bilbao - Espanha
5 – Carla	28	7	Uruaçu – GO	Uruaçu - Brasil	2001	Avó materna	Avó materna	Ausente	Madri - Espanha
6 – Carol	25	5	Iporá – GO	Londres - Inglaterra	2002	Mãe e avó materna	Avó materna	Presente sem morar juntos	Gijón - Espanha
7 – Cristina	26	9	Anápolis – GO	Anápolis - Brasil	2004	Mãe e pai	Avó materna e tios	Presente antes da separação	Cangas de Narcea - Espanha
8 – Elis	28	4	Minaçu – GO	Gijón - Espanha	1998	Mãe, avó materna e tios	Avó materna e tios	Ausente	Gijón - Espanha
9 – Luís	31	11	Uruaçu – GO	Goiânia - Brasil	2004	Mãe e avós	Avós maternos e tia	Ausente	Uruaçu - Brasil
10 – Júlia	24	6	Anápolis – GO	Gijón - Espanha	2004	Mãe e pai	Avó materna e tios	Presente até a separação	Gijón - Espanha
11 – Laura	38	26	Barreiras - BA	Barcelona - Espanha	2010	Mãe	Ninguém	Ausente	Barcelona - Espanha
12 – Pablo	31	12	Nazário – GO	Madri - Espanha	2006	Pai	Pai	Presente	Madri - Espanha
13 – Maite	24	2	Goiânia – GO	Goiânia - Brasil	2002	Avó e bisavó	Tia avó	Ausente	Edimburgo - Escócia
14 – Sara	23	6	Goiânia – GO	Gijón – Espanha	2001	Mãe	Avós e tios	Ausente	Gijón - Espanha

Fonte: elaboração própria a partir dos dados coletados nas entrevistas – 2023.

Apesar da presente pesquisa ter como foco a percepção dos/as filhos/as acerca da maternidade transnacional, considere importante incluir também as experiências de algumas

mães que migraram para a Espanha de modo a enriquecer a compreensão deste fenômeno. A princípio, tentei obter a participação das mães de todos/as os/as filhos/as participantes, mas isso não foi possível em razão da não obtenção de respostas ou da recusa a participar. Nesse sentido, abrimos a participação para outras mães cujos filhos/as não foram entrevistados. Ao todo, foram entrevistadas, portanto, sete mulheres, sendo que quatro delas são mães de outros/as participantes.

No que diz respeito ao perfil das mães entrevistadas, elas tinham entre 42 e 53 anos no momento da entrevista; migraram para a Espanha entre 1997 e 2018; são naturais dos estados de Goiás, São Paulo e Rio de Janeiro; e a maioria se encontrava morando na Espanha no momento da entrevista, vide Tabela 6.

Tabela 6 – Perfil das mães entrevistadas - 2023

Participante	Idade à época da entrevista	Ano em que migrou pela primeira vez	Cidade natal	Cidade onde morava à época da entrevista	Número de filhos/as	Profissão à época da entrevista	Tempo que morou/mora na Espanha
1 – Briana	51	1997	Goiânia – GO	Goiânia - Brasil	4	Corretora de imóveis	11 anos
2 – Fernanda	42	2018	Rio de Janeiro - Brasil	Barcelona - Espanha	2	Guia turística	6 anos
3 – Inês	43	2018	São Paulo - Brasil	Barcelona - Espanha	2	Guia turística	6 anos
4 – Mônica	44	2008	Minaçu - Brasil	Madri - Espanha	2	Vendedora	15 anos
5 – Paula	42	2002	Goiânia – Brasil	Edimburgo - Escócia	3	Supervisora de limpeza	14 anos
6 – Sol	53	2006	Nazário - Brasil	Madri - Espanha	2	Auxiliar de enfermagem	18 anos
7 – Susan	47	2004	Anápolis – GO	Cangas de Narcea - Espanha	4	Trabalhadora doméstica/cuidadora	20 anos

Fonte: elaboração própria a partir dos dados coletados nas entrevistas – 2023.

Também entrei em contato com diversas associações e organizações que prestam assistência às mulheres migrantes em Barcelona, procurando saber quais são as principais demandas e dificuldades enfrentadas pelas mães brasileiras que migram para a Espanha, tanto no caso daquelas que levam seus filhos, como no caso daquelas que não levam; assim como para averiguar onde essas mulheres procuram ajuda quando a necessitam; e, por último, para investigar o que as associações fazem para ajudá-las.

Nesse sentido, obtivemos resposta de duas associações com as quais realizei as entrevistas com suas representantes, sendo elas a Associação Casa da Gente, criada e composta por mulheres migrantes brasileiras que moram em Barcelona; e Cáritas, uma organização humanitária da Igreja Católica que ajuda pessoas em situação de pobreza e necessidade.

O restante das associações que entrei em contato, tais como a Asociación Mujeres Migrantes Diversas e a Asociación de Orientación Mujeres Migrantes en Catalunya, não responderam; já a associação Madrecitas respondeu ao convite, mas se recusou a participar em razão da delicadeza das causas que defende, relacionadas à retirada da guarda dos filhos das mulheres migrantes pelo Estado espanhol.

### **3.2 A pesquisa multissituada**

Dentre os efeitos da globalização nas sociedades contemporâneas, tem-se o aumento da mobilidade humana e de sua circularidade diante do desenvolvimento das novas tecnologias de transporte e de informação, o que altera a dinâmica das migrações. Neste cenário, uma leitura das migrações como apenas o deslocamento de um lugar para outro torna-se insuficiente, visto “que não revela as negociações, os espaços sociais e os sujeitos envolvidos na mobilidade entre esses dois pontos” (Vettorassi; Dias, 2017, p. 14).

Diante dos novos desafios metodológicos, surge no campo da antropologia a etnografia multissituada ou multilocal, difundida por George Emmanuel Marcus em seu artigo “*Ethnography in/of the World System: the emergence of multi-sited ethonography*” (1995). Trata-se de uma estratégia de pesquisa que se diferencia dos modelos etnográficos convencionais ao mover-se para além de um único lugar e de uma situação local, “para examinar a circulação de significados culturais, objetos e identidades em espaço-tempo difuso” (Marcus, 1995, p. 96).<sup>54</sup>

Segundo este autor, após a Segunda Guerra Mundial ocorre uma mudança nos regimes internacionais da economia política que torna as narrativas referentes aos macromodelos anteriores do sistema mundial capitalista insuficientes para descrever os novos arranjos do mundo, dentre eles o pós-fordismo, o fim do capitalismo organizado e,

---

<sup>54</sup> [...] to examine the circulation of cultural meanings, objects, and identities in diffuse time-space. (Tradução livre).

mais recentemente, a globalização e o transnacionalismo. Marcus (1995) destaca a importância de algumas contribuições teóricas da época para a construção da etnografia multissituada, tais como as concepções de Immanuel Wallerstein sobre o sistema-mundo; de Arjun Appadurai, sobre a modernidade e a globalização; e de David Harvey, sobre a compressão do espaço-tempo.

Para Marcus (1995), o trabalho de Appadurai (2001) contribui para o campo de estudos das migrações por ser capaz de explicar a construção de identidades em uma perspectiva global-local. Appadurai (2001) concebe a modernidade como um processo de ruptura com a sociedade tradicional, onde os meios de comunicação e as migrações, assim como suas inter-relações, ocupam um lugar central. Ambos os fenômenos afetam o trabalho de imaginação dos sujeitos – concebido como um elemento constitutivo principal da subjetividade moderna, que diz respeito à capacidade dos sujeitos de atuar e de ser agentes – ao oferecer novos recursos e elementos para a construção da imagem de si e do mundo.

Segundo Appadurai (2001), os meios de comunicação diversificaram-se rapidamente durante as últimas décadas, dando lugar ao cinema, à televisão, aos telefones celulares, computadores, etc. A velocidade com que mudam de formato e inserem-se no cotidiano de um número cada vez maior de pessoas afeta, conseqüentemente, na construção de suas subjetividades e formas de compreender o mundo à nossa volta, agora a partir de uma perspectiva global. Neste sentido, o autor sustenta que o cruzamento da velocidade dos fluxos de imagens, de scripts e sensações, postos em movimento pelos meios de comunicações e pelas migrações em massa, é responsável pela instalação de uma nova ordem de instabilidade na produção de subjetividades.

Neste caso, as imagens, scripts, modelos e narrações (tanto reais como fictícios) que provêm dos meios de comunicação em massa, são os que estabelecem a diferença entre a migração na atualidade e no passado. Aqueles que vão embora, aqueles que já o fizeram, aqueles que desejam voltar, assim como também, por último, aqueles escolhem ficar, raras vezes formulam seus planos fora da esfera do rádio ou da televisão, dos vídeos cassetes, da imprensa escrita o do telefone. Para os emigrantes, tanto a política de adaptação aos seus novos meios sociais como o estímulo para ficar ou para voltar são profundamente afetados por um imaginário sustentado pelos meios de comunicação em massa, que com frequência transcende o território nacional (Appadurai, 2001, p. 22).<sup>55</sup>

---

<sup>55</sup> En este caso, las imágenes, guiones, modelos y narraciones (tanto reales como ficticios) que provienen de los medios masivos de comunicación son lo que establece la diferencia entre la migración en la actualidad y en el pasado. Aquellos que quieren irse, aquellos que ya lo han hecho, aquellos que desean volver, así como también, por último, aquellos que escogen quedarse, rara vez formulan sus planes fuera de la esfera de la radio o la televisión, los cassetes o los videos, la prensa escrita o el teléfono. Para los emigrantes, tanto la política de



Os indivíduos têm, assim, a possibilidade de construir suas subjetividades a partir de referências desterritorializadas e globais, de estabelecer vínculos através da distância ou de optar pela mobilidade a partir de imagens e ideais que lhes chegam do exterior. Nesse sentido, a etnografia multissituada surge diante de objetos de estudos cada vez mais complexos, em um cenário onde o local e o global encontram-se agora interconectados.

A pesquisa multissituada é projetada em torno de cadeias, caminhos, fios, conjunções ou justaposições de locais em que o etnógrafo estabelece alguma forma de presença física literal, com uma lógica explícita e postulada de associação ou conexão entre locais que de fato define o argumento da etnografia (Marcus, 1995, p. 105).<sup>56</sup>

Ao tratar de objetos de estudo que não podem ser completamente capturados a partir da investigação de um único lugar, a etnografia multissituada contribui, portanto, com ferramentas para o estudo de “populações móveis e estabelecidas, situadas através de fronteiras, em exílio e em diásporas” (Marcus, 1995, p. 104). Em um mundo onde tanto pessoas, imagens e ideias encontram-se em constante deslocamento, tratar das migrações internacionais a partir de uma metodologia limitada às fronteiras de um estado-nação não capturaria a essência destes processos que ocorrem, com uma frequência crescente, entre duas ou mais sociedades. Nesse sentido, “os estudos migratórios são, talvez, o gênero contemporâneo mais comum deste modo básico de etnografia multissituada” (Marcus, 1995, p. 106).

Partindo destas considerações, eu optei por realizar uma pesquisa multissituada que se diferencia da proposta de Marcus (1995) ao não realizar uma etnografia, e sim entrevistas semiestruturadas, por estar interessada em capturar as narrativas dos/as participantes adultos/as sobre como a maioria deles/as vivenciou a separação física de suas mães durante sua infância e adolescência no Brasil.

Nesse sentido, realizar o trabalho de campo no Brasil, especificamente na cidade de Goiânia, e na Espanha, na cidade de Barcelona, me permitiu ter acesso a uma maior diversidade de perfis de participantes, tanto dos/as filhos/as, como das mães e,

---

la adaptación a sus nuevos medios sociales como el estímulo a quedarse o volver son profundamente afectados por un imaginario sostenido por los medios masivos de comunicación, que con frecuencia trasciende el territorio nacional. (Tradução livre).

<sup>56</sup> Multi-sited research is designed around chains, paths, threads, conjunctions, or juxtapositions of locations in which the ethnographer establishes some form of literal, physical presence, with an explicit, posited logic of association or connection among sites that in fact defines the argument of the ethnography. (Tradução livre).

principalmente, poder entrar em contato com algumas associações que trabalham com migrantes em Barcelona, visando ter um terceiro ponto de vista sobre a questão estudada. A pesquisa multissituada me permitiu conhecer tanto a realidade dos/as filhos/as que continuavam sem suas mães no Brasil, como daqueles/as que migraram para a Espanha para encontrar suas mães, proporcionando, assim, uma visão mais completa do fenômeno estudado.

### 3.3 Metodologia qualitativa e a técnica da entrevista biográfica

As primeiras pesquisas na área das migrações a utilizarem a metodologia qualitativa surgem no século XX na Escola de Chicago, nos Estados Unidos. Nesse contexto, o trabalho de William Isaac Thomas e Florian Znaniecki, “*The Polish Peasant In Europe And America*”, publicado pela primeira vez em 1918 e que explora a vida dos/as migrantes poloneses em sua sociedade de origem e de destino, foi o primeiro a utilizar-se de material biográfico como fonte de dados em uma pesquisa sociológica. Seu trabalho inaugurou uma tradição de pesquisa empírica na Escola de Chicago a partir de 1920, tendo sido sistematizado como ‘o método biográfico’ durante a década de 1930.

O método biográfico tem origem, portanto, na sociologia e seu objetivo “é permitir ao indivíduo relatar como ele ou ela vivenciou determinados processos de história de vida e sua própria história de vida” (Apitzsch; Siouti, 2007, p. 8).<sup>57</sup>

O uso deste método popularizou-se na Escola de Chicago, sobretudo na realização de pesquisas sociológicas sobre o desvio, que se interessavam em descrever o funcionamento e a estrutura social de grupos que viviam às margens da sociedade e nos subúrbios da cidade, ou seja, de “minorias marcadas por vidas precarizadas”, como era o caso dos imigrantes (Vettorassi; Dias, 2017). Desse modo, além da metodologia quantitativa, a Escola de Chicago adotou também a metodologia qualitativa que lhes permitia recorrer a documentos pessoais, como cartas e diários, como fonte de pesquisa (Boni; Quaresma, 2005).

A diferença entre qualitativo-quantitativo é de natureza. Enquanto cientistas sociais que trabalham com estatística apreendem dos fenômenos apenas a região "visível, ecológica, morfológica e concreta", a abordagem qualitativa aprofunda-se no mundo dos significados das ações e relações humanas, um lado não

---

<sup>57</sup> [...] the objective of the biographical narrative interview is to allow the individual to relate how he or she has experienced certain life history processes and his or her own life history. (Tradução livre).

perceptível e não captável em equações, médias e estatísticas. O conjunto de dados quantitativos e qualitativos, porém, não se opõem. Ao contrário, se complementam, pois a realidade abrangida por eles interage dinamicamente, excluindo qualquer dicotomia (Minayo, 2002, p. 22).

O debate teórico sobre o conceito de biografia surge no contexto de desenvolvimento da sociedade moderna, de modo que “desde a década de 1990, a pesquisa biográfica tem sido baseada na aceitação de que a biografia é uma construção social” (Apitzsch; Siouti, 2007, p. 5). Isto porque, “o foco da análise biográfica não é apenas a reconstrução da intencionalidade, que é representada como o curso de vida de um indivíduo, mas o enraizamento do relato biográfico nas macroestruturas sociais” (Apitzsch; Siouti, 2007, p. 7).

Segundo Apitzsch e Siouti (2007), as pesquisas sobre gênero, sobretudo aquelas voltadas para a análise das migrações em geral e das migrações transnacionais, estão entre as que mais se utilizam deste método. No caso das migrações transnacionais, as entrevistas biográficas podem ser consideradas como um componente principal para entender e reconstruir tal fenômeno na atualidade, na medida em que lida com as experiências de vida passadas e presentes dos indivíduos, funcionando em uma lógica reconstrutiva de suas biografias. Trata-se de uma estratégia metodológica complexa que condiz com a natureza interdisciplinar dos estudos migratórios (Apitzsch; Siouti, 2007).

A entrevista biográfica é uma ferramenta valiosa para a produção de dados sobre o fenômeno da migração por ser capaz de trazer elementos que passam despercebidos tanto para os sujeitos pesquisados quanto para nós pesquisadores/as, assim como de desenvolver novos conceitos baseados na pesquisa empírica. A entrevista também nos permite acessar a experiência vivida pelos agentes sociais a partir de sua própria perspectiva, legitimando assim as interpretações e significados que os próprios agentes conferem às suas práticas (Maciel; Almeida, 2018).

Os métodos qualitativos podem ser extremamente úteis no exame da interação social, práticas dos atores, perspectivas, significados e restrições e oportunidades sociais, contribuindo significativamente para teorizar e investigar empiricamente os mecanismos de profundidade que produzem certas relações entre capital social/rede, experiências de imigrantes e processos dentro de contextos socioculturais específicos (Iosifides, 2011, p. 27).<sup>58</sup>

---

<sup>58</sup> Qualitative methods may prove extremely helpful in examining social interaction, actors' practices, perspectives, meanings and societal constraints and opportunities thus, contributing significantly to theorising and empirically investigating the depth mechanisms that produce certain relations between social

Bourdieu (2006) tece críticas ao método biográfico ao considerá-lo uma criação artificial, por se tratar de uma narrativa construída no momento da entrevista. Para este autor, a história elaborada pelo indivíduo não é, necessariamente, um relato exato e preciso de todos os acontecimentos de sua vida, mas sim um relato que é construído a partir daqueles elementos, lembranças e experiências que lhe parecem significativos e que aparecem, portanto, dotados de uma coerência. Por esta razão, Bourdieu (2006) defende que os indivíduos se encontram inseridos em um campo social, de modo que suas trajetórias só fazem sentido quando interpretadas sob a luz desse campo social.

Segundo Apitzsch e Siouti (2007) a biografia trabalha como uma síntese da estrutura e da individualidade, constituindo a capacidade dos indivíduos de reinterpretarem continuamente sua vida nos contextos nos quais eles a experienciam.

Desse modo, a biografia é concebida como uma 'criação/construção social', que 'constitui tanto a realidade social quanto os mundos de conhecimento e experiência dos sujeitos, e que é constantemente afirmada e transformada dentro da relação dialética entre conhecimento de história de vida e experiências, e padrões apresentados pela sociedade' (Apitzsch; Siouti, 2007, p. 5).<sup>59</sup>

Para estes autores, este método interessa-se, principalmente, em como as pessoas produzem uma biografia em diferentes contextos culturais e situações sociais. Eles trazem o conceito de '*biographicity*', que funciona como uma síntese entre estrutura e individualidade. Em outras palavras, significa a capacidade dos indivíduos de reinterpretar continuamente sua vida nos contextos em que a vivenciam.

São inúmeras as possibilidades proporcionadas pela história oral, dentre elas o dimensionamento de uma temporalidade múltipla e que não é linear. O passado e o presente se relacionam através das experiências sensoriais dos entrevistados e entrevistadores. E, nesse contexto, as técnicas podem ser variadas: relatos orais, histórias de vida e, até mesmo, a análise de fotos (Vettorassi; Dias, 2017, p. 16).

A história de vida permite à pessoa entrevistada narrar acontecimentos, evocar sua experiência, seus sentimentos, suas emoções de maneira concreta, falar sobre seu universo

---

capital/networking, immigrant experiences and processes within specific socio-cultural contexts. (Tradução livre).

<sup>59</sup> In this way biography is conceived as a 'social creation/construction', which 'constitutes both social reality and the subjects' worlds of knowledge and experience, and which is constantly affirmed and transformed within the dialectical relationship between life history knowledge and experiences and patterns presented by society'. (Tradução livre).

social e enviar uma mensagem aos outros (Enriquez, 2002). A pessoa que narra o faz a partir de uma lembrança e reconstrução do passado, trazendo para perto de si aquele acontecimento que está longe e, nesse sentido, “comporta-se como aquele que olha velhas fotografias que o representem [...] e diz a si mesmo: sou eu este rosto, esta aparência, esta ação que realizei naquele momento” (Enriquez, 2002, p. 37).

Segundo este autor, a história de vida possibilita ao sujeito reconstruir-se, dar forma a conteúdos que constituem acontecimentos sem nexos, trabalhar com sentimentos fugitivos; dar um sentido (um rumo) aos pensamentos, às ações anteriores; preparar-se para e projetar-se no futuro; possibilita-lhe

[...] contar aos outros o que ele é, suas dívidas, suas esperanças, seus remorsos, suas inibições e suas afirmações, sua tristeza, seu sofrimento; lançar uma mensagem (como uma garrafa no mar) a seus semelhantes, apesar de toda dificuldade que supõe comunicar uma experiência profundamente arraigada (Enriquez, 2002, p. 38).

O método da história de vida possui a capacidade de fazer com que o indivíduo se desprenda de si por um momento, saindo de uma lógica egocêntrica, e perceba até que ponto ele faz parte da história de vida coletiva da qual ele participa o tempo todo, isto é, a história que diz respeito à sua família, região, classe, etnia, nação, etc. O indivíduo consegue assim tomar consciência de que “aquilo de mais particular que lhe sucede, o mais secreto, pode ser tão parecido ao que lhes sucede aos outros; compreender este entrelaçamento de sua história individual e da história coletiva e tratar de transformá-la” (Enriquez, 2002, p. 38).

A partir da história de vida é possível restituir a vida coletiva dentro das vidas individuais e, nesse sentido, evidenciar como a ação do sujeito não ocorre de maneira solitária ou isolada, mas que tal indivíduo se encontra frente a uma dinâmica social. Somente assim, é possível compreender que as rupturas e sofrimentos que nos atravessam inscrevem-se em uma historicidade. Se o indivíduo é uma reapropriação singular do universal e histórico que o marca, é possível conhecer o social a partir de estudos biográficos, pois estes não serão apenas narrações de experiências vividas, mas micro relações sociais (Carretero; Mattar, 2005).

Uma das implicações do reconhecimento dessa historicidade é que, a partir disso, o sujeito adquire a possibilidade de analisar o passado para compreender os conflitos do presente e, desse modo, ser capaz de projetar o futuro. Trata-se do reconhecimento de que o indivíduo

é portador de historicidade, isto é, da capacidade de intervir em sua própria história, função que o posiciona como sujeito em um movimento dialético entre o que ele é e o que ele se torna: o indivíduo é produto de uma história na qual ele busca se tornar sujeito (Gaulejac, 2014, p. 24).

Considerando que esta pesquisa foi feita com filhos/as adultos/as acerca de um acontecimento que a maioria deles/as vivenciou durante sua infância e adolescência, cabe ressaltar aqui alguns pontos importantes sobre o tema da memória como campo de estudos. De acordo com Halbwachs (2004), a memória individual se apoia nos quadros sociais da memória coletiva, de modo que os indivíduos sempre constroem suas memórias a partir de sua inserção em grupos como, por exemplo, a família.

Uma cena específica que ocorreu em nossa casa, na qual nossos pais eram os personagens, e que permaneceu em nossa memória, não reaparece como uma imagem de um dia, tal como a vivenciamos. Nós a compomos novamente e, para isso, trazemos elementos coletados de períodos anteriores e posteriores a ela. A noção que temos naquele momento da natureza moral de nossos pais e do evento em si, julgado à distância, impõe-se com demasiada força nas nossas mentes como para que não nos inspirássemos (Halbwachs, 2004, p. 183).<sup>60</sup>

Para Halbwachs (2004), a memória possui um caráter social, pois ela existe em relação a pessoas, momentos, palavras e ideias. A memória individual configura-se a partir de uma memória coletiva que, segundo o autor, estaria demarcada pelo tempo e o espaço, ambos entendidos como construções sociais. Logo, “só podemos lembrar se encontrarmos, nos quadros da memória coletiva, o lugar dos acontecimentos que nos interesse” (Halbwachs, 2004, p. 323).<sup>61</sup>

Halbwachs (1990) distingue a memória interior ou pessoal da memória exterior ou social que, por sua vez, também se referem à memória autobiográfica e à memória histórica, de modo que a primeira se apoia na segunda, uma vez que a história de nossa vida está contida na história em geral.

No caso dos/as filhos/as que eram muito pequenos à época da migração da mãe, as lembranças que eles/as guardam desse acontecimento ou desse período de separação física

---

<sup>60</sup> Una escena determinada que se ha desarrollado en nuestra casa, en la que nuestros padres fueron los personajes, y que ha quedado marcada en nuestra memoria, no reaparece pues como el cuadro de un día, tal como lo vivimos alguna vez. Nosotros la componemos de nuevo, y para ello hacemos entrar elementos recogidos de períodos que la precedieron y que vinieron después. La noción que tenemos en ese momento de la naturaleza moral de nuestros padres, y del acontecimiento en sí mismo juzgado a distancia, se impone con demasiada fuerza en nuestra mente como para que no nos inspiráramos. (Tradução livre).

<sup>61</sup> Podemos recordar solamente con la condición de encontrar, en los marcos de la memoria colectiva, el lugar de los acontecimientos pasados que nos interese. (Tradução livre).

da mãe estão construídas, muitas vezes, com elementos fornecidos pelos seus cuidadores mais próximos. Os/as filhos/as construíram, dessa maneira, a memória de suas mães a partir da memória coletiva referente ao grupo social mais próximo em que estavam inseridos, ou seja, sua família.

Para este autor, o ato de lembrar-se está diretamente relacionado com o presente, pois o momento em que nos encontramos influencia quais aspectos serão resgatados ou ignorados para a construção de nossa memória, desafiando, portanto, a ideia do passado como um tempo estático ou imutável, conforme explica na seguinte passagem:

Em realidade, nunca a imagem de um falecido se imobiliza. À medida que recuamos no passado, muda, porque algumas impressões se apagam e outras se sobressaem, segundo o ponto de vista de onde a encaramos, isto é, segundo as condições novas onde ela se encontra quando nos voltamos para ela (Halbwachs, 1990, p. 74).

Nesse sentido, ao trabalhar com a memória dos/as filhos/as nas entrevistas, sabemos que “não é o fato histórico, ou a chamada verdade histórica, que interessa, mas a versão das situações, as impressões, as imprecisões” (Mariano, 2020, p. 221). Isto porque, como afirma Halbwachs (1990), o momento que ficou no passado será recuperado pelo/a entrevistado/a a partir do momento presente em que se encontra, influenciando assim na reconstrução dessa lembrança. “Pois um acontecimento vivido é finito, ou pelo menos encerrado na esfera do vivido, ao passo que o acontecimento lembrado é sem limites, porque é apenas uma chave para tudo o que veio antes e depois” (Benjamin, 1994, p. 37).

Nesse sentido, Thompson (1992), ao abordar a questão da subjetividade dos informantes, afirma que não importa se o que o informante se lembra é diferente da experiência original, pois “o que o informante acredita é, na verdade, um fato (isto é, o fato de que ele acredita nisso) tanto quanto o que ‘realmente aconteceu’” (Thompson, p. 183, 1992).

Conforme aponta Tonhati (2019), a abordagem biográfica ajuda a compreender a constituição e reconstituição dos vínculos de uma família transnacional e o sentido de familiaridade, pois pode capturar as práticas familiares desenvolvidas na história de migração de um indivíduo e suas modificações ao longo do tempo.

No que diz respeito ao modo de condução das entrevistas, Apitzsch e Siouti (2007) descrevem a figura do entrevistador como um ouvinte interessado e simpático, e dividem o processo da entrevista em duas partes. Na primeira, espera-se que a pessoa entrevistada

construa sua narrativa de forma espontânea, sem nenhuma interrupção por parte do/a entrevistador/a, que somente realiza perguntas na segunda parte da entrevista, quando a pessoa entrevistada finalizar a sua narrativa. Estas perguntas versam, primeiramente, sobre tópicos que já foram mencionados pela pessoa entrevistada, de modo que somente no final da entrevista ou em um segundo encontro o/a entrevistador/a pode perguntar sobre os assuntos que ainda não foram tratados.

Sendo esta uma pesquisa feminista, uma de suas características metodológicas diz respeito à reflexividade, que “consiste principalmente em questionar a noção de pesquisa objetiva, neutra e independente de valores, optando por explicar a subjetividade” (Chantler; Burns, 2015, p. 111). Trata-se de reconhecer que os ideais de neutralidade e de objetividade científica defendidos pelo positivismo, que se baseiam no distanciamento do/a pesquisador/a de seu objeto de pesquisa, são, na verdade, uma ilusão. Desse modo, a crítica feminista defende que o conhecimento é sempre situado diante do ‘sistema-mundo’ em que vivemos, onde “ninguém escapa às hierarquias de classe, sexuais, de gênero, espirituais, linguísticas, geográficas e raciais” (Santos, 2009, p. 386).

Nesse sentido, Harding (1996) explica que os pressupostos de neutralidade e objetividade, conforme concebidos pelo positivismo, são aplicados para as demais áreas do conhecimento como consequência da adoção da física como paradigma da ciência. No caso das ciências sociais, por exemplo, o uso dos mesmos torna-se inadequado devido à natureza diferenciada de nossos objetos de pesquisa. Assim, no lugar de estender o paradigma da física para as demais ciências, deveríamos, pelo contrário, adotar uma ciência social crítica e reflexiva como modelo para todas as ciências, considerando que todo conhecimento é socialmente construído (Harding, 1996).

No modelo tradicional de racionalidade, a mente humana estaria livre de fatores de classe e outros, como religião, raça e gênero, ignorando que “homens e mulheres, são historicamente corporificados, pessoas concretas cuja perspectiva é uma consequência daquilo que são” (Farganis, 1997, 225). O problema de a atividade científica estar baseada neste tipo de racionalidade é que a ciência passa a servir a projetos sexistas, racistas, homofóbicos e classistas.

Parte da abordagem qualitativa envolve a reflexão em torno do papel do pesquisador na construção do conhecimento. Metodologias qualitativas nos permitem questionar como o ponto de vista do pesquisador influencia: acesso ao



"campo"; a relação do pesquisador com os participantes da pesquisa; e o processo de interpretação e análise de dados (De Tona, 2006, p. 2).<sup>62</sup>

A entrevista biográfica me permitiu, portanto, acessar as memórias dos participantes acerca de um acontecimento – a migração de suas mães – que marcou suas vidas de alguma maneira. Ao contar essa história – em alguns casos pela primeira vez – os/as filhos/as se colocaram como protagonistas e narradores de uma experiência que se originou a partir da decisão de migrar de suas mães, mas que produziu consequências diretas para eles/as aqui no Brasil.

No que diz respeito à questão da reflexividade, característica das pesquisas feministas, pude observar que o fato de ter vivenciado uma experiência de separação dos meus pais em razão de sua migração para a Espanha – similar, portanto, às experiências dos/as participantes – contribuiu para que os/as entrevistados tivessem uma maior confiança para se abrir e contar suas histórias de vida, facilitando assim a realização das entrevistas.

Também percebi que o compartilhamento de outras características minhas com os/as filhos/as participantes, tais como a faixa etária, círculo de amigos em comum na cidade de Goiânia, área de formação acadêmica e, até mesmo, a homossexualidade, contribuiu positivamente para sua aceitação em realizar as entrevistas.

Nesse sentido, o próximo capítulo, que abre a série de capítulos empíricos da tese, começa a analisar os dados obtidos nas entrevistas, com foco em suas lembranças acerca do momento da partida de suas mães e nas mudanças ocorridas em sua organização familiar no Brasil, com o objetivo de responder às questões sobre os impactos que a migração das mães teve na vida dos/as filhos/as.

---

<sup>62</sup> Part of the qualitative approach involves reflection around the role of the researcher in the construction of knowledge. Qualitative methodologies allow us to question how the researcher's standpoint influences: access to the "field"; the relation of the researcher to the research participants; and, the process of interpretation and data analysis. (Tradução livre).

## CAPÍTULO 4 – REORGANIZAÇÃO DO CUIDADO E DA ESTRUTURA FAMILIAR SOB UMA PERSPECTIVA GERACIONAL E DE GÊNERO

Diversos estudos ao redor do mundo com famílias transnacionais evidenciam que, diante da migração de ambos ou de um dos genitores, seus filhos e filhas que permanecem no país de origem ficam, na maioria das vezes, sob os cuidados de suas avós maternas. Em segundo lugar, eles/as ficam sob os cuidados de outros membros da família, como seus pais – caso sejam presentes –, suas tias e irmãs mais velhas (Hondagneu-Sotelo e Avila, 1997; Erel, 2002; Parreñas, 2005; Dreby, 2006; Settles *et al.*, 2009; Mazzucato e Schans, 2011; Ariza, 2014; Olwig, 2014).

Hondagneu-Sotelo e Avila (1997), em seu estudo sobre as trabalhadoras domésticas e cuidadoras migrantes do México e da América Central na cidade de Los Angeles, observaram que as mães deixam seus filhos, por ordem de frequência, com as avós, comadres, outras mulheres ou membros da família, com seus pais e, por último, com uma cuidadora paga.

A confiança nas avós e nas comadres para a maternidade compartilhada está bem estabelecida na cultura latina, e é uma prática que significa uma abordagem mais coletivista e compartilhada da maternidade, em contraste com uma abordagem mais individualista, anglo-americana. Talvez esse legado cultural facilite o surgimento da maternidade transnacional. [...] As mães transnacionais expressam uma forte preferência por sua própria mãe biológica como cuidadora principal. Aqui, a violação da preferência cultural pela mãe biológica é reativada pela confiança na avó biológica ou pela confiança nas comadres vinculadas por cerimônias (Hondagneu-Sotelo e Avila, 1997, p. 559).<sup>63</sup>

Como defendem estas autoras, a maternidade é uma experiência não só generificada, mas, também, racializada e diferenciada pela classe social, sendo que o ideal da mãe biológica como principal cuidadora de seus filhos é, ao mesmo tempo, altamente difundido e descumprido tanto entre as mães de classe média e alta – que pagam uma trabalhadora para cuidar de seus filhos –, como entre as mais pobres, que recorrem à ajuda de outras mulheres

---

<sup>63</sup> Reliance on grandmothers and comadres for shared mothering is well established in Latina culture, and it is a practice that signifies a mores collectivist, shared approach to mothering in contrast to a more individualistic, Anglo-American approach. Perhaps this cultural legacy facilitates the emergence of transnational motherhood. [...] Transnational mothers express a strong preference for their own biological mother to serve as the primary caregiver. Here, the violation of the cultural preference for the biological mother is rehabilitated by the reliance on the biological grandmother or bay reliance on the ceremonially bound comadres. (Tradução livre).

de sua família ou de seu círculo de confiança para cuidarem de seus filhos enquanto elas trabalham (Hondagneu-Sotelo e Avila, 1997).

Em outra pesquisa conduzida com pais e mães migrantes mexicanos na cidade de New Jersey, Dreby (2006) investigou como eles se comportam em relação à separação física de seus filhos que ficaram no México, e constatou que, tanto seu padrão migratório como sua resposta emocional diferem como resultado das configurações de gênero presentes na sociedade mexicana, onde, por um lado, tem-se o papel maternal da mulher sacralizado e, por outro, o papel do pai ligado à provisão financeira (Dreby, 2006).

Os relacionamentos dos pais com seus filhos estão diretamente relacionados à sua capacidade de cumprir honrosamente o papel de provedor econômico da família. Quando os pais são bem-sucedidos economicamente como migrantes, eles tendem a manter relacionamentos estáveis e regulares com os filhos no México, independentemente do estado civil. Por outro lado, embora as mães mexicanas migrem para trabalhar como os pais, seu relacionamento com os filhos no exterior depende de sua capacidade de demonstrar intimidade emocional à distância. (Dreby, 2006, p. 56).<sup>64</sup>

A autora também observou que os pais e mães migrantes deixam seus filhos, na maioria das vezes, com suas avós maternas, evidenciando sua preferência por elas como cuidadoras substitutas.

Nessa mesma linha de pesquisa, no âmbito da feminização das migrações, Parreñas (2010) realizou um estudo nas Filipinas com membros de famílias transnacionais de pais, mães e de ambos os genitores migrantes, para analisar as mudanças nas configurações de gênero dessas famílias. A autora observou, por um lado, que as mulheres migrantes rompem com a regra de gênero presente na sociedade filipina ao saírem para trabalhar fora do lar, assim como rompem com a concepção tradicional de família nuclear e da maternidade baseada na proximidade física da mãe; e, por outro lado, diante da migração da mãe, os pais que permanecem no país de origem se recusam a realizar o trabalho doméstico e de cuidados, de modo que outras mulheres – filhas mais velhas, avós e tias – o assumem.

Nesse sentido, a migração das mães filipinas não supõe uma reorganização da divisão de gênero do trabalho dentro do lar na sociedade de origem (Parreñas, 2010).

---

<sup>64</sup> Father's relationships with their children are directly related to their ability to honorably fulfill the role of economic provider for the family. When fathers are successful economically as migrants, they tend to maintain stable and regular relationships with children in Mexico, regardless of marital status. In contrast, even though Mexican mothers migrate to work like fathers, their relationship with children once abroad depend on their ability to demonstrate emotional intimacy from a distance. (Tradução livre).

O trabalho de cuidado dos parentes extensos do sexo feminino é exemplificado nas referências linguísticas das crianças a elas como "mães". As avós e as tias eram frequentemente chamadas de "mãe" pelas crianças sob seus cuidados. Ao se referirem aos parentes extensos do sexo feminino como "mães", as crianças reconhecem o extenso trabalho de cuidado prestado por suas parentes (Parreñas, 2010, p. 1847).<sup>65</sup>

Olwig (2014), a partir de seu trabalho de campo conduzido na década de 1980 na ilha caribenha de Nevis, analisa as relações de cuidado nas famílias transnacionais caribenhas sob a perspectiva da teoria da circulação de cuidados e afirma que, no caso do Caribe – diferentemente das Filipinas, América Central e do Ocidente –, as pessoas compartilham uma ideia de família que foge do modelo nuclear, sendo mais comuns os arranjos familiares flexíveis. Como exemplo, a autora explica que os filhos de mães solo normalmente são criados na casa de suas avós, de modo que a avó ou outra mulher da família é quem se responsabiliza pelo seu cuidado enquanto a mãe biológica trabalha para garantir o sustento.

Quando as mães migram, as avós caribenhas se responsabilizam pelo cuidado dos netos que ficam, assim como também se responsabilizam pelo cuidado dos netos nascidos no estrangeiro e enviados de volta para Nevis. O envio dos filhos para a terra natal de seus pais ocorre em razão das dificuldades das mães migrantes de conciliarem longas jornadas de trabalho e o trabalho de cuidado; e, também, para que estes filhos façam companhia e ajudem os mais velhos que ficaram para trás com as tarefas do dia a dia (Olwig, 2014).

De acordo com Olwig (2014), a migração das mães é vista como positiva pela sociedade caribenha, uma vez que, ao migrar, elas estariam cumprindo com seu dever de cuidar e proporcionar uma vida melhor para a família que permanece. Resultados diferentes foram encontrados por Parreñas (2010) que constatou, mediante entrevistas realizadas com as avós e tias nas Filipinas, que as mesmas se sentem sobrecarregadas por performarem esse trabalho de cuidado em razão da pressão cultural de gênero que experimentam. É nesse sentido, portanto, que esta autora afirma que a Divisão Internacional do Trabalho Reprodutivo diz respeito a uma relação de desigualdade entre as mulheres, e não só de cooperação mútua.

Observa-se que fatores como a cultura familiar e as normas de gênero presentes no lugar estudado influenciam na visão que tal sociedade tem acerca da maternidade

---

<sup>65</sup> The care work of female extended kin is exemplified in the linguistic references by children to them as ‘mothers’. Grandmothers and aunts were often referred to as ‘mother’ by the children under their care. By referring to female extended kin as ‘mothers’, children recognize the extensive care work provided by their female relatives. (Tradução livre).

transnacional, assim como a época em que se realiza a pesquisa e as pessoas investigadas – sejam elas filhos/as e/ou mães, pais e avós – influenciam no tipo de teoria produzida, podendo dar origem a diferentes visões sobre este tema. Isto porque, a depender do país de destino e da época em que se migra, os/as migrantes laborais têm mais ou menos ganhos e, portanto, uma maior ou menor capacidade de enviar remessas e ajudar suas famílias que ficam para trás.

Conforme afirma Dreby (2006), é preciso levar em consideração a perspectiva dos/as filhos/as para poder avaliar a qualidade das relações entre genitores e filhos/as nas famílias transnacionais, sendo este um tema de pesquisa ainda pouco explorado.

Partindo dessas considerações, esta pesquisa procurou investigar as famílias transnacionais, privilegiando a perspectiva dos/as filhos/as que ficaram no Brasil. Nesse sentido, observa-se que a migração de mulheres brasileiras que são mães supõe a reorganização do cuidado de seus filhos e filhas no Brasil, onde outras pessoas assumem tal responsabilidade, sendo elas, na maioria das vezes, mulheres da mesma família.

Dos quatorze filhos/as entrevistados/as, oito ficaram sob os cuidados de suas avós maternas; três ficaram sob os cuidados do pai; uma ficou sob os cuidados da tia; uma ficou sob os cuidados de sua tia-avó e uma ficou morando com seu irmão mais novo.

No que diz respeito à organização familiar antes da migração, quatro participantes moravam somente com a mãe; três deles moravam com ambos os pais e irmãos; seis moravam com a mãe e a avó materna, e um participante morava somente com o pai.

No tocante à presença do pai em suas vidas, a maioria dos/as entrevistados/as afirmou ter crescido com pais ausentes, sendo a mãe, com ou sem a ajuda de outros familiares, a principal responsável pelo seu cuidado e sustento antes do processo migratório. Do total de quatorze pessoas entrevistadas, oito tiveram o pai ausente durante toda a sua vida; outras duas tiveram o pai presente enquanto seus pais estavam casados e, depois, ausente após a separação. Somente quatro pessoas, portanto, tiveram o pai presente durante sua infância e adolescência.

Observa-se que, nos casos de mães que tiveram seus filhos na adolescência ou muito jovens, ou que o pai não foi presente, o cuidado foi compartilhado desde sempre com suas mães ou outros familiares, de modo que a criança desde sempre morava com esta rede mais ampla de cuidadores, o que não supôs grandes mudanças estruturais após a migração da mãe.

O que não significa, por outro lado, que os/as filhos/as não sofreram com sua partida, como veremos a seguir.

Nesse sentido, para compreender o fenômeno das famílias transnacionais, é preciso levar em conta os fatores de gênero, classe, raça e nacionalidade, pois existe na sociedade um ideal de família nuclear burguesa e ocidental que não corresponde à realidade de muitas mães e famílias da classe trabalhadora que, desde sempre, compartilha o cuidado dos/as filhos/as entre outros membros da família, conforme explica a teoria da circulação do cuidado e a discussão acerca da monoparentalidade feminina apresentada a continuação.

#### **4.1 Lembranças da partida**

Os/as 14 filhos/as entrevistados/as tinham entre 2 e 26 anos no momento da migração da mãe e, no momento da entrevista, tinham entre 23 e 38 anos, o que significa que esta pesquisa trabalhou com as memórias que as pessoas adultas têm sobre um acontecimento que, na maioria dos casos, ocorreu durante sua infância e adolescência.

Uma das perguntas que fiz aos filhos/as entrevistados/as foi se eles/as guardam lembranças de quando a mãe migrou, de modo que muitos/as deles/as se lembram do dia de sua partida em concreto, indicando que se tratou de um momento marcante em suas vidas; alguns guardam na memória o momento em que receberam a notícia da migração da mãe e o modo como se sentiram ao recebê-la; já outros não se lembram do dia da partida em razão de sua pouca idade, não puderam ou não quiseram acessar essa lembrança.

Adriana, uma das participantes, nos conta o que pensou quando recebeu a notícia da migração da mãe. Ela tem 23 anos, nasceu em Minaçu, Goiás, e tinha 11 anos quando sua mãe migrou para a Itália e, posteriormente, para a Espanha. Adriana é estudante de Ciências Ambientais na UFG, é solteira, não tem filhos e tem um irmão mais velho. Seus pais se separaram, sua mãe tomou a decisão de migrar e ela ficou morando com seu pai e seu irmão mais velho em Minaçu. Ela ficou feliz com a notícia da viagem da mãe em um primeiro momento, pois pensou que também iria com ela, mas, quando chegou o momento da partida, ela entendeu que, na verdade, ficaria morando com seu pai no Brasil.

A: Quando a minha mãe viajou, eu tinha 11 anos de idade, meus pais estavam separando e eu era novinha. O dia que eu lembro que minha mãe falou que ia viajar, eu fiquei super animada, porque eu pensei, “nossa, então eu vou viajar junto com ela”, sabe, não tava entendendo muito bem a situação. E aí, quando ela me

explicou que meus pais iam se separar, eu criei um trem na cabeça de que, eu pensei, “nossa, então quer dizer que eu vou ficar um tempo com a minha mãe e um tempo com meu pai”, eu pensei nisso. Só que não foi assim, né, porque a minha guarda ficou com o meu pai, eu fiquei morando com o meu pai, e aí ela foi (Adriana, 23).

Outra participante, Beatriz, também se lembra de quando recebeu a notícia da migração de sua mãe. Beatriz tem 26 anos, nasceu em Goiânia e tinha 7 anos quando sua mãe migrou para a Espanha. Ela é pós-graduada, solteira, não tem filhos e possui uma irmã mais velha, filha de sua mãe, e outros 3 irmãos que são filhos somente de seu pai.

Antes da migração, Beatriz morava junto à sua mãe e à sua irmã, que é cinco anos mais velha. Seus pais se encontravam separados desde que ela nasceu, de modo que, após a migração, ela e sua irmã foram morar com o pai, a madrasta e seus dois irmãos mais novos no estado do Pará. Beatriz afirma não se lembrar de muitas coisas do dia de sua partida porque era muito pequena, e porque ela foi levada para morar com o pai antes da migração de sua mãe. Mas ela afirma se lembrar de que ambos os processos, tanto o de sua mudança para a casa do pai, como a partida da mãe, não foram fáceis para ela, pois, além disso, notou que os cuidados que recebeu na casa do pai não foram tão bons quanto os que recebia de sua mãe.

B: Eu não me lembro de tanta coisa de quando ela foi, mas eu lembro que não foi fácil, até porque eu tinha na época que ela foi uns seis anos, e eu nunca tinha morado com o meu pai, né, os meus pais são separados desde antes de eu nascer, praticamente, pelo menos antes de eu ter consciência de mim, e eu nunca tinha morado com ele. Eu e minha irmã saímos da casa da minha mãe, lugar que a gente tinha morado a vida toda, para ir morar no Pará com o meu pai e os meus irmãos. Lembro que foi um processo meio complexo, mas, pra uma criança era meio que "ah, a mamãe vai viajar e logo ela volta", sabe? [...] Eu não me lembro muito de quando eu recebi a notícia, como eu falei, foi um negócio meio "ah, mamãe vai viajar, e tal, você vai ficar com o seu pai um tempo". E foi isso, a gente não acompanhou esse processo, igual, de ela fazer mala e tudo, a gente já estava na casa do meu pai quando isso aconteceu. [...] Eu nunca tinha morado no Pará até então, e me afastei muito da minha avó, né, que era muito próxima da minha avó materna e tudo, então, houveram essas mudanças. Acho que o que mudou na minha vida foi isso e, claro, era bem mais difícil morar com o meu pai, a gente não tinha muito a liberdade de conversar como era com a minha mãe, de falar sobre as coisas, o cuidado, né, materno é muito diferente (Beatriz, 26).

Sua mãe voltou ao Brasil seis meses após a migração, participou de sua formatura do pré-escolar no Pará e depois voltou para a Espanha, onde permaneceu por mais dois anos.

Ao contrário de Beatriz, Bruna, a seguinte participante, se lembra do dia da partida de sua mãe com riqueza de detalhes. Ela tem 27 anos, nasceu em Jataí, Goiás, e tinha 8 anos

quando sua mãe migrou para a Espanha. Ela é médica veterinária, solteira, não tem filhos e tem dois irmãos, sendo ela a mais velha. O irmão do meio é brasileiro e a mais nova nasceu na Espanha. Atualmente, todos eles moram na Espanha, apesar de Bruna morar em Barcelona, longe de sua família que mora em Bilbao.

Segundo Bruna, sua mãe a teve durante a adolescência e, desde sempre, ela foi criada pela avó e pelas tias, de modo que, após a migração da mãe, Bruna continuou morando com a avó junto ao seu irmão mais novo, assim como junto a outros primos que sua avó também cuidava.

B: Eu lembro até no dia que ela foi. Eu sofri, eu fiquei doente quando ela foi embora. Eu fui atrás dela, porque ela esqueceu os alicates de unha, e fiquei com eles [se emociona e chora], nossa, me dá vontade de chorar contando [pausa para chorar]. Eu me despedi dela em Jataí, aí eu fui com os alicates de unha porque ela esqueceu, e eu fui até a porta e ela já tinha ido e aí eu comecei a passar mal. Esse dia eu fiquei doente mesmo, eu dei febre, eu vomitei, fiquei vomitando o dia inteiro. É muito forte pra mim lembrar disso, sabe. E aí, foi a última vez que eu morei com a minha mãe, foi até esse dia, depois disso nunca mais. Eu era muito pequena, eu era muito pequena mesmo [pausa para choro]. Esse dia foi muito difícil porque a minha avó trabalhava ainda, a minha avó não era aposentada, a minha avó é jovem. Eu lembro que foi um dos últimos anos da minha avó trabalhando, na verdade, que ela aposentou logo depois. Mas, eu lembro que esse dia ela estava trabalhando, a minha avó não pôde se despedir, mas se despediu dela cedo, e eu fiquei para trás e esse dia, não sei por que, devia ter tido escola, mas eu não lembro de ir para a escola esse dia. Esse dia eu fiquei muito mal, eu fiquei péssima, e me senti muito sozinha, abandonada. Nesse dia eu me senti abandonada, porque a minha avó não podia estar comigo, foi um dia difícil e pra mim é muito forte. Nossa, eu acho que é a primeira vez que eu falo desse dia, é muito forte lembrar dele. De tudo que eu te contei de forte, é o primeiro que me fez chorar. Foi um dia ruim, não tenho uma boa lembrança desse dia. E aí foi a última vez que eu e minha mãe ficou junta, assim. Eu lembro, também, que antes desse dia, acho que um dia antes, a gente foi tomar um sorvete juntas, e ela pegou o sorvete que ela gostava, que eu era muito gulosa né, aí ela comprou um banana split pra mim e eu comi sozinha, passei mal, e nós duas ficou rindo, a gente ficou muito junta. E, depois, no outro dia ela foi embora, isso eu lembro (Bruna, 27).

A lembrança do dia da partida de sua mãe ainda lhe provoca fortes emoções, mesmo com o decorrer dos anos, por ter sido esta uma experiência de sofrimento onde ela se sentiu sozinha e abandonada. Por outro lado, ao acessar essa lembrança já adulta, Bruna compreende que a ausência de sua avó naquele dia específico contribuiu para que ela se sentisse assim, pois nesse dia ela teve que aguentar a partida da mãe sem a sua avó materna, que era a outra pessoa mais próxima que Bruna tinha em sua vida.

Outra participante, Elis, nos conta que não teve a oportunidade de se despedir de sua mãe, pois nem mesmo sabia que ela viajaria. Elis tem 28 anos, nasceu em Minaçu, Goiás, é



formada em jornalismo, é filha única e tinha 4 anos quando a mãe migrou para a Espanha e a deixou sob os cuidados de sua avó materna. Neste caso, Elis e sua mãe moravam com a avó, de modo que após a migração não houve muitas mudanças na organização familiar.

No momento da entrevista, ela estava morando na cidade de Gijón, na Espanha. No dia em que sua mãe saiu de casa, sua avó lhe disse que ela havia ido morar na cidade de Goiânia, pois, segundo a avó, só mais tarde é que a família soube que, na verdade, sua mãe havia migrado para a Espanha.

E: A única lembrança que eu tenho dessa época foi porque, eu e a minha mãe a gente dormia no mesmo quarto, e aí eu acordei no outro dia, como eu acordava sempre, e ela não estava, tava só a minha avó na casa. E eu perguntei “cadê a minha mãe? Cadê a minha mãe?” E a minha avó falou assim, que a minha mãe tinha mudado, inclusive falou para mim que ela tinha mudado para Goiânia, que ela não tinha nem saído do país nem nada, e que ela sempre ia voltar, voltar, voltar, mas, claro, foram se passando os anos. A minha mãe voltou para visitar a gente um ano depois. Então, assim, eu lembro que na época eu era criança, eu não entendia muito as coisas, mas eu fiquei, claro, triste, né. Eu lembro que eu chorava de saudade, mas isso quando é criança, foram assim questões de semanas, logo eu já tinha como esquecido, entre aspas. [...] E aí, nessa época, uma boa parte da família, na verdade, nem sabia que ela tinha saído, eu achava na verdade que ela tinha ido morar em Goiânia, que era a capital. E, depois de uns anos só que foram descobrir que ela e umas amigas tinham vindo parar aqui na Espanha (Elis, 28).

Observa-se que, mesmo sendo muito jovem, com apenas 4 anos de idade, Elis, assim como Bruna, se lembra do dia específico em que a mãe foi embora de casa, o que indica que se tratou de um dia marcante em sua vida. Sua mãe voltou para visitá-la um ano após a migração e, desde então, ela passou a visitá-la a cada um ou dois anos, sendo que dois anos era o máximo de tempo que ela ficava na Espanha.

Mais tarde, quando Elis completou 10 anos, sua mãe começou a levá-la para passar suas férias na Espanha. No entanto, Elis sempre voltava para continuar morando com sua avó no Brasil, uma vez que sua avó era muito apegada a ela, havendo assim uma espécie de acordo por parte da mãe de não tirar a neta da avó que a havia criado durante toda a vida. Sua avó faleceu quando Elis tinha 17 anos, de modo que, aos 21 anos, ela decidiu mudar-se para a Espanha por não ter mais laços que a prendiam no Brasil.

À medida que Elis crescia, ela desenvolveu uma relação conturbada com sua mãe, em suas palavras, por não entender e não aceitar sua decisão de migrar. Sobre esta questão, Parreñas (2001) afirma que a separação geográfica entre pais/mães migrantes e seus filhos/as podem ocasionar conflitos intergeracionais, advindos de tensões emocionais da vida familiar.

As crianças também sofrem com os custos emocionais da distância geográfica, com sentimentos de solidão, insegurança e vulnerabilidade. Elas também anseiam por maior intimidade com seus pais migrantes. [...] Negada a intimidade das interações diárias, as crianças lutam para entender os motivos por trás da decisão da mãe de criá-las à distância. Infelizmente, elas não necessariamente o fazem com sucesso (Parreñas, 2001, p. 375).<sup>66</sup>

Segundo esta autora, a presença de outros familiares, como as avós, que cuidam dos/as filhos/as deixados para trás, é fundamental para que eles/as possam elaborar ou compreender o processo migratório da mãe. No entanto, observa-se que mesmo que a mãe envie remessas, presentes, mantenha uma comunicação frequente, realize visitas e os/as filhos/as cresçam com a presença de outros familiares, tudo isso pode não ser suficiente para que eles/as tenham suas necessidades de cuidado emocional preenchidas, o que se confirma, portanto, nos relatos dos/as participantes desta pesquisa.

O relato de Júlia também exemplifica esta situação em que, mesmo ficando no Brasil sob os cuidados de sua avó e tias, ela sentia muita falta de sua mãe. Júlia tem 24 anos, nasceu em Anápolis, Goiás, é solteira, não tem filhos e está cursando turismo na Espanha. Ela tinha 6 anos quando sua mãe migrou para a Espanha, deixando-a junto aos seus dois irmãos mais velhos, sob os cuidados de sua avó materna e tias. Atualmente, tanto ela como sua irmã mais velha, Cristina, e sua mãe, Susan, – que também participaram desta pesquisa – moram na Espanha.

Júlia não possui muitas lembranças de quando sua mãe foi embora, mas se lembra de ter chorado na ocasião e de não ter ficado bem com a sua partida.

T: Você lembra quantos anos você tinha quando a sua mãe foi para a Espanha?

J: Sim, eu tinha 6 anos de idade e eu fiquei com a minha avó e minhas tias no Brasil. A gente morava todo mundo junto, então, sim, eu tinha 6 anos quando ela veio para cá.

T: Você tem mais lembranças sobre essa época?

J: Sim, assim, infelizmente as lembranças que eu tenho não são muito boas porque uma delas é eu chorando junto da minha mãe e ela indo embora, e eu lembro que eu tinha 6 anos, então querendo ou não eu não tinha muita ideia do que tava acontecendo, eu ficava muito triste porque qualquer coisa que acontecia, qualquer probleminha, eu queria a minha mãe e a minha mãe não estava no Brasil. Então,

---

<sup>66</sup> Children also suffer from the emotional costs of geographical distance with feelings of loneliness, insecurity, and vulnerability. They also crave greater intimacy with their migrant parents. [...] Denied the intimacy of daily interactions, children struggle to understand the motives behind their mother's decision to raise them from a distance. Unfortunately, they do not necessarily do so successfully. (Tradução livre).

assim, as memórias que eu tenho é disso, de ficar chorando e perguntando "cadê a minha mãe" e não estar muito bem (Júlia, 24).

A irmã mais velha de Júlia, Cristina, também participou da pesquisa e afirma que não se lembra de muitas coisas dessa época. Cristina tem 26 anos, nasceu em Anápolis, Goiás, é graduada em Jornalismo, tem três irmãos, sendo ela a segunda dos quatro. Ela é solteira, não tem filhos e tinha 9 anos quando sua mãe migrou para a Espanha. Cristina só se lembra de que sua mãe foi para a Espanha porque tinha se separado de seu pai, e que ficar sem seus pais foi muito difícil para ela, por ser ainda uma criança. Apesar de ter ficado sob os cuidados de sua avó materna, ela sentia que não tinha com quem conversar e compartilhar suas coisas.

T: Você tinha quantos anos quando a sua mãe ela foi para a Espanha?

C: De 9 pra 10 anos.

T: Você se lembra dessa época, de como foi?

C: Ah, nossa, faz muito tempo. Eu não me lembro exatamente, tipo, eu sei que a minha mãe foi mais por causa da separação do meu pai, sabe. Mas, eu não lembro dela conversando comigo e com meus outros irmãos sobre isso (Cristina, 26).

Outra participante, Carol, afirma que quase não possui lembranças de quando sua mãe migrou, em razão de sua idade na época e, também, pelo modo como a família lhes contou a ela e ao seu irmão sobre o processo migratório. Carol tem 25 anos, nasceu em Iporá, Goiás, é solteira, não tem filhos e tem um irmão que é dois anos mais novo que ela. Ela tinha cinco anos quando sua mãe foi para a Espanha e a deixou junto com seu irmão sob os cuidados de sua avó.

Carol afirma que, durante a infância, ela nunca entendeu muito bem a questão da migração e da ausência prolongada da mãe, pois tanto a avó como a mãe lhe prometiam que voltaria algum dia para o Brasil. Como isso nunca aconteceu, após formar-se na universidade, ela decidiu mudar-se para a Espanha e assim poder, finalmente, conviver com sua mãe e criar lembranças ao seu lado.

C: Quando a minha mãe migrou, eu era muito pequena, eu acho que eu tinha de cinco para seis anos, e sempre foi uma incógnita na minha cabeça, porque a vida toda fomos criados, eu e meu irmão, pela minha avó materna, e a frequência que a gente via a minha mãe era mais ou menos a cada dois anos, ela ia até o Brasil e ficava um mês, mais ou menos, com a gente. Mas, sempre era uma situação um pouco, assim, complicada, porque a criança não entendia e, também, a gente sempre foi nutrido de falsas promessas de que um dia a minha mãe voltaria, e

acabou que nunca aconteceu. Até o momento que eu decidi ir até ela e pensei, por que não? Já que ela nunca veio, eu acho que é o momento de morar perto dela, saber como é ter a minha mãe por perto, e assim que eu me formei eu decidi mudar para a Espanha. E um dos motivos principais foi o fato de estar ao lado da minha mãe, além de ter outros sonhos, de que talvez as coisas melhorariam para mim. Mas, o principal foi o fato de estar perto dela.

T: Sua avó fazia algum tipo de mediação entre sua mãe e vocês quando sua mãe migrou? E como era esse discurso, você se lembra?

C: Ela fazia um pouco, mas não muito, por isso que a gente sempre teve muitas dúvidas sobre tudo. A gente nunca teve as dúvidas muito esclarecidas, porque o único que ela explicava pra gente é que "ela foi para trabalhar, a sua mãe foi para trabalhar e para cuidar de vocês". Mas, muito pouco mais que isso. Foi muito pouco, a gente foi muito pouco assessorado nesse momento, tanto da parte da minha avó quanto do meu pai, porque eu acho que eles também não sabiam como agir naquela situação. Eu acho que eles não tinham a capacidade suficiente para saber o que dizer pra gente, mesmo (Carol, 25).

Neste caso, vemos como sua família optou por não falar abertamente sobre o processo migratório de sua mãe, talvez na tentativa de lhes proteger, a ela e ao irmão, de algum sentimento de dor diante da incerteza de seu retorno.

Sobre este tema, sabe-se que os projetos migratórios das migrantes e, sobretudo, das migrantes não comunitários/as na Espanha estão marcados pela incerteza acerca de sua permanência no país em razão de sua situação administrativa, o que impacta muitas vezes no planejamento e na duração da migração das mulheres brasileiras nesse país. Logo, tais incertezas sobre o futuro refletem-se na vida daqueles que ficam no país de origem, especialmente na vida dos/as filhos/as, como no caso descrito acima.

Maite, outra de nossas entrevistadas, afirma que não possui lembranças de quando sua mãe migrou porque ela tinha entre 2 e 3 anos de idade, de modo que as informações que ela tem desse processo lhe foram contadas por outras pessoas. Maite tem 24 anos, nasceu e mora em Goiânia, é graduada em Psicologia e não tem filhos. Ela tem outras duas irmãs, uma mais nova e outra mais velha que ela.

Sua mãe deu à luz à sua primeira filha aos 16 anos e, dois anos depois, deu à luz à Maite, e ambas sempre moraram na casa da avó. Quando sua mãe migrou para a Espanha, ela ficou sob os cuidados de sua tia-avó, e sua irmã mais velha ficou morando com a avó materna que, logo depois, também migrou para a Espanha e a deixou sob os cuidados de sua bisavó em Pontalina, Goiás.

Maite afirma que não tem lembranças do convívio com sua mãe biológica, Paula – que também participou desta pesquisa – nem com sua avó materna, pelo fato de ambas terem

migrado quando ela era ainda um bebê, de modo que ela desenvolveu uma relação de mãe e filha com sua tia avó, que foi quem lhe criou durante toda a sua vida. Ela também acredita que sua irmã tenha mais lembranças da época em que conviveu com a mãe pelo fato de ser mais velha, assim como também percebe que suas histórias diferem no sentido de que sua irmã sabe quem é o seu pai, apesar de este não ter sido presente. Maite, por outro lado, não sabe quem é o seu pai, o que lhe traz uma carga maior de angústia à sua experiência de ter crescido longe de seus genitores biológicos.

M: O que eu me lembro são histórias que são contadas, porque quando ela foi embora eu ainda era bebê, então, são as narrativas que as pessoas me contam que eu tenho como memória, por assim dizer. Então, o que acontece, o que as pessoas falam é que, quando eu nasci, a minha mãe tinha o hábito de viajar bastante para São Paulo, e aí, com essas viagens para São Paulo, ela acabava me deixando na casa de algumas pessoas como, por exemplo, na casa da minha avó, às vezes na casa das minhas tias avós, que eram, no caso, tias dela. E, ela ficava me deixando nesses lugares e, ela tinha essa questão do cuidado, de não ter dinheiro para cuidar da gente, de não ter muita estrutura para cuidar, então, ela acabava indo para São Paulo, tentava um emprego, tentava juntar dinheiro, voltava, não conseguia, e ficava deixando a gente na casa de outras pessoas, de outros parentes nossos, tanto aqui em Goiânia, quanto lá em Brasília. Daí, essa dinâmica foi acontecendo até eu ter, mais ou menos, uns dois anos de idade, e aí, entre dois e três anos de idade, ela resolveu ir para a Espanha [...] E, a partir do momento que ela foi embora, a minha tia avó começou a cuidar de mim de forma fixa, só que, como ficou essa coisa, tipo, “fui embora e vou voltar”, não ficou como se fosse assim “estou te dando, pode ficar com ela, fique com ela e crie ela”, foi uma coisa meio assim, “tô indo, mas, eu vou voltar” (Maite, 24).

A seguinte história, de Carla, se assemelha à de Maite quanto ao fato de que desde que nasceu, ela foi criada pela sua avó enquanto sua mãe trabalhava em outra cidade. Carla tem 28 anos, nasceu em Niquelândia, Goiás, é filha única, está casada e tem três filhos. Após seu nascimento, sua mãe a levou para Uruaçu, onde moravam seus avós e, desde então, ela passou a ser criada pela avó. Seu pai nunca foi presente em sua vida, de modo que todo o cuidado era exercido pela avó e pela mãe. Esta continuou trabalhando em Niquelândia como professora na educação primária e ia vê-la durante os finais de semana, até que um dia decidiu migrar quando Carla tinha 7 anos, deixando-a sob os cuidados de sua avó materna.

T: Você tem alguma lembrança de quando sua mãe emigrou para a Espanha?

C: Eu tenho, eu tenho, porque na época ela ainda foi por Brasília, aí eu tinha uma amiga de infância, que ela foi junto com essa mãe dessa amiga minha, aí ela foi e eu fui para Brasília. Eu lembro que eu fui para Brasília, no aeroporto, a despedida. Mas, assim, pra mim isso sempre foi tranquilo, eu sempre entendi que ela foi mesmo para me dar o melhor, né, para ter condições de poder me dar um bom estudo, uma boa condição de vida.

T: E quando ela foi, então, você disse que ficou com a sua avó?

C: Sim, na verdade, desde quando eu nasci a minha avó sempre esteve presente na minha vida. Eles nasceram em Ananás, hoje é Tocantins, mas antigamente era Goiás. Aí, com a morte do meu avô, eles migraram para o Goiás, na época. Eles migraram para o Goiás e vieram para Uruaçu. Aí, a gente morava aqui em Uruaçu e a minha mãe trabalhava em Niquelândia, que é uma cidadezinha aqui há 100 km de distância. Ela toda vida foi professora, então, ela trabalhava lá e eu morava aqui com a minha avó. Antes de eu nascer, era ela lá e a minha avó aqui. Aí ela engravidou, o meu pai é de lá, aí nessa temporada que ela ficou lá, ela engravidou e me teve. Aí quando me teve, eu já vim para Uruaçu e daqui já fiquei. Aí ela ia, trabalhava e ficava final de semana aqui. Então, assim, desde que eu nasci eu sou criada com a minha avó, grudada com a minha avó (Carla, 28).

Carla afirma que se lembra do dia da partida de sua mãe, quando ela tinha 7 anos de idade. Ela também afirma que vivenciou a migração da mãe de maneira tranquila, ciente de que sua mãe emigrou em busca de melhores condições de vida. Também no caso de Carla, não houve mudanças na organização familiar, uma vez que ela cresceu com sua avó e continuou morando com ela após a migração de sua mãe.

O próximo participante, Pablo, não tem muitas lembranças de quando a mãe foi embora. Na época, ele tinha 12 anos de idade e morava com seu pai e seu irmão, pois seus pais já estavam separados. Pablo nasceu em Nazário, Goiás, tem 31 anos e atualmente mora em Madri com sua mãe, Sol, que também participou desta pesquisa. Ele é advogado, solteiro, não tem filhos e tem cinco irmãos, sendo que quatro deles são filhos somente de seu pai. Antes da migração de sua mãe, Pablo e seu irmão já moravam com seu pai porque sua mãe tinha se mudado para Goiânia para trabalhar, de modo que quando ela migrou não houve muitas mudanças na organização familiar.

P: Nós morávamos com o meu pai, porque a minha mãe trabalhava em Goiânia, ela trabalhava de empregada doméstica, ela era, como se diz aqui, interna, que mora no emprego, e a gente via ela nos finais de semana. Depois, quando ela voltou para Nazário, um pouco antes de vir para a cá [Espanha], a gente continuou morando com o meu pai, porque ela ganhava muito pouco e também não tinha condições de... não tinha uma casa onde a gente pudesse morar com ela, ela teve uma casa que tinha um quarto só. A gente morava muito perto, também... e meu pai também era muito protetor, sempre quis que a gente morasse com ele, e eles estavam de acordo assim, sempre, e assim foi (Pablo, 31).

Ele começou a estudar Direito no Brasil, porém, devido às dificuldades econômicas que encontrou para terminar o curso, decidiu mudar-se para a Espanha e terminar seus estudos lá. Um ano após a sua chegada no país, Pablo conseguiu sua documentação através

de um contrato de trabalho fornecido por empregadores e amigos de sua mãe e, atualmente, tanto ele como sua mãe possuem a nacionalidade espanhola.

P: Daquela época, na verdade, eu tenho uma memória muito seletiva, no sentido de que tem certas coisas que eu me esqueço completamente porque eu faço questão de esquecer, mas, não é porque eu tenho alguma mágoa ou algo no sentido. É porque, simplesmente, parece que me dá um apagão quando eu tenho que lembrar. Mas, eu lembro que quando a minha mãe veio para cá eu acho que eu tinha 12 anos, eu fiquei com o meu irmão e com o meu pai. Os meus pais já eram separados na época, a minha mãe veio para cá e eu vim, acho que foi seis anos depois, que foi quando eu vim para cá. Naquela época, eu lembro que a gente tinha, a minha mãe passava muita dificuldade financeira, tinha necessidade de vir para cá, e a gente sempre deu muita força, assim, sempre torcemos muito para que isso acontecesse, porque tinha aquela esperança de mudança de vida, de que quando a pessoa conseguia ir para a Europa, ou para os Estados Unidos, parece que a vida dava uma melhorada, porque no Brasil, pois imagina, uma mãe com dois filhos e empregada doméstica, não ia conseguir realmente, ia ser muito difícil ou impossível, conseguir qualquer coisa ou melhoria de vida, ou poder dar uma educação para os filhos, no sentido de suprir tudo o que necessita, ter uma casa, ter uma família, tudo o que necessitam os filhos. Então, a gente já era bem consciente dessa situação, demos muito apoio e muita força. Nós ficamos com o meu pai que sempre nos atendeu muito bem, sempre teve... foi um péssimo marido, mas um bom pai (Pablo, 31).

O seguinte participante, Alex, nasceu em Goiânia e tinha 16 anos quando sua mãe migrou para a Espanha. Atualmente, ele tem 33 anos, é mestre em antropologia, está casado, não tem filhos e tem dois irmãos mais novos. Ele morou, desde sempre, com sua tia. Poucos meses antes da migração da mãe, é que Alex passou a morar com ela, e após a migração, Alex optou por ir morar com sua avó.

Sobre o momento da migração de sua mãe, ele se lembra que achou que ia viajar com ela e, depois de entender que não iria, sua mãe lhe prometeu que dentro de dois anos ela o levaria para a Espanha. Porém, como nos conta Alex, o tempo passou e isso não aconteceu, até porque a situação de sua mãe na Espanha não estava tão boa para isso.

T: Quantos anos você tinha quando a sua mãe migrou? O que você se lembra dessa época?

A: Eu tinha 16 anos quando ela migrou, eu tava no primeiro ano do ensino médio, e nós não vivíamos juntos. A nossa família é bem dispersa. Eu morava com a minha tia, depois eu fui morar com a minha mãe e, quando eu resolvi morar com a minha mãe, ela foi para a Espanha, aí eu não queria mais voltar a morar com a minha tia, então, eu fui morar com a minha avó. E os meus irmãos, também. Eles moravam com a avó deles em Goiânia, que nós somos de pais diferentes, né. [...] E todo mundo queria voltar a morar com a minha mãe, eu pedi para voltar a morar com a minha mãe, porque eu já não queria mais morar com a minha tia, só que, passados eu acho que três ou quatro meses de eu ter voltado para a casa da minha mãe, ela decidiu ir para a Espanha, do nada, porque ela reencontrou uma amiga

dela. Ela tinha uma facção, então ela costurava em casa, tinha várias máquinas de costura, umas dez máquinas daquelas industriais, e aí ela vendeu duas máquinas, vendeu a metade dela, era metade dela e metade do namorado. Ela vendeu a parte das máquinas e juntou um dinheirinho e foi embora, e eu fiquei para trás, na época, com a promessa de ir embora, também, de uns dois anos depois, assim que eu terminasse o ensino médio. Mas, também, nunca aconteceu, porque ela nunca teve condições. [...] Então, a vida familiar era isso, muito dispersa, cada um para um lado, e a minha mãe mais dispersa ainda. Para ela não foi muito difícil ir embora, e pra gente também não foi muito difícil ficar sem a mãe, porque a gente já ficava sem a mãe praticamente o tempo todo.

T: Como você ficou ao receber a notícia da migração de sua mãe?

A: Uai, eu achei bom, porque supostamente eu iria junto, né. Não fazia ideia do que que era a Espanha, não fazia ideia do que que era a Europa, em geral, porque a gente morava em um bairro super de periferia, era um bairro super de periferia e que, na maioria dos casos, as pessoas migravam para os Estados Unidos (Alex, 33).

A próxima entrevistada, diferentemente dos demais, tinha 26 anos quando sua mãe foi para a Espanha, de modo que possui lembranças detalhadas desse momento. Atualmente, Laura tem 38 anos, nasceu em Barreiras, na Bahia, e mora em Barcelona com sua mãe. Laura mudou-se para Goiânia junto à sua mãe, que já estava separada de seu pai, quando ela tinha um ano e meio de idade, de modo que Laura se considera goianiense. Quando sua mãe migrou para a Espanha, ela ficou morando junto ao seu irmão mais novo e afirma ter sofrido muito com a separação, pois ambas moravam juntas e, inclusive, dividiam quarto, mantendo também uma relação de amizade muito próxima.

Um ano após a migração da mãe, Laura descobriu que estava com câncer e teve que enfrentar o tratamento sem a presença da mãe, que continuou na Espanha. Nesse contexto, seu pai, que mora na Bahia e que sempre fora ausente, entrou em contato com a filha a pedido de sua mãe. Após a migração, sua mãe enviava dinheiro para fazer as despesas da casa e dos filhos. Laura ficou encarregada de seu irmão que é dois anos mais novo, assim como de administrar a casa na ausência da mãe, até que seu irmão constituiu família e saiu de casa.

Três anos depois, em 2014, Laura mudou-se para Barcelona para estar junto à sua mãe e cursar um mestrado em Direitos Humanos. No início, ela pretendia voltar para o Brasil após o término do mestrado, mas ao conhecer Barcelona, se apaixonou pela cidade e resolveu ficar.

L: Nós morávamos juntas, ela tomou a decisão de vir e foi tudo muito rápido, em dois meses ela já estava aqui. Foi horrível, porque eu era muito, assim, tem pessoas, filhas, que não têm uma relação de amizade com a mãe, então, eu acho que pelo fato de ser filha de pais separados, então, eu sempre fui muito amiga da



minha mãe. E fora que eu era totalmente dependente dela em todos os aspectos, né, não só financeiro, mas emocional. Então, quando a minha mãe veio, para mim foi como tirar o meu chão, eu me vi sem amparo, desprotegida, eu me vi vulnerável. Eu lembro que eu chorei durante uma semana ininterrupta, eu fui para a casa de uma amiga, eu dormia com uma camiseta que ela sempre dormia, não queria voltar para casa porque nós dividíamos quarto. Então, pra mim foi muito difícil, eu lembro que eu só chorava e dormia, eu acordava só para comer e ir ao banheiro e tomar banho e essas coisas, não fazia mais nada, não ia pra faculdade. Nessa época eu tinha uma bolsa do governo, eu perdi a bolsa porque eu não podia ficar com nota abaixo da média, e eu não atingi a média. Eu entrei meio que num estado, assim de, não de depressão, mas de me sentir deprimida, porque fiquei sem rumo, sabe, eu não sabia como organizar a vida, eu não sabia bem o preço de um tomate, praticamente. Então, eu me vi numa situação que eu tinha que estudar e tinha que cuidar da casa, tinha o meu irmão, eu tinha que administrar o dinheiro... era um processo que, praticamente, nós fomos desalojados, então eu tive que procurar um apartamento. Só que com um ano que a minha mãe estava aqui [na Espanha], eu descobri que eu estava com câncer, então foi aí o desafio mais duro de todos. Só que eu acho que eu tinha levado tanta cacetada depois que ela veio no primeiro ano, que eu não sabia viver, que me deu uma fortalecida para passar por esse processo, que durante todo o meu processo que eu estive me tratando de câncer, a minha mãe esteve aqui (Laura, 38).

A partir das respostas dos/as filhos/as observei que os fatores da idade, o fato de morar ou não com a mãe antes de sua partida e como eles/as ficaram amparados/as ou não por outros/as cuidadores/as, influenciou no modo como estes/as filhos/as viveram a experiência da partida e de separação física de suas mães.

Algumas pessoas que eram muito pequenas à época não possuem lembranças da partida, de modo que tiveram que lidar com tal processo a partir das informações trazidas por outros familiares que se encarregaram de seu cuidado.

Os/as filhos/as que receberam informações tanto da mãe quanto dos/as cuidadores/as de que esta voltaria rapidamente, ou de que voltaria algum dia para estar com eles/as, apresentaram mais dificuldades para compreender e aceitar a migração de suas mães, vivendo o processo de separação física, muitas vezes, com angústia, ansiedade e com desdobramentos futuros em sua relação com elas, uma questão que será explorada nos seguintes capítulos.

Também é importante ressaltar que muitas cuidadoras, ao terem o trabalho de informar os/as filhos/as que ficaram sobre a migração de suas mães, assumem também o papel de mediadoras dessa relação de maternidade transnacional, podendo influenciar nessa relação entre mães e filhos/as.

Em outros momentos, vemos como o fator da idade – em se tratando de crianças que já eram capazes de reter um acontecimento na memória, mas que ainda eram muito pequenas para compreender a partida da mãe, combinado com o costume de sua presença durante a

infância – faz com que esses/as filhos/as se lembrem de sua partida com mais sofrimento, o que fica evidente nos casos em que eles/as relatam o dia da partida com riqueza de detalhes, por se tratar de algo que lhes marcou profundamente ou que, até mesmo, foi vivido como um trauma.

Pode-se afirmar que, no caso daqueles/as filhos/as que já eram cuidados por outros familiares e que já estavam habituados à ausência física de sua mãe no Brasil, o momento da partida foi menos traumático para eles/as, mas talvez não menos doloroso. Se somamos a esta questão o fator da idade mais avançada, é possível observar que os/as participantes com este perfil conseguiram lidar melhor com a partida e compreender melhor o processo migratório da mãe.

Por outro lado, no caso de Laura, vemos como o fato de vivenciar a migração de sua mãe já na idade adulta – aos 26 anos – não lhe poupou do sofrimento de sua separação, considerando que, à época, ela não só morava com a mãe, mas também tinha uma relação muito próxima com ela. O caso de Laura também ilustra como o fator da idade contribui para a manutenção de lembranças mais fortes e detalhadas, ao contrário de muitos/as participantes já adultos que viveram tal processo ainda muito jovens.

Em outros casos, observa-se que mesmo tendo uma idade mais avançada, como no caso de Pablo – que tinha 12 anos quando sua mãe migrou -, ele afirma que não se lembra de muitas coisas dessa época em razão de ter uma memória seletiva, indicando que para ele é melhor não se lembrar desse período em que a vida não era muito fácil. Sobre a questão do esquecimento ou da impossibilidade de se lembrar de nossa infância, Benjamin (1994) explica que talvez seja melhor assim, na medida em que isso protege o indivíduo de reviver momentos difíceis e, ao mesmo tempo, lhe permite sentir alguma saudade desse tempo passado.

Nunca podemos recuperar totalmente o que foi esquecido. E talvez seja bom assim. O choque do resgate do passado seria tão destrutivo que, no exato momento, forçosamente deixaríamos de compreender nossa saudade. Mas é por isso que a compreendemos, e tanto melhor, quanto mais profundamente jaz em nós o esquecido (Benjamin, 1994, p. 104 – 105).

Ao contar sua história agora, aos 31 anos e há 11 anos morando na Espanha com sua mãe, Pablo consegue comparar as condições de vida de sua família antes e depois da migração e, sendo ele também um migrante, consegue perceber e desfrutar das melhores

condições que tanto sua mãe quanto ele conquistaram, fatores estes que lhe ajudaram a processar melhor a migração da mãe.

#### **4.2 Os motivos da migração das mães**

A seguir, exploro os motivos que levaram as mulheres brasileiras que são mães a migrarem para a Espanha, tanto a partir da perspectiva dos/as filhos/as, como delas mesmas, considerando que “as razões pelas quais as mulheres migram e as razões pelas quais, muitas vezes, decidem prolongar a migração são cruciais para compreender a sua relação com os seus filhos” (Madianou; Miller, 2012, p. 31).<sup>67</sup>

A maioria dos/as filhos/as entrevistados/as citou como motivo principal da migração de suas mães as dificuldades econômicas enfrentadas no Brasil, de modo que elas saíram do país em busca de melhores condições de vida e para garantir os estudos dos/as filhos/as; outros quatro entrevistados citaram como motivos principais: o divórcio de seus pais, seguido de motivos econômicos; o convite de uma amiga de sua mãe para migrar, seguido de motivos econômicos; e o gosto da mãe por viajar e viver novas aventuras.

Nesse sentido, o motivo econômico está presente em quase todos os casos, ainda que não seja citado por alguns filhos como o motivo principal. Do mesmo jeito, em alguns casos em que o motivo econômico aparece como o principal, as mães migraram porque também receberam o convite ou a ajuda de uma amiga, geralmente de sua mesma cidade natal, que já morava na Espanha.

Além da perspectiva dos/as filhos/as, investiguei também os motivos da migração a partir da perspectiva de 7 mães, sendo que 4 delas são mães de filhos/as também participantes da pesquisa. Incluímos os relatos dessas outras 3 mães cujos filhos não participaram da pesquisa para uma melhor compreensão de como as próprias mulheres que são mães entendem seu projeto migratório.

Observa-se que tais motivos não são puramente econômicos. Ao contar suas histórias de migração – uma experiência que frequentemente envolve a solidão em razão de sua particularidade de ser vivenciada longe do círculo social do indivíduo –, as mulheres entrevistadas citam, também, a sua vontade de morar fora; de sair da casa de seus pais; suas

---

<sup>67</sup> The reasons why women migrate and the reasons why they most often decide to prolong migration are crucial for understanding their relationship to their children. (Tradução livre).

paixões e questões emocionais que envolvem seus parceiros ou ex-parceiros da época; e, muitas vezes, o fato de ter amigas ou familiares que já moravam na Espanha e atuaram como rede de solidariedade para sua migração.

O fato de entrevistar 4 mães e seus respectivos filhos e filhas nos evidenciou que, ora são as mães, ora são os/as filhos/as quem contam mais detalhes sobre o processo migratório e sobre a relação entre eles/as. Algo, portanto, normal nas famílias em geral, e não só nas famílias transnacionais, estarem compostas por pessoas mais ou menos interessadas em conhecer ou falar sobre temas do passado, tanto as mães quanto os/as filhos/as. Mas, não só isso. Os silêncios das mães e dos/as filhos/as também remetem a temas que podem ser considerados tabus por eles ou elas, como veremos a seguir, no caso da prostituição, de violência doméstica ou de modelos de maternidade que se distanciam do ideal esperado pela sociedade.

Ao explorar os motivos da migração a partir da perspectiva das mães, percebe-se que muitos aspectos antecedem sua maternidade e, portanto, podem ser desconhecidos para seus filhos/as, tanto para os/as que aqui participaram como para os/as que não. Muitas vezes, o desejo de morar fora para conhecer novos lugares ou para ir em busca de melhores condições de vida preexistiam à sua experiência de maternidade, ou se intensificaram diante desta experiência e seus desafios, em se tratando de mulheres que são, frequentemente, chefes de lares monoparentais.

Vale lembrar que a teoria neoclássica das migrações, uma das primeiras e mais influentes, localiza – em sua perspectiva macro – as razões para migrar como respostas às desigualdades econômicas entre os países de origem e de destino; e sua perspectiva micro enxerga os/as migrantes como agentes racionais que buscam aumentar seus ingressos. Assim, ambas as perspectivas não levam em consideração outros motivos de caráter pessoal, familiar ou social (Madianou; Miller, 2012). Nesse sentido, como as análises da minha pesquisa demonstraram, assim como afirmaram os autores, “a decisão de migrar geralmente envolve uma combinação de razões e quase nunca simplesmente uma única motivação” (Madianou; Miller, 2012, p. 32)<sup>68</sup>.

As histórias de migração das mães participantes que veremos a seguir nos revelam as estratégias que elas desenvolvem como mulheres, brasileiras, mães, trabalhadoras e tantas

---

<sup>68</sup> [...] the decision to migrate usually involves a combination of reasons and almost never simply a single motivation.

outras características, para terem êxito em seu processo migratório na Espanha, amiúde, driblando os obstáculos impostos pela política migratória desse país para sua entrada no mercado laboral e o exercício de sua cidadania. Para além das dificuldades, negociações e nostalgia, suas histórias também revelam sua busca por autonomia, sua determinação, coragem, cuidado e criatividade.

No seguinte relato, Júlia conta acerca dos motivos de migrar de sua mãe, que recém havia se divorciado de seu ex-marido. Ela também se lembra de um episódio específico de violência doméstica de seu pai contra sua mãe, assim como dos problemas econômicos que a família enfrentava, uma vez que, segundo ela, seu pai comprometia a renda e o sustento familiar com o uso de drogas. Para ela, tudo isso somado ao fato de sua mãe ter somente 22 anos à época e três filhos para cuidar foram os motivos que a levaram a migrar em busca de uma vida melhor.

T: Quais foram os motivos da migração de sua mãe? Você os aceitou como válidos?

J: Sim, e não. É igual eu falei, eu acho que, assim, tudo acontece de uma forma que tem que acontecer mesmo. Mas, sim, eu acredito que realmente ela estava assustada por conta do meu pai, que uma imagem que eu nunca vou esquecer é a minha mãe na porta com uma faca, conversando com a polícia, falando que o meu pai estava tentando matar ela. A gente morava na vila dos sargentos e, então, era mais ou menos perto do colégio, e assim, a minha mãe correndo com a gente debaixo de chuva, porque o meu pai não tinha ido buscar a gente de carro, a minha mãe chorando no ponto de ônibus, falando que o meu pai estava gastando o dinheiro dele tudo com droga, o que a gente juntava não dava nem pra comer. Naquela época o meu pai tinha boa condição, mas ele gastava tudo com droga. Então, eu entendo que a minha mãe era muito nova também. Eu penso, caramba, eu tenho 24 anos, vou fazer 25 agora, e eu quero ter um filho, mas hoje, se eu tivesse um filho, eu não ia saber como cuidar dele, imagina ter 22 anos e ter três filhos (Júlia, 24).

Susan é mãe de Júlia e Cristina, e também participou desta pesquisa. Ela tem 47 anos, estudou até o segundo grau, está casada, é mãe de quatro filhos e mora em Gijón, na Espanha. Antes de migrar, ela trabalhava em um laboratório em Anápolis, Goiás, mas ficou desempregada. Logo separou-se de seu marido e teve que voltar a morar na casa de sua mãe, juntos aos seus 3 filhos. Susan afirma que sua vida no Brasil estava muito difícil, desempregada e recém divorciada do pai de seus filhos, ela decidiu migrar para a Espanha em busca de uma vida melhor porque tinha uma amiga nesse país, assim como familiares em Portugal, o que a animou a tomar a decisão.

S: Quando eu vim pra Espanha a primeira vez foi em março de 2004, foi depois do atentado que teve, foi uma semana depois, ou seja, dezenove anos que fez agora. Eu decidi vir para a Espanha porque eu tinha uma amiga aqui e tinha a minha família aqui perto, em Portugal, eu tinha as minhas tias aqui, então, eu pensei, vou para a Espanha e se não der certo, eu vou para Portugal, que eu tenho as minhas tias que estavam do lado, aqui pertinho. Eu era separada, eu tive três filhos no Brasil, então, quando eu vim, passou seis anos, veio a pequena, ela tinha treze anos, do meu primeiro casamento, e ficaram dois lá. Aí eu me casei e tive mais um aqui. Agora, atualmente, vivem três aqui na Espanha, o espanhol, que é nascido na Espanha, e as duas meninas, que são brasileiras, vivem aqui também. Então, só ficou o meu filho mais velho no Brasil, que ele já tem a sua esposa e tal.

T: Comente um pouco sobre como era ser mãe no Brasil.

S: Era difícil né, muito difícil porque quando eu me separei, foi muito complicado, foi uma época que não tinha nada de trabalho, sabe? Então, assim, eu me separei, fui para a casa da minha mãe, muito difícil, né, a educação no Brasil também é difícil, muito complicado (Susan, 47).

Outro participante, Alex, afirma que sua mãe decidiu migrar para a Espanha em razão de ter recebido um convite de uma amiga que já morava lá. Observa-se em seu relato que a falta de informações sobre o processo migratório da mãe levou Alex a imaginar o que teria acontecido entre ela e sua amiga para que a mãe, tempos depois, se negasse a tocar nesse assunto quando o filho a visitou na Espanha.

A: Nós morávamos no interior, em Nazário, e uma amiga dela, da época que a gente morava lá, foi para a Espanha. E eu me lembro, eu era pequenininho, mas eu me lembro dessa história. E aí, muitos anos depois, em Trindade, a gente andando na rua, a minha mãe topou com ela, assim, no meio da rua, e ela ofereceu para a minha mãe, “quer ir”? E minha mãe já doida, fez as malinhas, terminou uma relação que ela tinha, eu me lembro que foi bem rápido, assim, eu me lembro que esse relacionamento da minha mãe terminou, a gente veio para Trindade, passou um ano mais ou menos, a minha mãe já encontrou essa amiga dela, que ofereceu a viagem para ela, e eu me lembro que foi a amiga que pagou o bilhete aéreo, que deu o primeiro apoio ali. Só que eu me lembro, também, que depois que eu fui lá visitar a minha mãe, ela nunca mais comentou dessa amiga. E eu perguntei, “mas, e a sua amiga que falou que ia te ajudar, que você ia ficar na casa dela?”. A minha mãe, olha, não falou nada, a minha mãe é cheia dos segredinhos, cheia das conversas fiadas. Então eu penso que, talvez – aí eu já tô elucubrando aqui, tá? - pode ser que essa amiga sim tinha um caso lá, uma rede de tráfico de mulheres, de prostituição, porque quando eu falo sobre esse assunto, a minha mãe muda de assunto na mesma hora, não fala sobre, faz de conta “ah, não, eu não sei, não deu certo, eu recebi uma proposta de emprego em outro lugar e fui”, é isso que ela diz. E aí, a minha mãe pode ser que viu que aquilo não era para ela e foi embora (Alex, 33).

Assim como Alex, Carla também afirma que sua mãe tomou a decisão de migrar porque uma amiga de sua cidade, que já morava na Espanha, lhe ofereceu ajuda para conseguir seu primeiro emprego nesse país. Carla afirma que, na época em que sua mãe foi

para a Espanha, era comum a migração de mulheres da sua cidade para esse país, de modo que ela conhecia outras crianças de sua idade cujas mães também tinham migrado.

C: Desde os meus quatro anos de idade, eu era amiga da filha da amiga da minha mãe, nós éramos amigas mesmo de infância, de crescer juntas, até há um tempo atrás. E essa mãe dessa menina já morava na Espanha, ela já era casada já lá, e tudo, já morava lá. Aí ela via a dificuldade da minha mãe aqui, foi e perguntou se ela não queria ir, que ela ajudaria ela lá com o serviço e a moradia, por enquanto, para ela se estabilizar lá. Aí a minha mãe falou, "vou né, porque ficar aqui do jeito que tá, é melhor ir e tentar uma coisa boa". Aí foi quando ela foi, aí ela ia voltando para a Espanha, essa amiga dela, ia voltando e aí a minha mãe foi junto. Ela foi porque na época, como na maioria dos casos de família né, as condições antigamente não eram tão boas quanto hoje, então, ela foi mais para ter uma qualidade de vida melhor, sabe, para mim, para a minha avó e tudo.

T: Como que a sua família recebeu a notícia da migração dela, eles concordaram?

C: Concordaram, assim, meio que concordaram por conta da dificuldade da época. Então, assim, eles sabiam que ela ia para ter uma vida boa, tanto pra eles, quanto pra mim. Eles realmente viam que aqui estava difícil, então, eles no momento sempre apoiaram.

T: Você conhecia mais crianças que tinham mães morando fora, na época?

C: Sim, sim. Como eu te falei, era uma época no auge das mães irem embora, das brasileiras irem embora pra lá, pra tentar uma vida melhor. Então, eu tinha muita amiga minha de escola ou amiga minha da rua mesmo, assim, de vizinhos que tinham ido também. Essa amiga que era amiga minha de infância, já era uma (Carla, 28).

No seguinte relato, Bruna afirma que sua mãe migrou para a Espanha porque gostava de viajar e de viver novas aventuras – algo que ela já fazia no Brasil antes de migrar –, e não para trabalhar. Segundo ela, sua mãe engravidou de Bruna aos 16 anos e seu pai nunca foi presente em sua vida, de modo que sua avó e suas tias foram quem se responsabilizaram pelo seu cuidado desde muito cedo. Uma de suas tias também havia migrado para Londres, na época, e mandava dinheiro para ajudar no seu cuidado do Brasil.

Bruna afirma que levou algum tempo para entender que sua mãe não se encaixava no ideal de maternidade que a sociedade espera das mulheres. O fato de saber que sua mãe migrou para morar na Espanha, que ela não trabalhava e também não mandava dinheiro para o Brasil, em comparação com sua tia que trabalhava e enviava dinheiro, pode ter contribuído para que Bruna demorasse mais a entender e processar a migração de sua mãe.

Conforme ela relata, só depois que a mãe teve sua terceira filha na Espanha e passou a ser mais responsável, ou seja, que passou a agir conforme o ideal de maternidade esperado

pela sociedade, é que ela conseguiu conquistar novamente a confiança e a admiração de Bruna.

T: Por que a sua mãe migrou para a Espanha?

B: A minha mãe, porque ela deixava o barco levar, porque a minha mãe nunca se importou, ela vivia da arte de viver a vida. Tipo, ela não trabalhava, eu tô falando sério, você acha que ela ficava se esforçando, mandando dinheiro pra casa? Não era assim não. Chegou lá e ficou às custas do meu padrasto, ficou de boa. E, assim, ele não é rico, então como que ela ia ficar mandando dinheiro? E ela achava conveniente, fumava o dela e ficava lá de boa, a minha mãe era assim. O susto só veio quando ela teve a Ágata, que aí ela falou “putz, cara, eu tenho um terceiro filho agora, não tem ninguém pra me ajudar com essa menina”, porque a avó dela tem Alzheimer, a avó espanhola, “e ninguém mais vai me ajudar com essa criança, então, eu preciso trabalhar, preciso começar a me concentrar”. Ela começou a fazer cursos, aí ela começou a se concentrar na vida dela. Mas, antes disso, ela era completamente tranquila. Tipo assim, de eu ir lá na casa do padrinho da minha irmã, quando eu cheguei lá eu fiquei sabendo que ela, inclusive, ameaçava ele, porque ele gostava muito dela, e ele é mais idoso, é padrinho da minha irmã e amigo do meu padrasto. Ela, inclusive, ameaçava ele que ia largar ele lá sozinho com as filhas que maltratavam ele para cuidar dele, porque ela nunca mais olhava na cara dele se ele não comprasse maconha pra ela. A minha mãe, véi, a minha mãe fazia isso com o velho. E eu fiquei sabendo disso não foi, tipo, ele contando não, porque pra ele a minha mãe é uma santa. Eu fico, assim, véi, não tem lógica, como é que minha mãe faz uma coisa dessa? E por muito tempo eu ficava, caramba, isso não é uma coisa que a gente espera de um pai, de uma mãe. Então, assim, muito tempo... eu acho que ela me conquistou de novo, e a amizade que a gente tem hoje em dia é porque ela se tornou uma pessoa digna, também, do meu respeito e da minha admiração, porque antes eu não tinha admiração. Eu ficava, gente, a minha mãe é uma pessoa atoa, a minha mãe é uma pessoa que não está nem aí. As minhas tias mandam dinheiro pra eu estudar, as minhas tias me dão educação, as minhas tias fazem as coisas por mim e a minha mãe tá de boa (Bruna, 27).

Quando sua mãe ficou grávida, seu pai não quis assumir a filha, assim que Bruna cresceu sem sua presença. Sua tia foi quem aconselhou sua mãe para que ela entrasse na justiça e fizesse o exame de DNA para garantir o direito da filha a uma pensão. Logo após conseguir a pensão para a filha, a mãe de Bruna migrou para a Espanha, deixando-a sob os cuidados da avó e das tias.

T: Então, além da sua mãe, sua tia também emigrou?

B: A tia Verônica, ela foi pra fora quando eu era pequenininha, quando ela voltou, eu já tava adolescente, mas ela ainda participou. Então, ela participou muito da minha vida, e mesmo fora a tia Verônica, se não fosse por ela, e eu nem ia ser quem eu sou hoje, eu não seria quem eu sou hoje, porque a tia Verônica que virou pra minha mãe e falou, “uai, como assim, você tem uma filha, a sua filha tá crescendo, ela é uma menina inteligente, a gente quer pagar as coisas pra ela, mas a gente não tem tanta condição. Ela precisa estudar em uma escola boa, porque ela é inteligente, aproveita isso, ajuda, tipo, vamos correr atrás do pai”. E aí, a minha



tia, que sempre foi muito estudiosa, é que ficou encima da minha mãe. Com isso, a minha mãe conseguiu entrar com processo contra o meu pai. Essa minha tia, com muito esforço, sendo empregada doméstica, conseguiu comprar uma moto pra ela na época, e ela vendeu a própria moto para a minha mãe pagar o exame de DNA.

T: Então, o seu pai não era presente até o momento?

B: Nunca foi presente, na verdade ele nunca foi presente, mesmo depois do exame de DNA. Ele só assumiu as responsabilidades, e ele teve que pagar uma indenização pra mim e pra minha mãe, porque quando ele engravidou a minha mãe, ela tinha 16 anos, e ele falou que me odiava. Que enquanto ele tivesse que pagar algo pra mim, ele não queria olhar na minha cara, ele falou exatamente essas coisas. Então, tipo assim, eu nem fico comovida com isso aí não porque foda-se, eu não sei nem quem que ele é. Então, assim, pagou os meus estudos, ok. [...] Enfim, o que a minha tia fez por mim, pouco tempo depois que isso aconteceu é que a minha mãe foi pra fora. Mas, graças à minha tia, o esforço e o empenho da minha tia encima da minha mãe é que ela conseguiu ganhar essa pensão. A minha pensão durou até os meus 27 anos, praticamente. A minha pensão acabou agora, em abril, então eu tive pensão por muitos anos, mesmo depois da maioridade ele continuou pagando. Eu sinto que ele continuou por remorso. Ele nunca falou comigo, ele nunca trocou palavra comigo, nada, mas continuou pagando, mesmo depois de formada. E aí a minha tia, quando foi pra fora, a minha tia sempre ligava muito, a minha tia ligava sempre pra casa. Era o tempo todo mandando livros, me incentivando falar inglês (Bruna, 27).

A seguinte participante, Carol, nos conta a história de sua mãe, que migrou por motivos econômicos. Sua mãe migrou inicialmente para Londres, onde já tinha alguns familiares, porém, teve a sua entrada barrada e foi deportada, não para o Brasil, mas para a Espanha. Como ela havia contraído dívidas no Brasil com a viagem, decidiu ficar e tentar a vida lá mesmo, onde mora até hoje.

T: Você sabe se a sua mãe já conhecia outras pessoas de Goiás em Astúrias? Ela contou com a ajuda de alguém?

C: Na verdade, a história da minha mãe é um pouco louca, porque quando ela saiu, ela saiu para vir para Londres, porque aqui ela já tinha duas tias, irmãs da minha avó. Porém, ela foi deportada e foi uma situação atípica muito grande, porque no momento que ela foi deportada, não mandaram ela para o Brasil, mandaram ela para a Espanha. Então, foi uma coisa louca de destino, eu poderia dizer. Ela chegou na Espanha sem as malas, porque pegaram tudo dela, praticamente, e foi um começo muito desafiador, do zero. Depois que ela já estava lá, que ela teve contato com outros goianos e pessoas que se dispuseram a ajudar, porque o primeiro momento ela estava vindo para Londres, e ela foi deportada para Madri numa situação engraçada, e ela acabou ficando por lá, principalmente pelo fato de que ela tinha gastado muito para estar lá. Naquela época a passagem era muito cara, mas, era muito difícil juntar uma certa quantia para ter a quantia necessária para entrar no país, então, ela só conseguia pensar nas dívidas que ela deixou com a minha avó, por isso que ela não quis desistir. Mas, no próprio aeroporto de Madri ela falava, "vocês que tem que me mandar para o Brasil, eu tô vindo do Brasil, não faz sentido eu estar aqui". Até que ela entendeu que talvez fosse coisa do destino, e ela ficou por lá e até hoje ela permanece, e já tem quase vinte anos na Espanha (Carol, 25).

Carol explica que sua mãe – assim como no caso de Bruna – também engravidou de maneira não planejada na adolescência, enfrentando dificuldades financeiras e sem contar com a ajuda de seu pai. No entanto, ao ser questionada se seriam estes os motivos de sua migração, Carol acredita que o principal motivo foi o econômico.

T: Por quais motivos você acha que sua mãe decidiu migrar? Você acha que a questão da gravidez na adolescência e a não presença do pai foram motivos para ela ter vindo para cá?

C: Eu acredito que o principal foi o motivo econômico mesmo, porque as dificuldades eram muito grandes na nossa família. Ela como filha de professora e filha de autônomo, era complicado, e o meu pai mecânico de motos, mas ele também nunca foi uma pessoa que se desenvolveu muito profissionalmente, sempre foi uma pessoa acomodada, então, eu acredito que o principal motivo da mudança da minha mãe foi a tentativa de proporcionar coisas e uma vida melhor para gente. Tanto é que se ela não tivesse vindo, eu acho que eu nunca teria tido a possibilidade de sair de Iporá, nunca teria ido estudar a faculdade que eu queria, teria sido tudo diferente. Eu teria que escolher cursos na minha cidade mesmo, e que fossem públicos, e jamais teria saído do berço da minha avó, eu acho. Isso teria sido uma mudança completamente diferente na minha vida.

T: E quando ela veio para a Espanha, você morava com ela? Como era a organização familiar?

C: Na verdade, eu sempre morei com a minha avó, porque quando a minha mãe me teve, ela tinha 17 anos, e ela estava cursando geografia, então ela me deixava muito com a minha avó nas noites, porque ela estudava pelas noites, e acabava que a minha avó, eu demorei para perceber isso, mas eu vejo que a minha avó não deu a ela o direito de ser mãe, e conhecendo a minha avó eu sei que isso é verdade. Ela, de certa forma, me tomou da minha mãe pelo fato de considerar que ela não tava preparada para ser mãe, e com o meu irmão foi um pouco diferente. Com o meu irmão a minha mãe já tinha um pouco mais de idade e já tomou um pouco as rédeas da situação e ficou mais próxima do meu irmão. Mas, eu sempre fui da minha avó. Engraçado isso, porque eu sempre dormi até na mesma cama que ela, então, foi uma união muito materna. A minha avó nunca deu muito essa liberdade para a minha mãe cuidar da gente, mas, tampouco demorou muito para ela ir embora. Eu tinha acho que menos de seis anos, cinco anos e pouco. Mas, a minha avó brinca que desde os 20 dias de nascida eu já era dela. Ela sempre fala isso para todo mundo. [...] Eu morava e ficava a maior parte dos meus dias com a minha avó, então eu não tenho nenhuma lembrança de infância com a minha mãe, nenhuma mesmo. E, quando eu cheguei a falar isso para ela, depois que eu já estava na Espanha foi muito doloroso pra ela, eu percebi que ela ficou muito emocionada, mas é verdade, era verdade, eu não poderia inventar alguma história (Carol, 25).

Sobre a presença do pai de Carol, observa-se que mesmo não morando juntos, ele morava na mesma cidade que a filha e, portanto, sempre manteve contato com ela, o que para ela supriu uma parte de sua demanda afetiva durante a migração de sua mãe, que era quem se encarregava do sustento do lar transnacional.

T: E, quanto ao seu pai, ele foi presente? Como é que foi, ele cuidou de vocês no sentido de substituir a mãe ou não?

C: Meu pai sempre foi muito presente, sim, mas o papel de mãe sempre foi da minha avó materna. O meu pai, ele desempenhava um papel secundário, mas, para mim, afetivamente, ele era muito importante, porque ele sempre me deu o carinho, o amor que faltava um pouco da parte da minha avó. A minha avó era a parte da razão, ela que me dava tudo o que eu precisava, que tinha todos os cuidados, assim, de mãe mesmo, escolares, de saúde e de estar presente. E o meu pai sempre esteve presente, eu o via todos os dias, mas a participação dele era secundária, ele tinha menos responsabilidades com a gente, até porque a minha mãe, financeiramente, sempre arcou com o principal estando longe (Carol, 25).

O seguinte relato, de Maite, também ilustra essa situação em que sua mãe resolveu migrar para a Espanha em razão das dificuldades financeiras que enfrentava no Brasil, sendo mãe solo de duas filhas e chefe de família. Maite e sua irmã são filhas de pais diferentes e, ao contrário desta, Maite nunca conheceu seu pai biológico.

M: Então, ela falou que ia, que ia juntar um dinheiro e que depois ia voltar, e ia cuidar da gente, que ela precisava ir lá, para conseguir juntar uma grana e voltar. Então, ela foi, ela migrou, eu não sei dizer assim, qual o processo que ela fez para migrar, mas, foi ilegal, ela não foi legalmente, ela foi de forma ilegal. [...] Aí, então, a minha avó também migrou, também foi lá encontrar a minha mãe na região lá de Ibiza. E aí lá, eu não sei exatamente, assim, o que que a minha mãe fazia. Eu sei que a minha avó, ela mexeu com massagem, ela fez vários cursos de massagem, e ela fazia massagem na praia. Então, ela trabalhava nas praias de Ibiza fazendo massagem. A minha mãe, eu não sei muito bem o que que ela fazia. Mas, eu sei que depois, ela começou a trabalhar mesmo com serviços gerais, tipo, restaurante, de garçonne, trabalhando em casa, limpando as coisas e tal, serviços gerais, né (Maite, 24).

A mãe de Maite, Paula, também participou desta pesquisa. Ela tem 42 anos e tinha 21 anos quando migrou para a Espanha, inicialmente para a cidade de Lleida, na Catalunha. Paula estudou até a quarta série e, antes de migrar, ela trabalhava como prostituta no Brasil. Ela morou na Espanha durante 14 anos, em outros países da Europa e, atualmente, mora em Edimburgo, na Escócia, onde trabalha como supervisora de limpeza.

T: Onde você trabalhava no Brasil antes de migrar para a Espanha? Por que você decidiu migrar?

P: Vou tentar falar aqui as coisas com [risos] a maior naturalidade possível, porque talvez alguma das coisas que você vai ouvir, você não estava esperando por elas, ou estava algumas, mas não completamente. Quando eu estava no Brasil, o meu trabalho era a prostituição, eu me prostituía nas ruas de Goiânia, naquela época, e eu decidi migrar. Na verdade, não foi uma decisão minha, foi uma decisão da minha mãe, que tinha estado lá por um ano, e ela falou pra mim, “não, você não vai ficar aqui, você tem que ir embora, você tem que ir embora, você tem que fazer isso na Espanha, já que você está fazendo isso aqui, você tem que fazer lá, porque

lá pelo menos você vai ganhar um dinheiro”. E, aí, o meu processo imigratório foi isso, foi a minha mãe fazendo contato com um puteiro, literalmente, lá, com uma mulher que era mulher desse cara, e aí eu fui pra lá com uma dívida de dois mil euros, pra esse lugar, e fui pra lá, fui pra lá.

T: Quantos anos você tinha quando a sua mãe foi para a Espanha? E você, quantos anos você tinha quando você foi para a Espanha?

P: Quando a minha mãe foi para a Espanha, eu não lembro, eu acho que eu tinha dezenove, e eu tinha vinte e um quando eu fui.

T: Comente um pouco sobre como era sua vida no Brasil.

P: A situação econômica era caótica na minha casa, a minha mãe trabalhava dia e noite, eu trabalhava na rua, mas mesmo assim era difícil. E sim, a situação econômica influenciou, quer dizer, foi o que mais influenciou na decisão de ir embora do Brasil. Eu notei uma melhora na vida em todos os sentidos, depois que eu fui pra Europa. Não tenho arrependimento nenhum. Eu já vivo há 22 anos na Europa, eu nem consigo mais me adaptar ao Brasil.

T: Como era a estrutura familiar no Brasil?

P: Então, não tinha uma estrutura, porque eu não ficava muito tempo em casa. Era na casa da minha mãe e a minha mãe morava lá, o meu irmão morava lá, mas eu não ficava tanto tempo lá, e a minha filha mais velha ficava com a minha avó em outra cidade, em Pontalina, ela ficava indo e vindo.

T: Comente um pouco sobre como era ser mãe no Brasil.

P: Ser mãe no Brasil foi muito difícil por várias coisas, né, porque eu era muito novinha, eu era muito novinha mesmo quando eu fui mãe, eu não tinha estabilidade financeira, emocional, nada, era muito difícil, a minha família era bem quebrada, assim, como eu te digo, era uma família cada um para um lado, não tinha estrutura.

T: Quais eram suas expectativas quando você decidiu migrar? Como isso mudou ao chegar lá e ver como eram as coisas?

P: Quando eu decidi migrar, as minhas expectativas eram de ganhar dinheiro e ir embora, comprar uma casa pra mim. Eu não tinha muita expectativa quando eu fui pra lá, eu só queria fazer o meu dinheiro e ir embora. E mudou porque quando eu cheguei lá eu gostei de lá, e aí eu decidi que eu não queria ir mais embora para o Brasil, mesmo eu sendo ilegal, a minha vida lá era melhor do que a vida que eu tinha no Brasil. A qualidade de vida, a segurança, né, é bem diferente.

T: Como começou a sua relação com a Espanha?

P: E a minha relação com a Espanha começou pela minha mãe, foi ela que me voltou da Espanha falando que eu ia embora pra lá, aí depois de um ano de ela ter voltado, eu fui (Paula, 42).

Quando ainda morava na Espanha, Paula teve uma filha com seu ex-companheiro, de nacionalidade espanhola. Atualmente, sua filha tem 6 anos e mora com ela em Edimburgo. Sobre ter sido mãe na Espanha, Paula afirma que viveu a experiência com mais

tranquilidade, visto que tinha um plano de saúde, dinheiro suficiente para pagar o aluguel e comer.

T: Em relação aos pais de suas filhas, eles foram presentes ou ajudaram no cuidado delas?

P: Os pais das minhas filhas nunca foram presentes, nunca, nunca, nunca. Nunca contei com a ajuda de nenhum deles, de nenhum deles. Um pouco da última, mas, muito pouco, que agora abandonou, também, faz uns três ou quatro anos (Paula, 42).

O caso de Paula é um exemplo de ‘família monoparental superveniente pós-divórcio’ (Dufner, 2023), onde o pai, desta vez de nacionalidade espanhola, deixou de prestar cuidados à sua filha e a mãe voltou a arcar sozinha com seu sustento e criação.

A seguinte entrevistada, Sol, é mãe de Paulo, também participante da pesquisa. Ela nasceu em Nazário, Goiás, tem 53 anos, estudou até o ensino médio e mora em Madri há 18 anos. No Brasil, ela trabalhava em uma fábrica de ração para animais, estava separada e morava sozinha de aluguel, enfrentando dificuldades econômicas. Ela deixou seus dois filhos no Brasil, com 12 e 11 anos, sob os cuidados do pai. Sol tinha uma amiga de sua cidade que já morava na Espanha e a irmã dessa amiga estava indo também, de modo que Sol recebeu o convite e elas foram juntas.

Enquanto estava no Brasil, Sol ouvia histórias de outras mulheres que haviam migrado para a Espanha e que, quando voltavam, compravam muitas coisas, o que a fez desejar migrar para comprar sua casa própria, pois ela morava de aluguel. No entanto, com o passar do tempo, ela viu que não compraria nada no Brasil e que estabelecería sua vida na Espanha. Em 2010, ela levou seu filho mais novo para a Espanha, mas ele não quis ficar e voltou para morar com o pai no Brasil; em 2011, ela levou seu filho mais velho para terminar a faculdade e morar consigo em Madri. Este se adaptou melhor e hoje não pretende mais voltar ao Brasil.

T: Quais foram os motivos que te fizeram tomar a decisão de vir para a Espanha naquela época?

S: Ah, faziam muitos anos que eu queria vir para cá, pelas histórias que me contavam, porque aqui se ganhava muito mais, e eu via as pessoas chegando lá e comprando as coisas e mudando de vida, né, então, eu pensei, gente, eu quero isso também. Eu quero comprar a minha casa própria e depois eu quero cuidar dos meus filhos e era isso que me motivava a vir. Lá eu morava de aluguel, então eu pensei, eu vou para lá e eu vou comprar a minha casa, vou juntar aí um dinheirinho e vou dar os estudos para os meus filhos, mas, aí foi tudo o contrário, aí eu não

comprei foi nada lá, resolvi ficar aqui mesmo e aqui eu dei o estudo para o Pedro, né, que eu queria dar o estudo lá, mas, ele acabou estudando aqui, e foi melhor ainda do que eu pensava.

T: E como foi que você conseguiu o seu primeiro emprego aqui na Espanha?

S: O meu primeiro emprego aqui foi de cuidar de três crianças. A mulher que veio comigo para a Espanha me disse que ia sair uma pessoa de uma casa e a mãe, que era uma mulher argentina, estava buscando outra cuidadora. Aí a gente marcou a entrevista, fomos eu e a minha amiga, a que veio comigo. Chegando lá o casal gostou de mim, as crianças também gostaram de mim, e eu falei, “ai meu deus, eu não sei falar nada, eu não sei falar nada em espanhol”, e eles disseram “*no pasa nada, no pasa nada, nos entendemos, somos vecinos*”. Foi bom trabalhar lá, porque foi ela que fez os meus papéis, ela fez os meus papéis depois que eu saí de lá, porque ficou assim, aquela amizade (Sol, 53).

Sol também já trabalhou em uma empresa de catering, fazendo lanches para linhas aéreas, como cuidadora de uma idosa e, mais tarde, fez um curso de auxiliar de enfermagem, trabalhando também em hospitais. Atualmente, ela trabalha em duas residências de pessoas idosas.

A seguinte história é de Mônica, mãe de Adriana. Mônica nasceu em Minaçu, Goiás, tem 44 anos, é mãe de uma filha e um filho. Após dezessete anos de casada com o pai de seus filhos, ela decidiu separar-se e migrar em busca de melhores condições de vida. Primeiramente, ela foi para a Itália, em 2008, e, após um ano nesse país, ela migrou para a Espanha. Na época, sua filha tinha 10 anos e seu filho tinha 16, de modo que ambos ficaram morando com o pai, que assumiu a responsabilidade do cuidado.

Mônica já passou por muitos trabalhos na Espanha, como empregada doméstica e garçonne, até conseguir um trabalho melhor como vendedora de carros em uma concessionária. Anteriormente, no Brasil, ela trabalhava na SAMA, uma empresa de mineração, onde começou no almoxarifado e chegou até a administração. No entanto, seu ex-marido também trabalhava na mesma empresa, o que acabou gerando problemas para Mônica em seu casamento, devido aos ciúmes do mesmo.

Atualmente, ela mora com seu marido espanhol em Madri e se diz tranquila por ter conseguido garantir o ensino superior para seus filhos no Brasil; por ter comprado um apartamento em Goiânia e uma chácara em sua cidade natal para sua mãe, lugares onde ela fica quando vem visitar o Brasil. Tais conquistas deram sentido ao seu projeto migratório e à sua maternidade à distância, de modo que atualmente ela se sente muito orgulhosa de si mesma e de seus filhos. Ela veio visitar seus filhos e se encontrava aqui quando começou a

pandemia de COVID-19, de modo que no momento da entrevista ela estava morando no mesmo apartamento que seus filhos e, meses depois, voltou para Madri.

T: Como se deu a sua decisão de migrar para a Espanha?

M: Eu na verdade nunca passei por essa experiência de ter que contar a minha experiência que eu tenho, pelo o que eu passei, e até que já faz um tempão, já tem uns anos aí. Muita coisa já aconteceu desde 2008, que foi quando eu decidi imigrar, sair daqui do Brasil. E aí, daqui eu não fui pra Espanha, eu fui pra Itália. Eu tinha uma parente lá que trabalhava com uma empresa lá de Herbalife, e eu fiquei lá durante um ano trabalhando. Só que chegou uma época que não deu certo para mim estar lá mais, por certos tipos de coisa, e aí eu falei, “não, eu não vou voltar para o Brasil”. Até porque eu tinha acabado de sair de um relacionamento, um matrimônio de dezesseis anos. Inclusive, a minha saída da SAMA meio que ocorreu através do meu ex-marido. Eu saí da empresa porque ele era muito ciumento e ele me perseguia muito, se metia lá no meu trabalho, com os chefes, era muito ciumento. Então, eles tinham que optar por ele ou por mim, e eu tomei a decisão e falei que não, que se tivesse que mandar alguém embora tinha que ser eu, porque ele é o homem da casa e tal. Além de trabalhar fora, ajudar em casa com tudo, com os filhos, e ainda ter um marido no seu pé te vigiando, de você sair da loja e ele lá na esquina de lá te vigiando, para ver com quem que você sai, com quem que você vai embora. A gente casada e a pessoa atrás, né, perseguindo. Então, eu tava, como se diz, com uma mão na frente e outra atrás, praticamente. Eu falei, “pois agora eu vou ter que enfrentar”, e eu não tava nem aí, eu não tinha medo de nada, tanto que eu arrumei tudo, peguei a minha malinha e vazei. Mas, assim, tive que deixar a família, meus dois filhos. A minha filha que ficou com 10 anos de idade, o meu filho com 16. Mas, assim, o meu intuito era ir, tentar de qualquer forma ir e tentar a vida lá fora, imigrar, como a gente fala, e aí eu decidi arriscar. Aí, desse ano que não deu certo na Itália, eu fui para a Espanha, eu tive a oportunidade, eu conheci pessoas que me ajudaram, e aí eu cheguei lá, fui pra lá e encontrei pessoas, encontrei trabalho, tive que alugar apartamento (Mônica, 44).

Mônica conta acerca das dificuldades que enfrentou para entrar na Itália, sendo que da primeira vez, ao chegar no aeroporto de Paris, ela foi deportada. Pouco tempo depois ela tentou novamente, desta vez, pelo aeroporto de Munique, sob o argumento de que iria visitar o Vaticano, e assim ela conseguiu entrar.

Eu lembro que no início, quando eu fui, eu voltei. Eu cheguei no aeroporto de, eu acho que de Paris, e era uma tropa de imigração tão grande que eu tava no meio delas no avião, e quase ninguém entrou. Eu fiquei lá no aeroporto, eu fiquei, digamos, presa, pra dizer assim, e voltei aqui para o Brasil. Só que eu aqui com a minha cabeça tão... em dez dias eu voltei de novo, em dez dias. Eu cheguei aqui em Goiânia, fiz outro passaporte, eu falei, “agora vai” [risos], peguei minha malinha... dez dias, foi só o prazo de chegar o meu passaporte e eu ó, me mandei, minha filha. Cheguei e fui. Cheguei naquele aeroporto de Munique, todo espelhado, eu nem acreditava que eu tava lá pisando aqueles espelhos todos, parecendo que eu tava em Hollywood, e só com a cara e a coragem. De Munique eu já fui pra Roma. E aí, "o que que você vai fazer?" "Ah, eu tô indo lá pra Roma". "O que que você vai fazer lá?" "Eu falei, ah, eu vou lá visitar o Vaticano", né, [risos]. E depois eu fiquei um ano sem documentação na Itália, até por isso mesmo eu deixei de trabalhar lá com uma parente, porque eu tenho parente lá. Eu tenho

primas, eu tenho tias, eu tenho tio, sabe? Então, por elas não arrumarem a documentação e tudo eu falei “aqui eu não vou ficar”.

T: E os seus filhos, eles ficaram com quem aqui no Brasil?

M: Ficaram com o pai, ficaram com ele, até porque, eu acho assim, que tem muita gente que vai pra fora imigrar, às vezes tem filhos, então, tudo depende. Porque, assim, eu não podia pegar e falar "você vão ficar com a avó de vocês", não. Tá lá, tá com o pai, tá em casa, então, eu acho que tá bem, tá com a melhor pessoa que tinha que estar, com o pai cuidando e tudo direitinho, e é isso (Mônica, 44).

A seguinte entrevistada é Inês e seus filhos não participaram da pesquisa. Ela tem 43 anos, nasceu em São Paulo, é graduada em jornalismo e pós-graduada em psicologia política; é mãe de dois filhos e migrou para Barcelona em 2018, onde trabalha atualmente como guia turística. Ela foi mãe aos 20 anos, de modo que sempre residiu com seus filhos junto aos seus pais, que a ajudaram com o cuidado. Quando ela saiu do Brasil, sua filha tinha 8 anos, seu filho tinha 17 e ambos ficaram morando com seus avós.

Inês teve seus filhos com pais diferentes, de modo que nenhum deles nunca assumiu a responsabilidade pelo seu sustento e educação, sendo ela a principal responsável. Nesse sentido, ela afirma que a questão da solidão permeia a maternidade em diversos momentos, como nesse caso, onde os pais se ausentam e não se responsabilizam pelos filhos.

Seu pai é de Barcelona, o que lhe permitiu obter a nacionalidade espanhola. Sua intenção era ficar três meses em Barcelona e voltar para o Brasil. No entanto, uma vez lá, ela decidiu ficar para morar e começar a trabalhar. A seguir, Inês relata os motivos que a levaram a migrar.

I: No final de 2018 eu vim, porque, enfim, o Bolsonaro ganhou e a situação econômica também estava muito ruim. Aí eu resolvi mesmo migrar para ver, aproveitar um pouco, eu falei "pô, eu tenho nacionalidade, eu acho que eu vou porque vale ouro né, tenho que aproveitar a oportunidade". Porque eu trabalhava em pizzeria, ganhava seiscentos reais, não tava conseguindo nada melhor do que isso, sabe? Eu venho do jornalismo, mas nem tava atuando na área, tava tranquila. Mas, também, ficar muito precarizada... então eu falei, “ah, vamos tentar”. Eu vim inicialmente para um projeto de três meses, que eu ia ficar só três meses, tempo de turista mesmo, porque eu nem ia tirar documentação nem nada. Mas, aí quando eu vi que eu já tinha o D.N.I, que podia trabalhar, eu achei melhor ficar. Então, à priori, eu nem ia me despedir dos meus filhos, eu falei "olha, eu tô indo por três meses e já volto", só que quando eu vi que eu ia ficar, eu fiz as contas, eu fiquei, olha, esses quatro anos e só agora que eu voltei, que eu tive férias que eu voltei para ver eles. [...] Infelizmente, infelizmente mesmo, no Brasil, eu não tava encontrando nada que eu fosse ganhar o que eu ganho aqui, que me abriu esse caminho e poder ter essa estrutura. Eu dou opções para os meus filhos. A minha filha pode fazer um curso de teatro, ela pode estudar um inglês, eu posso dar mais opções. Se eu estivesse no Brasil, talvez ficasse mais limitada. Então, eu trabalhava aí com museu, na área de educação de museu, eu coordenei o educativo



de um museu de São Paulo, mas, depois, eu vi que é um meio muito fechado, sabe, eu não estava conseguindo, por isso que eu fui parar... e eu faço de tudo, a gente tem que ser *espabilada*, pau pra toda obra. Por isso que eu tava trabalhando lá numa pizzaria e tal. Pô, meu, nada contra, mas a galera gasta num jantar o que eu ganhava num mês! Dá até raiva, né. Ah, o Brasil é muito desigual, é ridículo, é ofensivo (Inês, 43).

Observa-se que, diferentemente de muitas brasileiras que migram para a Espanha, Inês já possuía a nacionalidade espanhola que herdou de seu pai, o que facilitou o seu processo migratório no tocante ao acesso ao mercado de trabalho, ao não ter que se preocupar com sua situação administrativa no país e, a posse da documentação também lhe possibilita realizar a reagrupação de sua filha, pois está nos planos futuros da mãe levá-la para a Espanha.

A seguinte participante, Fernanda, tem uma história parecida à de Inês, no tocante à posse da cidadania europeia por descendência. Ela tem 42 anos, nasceu no Rio de Janeiro e é mãe de um filho e uma filha que tinham 13 e 15 anos, respectivamente, no momento de sua migração para a Espanha, em 2018. Seus filhos também não participaram da pesquisa.

Nessa época, ela estava morando em Porto Seguro e tomou a decisão de migrar pensando em dar um futuro com maiores possibilidades para seus filhos e, também, porque sempre teve o desejo de morar fora. Seus filhos ficaram no Brasil sob os cuidados do pai, de quem Fernanda já se encontrava separada.

Ela possui o passaporte italiano em razão de sua ascendência, de modo que não teve dificuldades para fazer sua documentação na Espanha. Fernanda sempre trabalhou com turismo e, assim que chegou à Espanha, conseguiu seu primeiro emprego nessa área, razão pela qual se considera privilegiada em relação às demais migrantes brasileiras que vão para a Espanha, por não ter enfrentado as barreiras presentes no mercado de trabalho para os/as migrantes não comunitários/as.

Mais tarde, ela começou a trabalhar em um barco, ficando seis meses na Itália e outros seis meses na Espanha, sendo que durante esses seis meses que ela ficava na Itália, seus filhos – nessa época com 15 e 17 anos – ficavam sozinhos, tendo que ocupar-se de si mesmos em Mallorca, uma vez que a mãe não contava com nenhuma rede de apoio na Espanha.

T: Qual foi o principal motivo de sua migração?

F: Eu já queria há muito tempo morar fora do Brasil, era uma coisa que me acompanhava durante bons anos da minha vida, mas, a principal motivação foi realmente abrir um pouco os horizontes para os meus filhos, poder dar pra eles alguma oportunidade além do sul da Bahia, porque lá é um lugar que tem certas limitações, especialmente na questão da educação. Apesar de que eles também, e é uma coisa que eu sempre tive muita, que pra mim sempre foi um ponto muito importante, e eu sempre fiz todos os esforços para eles terem a melhor educação possível. Então, isso também permitiu que eles chegassem aqui numa igualdade de condições (Fernanda, 42).

Quando morava no Brasil, Fernanda era a principal provedora de sua casa, onde também morava um filho de seu ex-marido. Ela foi casada durante 15 anos e, após a separação, acordou-se uma guarda compartilhada dos filhos, de modo que o pai não pagava pensão porque eles dividiam os gastos entre si. Após a sua ida para a Espanha, o pai parou de pagar sua parte das despesas dos filhos durante quatro anos. Fernanda lhe pressionou até que ele voltou a pagar, durante alguns meses, a quantia de 150 euros.

Nossa última entrevistada, Briana, nasceu e mora em Goiânia, tem 51 anos, é mãe de três filhas e um filho, mas eles não participaram da pesquisa. Ela foi para a Espanha pela primeira vez em 1997 porque tinha várias amigas e duas irmãs mais velhas que moravam lá, de maneira que ela foi para ajudá-las nas tarefas do dia a dia. Após a sua chegada, ela conseguiu outros trabalhos, em um restaurante, como faxineira e em uma imobiliária. Na época, suas duas filhas mais velhas tinham 9 e 11 anos e ficaram no Brasil. Após três meses, Briana voltou para buscá-las porque já havia conseguido um emprego e uma casa para morar.

No momento da viagem de volta para a Espanha, Briana estava grávida de seu namorado que ficou no Brasil. Ao chegar lá, ela passou mal e descobriu que sofrera um aborto. Ela sofreu muito com o episódio e não conseguiu se recuperar psicologicamente até que, após um ano, ela decidiu voltar para o Brasil e engravidar novamente de seu parceiro, com quem continuou namorando à distância.

Como a situação financeira por aqui continuava ruim, ela montou uma fábrica de roupas em Goiânia e levou, em sua primeira viagem, 380 quilos de roupas para vender na Espanha, de modo que vendeu algumas em lojas, mas descobriu que seu público-alvo seriam as garotas de programa que trabalhavam nos bordéis de Bilbao e, mais tarde, também as de outras localidades. Ela fez várias viagens onde ficava três meses em Goiânia, produzindo as roupas, e outros três meses lá vendendo-as, assim durante um período de dez anos.

Ela nunca conseguiu regularizar sua situação administrativa na Espanha, de modo que sua estratégia era ter três passaportes que ia revezando para não ter problemas com o

controle migratório. Mais tarde, ela passou a vender as roupas em Marbella, onde já havia morado na primeira vez que foi para a Espanha. Nas férias de julho, ela sempre levava seus três filhos para estar consigo, contando com a ajuda de uma babá brasileira.

Briana vendia suas roupas viajando de carro pela Espanha, por todas as regiões do país e, quase sempre, contava com a companhia e a ajuda de suas filhas para realizar as vendas. Um dia, Briana estava viajando sozinha entre Sevilha e Extremadura, grávida de seis meses de sua última filha, quando ela dormiu ao volante e seu carro capotou várias vezes. Ambas sobreviveram ao acidente e, nesse momento, com 40 anos, ela decidiu que deixaria esse trabalho, e assim o fez.

T: Por que você decidiu migrar para a Espanha?

B: Eu tinha um monte de amiga e duas irmãs mais velhas que moravam lá, e eu fui meio que ser a faz tudo delas. A princípio era cuidar das roupas delas, porque todo mundo trabalhava fora. As minhas irmãs lá, uma trabalhava num cassino, à noite, e a outra fazia de tudo lá, elas eram bem velhas já as minhas irmãs. Aí eu falei “ah, eu vou”. Aí tinha um apartamento com um monte de gente, tinha de tudo lá: tinha faxineira, tinha menina de programa. Aí moravam umas oito e eu fui para esse lugar, eu dormia num colchonete. Aí eu vi que não dava, e eu também comecei a trabalhar. Só que o que aconteceu, em três meses eu aprendi a falar espanhol muito bem, quase como eu falo hoje, porque sou uma pessoa dedicada, quando eu quero, eu quero. E aí, eu falo muito e tal, e eu trabalhava num restaurante, eu conhecia um monte de gente. E numa dessas eu conheci um cara, ele tinha uma imobiliária e eu era corretora de imóveis, e ele me ofereceu trabalho. Eu fiquei lá um ano, porque eu namorava o Jorge, ele ficou aqui e eu fui embora com as minhas filhas. Aí, por razões outras, eu fui grávida, eu perdi o neném, eu fiquei muito mal e aí eu comecei a me organizar para voltar. Em três meses eu consegui aprender a falar o idioma, arranjei um emprego massa e casa para morar, entendeu. Aí eu voltei e busquei as minhas filhas. Aí o Jorge ficou, e na minha cabeça eu nunca mais ia ver ele na minha vida. Só que eu fui embora grávida e não sabia.

T: Então você não sabia que estava grávida?

B: Na verdade eu sabia, desculpa. Eu fiquei sabendo em Búzios, porque a gente foi para Búzios se despedir, e lá eu tava embrulhada, embrulhada, embrulhada, eu fiz o teste de farmácia e deu positivo. Aí eu contei pro Jorge e o Jorge falou “nossa, que legal” [risos]. Aí tá, eu tô arrumando para ir embora, e ele falou, “ah, quando nascer o neném, você me liga”. Aí eu falei, “oi?”. Aí, na minha eu cabeça eu falei, “amigo, você nunca vai ver nem a mim e nem o menino”. Eu pensei, “cara pamonha né, é um pamonha, diz que me ama, eu tô grávida, tô indo embora e o cara fala quando o neném nascer você me liga”. Aí que eu queria ir embora mesmo. Só que eu tava grávida de pouquinho né, e segundo os médicos você não deve voar antes de três meses. Só que meu médico não me falou isso não. E eu tinha data, eu lembro direitinho, eu tinha que começar o trabalho no dia 8 de maio, ou 9 de maio, eu sei porque eu viajei no dia 7 de maio daquele ano, que era o aniversário da minha filha. Aí, eu fui embora, toda gravidinha, toda bonitinha, para sempre, né. Meu neném morreu no voo. Eu só soube uma semana depois, porque eu comecei a sentir cólica, a passar mal, passar mal e aí eu comecei a sangrar. Eu fui no médico, e os médicos de lá são todos estúpidos né. Você lembra como que eles

são grossos, brutos? E aí ele fez uma ultrassonografia e falou, “olha, seu filho está morto e já tem uma semana. Você vem aqui amanhã para a gente fazer um raspado, uma curetagem”. Aí eu falei “oi? O meu filho tá o que?”. Eu acho que o meu emocional abalou tanto que eu tive que internar, dormir no hospital, porque eu não parava de chorar, eu fiquei tão desesperada. Eu falava assim, “como assim, eu tenho duas filhas, eu jamais perderia um bebê, eu sou saudável”, eu falava. “Mulheres perdem bebês, mas eu não. Por que?” E o cara se irritou comigo né, vai procurar um psicólogo. E eu fiquei um ano no psicólogo mesmo. Só que aí eu não superei e voltei, para fazer o Júnior, meu príncipe. E aí eu voltei, eu vim para o Brasil, eu voltei para o Brasil muito triste e tal. Eu larguei tudo e voltei para fazer esse menino [aponta para o filho que estava perto], porque eu não perdoava, não aceitava ter perdido aquele neném. E aí, o plano era ficar grávida de novo e ir embora, porque eu não queria viver no Brasil né, mas eu era apaixonada, e aí eu fiz o menino e nunca mais quis ir embora (Briana, 51).

Após o nascimento do seu filho, seu marido encontrava-se sem emprego no Brasil, de modo que Briana decidiu empreender na Espanha com a venda de roupas que ela começou a produzir em Goiânia, um negócio transnacional que durou 10 anos.

Aí o que acontece, quando ele nasceu, as coisas estavam meio difíceis né, o Jorge tinha passado num concurso, mas não tinha sido chamado e tal. Trabalhava em qualquer trabalho, assim, bem simples, porque tinha que ganhar dinheiro, e aí eu comecei. Alguém me disse que fazer roupa dava dinheiro, para vender lá. Porque, na verdade, quando eu morei lá, eu vinha ver o Jorge, eu vinha e ele ia, porque a gente continuou namorando, eu comprava roupa aqui e bordava, assim, roupa íntima, e vendia para fazer um bico. Eu pagava a passagem fazendo isso. Eu não sabia nada, comecei uma fábrica aqui, do nada, sofri horrores, mas eu lembro que eu consegui e, na primeira viagem, eu levei 380 quilos de roupa. Peguei a babá, o Júnior com 1 ano e pouco e falei com o Jorge, “eu tô indo embora e eu só volto quando eu tiver 10 mil dólares”, que era o suficiente para pagar, porque eu tinha feito muita dívida, e começar uma outra viagem. E eu fiz. Isso foi, eu não sei se foi na primeira ou na segunda viagem, porque no dia que eu embarquei foi no dia das Torres Gêmeas, eu vou contar, foi foda. Aí eu fui, eu sei que essa primeira viagem, eu comecei a vender para os amigos, porque era roupa demais. Eu ia nas lojas, aí eu consegui uma loja para deixar, e não ia... eu falei, “você quer saber”, e eu fui para as esquinas que tinha puteiro demais em Bilbao na época. Aí, eu consegui fazer a clientela na rua, eu ficava numa esquina dando o meu cartão para as espanholas ou qualquer uma, chinesa... Eu achava uma brasileira e falava, “olha, minhas roupas são lindas!”. Até que eu consegui duas, eu falei “vamos ali no carro, vocês não querem ver?”. Elas entraram no porta-malas, provaram e amaram. Aí uma falou pra outra, que falou pra outra, que falou pra outra, que falou pra outra. Na terceira viagem, eu fiz esse prédio. E aí eu ia, ficava três meses aqui produzindo, produzindo e três meses lá. Foram 10 anos assim: três meses aqui, três meses lá. Aí eu fui subindo né, aí eu cheguei a expandir, eu tinha gente que vendia para mim na Alemanha, em Portugal, na Itália (Briana, 51).

Neste caso, a mãe deixou suas filhas no Brasil durante três meses, que foi o prazo para conseguir um trabalho e uma moradia. Como ela passava algumas temporadas produzindo roupas no Brasil e outras temporadas vendendo-as na Espanha, suas filhas e, mais tarde, também seu filho, a acompanhavam nessa jornada com a ajuda de uma babá. Diferentemente de muitas participantes, Briana optou por investir o dinheiro que ganhou

com seu negócio aqui no Brasil e voltar para cá com sua família, de modo que atualmente somente sua irmã permanece na Espanha.

Briana se encaixa, portanto, na concepção de migrante dentro da ótica do transnacionalismo, “cujas redes, atividades e padrões de vida abrangem tanto a sociedade de acolhida, como a sociedade de origem” (Basch; Glick-Schiller; Blanc-Szanton, 1994, p. 1).<sup>69</sup> No seu caso, ela enxergou no transnacionalismo uma possibilidade para criar seu próprio negócio de venda de roupas. Primeiro ela foi para a Espanha, aprendeu rapidamente o novo idioma e conheceu outras mulheres brasileiras que já moravam lá, sendo que muitas delas trabalhavam como garotas de programa. Como Briana já havia trabalhado como corretora imobiliária no Brasil, ela juntou a essa experiência de vendedora o seu capital social que reunira na Espanha e montou o seu próprio negócio transnacional. Assim, ela viveu durante dez anos, junto aos seus filhos, em ambas as sociedades, de origem e de destino, trabalhando, mantendo relações sociais e uma morada na Espanha e outra no Brasil, contribuindo também com ambas as economias.

Sobre este tema, Basch, Glick-Schiller e Blanc-Szanton (1994) afirmam que, ao desenvolver suas atividades tanto em uma sociedade como em outra, os transmigrantes estão constantemente manipulando suas identidades e, desse modo, criando estratégias de sobrevivência dentro do sistema capitalista global. Uma dessas estratégias consiste em transformar continuamente sua posição econômica e social conquistada em uma sociedade, em capital político, social e econômico na outra sociedade.

#### 4.2.1 Monoparentalidade feminina

Nota-se que a maioria dos/as filhos/as entrevistados/as não teve a presença do pai em suas vidas, o que significa que a mãe teve que arcar sozinha ou com a ajuda de outros/as familiares para cuidar deles/as, sendo estas majoritariamente as avós. Do total de quatorze participantes, oito tiveram o pai sempre ausente e outros dois tiveram o pai ausente após a separação. Logo, somente quatro pessoas contaram com a presença ou receberam os cuidados do pai ao longo de suas vidas.

---

<sup>69</sup> [...] whose networks, activities and patterns of life encompass both their host and home societies. (Tradução livre).

Dos/as filhos/as que tiveram o pai sempre ausente, duas participantes não conhecem seus pais e os outros/as seis o viram uma ou algumas vezes e não conviveram com o mesmo, como se observa nos relatos a seguir.

T: Você tem alguma relação com o seu pai? Ele estava presente no momento em que sua mãe foi?

E: Não, não, não tenho. Pelas histórias que eu sei, assim que a minha mãe engravidou, o meu pai pulou fora do barco e falou que, deu aquela de doido, que não era dele, que não sei o que. Então, desde... pra falar a verdade, eu vi ele uma vez só na vida, mas eu tinha quatro ou cinco anos, somente, e nunca mais. A gente não conversa, eu não sei nem como ele é, ele também não sabe como eu sou. (Carla, 28).

T: E sobre o seu pai, ele foi presente? Você tinha algum contato com ele?

E: Não, ele nunca foi presente, na verdade. Ele e minha mãe, quando me tiveram, nem chegaram a namorar, eles eram ficantes, então, ele sempre foi uma pessoa muito ausente. Eu vi ele pouquíssimas vezes, vi ele quando era para ele autorizar para eu sair do país, eram as únicas vezes que eu via ele, porque ele tinha que autorizar, já que eu era menor de idade. Eram as únicas vezes que eu o via.

T: Então, em relação aos cuidados, ele não se responsabilizou quando a sua mãe veio para cá?

E: Não, não, zero (Elis, 28).

O seguinte participante, Alex, teve o pai ausente durante toda a sua vida, diferente de seus dois irmãos que são filhos do mesmo pai e o tiveram presente antes e após a migração da mãe. Alex acredita que a presença do pai em suas vidas lhes proporcionou uma maior estrutura familiar diante da ausência materna, considerando que Alex, por outro lado, sempre viveu com sua tia e com sua avó em constantes mudanças de domicílio. Além destes dois irmãos com quem Alex teve convivência, ele cita a existência de um terceiro irmão desconhecido, filho de sua mãe, quem o teria dado em adoção por não ter condições de criá-lo.

T: Você pode falar um pouco sobre a história de seu pai? Ele foi presente?

A: O meu pai eu conheci recentemente, conheci de saber quem é, mas eu não tenho registro do meu pai na minha certidão. A minha mãe engravidou. Primeiro, ela namorava um primo nosso, então, são primos da família da minha avó, da minha segunda avó, a minha avó de criação, que foi, na verdade, quem criou os meus tios e a minha mãe. Então, a minha mãe namorava com esse senhor, foi um drama, uma coisa louquíssima na minha família, porque eu perguntava a minha mãe sempre quem era o meu pai, e a minha mãe não falava, se recusava a falar, ficava assim, "quando você tiver mais adulto, eu te conto". E aí, um belo dia eu botei ela

na parede e falei, “vai me contar sim”. Aí ela me falou, “é o fulano de tal, primo lá nosso, da avó”, e aí eu fui lá na família dele e falei, “olha, vocês sabiam o tempo todo que eu era filho do fulano, e vocês fingiram e me trataram como se eu fosse um ninguém”. E eu cresci lá no meio deles, né, eu cresci no meio deles.

T: Então mesmo sendo alguém próximo à sua família, ele sempre foi ausente?

A: Total, totalmente ausente, e eu acho que se quiser ser presente, eu não vou querer. Um pai desses eu prefiro não ter.

T: Então, no caso dos seus irmãos, você disse que eles têm outro pai. O pai deles era presente?

A: O pai deles é presente, era presente. Foi um dos poucos relacionamentos estáveis que a minha mãe teve, assim, duradouros e que gerou filhos. Eu acho que depois que ela teve... não, e a minha mãe ainda teve um quarto filho que depois ela deu para adoção, porque não conseguia criar. Aí, depois do quarto filho eu penso que ela fez laqueadura. E aí, enfim, eu fiquei com a família da minha mãe e meus dois irmãos com a família do pai. Eles tiveram mais estrutura do que eu, nesse sentido. Eles tiveram endereço fixo, tiveram o pai ali presente que, querendo ou não, é muito diferente do que ser criado por avó, por tia.

T: Então, quando ela foi para a Espanha esse pai cuidou deles ou eles ficaram sob os cuidados da avó, também?

A: Não, eles foram morar com o pai no Mato Grosso, eles moram no Mato Grosso.

T: Eles foram morar lá depois da migração dela?

A: Antes da migração, poucos meses antes da migração. Eles já moravam com a avó aqui em Goiânia, a minha mãe morava em Trindade e eu morava com a minha tia. Eu fui morar com a minha mãe, aí a minha mãe foi embora para a Espanha e eu fui morar com a minha avó. E os meus irmãos que moravam em Goiânia e foram morar com o pai no Mato Grosso. A minha mãe deixava os filhos e ia atrás dos namorados, basicamente é isso. Arrumava um namorado e semana que vem ela já tava casada, morando junto, apaixonadíssima, amor da minha vida, e largava os filhos tudo espalhado por aí. Quem quisesse pegar para cuidar, tô dando [risos] (Alex, 33).

Percebe-se, portanto, uma relação entre o alto índice de ausência paterna nos relatos dos/as entrevistados/as, as dificuldades financeiras enfrentadas pelas mães chefes de família – sozinhas ou detentoras de uma rede de apoio – e sua motivação para migrar para a Espanha em busca de melhores condições de vida.

Este tipo de arranjo familiar denomina-se família monoparental, que é

aquela constituída por um adulto responsável familiar, do sexo masculino ou feminino, tendo ao menos um filho ou outra criança ou adolescente sob sua responsabilidade, com a presença ou não de outros adultos na mesma unidade doméstica (Benatti *et al.*, 2021, p. 3).

Segundo estas autoras, inicialmente, o termo referia-se às famílias em que um dos genitores passava a cuidar sozinho dos filhos após a morte do cônjuge; após uma situação de abandono; ou em casos de mães ou pais solteiros. No entanto, recentemente, o termo passou a designar, também, as famílias advindas de uma separação ou divórcio; as famílias formadas mediante adoção por adultos solteiros; assim como aquelas formadas através de produção independente, mediante técnicas de reprodução assistida. Trata-se de um arranjo familiar contido nas famílias plurais, previstas na Constituição da República de 1988 (Benatti *et al.*, 2021).

A família monoparental ainda pode ser classificada como simples ou extensa, de modo que a primeira se refere à presença de um adulto e de seus filhos, sem coabitar com outros adultos. Já a segunda classificação refere-se a quando o/a adulto/a e seus filhos coabitam com outros adultos, que podem ou não ser parentes, como no caso das mães que moram com seus filhos na casa das avós maternas, prática que é muito comum no Brasil (Benatti *et al.*, 2021).

Nesse sentido, dados do Censo Demográfico de 2010 indicam um aumento no Brasil de lares com arranjos familiares monoparentais femininos, com ou sem parentes coabitantes. Este número passou de 15,3% em 2000 para 16,2% em 2010. Ainda de acordo com estes dados, 87,4% do total de famílias brasileiras monoparentais têm a mulher como responsável familiar, o que significa que são mulheres chefes do lar que estão cuidando sozinhas de seus filhos/as. Observa-se, portanto, uma mudança nos tipos de arranjos familiares brasileiros ao longo dos anos, com uma diminuição do arranjo familiar nuclear que, segundo dados do IBGE em 2010, correspondia a 49,4% do total de lares brasileiros (Benatti *et al.*, 2021).

Em seu artigo, estas autoras realizaram uma revisão sistemática da literatura sobre o tema das famílias monoparentais, compreendendo publicações de 1980 até 2017, e constataram que a ausência do pai esteve associada à sobrecarga das mulheres chefes de família, muitas vezes, em um contexto de privação financeira; ao seu esgotamento físico e emocional diante do acúmulo de funções desempenhadas por elas; e à necessidade de adaptações na administração de suas vidas sociais, afetivas e profissionais. Diante desse cenário, as autoras destacam a importância das redes de apoio, que auxiliam as mães financeiramente e também através de suporte emocional (Benatti *et al.*, 2021).

Dufner (2023) explica que, segundo parte da doutrina jurídica, as famílias monoparentais podem originar-se após a extinção das famílias nucleares, sendo assim



denominadas ‘famílias monoparentais supervenientes pós-divórcios’. Já outros autores defendem o surgimento da ‘família biparental’ ou ‘família binuclear’ após a dissolução do núcleo parental.

Logo, há contextos muito indefinidos do alcance da monoparentalidade, se somente existiria em casos de um ascendente responsável, ou se também alcançaria modelos familiares de dois ascendentes, no qual ambos atuam em lares distintos na condição de separados ou divorciados pelo desfazimento dos núcleos originários do vínculo parental. Em verdade, ainda que se considere a biparentalidade ou núcleo bipartido, não equivale a dizer que esses núcleos atuam em colaboração e cooperação um com o outro em uma relação saudável e ideal, porque o modelo de omissão pode estar presente. Muitas vezes, a existência física e legal de um pai ou de uma mãe não alteram o peso da carga afetiva, econômica e material que o ascendente tem sobre a prole, portanto, parece-nos que desconsiderar a monoparentalidade superveniente pela existência de outro ascendente nem sempre será justo diante da realidade social. [...] há cenários de esvaziamento da responsabilidade paterna no que tange aos cuidados materiais e imateriais de filhos – que se limita a pagar ou não pagar a pensão, ver os filhos quinzenalmente ou faltar nas visitas agendadas. Isso importa em sobrecarga da mãe mesmo com a existência formal e legal de um pai em gozo do poder familiar (Dufner, 2023, p. RB 12.2).

Conforme explica a autora, as famílias monoparentais femininas estão mais expostas a vulnerabilidades em razão dos fatores interseccionais de raça e classe social, apresentando assim uma maior incidência de pobreza e extrema pobreza, e restrição de acesso a medicamentos e serviços de saúde. Torna-se fundamental, portanto, reconhecer a existência das famílias monoparentais supervenientes pós-divórcio e uniões estáveis no âmbito jurídico para sua maior visibilidade, e “porque são merecedoras de políticas públicas voltadas à diminuição de suas desigualdades” (Dufner, 2023, p. RB 12.2).

O caso de Laura ilustra esta situação de arranjo monoparental feminino superveniente pós-divórcio, onde após a separação ou divórcio dos genitores, a mãe passa a assumir a maior parte ou a totalidade da responsabilidade pelo sustento e cuidado dos/as filhos/as.

T: E o seu pai, ele era ausente? Como que era?

L: Nessa época ele era totalmente ausente, porque os meus pais se separaram, e foi aquela típica separação, se separou da mulher e se separou dos filhos, e quando eu tive o câncer, foi quando o meu pai se reaproximou, porque a minha mãe contactou com ele, e aí foi que a gente teve contato, mas mesmo assim à distância. Só quando eu fui pra Bahia pra descansar um pouco que eu o vi. Mas, assim, meu pai sempre foi ausente, a minha mãe que foi pai e mãe, por isso que ela tomou a decisão de vir para a Espanha, porque ela sozinha não estava conseguindo dar conta de todos os compromissos que tinha que cumprir, me ajudar com a faculdade, o meu irmão, a casa, enfim, a vida de mãe solteira (Laura, 38).

Os dados das entrevistas realizadas com os/as filhos/as e as mães mostram que as dificuldades econômicas que as mulheres brasileiras enfrentam em razão das desigualdades de gênero do mercado laboral, que faz com que elas ganhem menos que os homens, somado à sua responsabilização pelo cuidado e sustento dos/as filhos/as – na maioria dos casos analisados, sem a presença e apoio financeiro dos pais –, constituem fatores motivadores de sua migração para a Espanha.

Nesse contexto, muitas mulheres afirmaram que migraram porque outra migrante, familiar, amiga ou conhecida, quase sempre de sua mesma cidade, atuou como rede de solidariedade, o que, por sua vez, pode ser indicativo de que as mulheres ajudam umas às outras a migrar porque compartilham de vivências semelhantes relacionadas às desigualdades de gênero e aos desafios da monoparentalidade feminina.

#### **4.3 Impactos da migração e da reorganização do cuidado na vida dos/as filhos/as**

Os relatos dos/as filhos/as entrevistados/as revelam que a migração de suas mães provocou impactos na reorganização do cuidado, conforme vimos anteriormente, onde as avós maternas passaram a ser as principais cuidadoras. A migração das mães também produziu impactos na vida dos/as filhos/as em outros aspectos, como, por exemplo, no modo como os/as filhos/as passaram a se sentir e, conseqüentemente, no modo de conceber-se a si mesmos. Neste caso, observa-se que a maneira como receberam a notícia da migração e as explicações que lhes foram dadas pelas mães ou cuidadores/as influenciaram esse processo.

Alguns participantes, diante da migração da mãe, desenvolveram um maior senso de responsabilidade sobre si mesmos e passaram a preocupar-se mais em tirar boas notas na escola e, mais tarde, entrar na universidade, numa tentativa de fazer valer a migração da mãe e não a decepcionar. Tal senso de responsabilidade aplicado aos estudos reflete, portanto, o objetivo da mãe de migrar para proporcionar aos filhos educação de qualidade e acesso a melhores condições de vida das que ela mesma teve. Além de uma responsabilidade pelos estudos, alguns participantes também tentaram dar o mínimo de trabalho possível para não sobrecarregar suas cuidadoras, como parte dessa tentativa de não decepcionar suas mães.

Como veremos nos capítulos seguintes, a concepção de muitos/as filhos/as sobre o processo migratório de suas mães, assim como sua relação com esta, modificou-se e até mesmo melhorou com o passar do tempo e através de sua convivência; não obstante, também

existem aqueles/as que não reportaram melhorias na relação com suas mães com o passar do tempo, mesmo após o seu reencontro e convivência.

Para outros/as, a migração lhes possibilitou mais autonomia ou liberdade individual, como, por exemplo, no momento de deixar seus lares no interior do estado e se mudarem para a capital, Goiânia, para cursar o ensino médio e a universidade sob o custeio de suas mães.

Carol, de 25 anos, que ficou no Brasil junto ao seu irmão mais novo e sob os cuidados de sua avó materna, explica que, por ser dois anos mais velha, conseguiu compreender melhor a migração da mãe em relação ao seu irmão. Além disso, ela acredita que sua mudança para a Espanha também contribuiu para compreender melhor a migração de sua mãe, diferentemente de seu irmão que continua morando no Brasil.

Quando eram crianças, ambos se perguntavam por que sua mãe não queria estar com eles, não os levava consigo ou por que ela não voltava para o Brasil. Carol tinha amigos cujas mães migraram para os Estados Unidos e para a Espanha e que depois levaram seus filhos, e isso reforçava seu questionamento de por que sua mãe não fazia o mesmo.

C: Eu vejo, assim, que o meu irmão, apesar de ele não demonstrar, eu acho que ele levou essa situação de uma forma um pouco mais negativa, a situação de não ter a minha mãe, porque eu acho que eu sempre fui um pouco mais madura para entender isso. Já ele desenvolveu certos problemas pessoais que, na minha impressão, tem um pouco a ver com o fato de como foi, de como se deu a nossa criação. Eu vejo ele como um menino muito inseguro e muito desacreditado dele mesmo, assim, eu vejo que ele não vê possível fazer as coisas por ele mesmo. E só hoje em dia eu percebo que a nossa criação tem muito a ver com a personalidade que a gente acabou adquirindo. Porque, quando a gente pensava que “por que que a nossa mãe não quer estar com a gente?” Acabava que isso era gatilho para muitas inseguranças na vida, tanto profissional quanto amorosa, porque sempre ficava aquela incógnita, assim, de “por que que a minha mãe não quer estar com a gente? Por que que ela não leva a gente? Por que que ela não vem embora?” E, também pelo fato de que se ela fugiu da convivência da minha avó, que é uma pessoa complicada, por que que ela deixou os dois filhos dela com essa pessoa, com essa mesma pessoa? Então, era uma coisa que eu não conseguia entender até que eu ir morar mesmo com a minha mãe, e como o meu irmão não passou por esse momento, eu acho que tem muita coisa que ele ainda não sabe lidar.

T: Você disse que tinha outras pessoas que você conhecia que passou pela mesma situação, da cidade de Iporá?

C: Sim, eu tinha uma melhor amiga que a mãe tinha ido para os Estados Unidos, a mãe e o pai, inclusive levaram ela um pouco à força e ela ficou alguns anos, mas acabou voltando porque ela não conseguiu se adaptar, principalmente porque os pais dela tinham uma relação muito pesada nos Estados Unidos, e ela estava no meio desse fogo cruzado dos dois. A gente ficou uns anos sem se ver, e a gente mantinha muito contato, mas era como se a minha melhor amiga tivesse ido embora de novo, assim, eu tive a sensação de que as pessoas eram tiradas de mim.

A sensação de saudade é muito presente na minha vida, eu tenho até uma tatuagem de 'saudade' porque parece que desde que eu me entendo por gente, é um sentimento que faz parte de mim mesmo, faz parte de quem eu sou. Eu tenho outros amigos que foram para a Espanha antes que eu, sabe. Eu acho que eu fui a que foi por último, assim, a que foi realmente quando quis ir, que eu decidi ir, porque a maioria foram trazidos, que a mãe realmente trouxe. Inclusive isso era uma coisa que me deixava instigada, eu pensava, “por que que a minha mãe não leva a gente de uma vez por todas?” Mas, hoje eu entendo que o meu pai também não assinaria os papéis, e que foi melhor ser num momento que eu desejei, também (Carol, 25).

Além das dúvidas e da angústia que sentiam pela ausência da mãe, Carol alega que tanto ela como seu irmão também se sentiam culpados por morar com sua avó, pelo fato de ela ter renunciado à sua vida para cuidar deles.

C: a minha avó, ela supria, ela foi a melhor mãe possível para a gente, mas ela não conseguiu dar muito afeto. Então, na nossa casa sempre faltou afeto, assim, eu não tenho lembrança de nenhum dia na vida da minha avó ela ter falado para a gente que amava a gente, nem nada disso, sempre foi, assim, um pouco pesada essa situação, porque ela falava que perdeu a vida dela para cuidar da gente, que teve que deixar de viver a vida realmente dela, para estar vivendo a vida de ser mãe de nós dois. [...] No Natal a gente sempre estava triste sem ela [sua mãe], era um clima extremamente, assim, pesado na minha casa, não eram dias muito legais. Porque só estava eu, o meu irmão e a minha avó, e a culpa de todo mundo, a culpa minha, a culpa dele, de estar ali com ela, e a culpa de sentir que estava – eu, pelo menos, sempre carreguei essa culpa –, de sentir que estava atrapalhando a vida da minha avó, de certa forma (Carol, 25).

Aos dezessete anos, Carol mudou-se para Goiânia para cursar a universidade e passou a morar sozinha e, depois, com amigos. Ela afirma que, apesar de contar com o apoio financeiro da mãe, tal mudança foi muito importante para ela aprender a cuidar de si e sair do ambiente conservador em que crescera, pois até então ela havia estudado em uma escola evangélica em Iporá.

Eu tive essa liberdade que eu nunca tinha tido na minha infância, porque o fato de estar com a minha avó, a gente era privado e controlado de muita coisa, assim, que eu só me senti um pouco mais livre quando eu me mudei a primeira vez para Goiânia (Carol, 25).

A seguinte participante, Elis, é filha única e também ficou sob os cuidados de sua avó materna após a migração da mãe. Ao ser questionada se isso lhe trouxe uma maior liberdade, ela responde que não, pelo contrário, sua família passou a protegê-la mais pelo fato de a mãe estar longe e ela estar sob sua responsabilidade. Quando completou 19 anos, Elis mudou-se para Goiânia para começar a fazer a universidade e, pouco tempo depois de

haver começado seu primeiro curso, ela o trancou e mudou-se para a Espanha pela primeira vez. Elis afirma que o fato de sua avó ter falecido quando ela tinha 17 anos contribuiu para sua decisão de migrar e encontrar sua mãe.

E: Eu sempre fui muito protegida. Eu acredito até que pelo fato de a minha mãe ter migrado e o medo que as pessoas tinham, minhas tias e minha avó, as de acontecer alguma coisa comigo, sei lá, um acidente ou alguma coisa assim, e ela estar muito longe e não poder chegar à tempo. Então, isso sempre aconteceu. Acabou que eu fui uma pessoa extremamente protegida demais, por exemplo, se eu ia brincar em uma pracinha e me vissem subindo numa árvore, não me deixavam subir na árvore porque tinham medo de eu cair de lá, machucar, quebrar alguma coisa, bater a cabeça. E por ser filha única, por outras pessoas pensarem que a minha mãe só tinha eu, eles me tratavam como se eu fosse um cristalzinho, sabe? Então, acabou que em vez de poder ter tido essa chance de construir alguma coisa assim, foi muito pelo contrário, eu fui durante muito tempo da minha vida extremamente muito protegida, demais.

T: E durante a adolescência, também?

E: Durante a adolescência, igual, só que, claro, eu tinha um instinto adolescente muito de rebeldia, então, acabava fazendo as coisas escondido. Saía escondido, não ia para a escola para poder ir para outro lugar escondido, então, acabava como, fazendo as coisas escondido para me dar a falsa sensação de liberdade (Elis, 28).

A seguinte entrevistada, Júlia, afirma que o fato de ter passado muitos anos de sua infância sem a presença e o carinho mais próximo dos pais lhe trouxe muita dor e um quadro de ansiedade com o qual ela lida atualmente. Apesar de compreender melhor agora os motivos da migração da mãe, para ela ainda é difícil aceitar tudo o que aconteceu. Júlia também afirma que tanto seu irmão quanto sua irmã mais velha – que também participou da pesquisa –, que ficaram com ela no Brasil no momento da migração da mãe, também enfrentam questões parecidas às dela, relacionadas à solidão de ter crescido sem a presença dos pais. Trata-se, portanto, da percepção de Júlia acerca de seus irmãos, uma vez que, segundo ela, eles não conversam muito sobre este tema.

Aos 13 anos, Júlia mudou-se para a Espanha para morar junto à sua mãe, de modo que seus irmãos permaneceram no Brasil. Aos 15 anos, ela começou a fazer psicoterapia em razão de um quadro de ansiedade e depressão que desenvolveu logo após a sua chegada, de modo que, através da terapia, Júlia entendeu que a maneira como se sente tem origem em sua infância. Ao comparar sua relação com seu irmão mais novo, com quem ela conviveu desde sempre na Espanha, Júlia percebe que eles compartilham mais coisas que seus irmãos mais velhos, no seu modo de ver, em razão destes serem mais fechados.

J: É muito difícil, tipo assim, eu comecei a comer, a ter muita ansiedade e quando eu cheguei eu tive depressão, também. Foi quando eu fui no psicólogo, porque eu não sabia o que tava acontecendo. Eu comecei a ir no psicólogo e eles falaram "tudo vem da sua infância". Então, hoje eu entendo que tudo vem da minha infância, porque antes eu achava assim, "ah, eu tô fazendo isso de tal forma, mas é porque o meu namorado brigou comigo, ou porque a minha amiguinha brigou comigo". Aí eles me falaram, "não, tudo o que você tem dentro vem já desde que quando você era criança". Então, assim, eu vou no psicólogo desde os 15 anos, não sempre, mas uma ou outra vez no ano eu tava indo, e eu comecei a fazer terapia dois anos atrás, já toda semana, e eu tenho parado um pouco, mas eu percebo que sempre que eu paro, vem parece que um peso que eu tenho que contar para o psicólogo e eu preciso da ajuda. E é o que eu vejo, eu não sei se a minha irmã falou com você ou o que ela falou, eu não sei, mas o que eu vejo na minha irmã, também, é pior do que comigo. Assim, eu acho que cada uma tem uma forma de pegar a sua dor, e eu acho que a minha irmã isso afetou muito ela, também. E hoje eu vejo isso nela, e ela tem comportamentos que eu não julgo, porque eu falo, "cara, eu senti a mesma coisa e eu sei essa dor", essa frustração de parecer que ninguém te entende. Parece que você não tem um ombro amigo, e eu vejo isso na minha irmã. E minha mãe, e eu também já falei pra ela, mas a minha mãe falou muito para ela fazer terapia. Eu acho que ia ajudar muito ela porque eu vejo que afetou muito. E o meu irmão também, que eu não sei se ela falou nada sobre o meu irmão, mas o meu irmão também, ele toma remédio para depressão. E eu também nunca tive coragem de, assim, de chegar e falar pra ele, "cara, isso tá acontecendo porque desde a infância a gente veio..." sabe? E eu sei que a minha mãe ela se sente culpada, ela vê a gente e ela pensa que a culpa é dela, que tudo que aconteceu é por ela, e eu até um tempo atrás eu colocava toda a culpa nela, também. Mas, hoje eu entendo que naquela época ela achava que era o melhor pra gente. Que eu, assim, pra mim dói porque eu não sou mãe, mas eu penso em ser mãe, e eu penso que eu não teria coragem de deixar o meu filho. [...] Eu acho que às vezes é um defeito que eu falo demais, mas as pessoas falam, "tá tudo bem você falar sobre os seus sentimentos". Eu acho que quando eu escuto alguém com a mesma história, igual você, eu sinto meio que esse consolo, assim, "cara, eu não sou a única pessoa", então por isso que eu gosto de conversar, para as pessoas não se sentirem sozinhas, sabe? Então é por isso que eu sempre falo abertamente.

T: E você com seus irmãos, você pergunta para eles se eles acham que são de uma determinada maneira por causa disso?

J: Não, a gente não conversa muito. Eu não sei, eu acredito que sim, que por conta disso tudo a gente não tem um relacionamento muito íntimo, sabe? Igual, eu vejo o relacionamento que eu tenho com o meu irmão hoje, mesmo ele tendo 10 anos ou 11 anos, é um relacionamento de irmão, eu brigo com ele como se ele tivesse a minha idade. Só que eu gosto muito dele, eu tenho muito carinho pelo meu irmão, que eu também tenho um carinho pela Cristina, e pelo meu outro irmão. Só que eu vejo que não é que nem relacionamento de irmão, de contar as coisas ou ter essa convivência. Então, eu nunca conversei com a Cristina sobre isso e eu vejo desde fora, e indo pra terapia eu vejo ainda mais. E eu vejo muito isso no meu irmão, também. E, com o meu irmão a gente tentou conversar, quando eu fui para o Brasil ano passado, a gente conversou um pouco sobre isso, mas ele também não gosta de se abrir muito, nem a minha irmã. Mas eu consigo imaginar o que eles sentem, porque eu sentia a mesma coisa (Júlia, 24).

Ao ser questionada sobre seus sentimentos em relação ao seu pai, ela afirma ter conversado com ele e que este lhe pediu perdão, o que provocou uma melhora em sua relação. Júlia entende que a falta de uma figura masculina em sua vida lhe levou a ser muito

apegada emocionalmente aos seus namorados e acabar entrando em um relacionamento tóxico. Em suas palavras, “eu dependia muito das pessoas emocionalmente por causa disso, por causa dessa falta de carinho por parte dos meus pais, que antes eu falei só da materna, mas que tem a falta do meu pai também” (Júlia, 24). No caso da figura materna, Júlia afirma que foi sua avó quem desempenhou esse papel diante da ausência física da mãe.

T: Vamos supor que seu pai tivesse sido presente durante a migração da sua mãe, mesmo assim você ia sentir uma falta específica dela? Você acha que ele supriria essa falta ou não é a mesma coisa?

J: Sim, eu acho que, assim, que é uma ajuda você ter pelo menos alguém, é uma ajuda. Mas, é óbvio que sempre vai faltar isso, sempre vai faltar. Se você tem o seu pai, vai faltar a sua mãe, o amor maternal. E se você tem a sua mãe, vai faltar o do seu pai, que sempre falta. Eu acho que ia ser uma ajuda, mas não ia resolver muita coisa. Mas, já era um cinquenta por cento, só que a gente estava num zero por cento, nem pai e nem mãe (Júlia, 24).

A próxima entrevistada, Maite, ao relatar sobre os impactos que a migração da mãe teve em sua vida, afirma que sua irmã sofreu muito mais que ela com este processo. Maite acredita que, por sua irmã ser mais velha que ela e, portanto, ter convivido durante mais tempo com a mãe, ela criou mais lembranças e sofreu mais com sua ausência. Quando sua mãe migrou, Maite ficou sob os cuidados de sua tia-avó, tendo ela como cuidadora durante toda a sua vida; já sua irmã ficou sob os cuidados de sua avó e, após a migração desta, passou a ser cuidada pela bisavó em outra cidade.

Maite afirma que sua mãe prometia que voltaria para morar no Brasil assim que juntasse algum dinheiro, mas, como isso não aconteceu, sua irmã se sentiu abandonada e vivenciou situações difíceis ainda criança, quando já estava sob os cuidados da bisavó, envolvendo sexo e o uso de drogas, o que levou ao Conselho Tutelar de sua cidade a determinar que sua mãe viesse para cuidar da filha. A mãe de Maite, Paula, veio ao Brasil e levou sua filha mais velha para morar consigo e com sua mãe na Espanha, o que lhe causou grande sofrimento a Maite, que era muito apegada à irmã, apesar de viverem em cidades diferentes no estado de Goiás.

Maite considerou importante relatar a história de sua irmã que, mesmo após sair do Brasil, continuou enfrentando inúmeras situações difíceis, tanto na Espanha quanto em Londres, para onde se mudou posteriormente.

M: A minha irmã, que morava em Pontalina, nessa época com 11 anos, desapareceu no final de semana, sumiu, aí o Conselho Tutelar foi procurar ela e a encontrou num lugar lá, tipo, num lote, e tinham feito uma festa, uns adolescentes, uma festa de adolescentes mesmo, sabe, tipo, com droga, bebida alcoólica. E aí eles identificaram que ela tinha tido relações sexuais, usado drogas e tudo mais. Aí, o Conselho Tutelar de Pontalina concluiu que a minha bisavó era incapaz de cuidar dela e ele autuou, e minha mãe tinha que vir aqui e buscar a minha irmã e cuidar dela. Então, a minha mãe foi obrigada a voltar no Brasil e buscar a minha irmã. Quando isso aconteceu, foi a segunda vez que eu vi a minha mãe, então, ela veio aqui, buscou a minha irmã, aí eu nessa vez que ela veio, enfim... [começa a chorar e quase não consegue mais falar], só porque eu nunca vi a minha irmã, desde que a minha irmã [continua chorando] foi embora eu nunca a vi. Aí ela veio, buscou a minha irmã e foi embora. As duas voltaram para a Espanha e ficaram morando, de novo, as três lá. E aí, quando elas voltaram para lá, a minha mãe migrou de novo para Londres e deixou a minha irmã morando com a avó. Só que aí, começou um ciclo, de novo de problemas e tudo mais com essa relação de migrante mesmo, do tipo, de ser ilegal, de, por exemplo, questão de dar problema, porque, a Isabela ela se envolvia com os ciganos. E aí ela fugia com os ciganos, cometia pequenos furtos, coisas do tipo, e aí, por fim, ela migrou também para Londres, para morar com a minha mãe. Aí, quando elas foram para lá, elas foram deportadas de novo, só que aí, quando elas foram deportadas, no dia que elas foram deportadas, a Isabela fugiu e, como ela era menor de idade, o governo britânico era obrigado a cuidar dela. Então, ela fugiu e o governo britânico ficou com a tutela dela, na época ela tinha mais ou menos 15 anos. E a minha mãe voltou para o Brasil, juntou uma grana e voltou e migrou para a Espanha de novo, aí ela ficou de novo um tempo morando em Barcelona e, depois, foi para Tarragona e ficou lá. [...] Aí, quando ela ficou sozinha em Londres, logo depois ela engravidou de um cara lá, um escocês, e teve um bebezinho, que hoje está com sete anos. Passou um tempo, ela engravidou de novo, teve outro menino. Aí ela se separou desse pai dessas crianças e ficou só, com as crianças. Aí, o que que aconteceu? Na época que ela engravidou dessa segunda criança, a minha mãe engravidou da minha irmã mais nova, então, eles têm praticamente a mesma idade, eles têm mais ou menos um mês de diferença. Então, ela foi para Londres de novo, para ficar com a Isabela, e aí, quando chegou lá, os bebês nasceram, ficaram todo mundo junto. Mas, o ex-marido da minha mãe, espanhol, não quis ficar lá, então, ele bateu o pé que ele queria voltar e ele ameaçou a minha mãe, falou que se não voltasse ele ia tirar a Stela dela, e aí ela teve que voltar. Aí, a Isabela ficou sozinha de novo, e aí ela sempre ficava com essa questão do abandono, "ah, você me deixou de novo, você me largou de novo, você me abandonou de novo". Então, a minha mãe sempre ficou nesse vai e volta, vai para Londres, sai de Londres, vai para um lugar, vai para outro. Aí, minha irmã, depois disso, arrumou um namorado e ele era brasileiro e, como eu sou psicóloga, ela começou a relatar algumas coisas dele. [...] Por fim, ele teve um surto psicótico e esfaqueou a minha irmã, ele realmente deu várias, ele deu catorze facadas nela, e ele esfaqueou a mãe e o pai dele, porque ele estava em surto. Ela ficou hospitalizada, ficou muito mal, quase morreu, mas ela sobreviveu. E, depois disso, ela perdeu a guarda dos filhos dela, e aí ela ficou, tipo, sob custódia, sabe? Eles notificaram o sistema de assistência social, e o sistema de assistência social tirou a guarda deles da minha irmã, e eles foram retirados dela e foram adotados. Então, ela não tem mais contato com eles, a gente realmente perdeu eles, eles foram adotados por uma família, inclusive eu acho que um casal homossexual. Então, é uma história que traz consequências muito tristes. Assim, eu que fiquei aqui, eu ainda consegui, né, eu ainda consegui ficar, estudar, fazer faculdade, formar, então, eu fiquei, mas eu fiquei porque a minha tia avó cuidou de mim. Então, ela sempre me deu comida, me deu o abrigo, me deu escola, então, eu meio que de alguma maneira consegui fugir disso. Mas, para a minha irmã isso tudo é muito complicado (Maite, 24).



A seguinte entrevistada, Carla, afirma que apesar de sentir saudades da mãe, ela sempre entendeu muito bem que ela havia migrado para lhe dar uma vida melhor. Somente durante sua adolescência, quando cursava o ensino médio, ela passou por uma crise de rebeldia que a levou a engravidar aos 14 anos, casar-se com o pai da criança e abandonar os estudos naquele momento para cuidar de sua família.

C: Bom, então, desde que a minha mãe foi embora, eu estive sempre estudando, aí quando eu fui para o ensino médio, eu dei uma crise de rebeldia [risos], parei o estudo no primeiro ano, foi quando eu conheci o pai do meu primeiro filho, aí casei muito nova, casei com catorze anos, porque eu engravidei dele com catorze anos, desse filho meu, e tive ele com quinze anos. Aí, nessa época eu parei os estudos, parei completamente e fiquei por conta dos meus filhos, na época, e por conta de casa mesmo, do casamento, que assim que eu engravidei nós fomos morar junto, e desde então, eu era casada, a minha única função era ser mãe e esposa. Aí, de lá, depois de cinco anos, terminamos esse relacionamento e voltei a estudar, aí voltei, terminei (Carla, 28).

Outra participante, Adriana, afirma que desde sempre se esforçou ao máximo para ser boa aluna e tirar notas boas na escola. Sua mãe sempre lhe incentivou, a ela e ao irmão, para que estudassem e entrassem na universidade, de maneira que ela sempre enviou dinheiro para que eles comprassem materiais e pagassem cursos.

Após a migração da mãe, Adriana e seu irmão mais velho ficaram sob os cuidados do pai, que trabalhava durante a noite e dormia durante o dia. Nesse contexto, Adriana assumiu a responsabilidade pelo trabalho doméstico do lar, antes desempenhado por sua mãe. Mais tarde, ambos os irmãos se mudaram para Goiânia para cursar a universidade e, segundo Adriana, a sua responsabilidade pelos afazeres domésticos intensificou-se quando ela passou a morar com seu irmão em Goiânia, por não haver uma divisão igualitária do trabalho doméstico em razão das desigualdades de gênero presentes na sociedade.

A: Com a ida da minha mãe eu meio que fui forçada a aprender coisas de mulher muito mais cedo do que eu pensava, e aí isso acaba então sendo uma experiência. Como eu passei a morar sozinha com o meu irmão, meio que teve aquela responsabilidade da mulher, da casa, sabe, que tem que cuidar de casa, e eu aprendi. O meu pai, quando eu morava com ele lá, ele sempre fazia de tudo, só que conforme eu fui crescendo, eu fui fazendo as coisas de casa, eu fui passando a fazer almoço, limpar a casa, essas coisas. Eu vejo que foi essa diferença que teve, porque antes era sempre da minha mãe, aí a partir do momento que ela se ausentou, parece que eu que passei a ser a mulher da casa. E aí, principalmente em Goiânia, era eu que fazia as coisas. O meu irmão também me ajudava, só que, infelizmente na sociedade por ser mulher você tem que fazer os trem tudo de casa, né (Adriana, 23).

Assim como Adriana, Beatriz também ficou no Brasil, junto à sua irmã, sob os cuidados do pai. Seu pai morava no Pará e possuía outra família, de modo que Beatriz e sua irmã foram levadas para morar com ele e sua madrasta após a migração de sua mãe. Uma vez lá, seus dois irmãos, filhos de seu pai, nasceram e Beatriz, ainda criança, teve que aprender a cuidar de si e dos seus irmãos. Para ela, o principal impacto da migração de sua mãe foi a mudança para pior na qualidade do cuidado que passou a receber de seu pai, conforme ela nos conta no relato a seguir.

B: Quando eu comparo a minha vida com minha mãe e com o meu pai, naquela época, eu acho que o tipo de cuidado difere em tudo. Assim, o meu pai custeava as coisas, mas essas coisas do cuidado mesmo, que ultrapassam o custeio, o pagar, apesar de a minha mãe ter tido bem menos recursos sempre, eu sempre me senti muito mais cuidada na criação com ela, tipo, de comprar uma roupa nova, de ver que o uniforme estava manchado e comprar um novo, de comprar uma escova de dente nova, com a alimentação. Eu acho que foi uma época que eu tive uma alimentação muito ruim, hoje eu vejo isso. Acabei aprendendo a cozinhar muito nova, com 7 ou 8 anos, também por conta disso, porque precisava fazer as coisas e, como eu disse, o meu pai tinha uma vida boa, principalmente financeira, ele tinha uma estabilidade financeira que a minha mãe não tinha nem de perto. Mas, isso nunca representou para a gente um cuidado maior, sabe? Então, acho que foi um baque mesmo, um impacto muito grande essa diferença, até do contato, de contar as coisas, de contar como que foi a escola, era completamente diferente. Fora que a minha mãe sempre foi uma pessoa muito do conversar, ela nunca bateu na gente, e o meu pai já era totalmente o contrário, assim, mais agressivo, e a minha madrasta era muito jovem. Os meus irmãos mais novos logo nasceram, na época em que eu e a minha irmã morávamos lá, então, eu também comecei a ter o trabalho de cuidar dos meus irmãos muito nova, e isso mudou muito a vida que eu tinha, que eu e a minha irmã tínhamos com a nossa mãe aqui em Goiânia. Acho que foi um momento que eu vi que realmente, para ele, o cuidado dos filhos era isso de pagar pensão, de pagar uma boa escola, e não ultrapassa isso, sabe? Não existia de fato um cuidado, um querer estar junto, uma preocupação, que seja com a saúde, que seja com qualquer outra coisa (Beatriz, 26).

Sara tem uma história parecida à de Adriana e Beatriz, no sentido de ter aprendido, desde muito cedo, a realizar as tarefas domésticas. Ela tem 23 anos, nasceu em Goiânia, atualmente mora em Gijón, na Espanha. É graduada em Línguas Modernas e Literatura pela Universidade de Oviedo e tem um irmão mais novo, filho do marido que sua mãe conheceu na Espanha. Sara tinha 6 anos quando sua mãe migrou, em 2001, de modo que ficou morando com seus avós e tios até que, em 2003, sua mãe a levou para morar consigo e seu padrasto no povoado de Infiesto, em Astúrias. Sara chegou à Espanha e entrou na escola, no quinto ano da educação primária, sem saber falar o idioma. Ela era a única criança da escola que não havia nascido naquele povoado, assim como a única criança estrangeira na época em que chegou.

Antes da migração, Sara morava com sua mãe em Goiânia e seu pai sempre foi ausente. Após a migração, ela passou a morar com seus avós e, após a morte do avô, passou a morar sua tia, tios e primos, de modo que toda a organização familiar mudou. A mãe de Sara enviava dinheiro todos os meses para ajudar no sustento da casa e, assim, sua tia passou a ser a chefe da família. No entanto, ela tinha costumes diferentes da mãe de Sara, como, por exemplo, ao gritar com ela no momento de chamar sua atenção por algo, de modo que, nesse período, ela passou a ser mais introspectiva e preferia passar o tempo sozinha em seu quarto que compartilhar seus pensamentos com as outras pessoas da casa.

Ao ser questionada se a migração da mãe lhe proporcionou maior liberdade ou autonomia, Sara explica que “algumas coisas continuavam igual, por exemplo, a minha mãe nunca me deixava brincar na rua, andar de bicicleta na rua, essas coisas, e a minha tia também não” (Sara, 23). Por outro lado, na casa da tia, ela tentava se ocupar de si mesma o máximo que podia para não precisar pedir ajuda à tia, que já tinha as outras pessoas de sua família para cuidar e, assim, Sara fazia coisas como dobrar sua própria roupa, servir sua comida, tomar banho sozinha e cuidar de seu cabelo.

S: Depois da migração eu mudei de casa, comecei a morar com o meu avô, com a minha avó, depois o meu avô faleceu, me mudei com a minha tia, então, a estrutura é claro que mudou, minha tia passou a ser a chefe da família, e com o meu tio também, mas quem mandava em casa era a minha tia. E mudou muito porque eu passei de morar sozinha com a minha mãe, mesmo estando acostumada com aquelas pessoas, de conviver com elas, eu passei a estar em um grupo muito maior, que eram meus primos, minha tia, meu tio, minha avó, e sim, a estrutura mudou, mas, como disse, já estava acostumada. [...] Sobre ela ter migrado e se isso me possibilitou uma maior liberdade, sim, eu acho que, não sei explicar, eu aprendi a ficar sozinha, a ser muito pensativa, não que naquele momento eu ficava sozinha e ninguém me apoiasse, ninguém se preocupasse por mim, mas eu interiorizava muito o que eu pensava, o que eu sentia. Talvez, naquele momento, eu passei a ser tímida, a ser mais tranquila, também. Naquele momento eu passei a não gostar de barulho, de gente escandalosa, de gente que faz barraco. No começo eu chorava com a minha mãe, eu fazia um pouco mais de birra. Nunca fui metida, mas, se eu pedia alguma coisa, ela sempre me dava, dentro das possibilidades. Mas, quando ela não estava lá e eu estava só com a minha tia, com o meu avô e com meus primos, se eu pedia alguma coisa, eu sabia que eu não ia ter, entendeu? Porque ninguém ia me dar. Se eu queria uma sandália nova, por mais que eu falasse que gostasse da sandália, eu não ia receber essa sandália. Então, eu comecei a guardar mais as coisas para mim, interiorizar mais. A minha mãe não gritava comigo, a minha tia era mais brava, mais rígida. Comigo também ela, assim, ela nunca me bateu nem nada, mas ela gritava, ela dava bronca, isso sim. Então, para não receber essa bronca, eu ficava mais quieta, mais calada, fazia as minhas coisas. Quando eu tinha tempo eu ficava no quarto brincando, eu sozinha na cama, lia alguma revista, enfim, tinha os meus momentos comigo mesma. Talvez isso tenha sido pelo fato dela ter imigrado, né. E depois eu também cresci assim, eu até hoje sou assim, sou tímida, odeio gente escandalosa, gente barbaqueira, gente que grita, que dá bronca nos filhos na frente de todo mundo. Talvez porque eu via isso com a minha tia,

coitada. Amo ela, adoro ela, mas, a verdade é que ela dava muita bronca. Em compensação a minha mãe não, a minha mãe falava "isso não pode, isso não é legal". E hoje continuo sendo sim autônoma, individual, sempre tento ajudar, sou bastante, tento ser sempre generosa. Mas eu preciso sempre do meu momento, do meu quarto, de pensar as coisas para mim, de inclusive, se eu quiser uma balinha, eu levanto e vou lá e compro, eu nunca peço para ninguém. Isso eu noto muito também no meu trabalho, eu sempre busco ajudar, não tenho problema em que me ajudem, também, sou muito grata quando me ajudam com qualquer coisa, mínima que seja. Mas, eu nunca peço ajuda, sempre tento eu fazer por mim mesma. Talvez tenha sido por esse período, porque na casa da minha tia, como éramos muitos, eu sempre tentava fazer as coisas. Por exemplo, eu dobrava a minha própria roupa, eu colocava a minha própria comida, lavava o meu próprio prato, entendeu? Tomava o meu banho, lavava o meu cabelo e até secava com o secador eu mesma o meu próprio cabelo, para não depender de ninguém, para não ter que pedir ajuda para ninguém (Sara, 23).

Assim como Sara, Cristina também afirma que, em razão da migração da mãe, ela passou a tentar resolver tudo sozinha para não pedir ajuda aos demais e passou a compartilhar menos seus pensamentos e questões. Pelo fato de não contar com a presença física dos pais, ela sentia que não tinha com quem contar nesses momentos em que precisava tirar dúvidas ou compartilhar questões sobre sua vida, por exemplo, durante a sua adolescência, considerando que ela tinha 9 anos quando sua mãe migrou.

T: E quem tinha mais presença em sua vida e te dava mais apoio emocional? Era a família materna?

C: Ninguém.

T: Você pode me contar mais sobre isso?

C: Você me fez lembrar a minha psicóloga [risos]. Então, eu acho que eu sempre, na minha infância e até hoje, eu compartilho poucas coisas, emoções e tal, com poucas pessoas, tipo, da família, sabe? Eu nunca fui de contar os meus problemas emocionais para a minha família. Se eu precisasse de alguma coisa, eu sempre soube me virar, desde criança eu aprendi a me virar sozinha, a não incomodar outras pessoas.

T: E como que foi para você ter ficado aqui durante a infância?

C: Pra mim, na minha infância foi difícil, porque meu pai tinha uns problemas dele e tal, e aí a minha mãe foi embora e eu tive que ficar com a minha avó e foi difícil, sabe? Para uma criança, não ter o apoio do pai e da mãe, tipo, poder conversar, porque tem coisas que a gente conversa só com a mãe e com o pai, e aí eu não pude compartilhar as minhas coisas com eles, a minha vida, que até hoje, mesmo eu já adulta, não compartilho as minhas coisas com eles. Tem coisa que eu não falo por falta disso, sabe, lá na infância.

T: Mesmo por telefone, você achava difícil compartilhar?

C: É isso, porque tem coisas que a gente tem que conversar pessoalmente, não dá pra conversar por telefone.

T: Você acha que o fato da sua mãe ter migrado te possibilitou mais liberdade ou autonomia?

C: Na verdade, como eu te disse, eu sempre fui independente, assim, eu sempre fui independente na questão de resolver a minha vida. Não falo na questão financeira porque até hoje eu dependo dela, mas eu digo, assim, para resolver as coisas, eu nunca dependi das pessoas estarem resolvendo as coisas para mim. Eu sempre escolhi as minhas coisas, eu tive a liberdade de escolher o que eu queria para a minha vida, ainda mais quando eu fiz 18 anos, aí que eu resolvia tudo mesmo, sozinha. Às vezes, quando eu era de menor, eu tentava resolver o máximo possível que eu conseguia sozinha, porque às vezes precisava de algum adulto e eu falava, “não eu posso fazer e tal”, mas, eu lembro que quando eu tava no ensino médio mesmo, eu resolvia tudo sozinha, queria fazer teatro, eu fiz, fui lá e resolvi tudo sozinha, eu ia de ônibus e não incomodava ninguém. Eu nunca fui essa pessoa de falar assim, “ah, me leva ali, me busca”.

T: Então você acha que esse seu jeito autônomo de querer resolver tudo sozinha tem relação com a migração dela? Poderia explicar melhor?

C: Sim, tem, aham. Ah, eu vejo isso, porque, igual era a minha família mesmo, eu tenho primas que hoje têm mais de vinte anos e que tudo a mãe resolve. Para ir na faculdade e tal, no médico, não dão conta de se virar sozinha. Então, eu acho que o fato de a minha mãe não estar perto de mim, com isso eu aprendi a me virar sozinha. O povo fala assim que mãe faz tudo para um filho né, então, eu acho que isso acaba atrapalhando um pouco a independência das pessoas, do filho. Eu mesmo, eu sempre resolvi as minhas coisas, viajo sozinha, isso pra mim é muito bom, mas eu acho que a questão financeira que eu fico meio assim, sabe, por até hoje ela me ajudar financeiramente. Quando ela foi, ela sempre mandou dinheiro, então eu acho que ela até hoje manda dinheiro como se fosse para suprir a necessidade, tipo, “ah, eu não tô aí, mas eu tô te mandando dinheiro”. Aí, até hoje ela manda dinheiro como, tipo assim, “olha, eu não tô presente, mas eu tô te ajudando”. Acho que, pra mim, eu não me sinto bem, apesar de estar precisando realmente, mas, eu não me sinto bem (Cristina, 26).

Os relatos anteriores nos revelam que os impactos da migração das mães nas vidas dos/as filhos/as que ficaram no Brasil manifestam-se de diversas maneiras. Diante da falta de informações claras e precisas sobre a ausência e a volta da mãe, Carol teve que lidar com os sentimentos de insegurança, em relação ao amor da mãe; de angústia em relação ao seu retorno e, também, com o sentimento de culpa em relação à sua avó, que manifestou que abrisse mão de sua vida para cuidar dos netos.

No caso de Elis, ela conta como o excesso de cuidado e de controle por parte de sua avó e tios a levava a fazer coisas escondidas em busca de uma maior sensação de liberdade. Júlia e sua irmã, Cristina, afirmam que as marcas deixadas pela ausência materna e paterna em sua criação se manifestam até os dias de hoje em suas vidas, na forma de ansiedade e de uma personalidade mais fechada para com a família.

Maite, por outro lado, afirma que não sofreu tanto com os impactos da migração da mãe quanto sua irmã, uma vez que Maite ficou sob os cuidados de sua tia-avó durante toda

sua vida até o momento de sua independência. Para Maite, o maior impacto da migração deu-se através das dificuldades que atingiram sua irmã quando ela ainda morava no Brasil e, depois, com a sua partida para a Espanha e posteriores situações de violência em Londres. Diferentemente das demais entrevistadas, Maite não sentiu diferenças em relação ao cuidado recebido pela tia-avó, uma vez que, desde que possui lembranças, ela sempre foi sua referência de mãe aqui no Brasil.

Já Beatriz, que passou a morar com seu pai e sua madrasta após a migração da mãe, sentiu uma diminuição dos cuidados em relação à época em que morava com esta, refletidos, inclusive, na piora de sua alimentação. Além disso, Beatriz também sentiu que seu pai não dava atenção para a filha, não queria saber sobre o dia e, até mesmo, tinha uma comunicação mais agressiva em relação à sua mãe. Beatriz também teve que assumir, ainda criança, a responsabilidade de ajudar no cuidado de seus dois irmãos mais novos e aprender a realizar algumas tarefas como cozinhar, ainda na infância.

Sara também viveu algo parecido ao ser deixada no Brasil sob os cuidados de sua tia. Ao receber menos cuidados, ela teve que aprender a cuidar de si nas pequenas tarefas do dia a dia. Ela também notou uma piora no tratamento e na comunicação de sua tia para consigo, o que a levou a passar mais tempo sozinha e compartilhar menos seus pensamentos e questões.

Por último, temos o caso de Adriana, que exemplifica a teoria da divisão internacional do trabalho descrita por Parreñas (2015), onde o preenchimento da demanda por mão de obra feminina migrante e barata nos países mais ricos depende de que outras mulheres menos privilegiadas dos países de origem assumam o trabalho de reprodução antes realizado por elas. Neste caso, diante da ausência da mãe, Adriana passou a ser a única mulher da casa e assumiu uma carga maior de trabalho doméstico que seu pai e seu irmão mais velho, em razão das desigualdades de gênero.

Além da questão da não responsabilização do trabalho doméstico por parte do pai de Adriana, Beatriz também relatou a falta de cuidados de seu pai para com suas demandas emocionais. Ambas as situações foram observadas por Parreñas (2005) com as famílias transnacionais filipinas, onde os pais que ficavam com seus filhos no país de origem não se responsabilizavam pelo trabalho de reprodução nem cuidavam emocionalmente de seus filhos.

Nesse sentido, a mulher migrante assume o papel de provedora sem que o homem assumira seu papel de cuidador diante da proximidade física de seus filhos, o que faz com que outras mulheres do país de origem e as mães, à distância, tenham que assumir essa carga de cuidados de reprodução e emocionais ignorada pelos pais. Conforme afirma a autora, os pais evitam este trabalho ao nunca perguntarem sobre o bem-estar emocional dos/as filhos/as, de modo que estes recorrem mais às mães e a outros parentes do sexo feminino para obter apoio emocional (Parreñas, 2005).

O trabalho de cuidado e apoio emocional desempenhado pelas mães transnacionais ocorre em grande parte, como veremos no próximo capítulo, através da comunicação frequente entre mães e filhos/as e de outras práticas transnacionais, como o envio de presentes e de remessas.

Neste capítulo, através dos relatos dos/as participantes, ficou evidente que os/as filhos/as das mulheres migrantes foram impactados com a separação física advinda da migração, seja na organização familiar – como nos casos de Beatriz, Júlia, Cristina, Alex, Laura e Maite – ou emocionalmente – como nos casos de Bruna, Júlia, Cristina, Laura, Adriana, Sara e Pablo. Observa-se que aqueles/as que moravam somente com suas mães ou com as mães e os pais, sofreram tantos os impactos relacionados à organização familiar, no sentido de terem de se mudar de casa, quanto os impactos emocionais, relacionados aos sentimentos de ansiedade, abandono e insegurança.

Já no caso dos/as filhos/as que moravam com as mães e as avós antes da migração, os impactos emocionais foram maiores do que os relacionados à organização familiar, uma vez que não houve mudança de casa; e a mãe, mesmo com a presença da avó, era tida por estes como sua principal referência de cuidado, tanto materno quanto paterno. Nesse sentido, algumas participantes relataram uma diminuição da qualidade do cuidado recebido pelos pais e tias, se comparado àquele anteriormente proporcionado pela mãe, como nos casos de Beatriz, Sara e Adriana.

Alguns participantes também sofreram muito com o momento da partida, de modo que eles ainda guardam a lembrança desse dia com detalhes, seja porque eram muito pequenos para compreender e aceitar a partida da mãe – como nos casos de Bruna, Elis, Júlia e Carol – ou porque foram pegos de surpresa pelo acontecimento – como no caso de Elis.

Além disso, observa-se que em algumas situações, os impactos ocorreram na qualidade da relação dos/as filhos/as com suas mães, de modo que alguns participantes

desenvolveram relações conturbadas ou conflituosas com estas durante o período de separação, sobretudo durante a passagem da infância para a adolescência, conforme nos relataram Bruna e Elis.

Também cabe destacar que muitos/as filhos/as que ficaram sob os cuidados das avós maternas se preocupavam em não as deixar depois de anos de convivência e coabitação, talvez na tentativa de não repetirem o feito de suas mães, de modo que após o falecimento das avós muitos/as filhos/as tomaram a decisão de migrar para a Espanha ou outros lugares.



## CAPÍTULO 5 – COMUNICAÇÕES, PRÁTICAS E IDENTIDADES TRANSNACIONAIS

*“Transnationalism and identity are concepts that inherently call for juxtaposition”  
(Steven Vertovec).*

Como vimos no capítulo 2, a teoria do transnacionalismo é fundamental para explicar os impactos que a migração das mães teve na vida de seus filhos/as que ficaram no Brasil, por ser capaz de captar as relações e práticas transnacionais, a nível emocional, econômico e simbólico, que ocorrem entre a sociedade de origem e de destino. Nesse sentido, me interessa analisar como tais relações e práticas entre as mulheres migrantes e seus filhos/as ocorrem no dia a dia; quais são os meios utilizados para manter seus laços afetivos e o sentido de família à distância; e como a evolução dos meios de comunicação ao longo do tempo provocou mudanças na frequência e/ou qualidade dessas relações, considerando que o estudo do uso dos meios de comunicação pelas famílias transnacionais nos revela aspectos das relações entre os indivíduos que, à distância, encontram-se mediadas pelas tecnologias de comunicação disponíveis em cada época (Madianou; Miller, 2012).

Para esta análise das práticas transnacionais, considero importante o conceito de ‘práticas familiares’ de Morgan (2011) que, segundo o autor, foi criado para ir além dos entendimentos estabelecidos e estáticos do que é a família, constituindo assim uma ferramenta útil de análises sociológicas para analisar, através de casos concretos, como as famílias ‘fazem família’ em seu dia a dia. As ‘práticas familiares’ colocam ênfase no ‘fazer família’, e não na definição ideal de família, de modo que aqui o aspecto da regularidade das ações e o aspecto do dia a dia adquirem especial importância. Isto porque, segundo Morgan (2011), os laços familiares e de parentesco precisam ser ‘trabalhados’ (*worked at*) para manter-se com o passar do tempo e continuar sendo significativos, alinhando-se, portanto, à realidade das famílias transnacionais, como veremos a continuação.

Uma das contribuições desta abordagem reside, por exemplo, em ser capaz de visibilizar como “as práticas familiares podem ser conduzidas longe dos locais familiares da casa e do agregado familiar” (Morgan, 2011, p. 6).

Partindo destas considerações, neste capítulo eu analiso a comunicação telefônica, o envio de presentes e remessas e as datas comemorativas como um conjunto de práticas transnacionais das mulheres migrantes e seus filhos/as, buscando compreender a função que tais práticas desempenham na construção e manutenção dos laços familiares à distância, assim como os possíveis impactos que produziram na vida dos/as filhos/as que ficaram no Brasil. Como veremos a seguir, as práticas transnacionais contribuíram, em alguns casos, para o desenvolvimento de identidades transnacionais de filhos/as de mulheres de migrantes, influenciando sua posterior mudança para a Espanha.

Os indivíduos transnacionais são exemplos de pessoas que têm suas sociabilidades e identidades constituídas em novas formas de vida à distância, possibilitadas pelas tecnologias de informação, comunicação e de transporte, ao serem capazes, agora mais do que nunca, de estabelecerem laços e conexões com seus países de origem – no caso das mães migrantes – e de destino – no caso dos/as filhos/as –, mediante as redes de amizade e de parentesco à distância. Para esta discussão, um conceito resumido de identidade diz respeito às “maneiras pelas quais as pessoas se concebem e são caracterizadas pelos outros” (Vertovec, 2001, p. 573).

Vertovec (2004) explica que as conexões e práticas transnacionais das pessoas migrantes, diante de sua intensificação no contexto da globalização, estimulam mudanças sociais e cita a bifocalidade no domínio sociocultural como uma delas. Trata-se da orientação dual das pessoas migrantes para seu país de origem e de destino, como uma espécie de ‘concepção transnacional do self’, visível em suas práticas sociais e narrativas. Para este autor, a bifocalidade das pessoas migrantes também produz efeitos nas vidas de pessoas não migrantes próximas a elas, ou seja, aquelas que ficaram no país de origem, transformando assim sua perspectiva e suas práticas.

Os indivíduos da segunda geração pós-migração e das gerações subsequentes provavelmente não manterão a bifocalidade e as práticas quotidianas dos seus antepassados migrantes, mas tais orientações e práticas parentais são susceptíveis de ter uma impressão duradoura nas identidades, interesses e atividades socioculturais dos seus filhos (Vertovec, 2004, p. 992).<sup>70</sup>

---

<sup>70</sup> Individuals within post-migration second and subsequent generations will probably not maintain the everyday bifocality and practices of their migrant forebears, but such parental orientations and practices are apt to have an enduring impression on their children's identities, interests and sociocultural activities. (Tradução livre).

Uma resposta para a pergunta de como é possível que alguém transite entre dois mundos diferentes de maneira simultânea “é que ‘ser verdadeiro’ muda no mundo pós-moderno: não é mais necessário ser verdadeiro para si mesmo da mesma maneira em todas as situações, mas sim de ser verdadeiro para si mesmo em determinado contexto ou relação” (Bradatan; Popan; Melton, 2010, p. 176). A identidade nacional pode ser vista aqui como um papel a desempenhar, onde o indivíduo transnacional é aquele capaz de desempenhar diferentes papéis diante de audiências diferentes, ou seja, um ator social flexível que internaliza as regras e restrições de diferentes contextos sociais.

Um indivíduo transnacional interagiria de uma forma com os companheiros do seu país de origem, enquanto utilizaria um conjunto diferente de regras e comportamentos ao interagir com os nativos do país anfitrião, como forma de responder a diferentes expectativas. A linguagem e os gestos precisam se adaptar a diferentes contextos e, junto com eles, a identidade e a pessoa se sentiriam tão confortáveis em um contexto quanto no outro, sem se ver como esquizoide. (Bradatan, Popan, Melton, 2010, p. 176).<sup>71</sup>

De acordo com estes autores, se concebemos o nacionalismo como a lealdade para com o próprio país, logo podemos conceber a identidade transnacional como uma dupla nacionalidade ou, por outro lado, pode se referir ao indivíduo que não possui uma pátria, considerando que sua relação com esta pode mudar ao longo do processo migratório.

Nesse sentido, um exemplo de identidade fluida seriam os indivíduos transnacionais, que, segundo Bradatan, Popan e Melton (2010), teriam a capacidade de acionar uma ou outra identidade nacional a depender de qual audiência ou público diante do qual eles se encontrem, alinhando-se, desta forma, à afirmação de Hall (2006) de que o sujeito pós-moderno assume identidades diferentes em diferentes momentos. O transnacionalismo se encaixa na ideia pós-moderna de identidade fluída, na qual definir o próprio self dependerá da audiência que o indivíduo tem diante de si. A identidade transnacional estaria, assim, mais fortemente caracterizada pelo movimento e menos pela fixidez ou estabilidade (Bradatan; Popan; Melton, 2010).

Com as revoluções nas telecomunicações e nas viagens de longa distância, criar e manter relações com o país de origem teve realmente um enorme impacto sobre

---

<sup>71</sup> A transnational would interact in one way with the fellows from his/her origin country while s/he would use a different set of rules and behaviors when interacting with the host country's natives, as a way to respond to different expectations. Language and gestures need to adapt to different contexts, and, together with them, the identity and the person would feel as comfortable in one context as in the other without seeing him/herself as schizoid. (Tradução livre).

os imigrantes transnacionais. Agora é mais fácil do que nunca estar por dentro de todos os acontecimentos políticos e sociais no país de origem. No passado, essa informação pode ter sido difícil ou demorada de obter, mas agora a lacuna da distância física está se fechando, permitindo que os imigrantes se sintam conectados à sua antiga sociedade quando, de outra forma, eles poderiam não ter tido a capacidade de fazê-lo (Bradatan; Popan; Melton, 2010, p. 174).

Devido à capacidade que os migrantes contemporâneos têm de manter fortes conexões com sua terra natal através de suas redes de amigos e familiares, mesmo vivendo em outro país, eles não são mais indivíduos desenraizados e forçados a se adaptarem a uma nova cultura ou sociedade, de maneira que a pressão para se integrar a essa nova sociedade torna-se menor em relação a épocas anteriores. Logo, “eles são transnacionais na medida em que navegam entre dois mundos, o país de origem e o país de acolhida, e eles pertencem a ambos os países” (Bradatan; Popan; Melton, 2010, p. 171).

Tal afirmação torna-se evidente nos seguintes relatos dos/as participantes deste estudo. No caso das mães migrantes, a maioria delas mantém sua identidade transnacional ao morar na Espanha e manter laços familiares, sociais e econômicos no Brasil. As práticas transnacionais referentes à comunicação frequente com seus familiares, o envio de presentes e remessas, as visitas e a compra de imóveis em seu país de origem, dentre outras, são recorrentes nos relatos das mães entrevistadas, como veremos a seguir.

Os estudos acerca do transnacionalismo tendem a focar nos indivíduos que saem de seu país, para explicar sua dupla pertença ao país de origem e de destino. No entanto, neste estudo, também analisei as práticas transnacionais do ponto de vista daqueles/as que ficaram na sociedade de origem, de modo que observei que as práticas transnacionais das mães migrantes também produzem efeitos, em alguns casos, na construção da identidade de seus filhos e filhas que ficaram no Brasil sob os cuidados de outras pessoas, como veremos nos trechos de entrevistas a seguir.

Como afirma Vertovec (2001), o envio de remessas, o intercâmbio de mídias e o consumo de bens materiais são exemplos de impactos econômicos e socioculturais que as conexões transnacionais produzem na cultura e na identidade da segunda geração de migrantes, ou seja, dos/as filhos/as. Um exemplo disso são os/as participantes que foram inseridos na cultura espanhola desde crianças através das práticas transnacionais de suas mães e que, mais tarde, também foram morar nesse país; ou mesmo aqueles/as que continuam morando no Brasil, mas que mantêm fortes laços sociais ou culturais com a Espanha por terem visitado a mãe nesse país. Trata-se, portanto, de

[...] pessoas que vivem em diversos ‘habitats de significado’ que não são territorialmente restritos. As experiências reunidas nesses múltiplos habitats acumulam-se para compor os repertórios culturais das pessoas, que por sua vez influenciam a construção da identidade ou mesmo de múltiplas identidades (Vertovec, 2001, p. 578).

No que diz respeito aos relatos dos/as participantes deste estudo, tanto os/as filhos/as quanto as mães afirmaram que mantiveram a comunicação após a migração mediante chamadas telefônicas, chamadas de vídeo, mensagens de texto e o envio de fotografias, presentes e remessas para o Brasil.

A frequência e o formato da comunicação entre mães e filhos/as modificou-se com a implementação das novas tecnologias de comunicação e com o uso da Internet. Nos primeiros anos da migração, as mães ligavam para o Brasil através de cabines telefônicas, usando cartões com uma determinada quantidade de minutos, assim como através de estabelecimentos destinados a ligações internacionais, popularmente conhecidos como *locutorios* na Espanha.

Do outro lado, no Brasil, os/as filhos/as e familiares das mulheres migrantes esperavam a sua ligação em um telefone fixo, uma vez que realizar ligações internacionais desde o Brasil era algo quase impossível devido ao seu alto custo, conforme afirma Mônica, uma das mães entrevistadas. Adriana, sua filha e também participante da pesquisa, relata que sua mãe mandou colocar uma linha de telefone fixo em sua casa para poder falar com seus filhos, pois antes eles não tinham.

Mais tarde, popularizou-se o uso dos celulares, o que facilitou o acesso às ligações, assim como permitiu uma maior individualização e privacidade das conversas que antes se realizavam desde locais públicos pelas mulheres migrantes. Não obstante, a grande revolução da comunicação no âmbito das famílias transnacionais produziu-se com o advento da Internet e dos dispositivos de webcam, permitindo a realização de chamadas de vídeo. As pessoas que antes só se viam através de fotografias – impressas e, posteriormente, digitais – passaram a se ver na tela do computador e, mais tarde, também dos smartphones e com uma frequência cada vez maior.

Já na era dos smartphones, uma nova mudança na comunicação teve lugar com a chegada dos aplicativos de mensagens, o que permitiu aos usuários terem acesso ilimitado às mensagens de texto e passarem a utilizá-las no lugar das ligações telefônicas, segundo a sua vontade, disponibilidade ou sua necessidade comunicacional.

Como veremos a seguir, todas essas mudanças no formato dos meios de comunicação também provocaram mudanças nas relações entre os membros das famílias transnacionais, aumentando a frequência de sua comunicação e, até mesmo, amenizando a dor da ausência e da separação ao possibilitar o compartilhamento de imagens em tempo real.

Além da comunicação através do computador e dos aparelhos celulares, os/as participantes também reportaram outras práticas transnacionais, como o envio de presentes e remessas de dinheiro para custear seu sustento, suas vestimentas, seus estudos e seu lazer no Brasil. Tais práticas transnacionais, comuns entre a maioria das mães dos/as participantes, constituem, portanto, uma maneira de expressarem seu amor e cuidado à distância.

### **5.1 Comunicação à distância e meios utilizados**

Trazemos a seguir os relatos dos/as participantes acerca da frequência, do modo como ocorria a comunicação com suas mães à época da migração e de como isso mudou com o passar do tempo e o surgimento das novas tecnologias de comunicação. Todos os/as filhos/as entrevistados/as afirmaram que suas mães mantiveram a comunicação com eles/as após a migração através dos meios disponíveis naquela época.

As mães dos/as quatorze filhos/as entrevistados migraram entre os anos de 1998 e 2010, sendo que a maioria delas migrou em uma época em que o único meio disponível ou mais acessível para conversar com a família no Brasil era o telefone fixo. Na Espanha, as mães se utilizavam dos *locutorios* ou cartões internacionais para ligar para o Brasil, de modo que aqui era fundamental que as famílias tivessem uma linha de telefone fixo para poder receber essas ligações, até a chegada dos telefones celulares. Todos/as os/as entrevistados/as afirmaram que era muito caro ligar desde o Brasil para a Espanha na época do telefone fixo, de modo que eram majoritariamente as mulheres migrantes que tinham que fazer isso. Tal situação gerava, em alguns filhos/as, sentimentos de incerteza e ansiedade, por não poderem entrar em contato com a mãe quando quisessem e por não saberem ao certo qual seria a próxima vez que isso aconteceria.

Nesse contexto, a maioria dos/as filhos/as que ficaram no Brasil eram crianças, de modo que eles/as vivenciaram a chegada da Internet, das redes sociais e dos smartphones já em sua adolescência ou idade adulta. Ou seja, durante os primeiros anos de migração, a única maneira que eles/as tinham de ver suas mães, e vice-versa, era através do envio de fotografias

impressas ou através das visitas ao país de origem ou de destino, um cenário muito diferente do que temos hoje, com a possibilidade da comunicação instantânea.

B: A gente se comunicava por ligação, na época não existia WhatsApp, e computador também não era uma coisa tão comum. Então, basicamente, ela ligava todos os dias, e isso era meio que regra, ela ligava todos os dias (Beatriz, 26).

S: Eu me comunicava com a minha mãe sempre, sempre por telefone, porque naquela época não tinha Internet. Ou, então, ela mandava foto. Mas, era sempre por telefone, ela ligava três vezes por semana, ou sábado ou domingo, sempre. E os outros dias dependia, talvez uma segunda, uma quarta, mas, sim, eram três vezes por semana mínimo, sempre. [...] Ela se fazia presente, sim, de certa forma sim, porque eu ainda lembrava dela, sempre falava dela, ela sempre se comunicava comigo, sempre me ligava, sempre me perguntava coisas da escola, como eu me sentia. Não era a mesma coisa que estar lá fisicamente, mas... (Sara, 23).

As seguintes participantes, Cristina e Júlia, são irmãs. A primeira é dois anos mais velha que a segunda e, atualmente, ambas se encontram morando na Espanha. Elas guardam lembranças de quando a mãe ligava para o Brasil, porém com diferentes detalhes, indicando como duas pessoas podem guardar diferentes lembranças de um mesmo acontecimento.

C: Naquela época a gente se comunicava por telefone mesmo, fixo, porque 17 anos atrás era bem... a Internet ainda não existia, aí depois que foi surgir lá o Orkut, MSN. Por ligação eu não lembro muito bem se a comunicação era frequente ou não, mas eu lembro de ela ligar sempre e tal, aí depois que veio a Internet, a gente conversava sempre, praticamente todos os dias mesmo.

T: Era ela que ligava mais ou você também ligava?

C: Era ela que sempre ligava, porque se fosse ligar pra lá, a ligação ia ficar muito cara (Cristina, 26).

Cristina notou que a frequência da comunicação aumentou com a chegada da Internet e das redes sociais em relação ao período anterior em que elas se comunicavam através do telefone fixo. No caso de Júlia, ela afirma que sua mãe ligava todos os dias e, inclusive, mais de uma vez ao dia para saber como seus filhos estavam no Brasil. Após chegar na Espanha e passar uma temporada morando em outra cidade, longe de sua mãe e já adulta, Júlia notou que as ligações frequentes que sua mãe fazia quando ela morava no Brasil e era criança foram substituídas por mensagens de texto, segundo ela, porque esta passou a preocupar-se menos.

J: Eu conversava todos os dias com a minha mãe, ela me ligava todos os dias no telefone fixo. Só que é igual eu te falei, eu era uma criança que, para mim, a minha mãe era a melhor pessoa do mundo, e continua sendo, mas assim, eu tinha a minha mãe totalmente idealizada. E, assim, a minha mãe sempre se preocupava muito com a gente, ela ligava todos os dias, eu acho que duas ou três vezes por dia, até que o telefone tocava e a gente pensava, “meu deus, a minha mãe de novo”. Ela sempre queria saber o que que a gente estava comendo, o que que a gente estava fazendo, ela preocupava muito. Hoje em dia a minha mãe não preocupa nada [risos], eu não sei se é porque eu estou aqui, mas minha mãe, quando eu morava sozinha e fazia faculdade em outra cidade, a minha mãe nem ligava, ela conversava pelo WhatsApp. Ela falava “oi, tá tudo bem?” e só (Júlia, 24).

Segundo Adriana, outra participante, sua mãe sempre ligava para conversar com ela e, apesar de não se lembrar exatamente quantas vezes, ela afirma que a comunicação ocorria de maneira frequente.

T: Sua mãe manteve a comunicação com você após a migração?

A: Sim, ela sempre ligava, porque como eu era muito novinha, ela sempre conversava comigo. Ela ligava direto, pelo telefone fixo que tinha lá em casa. Inclusive, ela mandou colocar lá para poder ter contato, porque lá em casa não tinha telefone, aí ela falou, “coloca telefone para eu poder sempre ligar para os meninos”, aí colocou. Ela ligava, tinha vez que ela ligava muito, tinha vez que ela passava um tempo sem ligar, mas no mês ela ligava, não vou te falar exatamente quantas vezes, mas era frequente, era frequente.

T: Você notou alguma mudança na comunicação com o passar do tempo e com a chegada de novas tecnologias?

A: Sim, a tecnologia ajuda bastante, conforme foi evoluindo, a gente passou a conversar mais por chamada de vídeo, por telefone, por essas ligações do WhatsApp. Só que aí a gente conversava mais por mensagem, sabe, por áudios e essas coisas, só que ela sempre tinha que me ligar, fazer por chamada de vídeo, e aí nem sempre eu podia. Ela ligava mais por chamada de vídeo do que por ligação normal.

T: Você acha que a sua mãe se fazia presente na sua vida aqui no Brasil? De que forma?

A: Sim, fazia, ela tentava de tudo, ela tentava muito, tipo assim, falava, “olha, não me esqueci de vocês não, eu tô aqui”. Ela sempre tentava mandar presentes pra gente e sempre ligava, ligava bastante. Perguntava se eu tava precisando de alguma coisa, se eu queria conversar com ela, qualquer coisa eu podia falar. Se não quisesse falar diretamente com ela, e se eu me sentisse mais à vontade de conversar com a minha avó, por exemplo, sabe (Adriana, 23).

Quando sua mãe migrou e ela ainda era criança, a comunicação ocorria através do telefone fixo, de modo que, na época em que surgiram as chamadas de vídeo, Adriana já estava entre o final de sua adolescência e o início da idade adulta e já não possuía a mesma



disponibilidade de tempo que outrora para conversar com sua mãe, em razão das tarefas do dia a dia.

A seguinte participante, Carol, explica com riqueza de detalhes como era a comunicação no início da migração e como ela evoluiu com a chegada da Internet, das redes sociais, dos smartphones e aplicativos de mensagens. Observa-se que cada época e meio comunicacional mobiliza um tipo de organização e de disponibilidade diferente das pessoas, de modo que as características emocionais presentes na comunicação também variam segundo o meio utilizado.

Este tema foi analisado em profundidade por Madianou e Miller (2012), para quem os meios de comunicação e as relações humanas são moldadas mutuamente. Sua teoria de que as relações são mediadas pelos meios de comunicação fica evidente nos relatos dos/as filhos/as participantes desta pesquisa, que acompanharam a evolução dos meios de comunicação ao longo dos anos a partir de sua vivência como membros de famílias transnacionais.

T: Quando você ficou no Brasil, vocês se comunicavam com frequência? Como que se dava essa comunicação? E, você se lembra de como que isso foi mudando ao longo dos anos?

C: Eu lembro, mudou muito. Primeiro ela tinha que ligar para a gente, ela tinha que comprar crédito num lugar específico e ela ligava pra gente e era por telefone fixo, então a gente tinha que tirar esse momento para estar falando com ela pelo telefone fixo. Eu lembro que o meu irmão odiava, ele nunca gostou. E, desse momento para o momento do Skype, da ligação de vídeo, foi questão de anos, foram muitos anos de ligações só pelo telefone fixo para o primeiro momento do MSN, que a gente conseguia se ver as primeiras vezes. Mas, eu lembro que a gente ia em Lan House, a gente ainda não tinha esse acesso ao computador de mesa em casa, até que a gente passou a ter e, depois disso, para o celular, foi uma grande quantidade de anos também, até chegar no WhatsApp, que foi quando a gente manteve, realmente, mais contato e muitas vezes por dia. Foi uma coisa que demorou muito. Foi só com o surgimento do WhatsApp que a gente passou mesmo a ter muita presença virtual, de todos os momentos, de todas as situações. Mas, engraçado que as ligações, elas ficaram muito mais escassas, e a gente ficou muito mais acostumado com mensagens, e acabou que eu, vez ou outra, pensava e lembrava dos momentos das ligações com saudade, porque é um momento que a gente tirava mesmo o tempo, para ficar muito tempo se falando. E, desde o WhatsApp, as ligações ficaram cada vez mais escassas, assim, era mais mensagem e fotos, mesmo.

T: Entendi. Você acha que essa mudança na tecnologia mudou alguma coisa na relação entre vocês duas?

C: Eu acho que mudou para bem, porque o momento do telefone, era um momento muito ensaiado, ela tinha que sair da casa dela, tinha que ligar de um lugar específico, que se chamava *locutorio*, e era uma formalidade não natural, assim, que a gente parava ali para falar com ela. A partir do momento que a gente passou

a ter o próprio celular e, depois, com o surgimento do WhatsApp, foi muita mensagem de vídeo, muitas fotos, compartilhamento de todos os momentos do dia mesmo, praticamente e, essa cobrança a mais de "eu tô de vendo online, por que não me responde?". Então, foi uma aproximação muito grande, na verdade, com o WhatsApp, foi um transformador de relações pra gente (Carol, 25).

Durante os primeiros anos de migração, Carol conversava com sua mãe pelo telefone fixo, o que requeria dela e do irmão um preparo anterior para o momento da ligação, que, segundo ela, era um momento mais ensaiado pelo fato de sua mãe ter que comparecer a um lugar e hora específicos para realizar a ligação. No país de destino, as mães migrantes usavam cabines telefônicas, locutórios e, mais tarde, cartões para ligar desde seus celulares, o que possibilitou a realização das chamadas desde qualquer lugar e a qualquer hora.

Apesar da formalidade e do ensaio citados por Carol, ela sente falta dessa época em que as pessoas reservavam um tempo para falar com as outras mediante ligação, uma vez que agora isso é cada vez menos frequente. Sobre o novo modelo comunicacional mediante o WhatsApp, Carol menciona a questão da cobrança que é possível exercer neste meio, onde se pode ver quando as pessoas estão conectadas ou online.

A seguinte participante, Bruna, também falava com sua mãe através do telefone durante os primeiros anos de migração. Primeiro, através do telefone fixo e, depois, do celular. Mais tarde, quando surgiu o aplicativo WhatsApp, ela já se encontrava cursando a universidade, o que para ela representou uma melhora na comunicação com sua mãe, visto que esta não aderiu ao uso de outras redes sociais.

T: Quando a sua mãe emigrou, você se lembra de como você mantinha o contato com ela?

B: Lembro, por telefone, e teve um tempo que eu não queria falar com ela. Ela era que ligava, porque eu lembro que na época, quando eu era criança eu nem sabia o telefone da minha mãe, e não tinha esse negócio de WhatsApp. WhatsApp foi recente, eu lembro de WhatsApp na época da minha faculdade. Então, até a minha faculdade, o meu contato com a minha mãe era por telefone celular, ou telefone fixo mesmo, dela ligar lá em casa.

T: No caso, ela ligava pra casa da sua avó, certo?

B: Isso, e minha mãe nunca teve rede social, nunca, ela não tem rede social. Então, hoje em dia, a gente conversa muito por WhatsApp. Mas, Instagram, Facebook ou Orkut, ela nunca teve. Ela não sabe mexer.

T: Você se lembra com que frequência ela telefonava?

B: De vez em nunca, ela quase não ligava, era bem raro ela ligar. E aí foi isso que gerou até um tempo de eu não querer falar com ela mais. Eu falei ah, se não me liga, pra que que eu quero falar com ela? Então, eu não sei ela realmente, hoje em

dia, eu não sei se ela realmente não ligava muito ou eu é que sofria com a distância e com o tempo. Então eu ficava, de certo, contando as horas, os dias para ela ligar e, talvez, dois ou três dias para mim fosse muito ela não conversar comigo. Porque eu converso, por exemplo, com a minha avó todo dia morando aqui [em Florianópolis]. Eu converso com ela todo dia. Pra mim uma distância de três dias sem falar com a minha avó é muito tempo, então, talvez naquela época era a mesma coisa, só que com a minha mãe, de entender que talvez ela ficasse muito tempo sem ligar, mas, talvez ela não ficasse tanto tempo assim, era eu que entendia que ela ficava muito tempo sem ligar. Hoje eu penso que é isso, hoje eu penso que é isso. Aí eu fiquei revoltada e teve uma época que eu simplesmente nem ligava pra minha mãe. Minha mãe ligava, queria falar com a minha avó e eu deixava, nem falava com ela.

T: Isso na época dos telefones, né. E depois, mudou?

B: Depois que começou a mudar, melhorou, melhorou bastante.

T: Aumentou a comunicação?

B: Muito mais, muito mais. Mas não igual à da minha avó, que eu consigo ficar até duas semanas sem falar com a minha mãe, mas com a minha avó não.

No momento da entrevista, Bruna estava morando em Florianópolis, longe de sua avó que morava em Jataí, Goiás. Por este motivo, ela compara a frequência da comunicação que tinha e tem com a sua mãe com aquela que mantinha com sua avó<sup>72</sup>. Ao realizar esta comparação, Bruna se dá conta de que a percepção que ela tinha de que a mãe não ligava com frequência para falar com ela pode se dever ao sentimento de urgência e necessidade que ela sentia para falar com sua mãe durante os primeiros anos de sua migração, somado ao fato de que apenas a mãe era quem ligava, de modo que à filha só lhe restava esperar ansiosa pela ligação. Bruna percebe que depois de adulta passou a conseguir ficar muito tempo sem falar com sua mãe, mas não mais que um dia sem falar com sua avó, que ainda estava viva no momento da entrevista.

Bruna afirma que naquela época, às vezes, ela também recebia e respondia cartas e cartões postais de sua tia e de sua mãe, que moravam em outros países, de modo que ela ainda guarda esta correspondência por seu valor sentimental.

T: Naquela época tinha comunicação por cartas?

B: Tinha, tinha, eu cheguei a receber carta da minha mãe, da minha tia Verônica, eu mandava carta pra tia Verônica. Ela me mostrou uma carta que eu fiz pra ela, pra minha tia, quando eu tinha 9 ou 10 anos, ela mostrou, um desenho horroroso que eu fiz dela, e ela guarda até hoje.

---

<sup>72</sup> A avó de Bruna infelizmente faleceu durante a realização desta pesquisa, no dia 21 de abril de 2021. A avó cuidou da neta durante a sua infância e adolescência em Jataí, e as duas tinham uma ligação muito forte, sendo ela a pessoa mais próxima de Bruna, mesmo à distância.

T: Você também guarda?

B: Da mamãe eu tenho, eu tenho presente, cartão postal. A tia Verônica é que era muito mais de mandar cartão de aniversário, cartão de tudo quanto é coisa, e isso eu guardo até hoje, tenho muita coisa. Cartão de aniversário, cartão de Natal.

T: Você se lembra de que lugares eram os cartões postais?

B: Da tia Verônica, de quando ela estava em Londres, de quando ela estava na República Checa, quando ela visitou a Escócia. Na Itália, a minha mãe quando foi pra Itália me mandou um cartão de uma igreja, que eu gostava muito de igreja, eu gosto muito de igreja. Era isso, com 8 anos eu pedi, “me manda uma foto de igreja”, eu tinha 8 anos, quando eu pedi, e minha mãe mandou pra mim a foto da igreja. Era uma igreja linda, linda, linda, na Toscana, linda, linda. E eu lembro que, nossa, eu lembro disso, só não sei cadê essa foto, na real, deve tá lá em casa. Mas era a foto da igreja, não era nem cartão, era foto da igreja, que ela mandou pra mim, e é isso. Agora cartão, assim, era mais a tia Verônica. A minha mãe era mais cartinha e poucas, não escrevia lá essas coisas todas não, eu acho que bem poucas, era mais obrigação mesmo. Quem era mais ligada à escrita e essas coisas era a tia Verônica. A minha mãe era mais na dela, desligada, completamente (Bruna, 27).

Outra participante, Elis, também afirma que sua mãe manteve o contato com ela após a migração através de ligações telefônicas e o envio de fotografias pelo correio, visto que ainda não existiam os smartphones e as chamadas de vídeo. Para ela, as fotografias impressas davam a sensação de poder tocar a pessoa, enquanto que as ligações telefônicas lhe proporcionavam aconchego, mesmo à distância.

E: Ela sempre se fez presente muito por ligação, por mandar fotos, assim, para tentar encolher um pouco a distância que tinha, e ligando sempre, mandando foto, indo lá [no Brasil], não ficando mais de dois anos sem ir, me trazendo para cá todas as férias [para a Espanha]. Mas, como naquela época era muito mais difícil, porque não tinha, por exemplo, um celular que você pegava e fazia uma videochamada e nem nada disso, era mais isso, por ligação, por fotos, principalmente, porque naquela época as pessoas tinham um certo costume de contratar fotógrafos, tirar fotos e enviar as fotos pelos correios. Então, acaba que aí ela se fazia mais presente, de uma forma que pudesse como tocar e ver a pessoa, e por telefone de uma forma mais de se fazer presente em termo de aconchego, sabe? (Elis, 28).

A seguinte participante, Maite, tinha dois anos quando sua mãe migrou e, naquela época, ainda não existia o celular e o acesso à Internet, de modo que ela praticamente não tinha contato com sua mãe. A chegada da Internet e dos smartphones não só facilitou a comunicação entre elas, mas também possibilitou a sua aproximação e a criação de laços e memórias mediante o compartilhamento de fotografias, por exemplo.

T: Você falou que na época que a sua mãe migrou não existia a comunicação pelo celular e pelo WhatsApp igual existe hoje. Depois, quando aparecem as novas tecnologias de comunicação, vocês passaram a conversar mais ou não houve mudanças?

M: Não, mudou. Quando surgiu a Internet e começou a ter Orkut, Facebook e tal, aí já começou a aumentar progressivamente, porque aí você tinha o Facebook, tinha o chat, aí conversava. Aí, principalmente depois do WhatsApp, mudou significativamente, porque com o WhatsApp manda foto, faz chamada de vídeo, e com o fuso horário, né, que é muito difícil. Enfim, eu mando mensagem para a minha mãe, porque eu trabalho o dia todo e faço pós graduação de noite, então, eu chego em casa, tipo, dez da noite, aí eu mando mensagem "oi, você já deve estar acordando aí, né, bom dia", e ela vai me responder ou ver só a noite. Então, esse fuso horário é muito difícil, mas aí, ele facilita, o WhatsApp facilita muito isso. Aí, a gente combina, "ah, tal dia vamos fazer uma chamada de vídeo"? "Vamos". Então, com o WhatsApp facilitou muito, com certeza a Internet foi um grande diferencial para aproximar, para criar laços e tudo mais, até para, por exemplo, coisa simples, igual, questão de foto, eu não tinha nem foto, porque eu não tinha como ter contato. Aí depois, agora, você recebe foto, você tem como ter várias formas de aproximação (Maite, 24).

Diferentemente dos/as demais participantes, Laura conta que quando sua mãe migrou já existia o Skype, um aplicativo de chamada de vídeo. No entanto, esta não sabia utilizá-lo e ligava para a filha todos os dias no Brasil através do celular.

T: Durante esse tempo que estiveram longe, vocês mantiveram a comunicação?

L: Diária, não por vídeo, porque na época não tinha WhatsApp, então tinha o Skype, e a minha mãe não sabia usar. Então, ela tinha um telefone, que ela tinha um chip, na época chamava Like a Mobile, que era só para ligar para o estrangeiro. Então, a minha mãe me ligava todos os dias, pela manhã, antes de eu sair para a faculdade, todos os dias, ou no meio da tarde ou à noite, todos os dias, ininterruptos. Eu nunca fiquei um só dia sem falar com a minha mãe.

T: E vocês tratavam, mais ou menos, sobre quais assuntos?

L: Ah, no começo a gente chorava muito, eu principalmente, que sentia muita saudade. Aí depois porque juntou questões administrativas, porque tivemos que mudar de casa, então, a gente conversava muito sobre isso, novidades da família, dos amigos, o que tinham perguntado, da igreja, da faculdade, de contas para pagar, de ter que fazer isso, fazer aquilo outro e tal. Eram mais conversas, a gente conversava sobre tudo, na verdade (Laura, 38).

Os seguintes relatos são de algumas das mães participantes da pesquisa, onde elas contam acerca das mudanças que experimentaram na maneira de se comunicarem com seus filhos/as no Brasil. Durante os primeiros anos de migração, o mais comum era irem até um *locutorio* para realizar ligações internacionais. Outras compravam um cartão com créditos para ligações internacionais e ligavam desde seu celular para o Brasil, uma vez que a ligação do Brasil para a Espanha custava muito caro.

Mônica é mãe de Adriana, também participante da pesquisa, e considera que a comunicação melhorou muito desde a época em que migrou. Além da melhora na comunicação, outra mudança positiva é que agora ela também consegue realizar suas remessas mediante transações bancárias online, através do celular.

T: E naquela época, como que você entrava em contato com a família aqui no Brasil e com que frequência? Quais mudanças na comunicação você viu daquela época pra hoje?

M: Naquela época, até que não era difícil a comunicação, porque, você sabe, hoje em dia é o telefone, é a câmera, é a chamada de vídeo, mas, assim, eu ligava todos os dias. Agora, o meu filho, que hoje tem 28 anos, eu lembro que eu cheguei a ficar um mês sem a gente se falar, porque foi no início, assim, quase isso. A gente ficou sem eu estar ligando, foi quase isso mesmo. Mas, eu com a minha filha era quase todos os dias, todos os dias, porque ele era muito na dele e tal. Mas, depois não, com o tempo a gente foi mudando, eu acho que eles foram aceitando mais a ideia de que eu tinha ido pra lá [para a Espanha] e tal, e todos os dias, todos os dias eu ligava, se eu passasse dois dias sem falar com a minha mãe, eu já me sentia mal, eu tinha que falar com ela todos os dias, todo dia e com meus filhos também. Hoje não é como antes, hoje se eu estou lá na Espanha, todos os dias eu tenho que falar com eles, todo dia eu ligo aqui pra eles, para saber como é que está tudo. E com a minha mãe. Então, assim, a comunicação ficou bem melhor do que no início. No início era menos, mas agora já não, já melhorou muito.

T: Você que sempre ligava para cá ou eles também ligavam para você lá na Espanha?

M: Não, daqui pra lá não. Pra ligar, eu sempre liguei, porque assim, na época que eu fui a gente não tinha ligação de WhatsApp, eu lembro, era no *locutorio* ou, então, até mesmo o telefone mesmo. Mas, eu nunca deixei ninguém me ligar, até mesmo a minha mãe, porque as ligações daqui pra lá são muito caras, né, então eu fazia muitas ligações de lá pra cá já pra eles não ter que ter esse gasto, né. Lá eu pegava, eu tinha o meu telefone e carregava também e tinha aquela quantidade de tempo para mim poder ligar aqui no Brasil, eu tinha as ligações internacionais para fazer pra cá. Mas aí, menina, o que acontece, a quantidade era pouca, porque eu ligava e eu queria falar muito, e acabavam os créditos. Então, eu ia para um *locutorio*, ligava do *locutorio*, à noite, e sempre quando eu ia, eu mandava dinheiro, que a gente mandava por lá naquela época. Naquela época eu não tinha muita informação de tecnologia de fazer no telefone. Hoje não, hoje mudou muita coisa, hoje eu pego o meu telefone quando eu tô lá e ligo aqui na câmera, vejo a minha mãe, vejo meus filhos, é muito diferente, é totalmente diferente. Hoje eu vejo bem mais fácil. Eu superei muita coisa que eu não sabia, e hoje lá se você não quiser mandar dinheiro pelo locutório, já tem aqueles aplicativos no telefone, né. Você tendo a conta lá no banco, igual eu tenho, graças a deus eu tenho a minha conta lá, aí eu ponho dinheiro no banco e através do telefone, eu aprendi a fazer tudo, minha irmã. A gente aprende (Mônica, 44).

Paula, mãe de Maite, também relata que em sua época ela usava um cartão com créditos internacionais para ligar para o Brasil. Diante da pergunta se a transformação dos meios comunicacionais mudou algum aspecto na relação com suas filhas, ela afirma que não, talvez pelo fato de que, assim como outros/as participantes, a possibilidade de uma maior

presença virtual chegou quando os/as filhos/as já não eram mais crianças, estando já na fase adolescente ou adulta.

P: Quando eu cheguei na Espanha, a gente se comunicava por telefone, e era um cartão de telefone que você comprava, que tinha, tipo, 45 minutos nele, e você ligava com um código, e com aquele código você podia fazer ligações e, bom, mudou muito, né. São 22 anos. E, claro, hoje em dia a gente fala por telefone e celular, né, através das chamadas de vídeo. Mas, não mudou muito a relação com as minhas filhas, porque elas hoje são duas mulheres adultas, e cada uma tem a sua vida (Paula, 42).

Assim como a maioria dos/as entrevistados, Pablo também afirma que nos primeiros anos da migração de sua mãe a comunicação era mais difícil e precária em relação ao preço e à variedade de recursos disponíveis atualmente. Pablo cita especificamente o aplicativo WhatsApp e o recurso das chamadas de vídeo como o grande diferencial na comunicação com sua mãe, pelo fato de possibilitar uma comunicação a qualquer momento e com a possibilidade de vê-la.

P: Ela me fez muita falta naquela época, foi muito duro mesmo, muito difícil a distância. Não tinha a facilidade de comunicação que a gente tem hoje, que a gente pode se ver por vídeo em todo momento, telefone todo o tempo. A gente tá chateando no WhatsApp o tempo todo. Naquela época não, a gente tinha que esperar o dia que ela podia ligar, era caro. Esperar foto, de vez em quando, quando surgia de que alguém ia para o Brasil, de poder mandar algumas fotos para a gente ver. Isso podia passar anos, eu passei cinco anos sem ver a minha mãe, sem saber como que ela tava fisicamente, e ela também sem saber como que a gente tava fisicamente, porque era muito difícil. O tema da comunicação hoje em dia, não. Hoje em dia é muito fácil, a gente fica até de saco cheio já da família, de tanto se comunicar o tempo todo. Mas, naquela época eu lembro que foi bem difícil (Pablo, 31).

Sol é mãe de Pablo e, assim como Mônica, também considera que a comunicação melhorou muito com o passar do tempo. Antes, ela precisava ter um dia livre no trabalho para conseguir ir até o *locutorio* e telefonar para o Brasil, o que muitas vezes dificultava a comunicação. À época da migração, Sol deixou seus dois filhos no Brasil, mas, atualmente, somente um deles continua morando aqui.

T: E como que se dava a comunicação entre você e seus filhos?

S: Era pela Internet, eu ia no locutório e eles iam lá também no locutório, porque então não existia WhatsApp naquela época. Então era pelo locutório, pela câmera do computador, e a gente se via, eu ligava e marcava para eles irem para lá e a gente se via. Aí apertava mais o coração, eu começava a chorar... eu ficava com aquela vontade de ver eles e não podia, era difícil.

T: Em relação à comunicação daquela época e de como é hoje em dia, você acha que melhorou? E você acha que isso tem algum reflexo na sua relação com seus filhos?

S: Melhorou demais, naquela época não tinha WhatsApp, então eu tinha que ter esse dia que eu tava livre, de trabalhar, estar de folga, para correr lá no *locutorio*, esperar uma fila de gente, para falar com eles. E agora não, com o WhatsApp todo mundo tem, e é a qualquer hora, a qualquer momento eu tô ligando pra lá, eu tô vendo ele por videochamada, então, isso te dá mais um pouco de conforto no coração (Sol, 53).

Os relatos evidenciam que a comunicação, especialmente durante os primeiros anos da migração da mãe, desempenhou um papel fundamental na vida dos/as filhos/as que eram, em sua maioria, ainda crianças nessa época. A frequência da comunicação equivalia ao nível de presença da mãe em suas vidas, de modo que o acesso das mães aos meios comunicacionais da época, no que diz respeito ao seu tempo e recursos econômicos disponíveis, configura-se como um fator externo que influenciou nessa construção da imagem da mãe pelos/as filhos/as à distância.

Observa-se que o alto custo das chamadas internacionais desde o Brasil naquela época fazia com que os/as filhos/as não pudessem ligar para suas mães quando sentissem saudade ou necessidade e, portanto, experimentassem um sentimento de angústia, como podemos observar nos relatos de Bruna e de Pablo, por terem que esperar pela ligação da mãe.

No entanto, apesar das dificuldades para se comunicarem com seus filhos/as à época, observa-se que as mães migrantes continuaram desempenhando diversas responsabilidades de cuidado que a sociedade lhes atribui, sendo uma delas o cuidado emocional. Isso se vê refletido nos relatos dos/as filhos/as, por exemplo, quando eles/as afirmam que só conseguiam conversar sobre determinados assuntos com suas mães.

As tecnologias de comunicação desempenharam e ainda desempenham um papel fundamental na vida das famílias transnacionais analisadas, possibilitando a criação, reestabelecimento e manutenção de seus laços afetivos ao longo do tempo e da distância. Com participantes de diferentes idades e com mães que migraram em diferentes épocas, foi possível observar como cada um/a deles/as foi impactado/a de maneira diferente pela separação física da mãe, combinada com os meios de comunicação disponíveis em cada época.



## 5.2 Envio de presentes e outros objetos para o Brasil

A maioria dos/as entrevistados/as afirma que suas mães enviavam presentes e outros objetos, como cartas e fotografias, para eles/as no Brasil. Tais envios eram realizados através dos correios, de outras pessoas que viajavam para o Brasil ou eram trazidos pelas próprias mães quando elas visitavam seus/as filhos/as.

Alguns filhos/as que receberam presentes enviados por suas mães desde a Espanha ainda os guardam devido ao grande valor emocional que possuem. Como exemplo desses objetos, têm-se ursinhos de pelúcia, mochilas, roupas, brinquedos, CD's e DVD's, videogames, perfumes, bonecas, dentre outros. A seguir, trazemos alguns relatos dos/as filhos/as acerca deste tema.

T: Além das ligações por telefone, sua mãe te mandava coisas desde a Espanha? Se sim, o que?

B: Sim, minha mãe mandava as coisas quase que a cada dois meses, às vezes até menos, ela mandava presentes, mandava uma caixa com coisas, com mochila nova para a gente ir para a escola, com roupa, com brinquedo, com um monte de coisas para mim e para a minha irmã. (Beatriz, 26).

T: Sobre as coisas que a sua mãe mandava, você ainda guarda alguma coisa de lembrança?

A: Ah, sim, ela me mandava muito ursinho de pelúcia, muito, eu tenho lá em Minaçu, o meu quarto é cheio, porque eu gosto muito, sabe. Ela mandava roupa, perfume, principalmente. Os celulares que eu tive sempre foi ela que me deu, entendeu? Mas, o que eu mais guardo são os ursinhos de pelúcia, que eu durmo com eles. Eu gosto muito, direto ela me manda. Ela me deu até um gigante [risadas]. É porque filho pra mãe nunca cresce, né. Aí ela vive comprando trem assim de mocinha pra mim (Adriana, 23).

No caso de Adriana, a mãe começou a enviar os ursinhos de pelúcia quando ela era pequena e atualmente ainda mantém esse costume, segundo a filha, porque a mãe, de certo modo, ainda preserva a sua imagem de criança, apesar de Adriana já ser adulta.

O valor emocional dos presentes enviados pela mãe também aparece no relato de Elis, quem os recebia com muita alegria por saber que sua mãe os havia tocado, o que lhe trazia um sentimento de calma. Além disso, Elis também via os presentes como uma demonstração de que a mãe tinha se lembrado dela e isso a fazia se sentir especial.

Os presentes também lhe conferiam um status de diferença em relação às crianças e colegas de sua idade, para quem Elis gostava de contar que tinha uma mãe que morava fora

e que lhe enviava coisas que, às vezes, não existiam no lugar onde ela morava ou às quais as pessoas ainda não tinham acesso. Diante da ausência física da mãe, observa-se que os presentes enviados por esta, além de aportes materiais, também funcionavam como aportes emocionais ao simbolizarem o carinho da mãe à distância e, porque, através deles, Elis conseguia mobilizar a atenção de outras pessoas para si.

T: Você me disse que a sua mãe te mandava coisas daqui. O que significava para você receber esses presentes?

E: Na época significava, assim, como uma certa calma, sabe? Porque eu pensava, nossa, ela tocou uma coisa que eu tô tocando, então, era como uma certa calma, como um certo carinho de que, nossa, ela está tão longe, mas ela lembra de mim, ela lembra de trazer essas coisas, ela lembra de mandar essas coisas, muitas vezes por correio, às vezes, trazendo. Então, eu sentia como se eu fosse realmente muito especial, sabe? Claro, criança ficava louca, louca querendo as coisas, querendo logo que ela chegasse com presente ou enviasse, então, acabava que fazia eu me sentir muito especial.

T: E em relação à amigos ou outras pessoas da sua idade naquela época, tinha alguma importância você falar, “ah, isso veio de lá”? Como que era sua relação com a Espanha durante a infância, em relação à outras pessoas?

E: Ah, tinha, tinha, nossa, tinha. A gente sempre, eu pelo menos, eu tô falando a gente e tô generalizando aqui. Mas, eu sempre tive essa necessidade de falar, por exemplo, que "ah, a minha mãe não mora aqui, a minha mãe mora na Espanha; a minha mãe me mandou isso da Espanha; olha isso que só tem na Espanha; ela comprou isso na Espanha". Então, eu sempre fazia muito isso, sabe? Então eu tinha esse costume de ficar mostrando e falando as coisas porque eu me sentia como única, literalmente, porque eu sabia que ninguém ali ia ter, e eu seria o centro das atenções por algum momento (Elis, 28).

Os seguintes relatos são das irmãs Júlia e Cristina, que contam que sua mãe lhes enviava caixas com brinquedos, ursos, bonecas e roupas para seus três filhos no Brasil.

T: Você se lembra de receber coisas que a sua mãe mandava da Espanha para o Brasil?

J: Sim, sim, eu lembro que ela sempre mandava caixas de brinquedo e de roupas pra gente. Não sei com que frequência ela mandava, mas eu lembro que quase sempre ela tentava mandar alguma coisinha pra gente, brinquedo, que até a minha irmã ela tem a maioria dos brinquedos, eu nem sei onde. Eu era a que destruí os brinquedos que a minha mãe mandava, mas a minha irmã eu acho que até hoje ela tem. Mas, sim, ela mandava pra gente brinquedos.

T: E que significado isso tinha para você?

J: Pra mim, é uma coisa que tinha muito significado, mas, é igual eu falo para a minha mãe, eu acho que ela demonstrou... hoje eu entendo que é uma forma que ela demonstrava o amor pra gente, sabe, dando coisas. Hoje eu entendo isso, mas acabou que eu meio, assim, é feio de falar, mas que eu comecei a gostar da minha

mãe, sabe, tipo assim, a forma de gostar da minha mãe é pelas coisas que ela me dá. Não agora, não agora, mas até pouco tempo. Hoje eu entendo. Mas, até pouco tempo era assim "mãe, me dá uma coisa", "ah, não vou te dar", aí, nossa, a minha mãe é a pior mãe do mundo. Então, eu falo assim que ela mimou muito a gente nesse sentido. Que eu, sinceramente, não mimaria tanto os meus filhos, por muito dinheiro que eu tenha e tal, um agradinho de vez em quando, tudo bem, mas eu acho que assim, que minha mãe, hoje eu entendo que era a linguagem de amor dela, mas naquela época a gente vivia como uma criança mimada mesmo (Júlia, 24).

Júlia, que é dois anos mais nova que Cristina, afirma que, ao contrário de sua irmã, ela não guarda os brinquedos que ganhou naquela época. Depois de grande, ela passou a entender que sua mãe mandava os presentes como uma maneira de demonstrar seu amor e carinho pelos filhos. Júlia também afirma que se acostumou a sempre ganhar coisas de sua mãe e a amá-la em razão disso, de modo que quando não ganhava se frustrava com a mãe.

T: Além das ligações, vocês mantinham outro tipo de comunicação? Ela mandava coisas pra cá, como cartas e presentes?

C: Sim, ela mandava um monte de urso pra mim e para os meus irmãos. Cartas, fotos dela, e aí a gente também mandava, tipo, carta pra ela, foto nossa. Inclusive, até hoje eu tenho coisas que ela me mandou. Eu sempre guardei as coisas que ela me mandou, sabe, tipo, urso. Tenho uma boneca mesmo que até hoje eu tenho ela, que tá nova mesmo, que parece que foi uma criança de agora que ganhou mesmo, sabe. E aí eu peguei e, esses tempos atrás, eu mandei uma foto dessa boneca pra ela e tal [risos].

T: Então, você ainda guarda algumas coisas dessa época?

C: Aham, tipo, a minha irmã mesmo, ela não tem nada que a minha mãe mandou pra ela, nem ela e nem o meu irmão.

T: Então ela também mandava para eles, mas eles não guardaram?

C: Sim, isso, aham. Do mesmo jeito que ela mandava pra mim, ela mandava pra eles. Aí eu sou a única que guardou até hoje.

T: Essa irmã e esse irmão, eles são mais velhos ou mais novos?

C: Esse meu irmão, no caso, é mais velho que eu e minha irmã é mais nova.

T: Entendi. E qual que é o significado que essas coisas têm pra você?

C: Ah, significam muita coisa, tipo, eu não dou pra ninguém essas coisas. Tipo, não dou pra ninguém e também não jogo fora. Eu falo que se eu um dia tiver filhos, vai ser deles, e se eles não quiserem, eu não vou dar pra outra pessoa, vai continuar.

T: É uma lembrança que você tem dela, então, com carinho?

C: É, eu não dou pra ninguém. Essa boneca mesmo, eu emprestei para a minha prima e falei assim, o dia que você não quiser, você me devolve. Aí, a minha tia pegou e falou assim, aqui a sua boneca, pode levar [risos].

T: E o que significava para você receber essas coisas que ela mandava?

C: Eu acho que toda criança gosta de receber presentes. A gente ficava esperando quando ela ia mandar, sabe, a próxima caixa, o próximo pacote (Cristina, 26).

A seguinte participante, Bruna, afirma que sua mãe mandava presentes para ela e seu irmão desde a Espanha, dos quais ela guarda muitas memórias afetivas. Ela conta que ganhou da mãe um CD e um DVD com canções e uma novela em espanhol, que fizeram parte da sua infância e da de seu irmão.

T: Sua mãe te mandava presentes ou outras coisas da Espanha?

B: Nossa, eu ganhava muito da tia Verônica. A minha mãe me mandava também. A minha mãe me mandou uma vez um kit de CD e DVD do Caribe 2005, que era o que tocava lá. Mandou pra mim e para o Leandro, e aí eu lembro que a gente ficava cantando *"esta noche de travesuras"*, *"dime lo que vas a hacer"*, e eu ficava cantando essa música com o Leandro. Don Omar, a gente cantava até, era a música da minha infância. Você tem noção que a música da minha infância foi Don Omar, aqui no Brasil? Eu lembro que eu assistia uma novela que a minha mãe assistia lá e que ela mandou os DVD pra eu assistir aqui, era *Pasión de Gavilanes*, e a novela passa até hoje lá, uma novela colombiana que é famosa na Espanha. E eu via ela no Brasil e não sabia que essa novela era muito famosa. Eu lembro até da música *"quién es ese hombre, que me mira y me desnuda, una fiera inquieta..."*. Eu me lembro muito, eu tenho uma infância muito ligada com a Espanha mesmo, se eu parar pra pensar. Então, quando eu cheguei em Córdoba, os meus colegas falavam isso pra mim, "você não sabe, mas tem uma novela aqui na Espanha, *Pasión de Gavilanes*", e eu me sentia assim, caralho, tudo o que era a minha infância, era a infância deles. O Paquito El Chocolatero, que era um cara que veste de toureiro, brega, eu odiava, mas eu sabia cantar a música dele na época, era horrível. E eu lembro que eu fui na feria, e a Alejandra começou a cantar e a me puxar, e eu sabia, porque eu já tinha escutado aquilo, tipo, a infância inteira com o meu irmão. E aí eu contei para eles que eu escutava isso em casa, e eles ficavam "como que pode, cara". Agora falando disso, eu penso, não foi só uma galera que eu me enturmei sozinha, parece que eu já tava pronta pra tá ali no meio.

T: Então você compartilhava dessa mesma cultura espanhola por causa das coisas que a sua mãe te mandava, certo?

B: É. A minha mãe ela praticamente me colocou na Espanha sem eu ter ido, porque quando eu fui, tudo quanto era coisa da minha infância, já fazia parte da infância dos meus colegas lá, e eu ficava assim, como que pode? E eu aqui no Brasil me sentia muito destoadada, isso é muito engraçado. Talvez, eu falando com você isso, eu tô pensando nisso, porque eu cheguei lá, realmente, sabendo muita coisa, sabendo um monte de coisas já, e eu não tinha noção que eu sabia tudo isso. Eu achei engraçado as pessoas escutarem ainda as mesmas músicas, rolar as mesmas coisas nas festas, porque eu achava assim, gente, como é que pode, isso é da época que eu era criança. E o Leandro também, o Leandro ficou chocado quando ele chegou lá, um monte de coisa que, agora que ele é adulto e sai, ele fala, "nossa, maninha, você lembra disso aqui?" E ele manda áudio pra mim, "lembra disso aqui?" Manda um monte de coisa, vídeos pra mim. Eu falo, lembro, de quando a gente era criança, e fazia tal coisa. Faz muito parte de mim e dele, só que aí eu começo a pensar, eu acho que fez parte de mim e do meu irmão, e não de todo mundo que tava em volta de mim, não faz parte dos meus colegas, não faz parte

de outros meninos do Goiás, não faz parte de outras famílias, talvez. Não é a mesma coisa. Eu fui realmente colocada em outro país enquanto eu estava dentro de casa, eu vivi outra coisa, outra cultura, completamente diferente dentro da minha casa, e eu só fui me dar conta disso depois de adulta.

T: E isso era antes da popularização da Internet, né.

B: Sim, de antes de Internet. As coisas chegavam materializadas. O cheiro, eu me lembro do cheiro, sabe, das coisas chegando na minha casa, eu me lembro do cheiro. O cheirinho da minha mãe nas coisas, o cheiro dos pacotes de quando chegavam em casa, sabe, eu falava nossa, é o cheirinho da Europa, é o cheirinho de lá. E eu realmente só estou me dando conta disso falando com você, que realmente eu tinha uma cultura já muito imersa da Espanha dentro da minha casa, de novela, de música, de tudo. Porque esse Paquito El Chocolatero ele canta músicas, ele é chato, depois você pesquisa, ele é chato, ele canta umas músicas de *feria*, e ele é conhecido demais em Toledo, no sul da Espanha, porque as músicas dele sempre tocam no final das festas das *ferias*. É uma música brega que gruda, e quando começou a tocar, eles se divertindo e cantando e dançando igualzinho no clipe, eu falei, caramba, que engraçado. E é tipo, da infância daquela galera. É a infância deles ali, então, é muito engraçado saber que a minha infância é a infância deles, foi quase a mesma coisa. Foi quase um reencontro mesmo ir pra lá (Bruna, 27).

Durante sua graduação em veterinária na Universidade Federal de Goiás, Bruna realizou um intercâmbio na cidade de Córdoba, na Espanha. Ao chegar lá, ela percebeu que já conhecia alguns aspectos da cultura espanhola através das coisas que sua mãe lhe mandou durante a infância no Brasil. Isso e o fato de já saber um pouco de espanhol fizeram com que Bruna se sentisse, de certo modo, já integrada àquela nova cultura e sociedade, ainda que recém chegada. Após o intercâmbio, Bruna voltou para o Brasil e, pouco tempo depois da realização desta entrevista, ela finalmente conseguiu mudar-se para Barcelona para trabalhar como veterinária.

Bruna também relata que seu irmão passou pela mesma experiência quando foi morar na Espanha junto à sua mãe, de chegar lá e ver coisas que ambos conheceram durante a infância ainda no Brasil. Bruna afirma que percebeu tudo isso em sua idade adulta, de modo que hoje ela entende que as coisas vindas da Espanha e que ela compartilhou com seu irmão durante a infância, não eram compartilhadas pelas outras crianças brasileiras de sua idade e de seu redor.

O envio de caixas com objetos e presentes pela mãe de Bruna para o Brasil ocorria em uma época em que o uso da Internet ainda não tinha se popularizado, de modo que as pessoas recebiam vídeos e canções de forma materializada, despertando-lhes assim diversas emoções e sensações, como no caso de Bruna, que destaca a questão do cheiro das coisas recebidas e que ela o associava à sua mãe e à Europa.

O caso de Bruna pode ser analisado a partir da ideia de identidade transnacional, segundo a qual os indivíduos “podem experimentar duas identidades nacionais distintas em vários ambientes interacionais” (Bradatan; Popan; Melton, 2010, p. 176). Sua inserção na cultura e na língua espanhola começou ainda no Brasil durante a sua infância, através das coisas que sua mãe lhe enviava da Espanha. Mais tarde, quando Bruna teve a oportunidade de fazer seu intercâmbio, ela escolheu a Espanha e, anos depois, após a morte de sua avó, ela decidiu mudar-se para este país.

Estes autores explicam que, no caso da segunda geração de migrantes, ou seja, dos/as filhos/as que nasceram no país de destino, seria menos comum a manutenção de uma identidade transnacional, visto que tiveram pouco ou nenhum contato com o país de origem de seus pais, incluindo a língua e a cultura.

Uma identidade transnacional pode então desenvolver-se apenas entre aqueles que não só dominam ambas as línguas (de acolhimento e de origem), mas também entrem em contato e possuem as competências sociais para estabelecer ligações com pessoas e comunidades tanto do país de acolhimento como do país de origem. Um imigrante rico em capital humano, em vez de um que sabe pouco ou nada sobre o país de origem e/ou de acolhimento, teria maiores probabilidades de desenvolver uma identidade transnacional (Bradatan; Popan; Melton, 2010, p. 174).<sup>73</sup>

Não obstante, no caso dos/as participantes desta pesquisa, eles/as nasceram e cresceram no Brasil, muitos até a adolescência ou a idade adulta, e só depois é que migraram para a Espanha, de modo que eles/as ainda se encontram conectados com ambos países.

O caso de Luís se assemelha ao de Bruna, uma vez que ele teve seu primeiro contato com a língua espanhola e aprendeu suas primeiras palavras nesse idioma através de um jogo de Pokémon que sua mãe lhe mandou de presente da Espanha. Mais tarde, a mãe de Luís o levou para morar consigo e estudar na Espanha.

L: Ela mandava coisas, às vezes, por alguém que vinha, isso é bem frequente quando a gente mora fora, tem sempre alguém para trazer alguma coisa. E aí, numa dessas vindas, eu não lembro quem trouxe, mas ela me mandou um jogo e um gameboy. Depois, por exemplo, às vezes, quando vinha alguém, trazia perfume, coisas assim. Então, eu não sabia nada de espanhol, a minha mãe me mandou esse jogo de Pokémon, que eu sempre joguei Pokémon, ela me mandou um jogo que

---

<sup>73</sup> A transnational identity can then develop only among those who not only master both languages (host and origin), but also come into contact and have the social skills to establish connections with people and communities from both the host and origin country. An immigrant rich in human capital rather than one who knows little or nothing about the origin and/or host country, would have higher chances of developing a transnational identity. (Tradução livre).

era em espanhol, e aí eu comecei a ter o meu primeiro contato com a língua aí. Então, muitas palavras eu já aprendi por aí. Eu fui para lá sem saber, assim, só pelo jogo mesmo (Luís, 31).

O seguinte entrevistado, Alex, ao ser perguntado sobre o envio de presentes por parte de sua mãe, descreve um episódio em que sua mãe visitou os filhos no Brasil e lhes trouxe alguns presentes, como sapatos e relógios. Segundo Alex, ele não gostou do que ganhou, porque para ele a mãe não conhecia seus gostos, de modo que aceitou porque ficou sem graça de dizer a verdade.

A: Eu me lembro de uma coisa interessantíssima que foi, da primeira vez que ela veio, ela trouxe duas malas de presentes para os três filhos, só que ela é uma mulher, uma mãe que não conhece os filhos, ela não sabe o gosto dos filhos. Ela trouxe cada coisa horrorosa para mim, que eu falo, não, mas eu não uso isso, isso não tem nada a ver comigo. Mas, é a percepção dela do que eram os filhos, a partir do que a gente comentava ou falava. Mas, eu penso que para ela deve ter sido muito mais doido esse reencontro, e até hoje eu acho que ela não sabe muito bem quem são os filhos dela, porque ela não viu a gente crescer. Eu me lembro que ela comprou, sei lá, relógios, sapatos, umas coisas horrorosas, horríveis, que não tem absolutamente nada a ver comigo. E aí a gente faz como? A gente morre de agradecer, né, mas depois eu doeí tudo para os outros [risos].

T: Talvez fosse o jeito dela mostrar que se preocupava com vocês, através dos presentes?

A: É através dos presentes, mas é muito curioso o fato dela não conhecer os nossos gostos pessoais, o gosto de cada filho, isso é interessante.

T: E você acha que isso tem a ver com o fato de ela ter ficado distante de vocês quando ela ainda estava aqui no Brasil?

A: Não sei, eu acho que mães que tem uma criação de filho mais heterodoxa, mais fora do padrão de mãe coruja, mãe nuclear, eu acho que elas devem pagar um preço psicológico por isso, devem ter sempre a sensação de culpa, aquela coisa de "ah, eu sou mãe mas não queria ser mãe, mas ao mesmo tempo eu quero, mas ao mesmo tempo eu não sei, eu quero só um pouco". Eu penso que na cabeça dela deve passar tudo isso aí (Alex, 33).

Alex relaciona a escolha dos presentes da mãe à sua concepção de que ela não conhece seus filhos. Nesse sentido, lhe perguntei se ele acha que isso tem a ver com a distância que havia entre a mãe e seus filhos ainda no Brasil, de modo que ele respondeu que não sabe. Mas, afirma que sua mãe foge do 'padrão de mãe coruja, mãe nuclear', e acredita que a mãe sente certa culpa por ser assim e, ao mesmo tempo, também querer ser uma mãe presente e próxima aos filhos.

A partir de seu relato, observa-se que somente o ato de trazer os presentes da Espanha, como uma prova de que a mãe se lembrou dos filhos, não produziu o resultado

desejado por esta. O fato de os presentes não representarem o gosto de Alex lhe decepcionou por pensar que sua mãe não lhe conhecia tão bem quanto ele queria.

No caso de Maite, que ficou no Brasil ainda bebê e viu sua mãe poucas vezes durante a infância, ela afirma que o envio de presentes pela mãe na época do Natal constituía uma maneira de manter uma relação com ela à distância.

M: As vezes que eu vi a minha mãe foram muito poucas, muito breves, então, assim, a relação que eu tive com ela, de vez em quando, era ela mandar presentes. Então, ela mandava algumas coisas, algumas roupas, alguns presentes em épocas de Natal, sabe? (Maite, 24).

Sobre este tema, Paula, mãe de Maite, afirma que o envio de presentes, dinheiro e fotos para as filhas que ficaram no Brasil constituía para ela uma maneira de mostrar para as filhas que ela não tinha se esquecido delas.

P: Sim, eu mandava presentes para as minhas filhas, dinheiro. Sobretudo quando eu cheguei, eu mandava fotos, mandava sim, mandava através de outras pessoas que iam viajar, quando eu mesma ia pro Brasil, essas eram as formas que eu usava. E significava muito pra mim, porque eu tinha saído do Brasil pra dar, tentar dar uma vida melhor para as minhas filhas e pra mim, e pra mim isso era como "olha, eu não me esqueci de vocês, eu não esqueci de vocês, eu amo vocês e tô aqui preparando terreno para receber vocês", mas nunca aconteceu, né, nunca aconteceu (Paula, 42).

### 5.2.1 Aniversários e outras datas comemorativas

De acordo com Tonhati (2019), os aniversários e o Natal são datas que, com o passar do tempo, sobretudo a partir do século XX, tornaram-se rituais familiares anuais, de modo que a ideia de ritual envolve um sentido de regularidade e repetição. Além destas, outras datas, como os casamentos e funerais, também atuam na construção e reconstrução do sentido de família, de modo que as migrantes continuaram celebrando-as com suas famílias à distância através dos meios comunicacionais disponíveis em cada época e através de visitas como uma maneira de manter seus laços familiares.

Nesse sentido, perguntei aos filhos e filhas participantes deste estudo se eles/as costumavam comemorar seus aniversários e outras festividades, como o Natal, com suas mães à distância, e sobre o modo como o faziam. A maioria afirmou que as mães costumavam telefonar nessas datas, enviar presentes ou dinheiro para que a família no Brasil fizesse uma festa de aniversário para a criança, como uma maneira de mostrar-se presente.



No caso de Carla, por exemplo, ela afirma que sua mãe, sempre que pode, visita o Brasil no final do ano, aproveitando que o aniversário da filha é em dezembro, para passarem juntas seu aniversário, o Natal e o ano novo.

T: De que modo você acha que ela se fazia presente na sua vida? Ou se faz ainda, porque ela ainda está lá, né.

C: Aham, bom, a minha mãe sempre tentou compensar a ausência dela em ligações, em trazer presentes, em datas comemorativas. Ela tentou, de uma certa forma, se manter presente. Então, assim, em datas comemorativas como o aniversário, por exemplo, ela sempre pedia para a minha avó fazer, sempre pedia para fazer a festinha, porque ela estava longe, então fazia festa de aniversários. É igual eu falei, eu era muito mimada, então, tudo o que eu pedia, ela dava, é até hoje [risos]. Então, assim, muito mimadinha, então, ela tentava compensar a ausência dela com isso, com comemorações, com presentes, ligações, ligava todo dia, tinha vezes que ela ligava duas vezes no dia. E é até hoje, até hoje ela liga todo dia, tem vez que liga duas ou três vezes no dia, e é assim.

T: Sobre as datas comemorativas, vocês costumam se comunicar e compartilhar esses momentos? De que maneira?

C: Sim. Igual, no ano passado, ela já estava aqui no final do ano, então, ela veio se eu não me engano em novembro, e meu aniversário é em dezembro, então, assim, quando ela vem, ela procura vir já no final do ano que é para passar o meu aniversário, Natal e o ano novo. E quando ela não vem, aí ela liga, a gente faz essa comemoração via chamada (Carla, 28).

Diante da impossibilidade de visitar o Brasil devido a fatores como o custo elevado das passagens, a necessidade de trabalhar na Espanha ou a dificuldade de retornar ao país pela falta de documentação, as chamadas telefônicas ou por vídeo e o envio de presentes tornaram-se as principais maneiras das mães de compartilharem as datas especiais, como os aniversários e o Natal, com seus filhos/as e outros familiares no Brasil.

T: Em relação às datas comemorativas como os aniversários e o Natal, vocês costumavam se comunicar e compartilhar esses momentos? De que maneira?

P: Sempre, as datas comemorativas eram sempre um dia que a gente esperava a ligação dela, porque sabia que ela ia ligar, e ela ligava sempre, no aniversário, no Natal, no ano novo, sempre estava atenta às datas comemorativas (Pablo, 31).

S: No Natal e no aniversário ela, assim como as minhas primas que moravam aqui na Espanha, mandavam caixas com ursinhos de pelúcia, mandavam bolsas, isso sim, em casos especiais, como aniversário e tudo isso. Eu me sentia bem, para mim era maravilhoso receber presente da minha mãe e das minhas primas, mas, eu queria saber apenas que ela estivesse bem. Então, eu sabia que ela estava bem, não era a mesma coisa que estar no Brasil, aqui ela estava com a minhas primas, elas moravam juntas na Catalunha, mandavam fotos. Uma outra tia, irmã da minha mãe, que é mãe dessas primas que estavam com a minha mãe aqui na Espanha,

veio visitar, elas tiraram fotos, levaram para gente. Era triste porque ela não estava lá, mas eu estava bem porque eu sabia que ela estava bem (Sara, 23).

Em outros casos, além das chamadas telefônicas e do envio de presentes, as mães preparavam festas de aniversário para seus filhos/as à distância, conforme nos relatam Elis e Adriana, que guardam boas lembranças desses momentos.

T: Em relação a datas comemorativas como seu aniversário e o Natal, vocês costumavam compartilhar esses momentos? Como?

E: Sim, sim, ela sempre ligava e sempre fazia festas de aniversário, sempre mandava alguém fazer como se fosse uma surpresa, sabe? Perguntava o que eu queria por telefone, "ah, você queria uma festa de que?" Então acabava que todo ano eu tinha uma festinha de aniversário que eu achava que ninguém nunca ia fazer, porque ninguém nunca falava nada, e eu chegava e tinha uma festinha surpresa porque ela mandava alguém fazer, normalmente eram minhas tias que faziam. E aí eu sempre tinha essa festinha, ela sempre ligava, sempre perguntava o que eu queria de presente, essas coisas, e no Natal também, sempre, em todas as datas ela estava. Porque, assim, na verdade ela nunca ficou mais de um dia sem ligar, era muito raro ela ficar um dia ou dois, muito, muito. Se acontecesse dois, assim, a gente já estranhava, sabe? Porque mesmo naquela época quando tinha que ir em orelhão, essas coisas, ela sempre dava um jeito de ligar sempre, de estar sempre presente (Elis, 28).

A: Sim, sim, ela nunca esquecia do meu aniversário. Uma semana antes ela já tava falando, me ligava, e ela sempre mandava presente, também, mandava dinheiro para fazer festa. Mesmo que ela não estivesse aqui, ela falava para fazer festa, a minha família comprava bolo, só que eu era muito retraída, sabe, eu não gostava muito desses trem de festa não, na escola eu era muito tímida. Aí, tanto é que para o meu aniversário de 15 anos eu não quis festa, aí ela, não, então eu vou mandar dinheiro para você. Aí ela me mandou o dinheiro da festa, ela sempre me mandava presente, e aí nunca deixava passar em branco, sabe. A minha avó, principalmente, ela tomava muito a frente disso, e aí a minha mãe mandava dinheiro para comprar bolo, para comprar presente, sabe, nunca passou em branco. Ela era sempre atenta com isso. (Adriana, 23).

T: Em relação às datas comemorativas como os aniversários e o Natal, vocês costumavam se comunicar e compartilhar esses momentos? De que maneira?

C: Então, sempre fazia os aniversários e tal, e aí a gente mandava foto pra ela, ela ligava também (Cristina, 26).

Ao serem perguntadas sobre as datas comemorativas, duas participantes relataram suas lembranças de como vivenciaram o Natal no Brasil longe de suas mães e na companhia de suas avós. No caso de Bruna, quando criança, era muito importante para ela ver toda a sua família reunida na casa da avó no Natal, de modo que ela ficava muito triste e até mesmo doente caso sua avó não fizesse alguma coisa especial nessa data.

B: Eu lembro que todo Natal, se a minha avó não fizesse alguma coisa, dava até febre. Aí a minha avó falava, “não consigo, a pessoa fica doente toda vez que fica triste”. Eu dava febre, eu queria que a minha família estivesse junta, eu queria que meus tios, minhas tias, os irmãos da minha avó, eu queria ver todo mundo junto. Sério, muitas vezes eu ia dormir até mais cedo, mas eu precisava ver todo mundo na minha casa para eu poder ir dormir. Eu tinha isso, eu tinha esse negócio de querer ver a família junto, eu queria ver a irmã da minha avó, os netos dela, todo mundo ali. Teve um Natal que eu me senti tão esgotada, porque a minha avó não queria fazer nada, e eu tive que convencer a minha avó, que na hora do Natal em si eu tava tão cansada que eu esperei todo mundo chegar e aí, finalmente, eu consegui dormir. Eu fui dormir, acho que era umas 9h da noite e eu já tava dormindo porque eu tava muito cansada. A hora que eu vi todo mundo eu comecei chorar de alegria, porque todo mundo tava lá, aí eu fui dormir, porque eu não aguentava mais. Eles ficaram festando a noite inteira, mas eu dormi. E eu lembro disso, me marcou porque eu fiquei muito cansada esse dia, tipo, tentando fazer todo mundo ficar junto, parece que se eu não tentasse, eles não iam ficar (Bruna, 27).

Outra participante, Carol, ao ser perguntada se costumava compartilhar estas datas comemorativas com sua mãe, afirma que seus Natais eram vivenciados com nostalgia, saudade e culpa. Saudade de sua mãe que estava na Espanha e culpa por pensar que ela e seu irmão eram um peso na vida de sua avó. Segundo ela, fatores como a falta de tempo de sua mãe e a escassez de meios comunicacionais naquela época dificultavam que os filhos compartilhassem essa data com a mãe à distância. No momento da entrevista, Carol estava passando uma temporada em Londres – apesar de que atualmente mora com sua mãe na Espanha – e afirma que agora, pelo fato de estar perto da mãe, mas longe da avó, do irmão e do pai, ela também experimenta os sentimentos de nostalgia e de saudade nesta data específica.

T: Em relação às datas comemorativas, como os aniversários e o Natal, vocês costumam compartilhar esses momentos? Como?

C: Ai, esses momentos... eles têm uma carga nostálgica muito grande, assim, eu acho que eram as datas que a gente mais tinha dificuldade para estar falando com a minha mãe. Mas hoje eu vejo que ela também, eu acho que ela passou momentos muito ruins nessas datas comemorativas, porque eu tenho lembrança de dois Natais com a minha mãe durante toda a minha vida. Um deles foi que ela estava no Brasil, e outro deles foi quando eu já estava na Espanha, mas não mais que isso. Assim, se tiveram outros momentos, eu nem me lembro, não consigo me lembrar porque foram muito poucos mesmo. Era difícil que coincidissem o prazo que ela podia estar de férias com o Natal ou com alguma data específica. E formaturas e tudo isso, ela perdeu todos. Aniversários importantes, ela acabou que perdeu todos, mesmo. Mas, se tivesse a possibilidade do WhatsApp desde antigamente, teria sido uma vantagem, assim, porque eu tenho a impressão que tem pouco tempo. Eu não sei exatamente há quantos anos que existe o WhatsApp, mas eu fui ter acesso a ele, quando eu paro para pensar na relação com a minha mãe que eu vejo que é uma coisa muito moderna, na verdade, e que talvez se tem dez anos, para mim ainda sim é pouco, porque se ela já tem vinte fora, então... Eu acho que

é isso, a gente não tinha muito, assim, essa coisa de estar mandando mensagens e nem ligando no Natal, porque no Natal a gente sempre estava triste sem ela, era um clima extremamente pesado na minha casa. Não eram dias muito legais porque só estava eu, o meu irmão e a minha avó, e a culpa de todo mundo, a culpa minha, a culpa dele, de estar ali com ela, e a culpa de sentir que estava – eu, pelo menos, sempre carreguei essa culpa –, de sentir que estava atrapalhando a vida da minha avó, de certa forma. E a saudade mesmo, em si, muita nostalgia. Até hoje eu não consigo muito gostar dessas datas porque, agora, apesar de ter a minha mãe por perto, eu não tenho mais ninguém, nem a minha avó, nem o meu pai, nem o meu irmão. Então, foi uma mudança, assim, de tudo o que eu não tinha, ser tudo o que eu passei a ter, para não ter nada do que eu tive. Então, foi uma coisa que foi um pouco difícil de lidar no começo, nos meus dois primeiros anos na Espanha, ainda era uma coisa que passava muito pela minha cabeça, assim, de será que a minha mãe está com o peso de ter só a ela agora, e já não ter mais ninguém na minha vida? Eu senti muita saudade da família e dos amigos, apesar de estar vivendo esse momento com ela (Carol, 25).

Através de seus relatos, observa-se que tanto para Bruna como para Carol era importante, desde a infância, que suas famílias estivessem reunidas nessa data como uma condição para se sentirem felizes. No caso de Carol, ao ir morar na Espanha, ela continua sentindo falta de seus familiares próximos que ficaram no Brasil.

Trazemos a seguir o relato de Mônica, mãe de Adriana, que em sua entrevista afirma que prefere passar as datas comemorativas como o Natal, os aniversários dos filhos e o dia das mães junto à sua família no Brasil. Ela tinha vindo da Espanha para visitar a família quando começou a pandemia de COVID-19 em 2020, de modo que ela decidiu passar essa temporada de distanciamento social em Goiânia, morando com seus dois filhos no mesmo apartamento. Para isso, ela abriu mão de estar com seu parceiro que permaneceu na Espanha, e afirma que o amor dos filhos não se compara com nada, de modo que ela se sente feliz por poder comemorar algumas dessas datas importantes para ela perto de sua família. Mônica também lamenta o fato de ter que voltar para a Espanha em algum momento e de não saber se poderá, por exemplo, passar o Natal com sua família nesse ano.

Observa-se que, apesar de a pandemia ter sido um período traumático e repleto de incertezas para muitas pessoas, Mônica encontrou nisso a possibilidade de estar durante um período maior de tempo convivendo com sua família no Brasil e poder compartilhar com eles muitas datas especiais, como aniversários e dia das mães.

M: Eu já passei Natal lá sozinha, chorando porque eu não estava com a família, e eles aqui. Dia das mães... agora esse ano pra mim, graças a deus, apesar da pandemia, mas esse foi um ano completo pra mim. Eu pude passar o meu aniversário, o dia das mães, aniversário do meu filho, da minha filha, aniversário da minha mãe, nossa, meu deus do céu, pensa, não tem presente, na verdade não tem dinheiro que paga isso. Mas, e agora o Natal, o ano novo, o carnaval é só deus

é que sabe. [...] Agora, aqui é diferente, amor de filho não se compara com nada, entendeu? É, de amor ninguém morre não, entendeu? Exatamente. Por isso que eu decidi, eu falei, "se quiser, espera; e se não quiser, pois, não tem nada não, próximo" [risadas]. É de boa, tá tranquilo. Mas, é assim, a gente tem que tomar uma decisão pra vida da gente, e eu tive oportunidade de ir? Tive, mas eu não quis arriscar, não quis arriscar porque eu saí da minha zona de conforto do jeito que tava lá, até porque quando começou a pandemia, a coisa ficou feia foi lá. Você lembra, né? Então eu falei, não, eu não vou não, o que que eu vou fazer lá? Fazer o que? Então, eu vou ficar quieta aqui no meu cantinho, aqui na minha casinha com os meus filhos e tudo certo. Nossa, mas não podia querer mais da vida. Então, eu tô bem, resumindo tudo, eu tô de maravilha (Mônica, 44).

Vimos, nesta seção, que os objetos enviados pelas mães para seus filhos/as no Brasil possuem para estes últimos um valor emocional, destacando a importância da materialidade e do toque na construção da relação familiar à distância. Tal materialidade dos objetos recebidos remetia, nos/as filhos/as, a presença física de suas mães.

Para outra participante, poder carregar consigo os presentes recebidos e mostra-los para outras crianças influenciou na construção de sua identidade como filha de uma migrante internacional.

Por parte das mães, o envio de presentes constituía uma forma de mostrar que não tinham se esquecido de seus filhos/as no Brasil. No entanto, nem sempre os presentes produziam o efeito positivo esperado pelas mães, como no caso de Alex, que conta como ele e seu irmão não gostaram dos presentes que receberam certa vez de sua mãe, entendendo isso como mostra de que sua mãe não conhecia bem seus filhos.

Através dos relatos sobre o recebimento dos presentes pelos/as filhos/as, emergem também aspectos do tipo de relação que havia entre mães e filhos/as durante sua infância e adolescência. Daí a importância de explorar esta temática na presente pesquisa, pois apesar de já constar na literatura das práticas transnacionais, cada caso revela aspectos específicos da relação entre as pessoas envolvidas, neste caso, mães e filhos/as brasileiros/as.

Em outras situações, os objetos enviados, principalmente do tipo audiovisuais, como CDs, DVDs e jogos, influenciaram na construção de uma identidade transnacional nos/as filhos/as, visto que introduziram elementos da cultura espanhola em suas vidas quando eles/as ainda moravam no Brasil.

Constatou-se, também, a importância que as datas comemorativas possuem no dia a dia das famílias transnacionais. O Natal, por exemplo, por ser uma data que remete à reunião familiar no Brasil, mostrou-se difícil de ser vivenciada pelos/as filhos/as, pois nesse dia a falta da mãe fazia ainda mais evidente, acompanha de sentimentos de nostalgia e saudade.

Não obstante, era justamente a comunicação e o envio de presentes em datas como o Natal e os aniversários que atuaram como práticas fortalecedoras dos vínculos familiares.

### **5.3 Visitas das mães ao Brasil e a política de migração espanhola**

No que diz respeito às visitas das mães migrantes ao Brasil, todos/as os/as filhos/as participantes afirmaram que suas mães voltaram para lhes visitar uma ou mais vezes após a sua migração. Diversos fatores, como a política migratória espanhola, a necessidade de economizar dinheiro na Espanha e a indisponibilidade de tempo em razão do trabalho, influenciam na vontade e na capacidade das mães de visitarem suas famílias no país de origem, fazendo com que algumas delas levassem menos tempo e outras mais tempo para voltar, como veremos a seguir.

Nesse sentido, observa-se que a maioria das mães dos/as filhos/as participantes demorou quatro anos ou mais para voltar ao Brasil pela primeira vez, havendo outros casos em que elas demoraram menos tempo. Além da perspectiva dos/as filhos/as, trazemos também a perspectiva de algumas mães migrantes acerca desta temática, onde elas explicam seus motivos e os obstáculos encontrados para realizar as visitas.

Através dos relatos dos/as filhos/as participantes fica evidente que, além da idade das crianças que ficaram no Brasil, o fator da quantidade de tempo que as mães demoraram para voltar ao país após sua migração também influencia na qualidade da relação que os/as filhos/as desenvolveram com elas ao longo dos anos. Logo, quanto mais jovens eram os/as filhos/as à época da migração e quanto mais as mães demoraram para voltar a vê-los, mais os/as filhos/as tiveram dificuldades em reconhecer a figura e a autoridade materna de suas progenitoras ao reencontrá-las.

Sobre a política migratória espanhola, Pedone e Araujo (2008) afirmam que ainda que esta seja aparentemente neutra, ela encontra-se marcada pelos quesitos de gênero, de nacionalidade e idade, trazendo consequências práticas para a vida das pessoas migrantes.

Em primeiro lugar, ao fazer uma distinção entre cidadãos e estrangeiros, estes últimos não possuem os mesmos direitos que os nacionais; em segundo lugar, dentro o grupo de estrangeiros, tem-se a distinção entre migrantes comunitários e não comunitários; e, por último, entre migrantes regulares e irregulares, com base em sua situação administrativa que, por sua vez, cria uma hierarquia onde os primeiros detém mais direitos que os últimos. Tal

categorização ainda é responsável pela discriminação dos/as migrantes em situação administrativa irregular ao serem chamados pejorativamente de ‘ilegais’.

[...] a atribuição diferenciada de direitos e deveres fundamentais obedece à condição de nacionalidade, ao afirmar que a igualdade diante da lei se refere somente aos espanhóis, de donde deduz-se que só os espanhóis são os titulares da plenitude de direitos e liberdades. [...] a esta condição de nacionalidade como justificativa da desigualdade (discriminação justificada) se unirá, termos de princípio, a condição administrativa do imigrante, que permitirá estabelecer um tratamento diferenciado em matéria de direitos fundamentais àqueles que tenham uma residência legal, em oposição àqueles que se encontrem numa situação de irregularidade administrativa, mal enunciada em termos de ilegalidade, que permite falar de imigrantes ilegais (De Lucas, 2019, p. 211).

As mulheres migrantes não comunitárias e em situação administrativa irregular na Espanha são, portanto, o grupo mais vulnerabilizado em matéria de acesso a direitos, situação que se intensifica no caso das mulheres que são mães. Este perfil coincide, portanto, com o coletivo de migrantes latino-americanas, cuja presença aumentou expressivamente durante as últimas décadas (Pedone; Araujo, 2008). De acordo com Zaguirre (2012), entre 1998 e 2008 a imigração feminina na Espanha teve seu maior crescimento, ultrapassando dois milhões de mulheres, em sua maioria, de origem latino-americana e pioneiras dos projetos migratórios.

Isto ocorre porque este coletivo enfrenta as piores condições do mercado laboral espanhol. Ao empregar-se majoritariamente no serviço doméstico, estas mulheres, muitas vezes, trabalham sem contrato, moram na casa onde trabalham, recebem salários baixos e enfrentam a instabilidade desse setor, fatores que lhes dificultam ou impossibilitam cumprir com os requisitos de comprovação de renda e moradia adequada, necessários para realizar a reagrupação familiar de seus filhos (Pedone; Araujo, 2008).

A atual *Ley de Extranjería* da Espanha, também conhecida como Lei Orgânica 4/2000 de 11 de janeiro, considera irregular o estrangeiro que permanece no país por mais de 90 dias sem uma permissão de residência, dispondo de quatro figuras jurídicas para que o estrangeiro regularize a sua situação. São estas o arraigo social, arraigo laboral, arraigo para formação e o arraigo familiar.

O arraigo social consiste em uma autorização de residência para quem está residindo na Espanha há pelo menos três anos de forma irregular, e que durante este período não ficou fora do país por mais de 120 dias. Para solicitar esta modalidade de residência, a pessoa deve comprovar sua residência durante tal período e possuir um contrato laboral ou acreditar

meios econômicos suficientes para manter-se no país. Já o arraigo laboral consiste em uma autorização de residência por questões laborais para as pessoas que estiveram trabalhando durante mais de seis meses na Espanha. Neste caso, o requisito de tempo de permanência em território nacional é de dois anos, de modo que os solicitantes devem comprovar sua residência e que estiveram trabalhando durante este período. A terceira figura, do arraigo de formação, consiste em uma permissão de residência inicial para estudos, onde a pessoa solicitante deve comprovar que pretende se regularizar para realizar algum curso público oferecido pelo governo do país. Tem-se como requisito ter morado durante dois anos de forma irregular no país. E, por último, tem-se o arraigo familiar, em que a pessoa solicitante deve comprovar que possui um familiar espanhol, não havendo o requisito de período de permanência anterior no país para este caso (Rojo, 2022).

Portanto, em se tratando das mulheres migrantes e seus filhos/as, estas devem, primeiramente, regularizar a sua situação na Espanha através de uma das modalidades anteriores para, posteriormente, tentarem realizar a reagrupação familiar de seus filhos que, como veremos mais adiante, também apresenta uma série de requisitos que as mães devem cumprir.

Nesse sentido, a inserção laboral das mulheres migrantes latino-americanas na Espanha ocorre nos postos de trabalho mais desvalorizados e precarizados da escala laboral. Ao desempenhar-se, em grande parte, no ambiente privado do lar, são trabalhos que contam com uma menor regulamentação e fiscalização em relação a outros que se realizam no âmbito público. Este fator se traduz, por exemplo, na impossibilidade de obter um contrato laboral para solicitar o arraigo social, considerando que o trabalho doméstico ou até mesmo a prostituição ocorrem na informalidade.

Dada a importância da inserção laboral da mulher migrante na sociedade para sua inserção como cidadã possuidora de direitos na sociedade em geral, observa-se assim uma incidência das normativas migratórias de maneira diferenciada em relação ao gênero, contribuindo para a restrição do acesso aos direitos das mulheres migrantes e, conseqüentemente, de seus filhos/as (Pedone; Araujo, 2008).

No caso de Carla, por exemplo, sua mãe demorou seis anos para voltar ao Brasil pela primeira vez. Quando veio, sua filha tinha 14 anos, estava casada e grávida, de modo que o momento do reencontro foi de muita alegria e emoção para ambas.



T: Quando ela voltou pela primeira vez, depois de seis anos, você se lembra desse reencontro, como que foi?

C: Lembro, lembro sim. Eu estava, como eu disse, eu estava casada com o pai do meu menino, eu tava grávida já para ganhar, de nove meses, por aí. Ela veio, ela veio até na época com o marido dela, buscamos ela na rodoviária, aqui, que ela veio para a rodoviária daqui, porque quando ela vem, a gente costuma buscar ela no aeroporto em Goiânia, mas aí dessa vez ela veio aqui na rodoviária da cidade. Eu fui buscar ela mais o meu marido, na época, o pai do meu filho, e foi só alegria e choro, porque, seis anos sem ver a mãe, eu só chorava. O primeiro dia foi só choro, só choro assim de alegria, mas, foi só choro [se emociona] (Carla, 28).

Bruna, outra participante, afirma que sua mãe demorou entre cinco e seis anos para voltar ao Brasil pela primeira vez após sua migração e que, quando isso aconteceu, ela percebeu que a convivência entre elas não era muito boa, pois divergiam em alguns aspectos. Isso porque a filha, então já adolescente nessa época, já tinha se acostumado ao modo de ser da avó, sua principal cuidadora, de maneira que ficou revoltada com as cobranças da mãe e teve dificuldades em reconhecer sua autoridade quando esta lhe exigia determinados comportamentos. Além disso, Bruna sabia que dentro de pouco a mãe voltaria para a Espanha, sendo este um momento difícil para a filha por ter que se despedir uma vez mais.

T: Você lembra quando tempo sua mãe passou sem voltar aqui no Brasil?

B: Muito, muito tempo. Anos, uns cinco, seis anos sem voltar no Brasil. Aí, quando ela voltou, eu já era adolescente e fiquei revoltada com ela, tipo, aqui, com a presença dela. Ela tinha a minha de dizer "cala a boca porque sim, porque eu sou a sua mãe", e aí eu não gostava desse tipo de argumento pra cima de mim. Aí eu não cheguei a ser revoltada, nunca fui revoltada, porque eu entendia que não era a minha avó culpada de tudo, então eu não precisava ser revoltada, porque no final das contas ia ser a minha avó que ia ter que lidar com isso. Então, eu não era revoltada mas, talvez, não com a minha avó, não com as pessoas da minha casa, mas talvez com as pessoas do mundo, tipo, com outras pessoas talvez eu fosse fechada, eu pareço também mas não sou, eu era bem fechada. Me sentia sempre muito sozinha, sempre. Eu sentia isso.

T: E aí, quando ela voltava, vocês ficavam juntas, vocês faziam...

B: Não, era ela e meu irmão que ficavam mais assim. Eu e minha mãe não. Não porque a última vez que voltou, dessa primeira vez que ela ficou muito tempo fora e depois voltou, ela não voltou para ficar pra sempre, ela só ficou um tempo mesmo. E eu lembro que ela tinha um jeito de me ler, de falar comigo que eu não gostava, e exigia de mim... eu não sei, ela tinha um jeito que eu não gostava, ela exigia coisas de mim que não tinham nada a ver comigo, sabe. Me ligava pra coisas que eu não me ligava, muito vaidosa o tempo todo, e me exigia muita vaidade o tempo todo. Eu me lembro que era muito fútil, e eu via aquilo, sabe, eu não gostava daquilo. Eu ficava, gente, eu tô lidando... e eu comecei a perceber que parecia que eu tava lidando com uma pessoa muito mais nova do que eu, com a maturidade menos madura do que eu, e aquilo lá me deixou, assim. Ainda assim, o último encontro que a gente teve eu ainda fiquei com essa impressão da minha mãe, de

que talvez ela não amadureceu tanto. Mas é porque eu comparo muito ela com a minha avó, né, então, assim, é inevitável a comparação (Bruna, 27).

No caso de Carol, assim como das participantes anteriores, sua mãe só conseguiu voltar pela primeira vez após quase cinco anos de migração, o que provocou em Carol e seu irmão um sentimento de medo de nunca mais ver a mãe. Após a primeira visita, a filha afirma que a mãe não passava mais de dois anos sem voltar ao Brasil. Atualmente, ela compreende que a demora se deveu a que a mãe possuía muitas dívidas da viagem e, também, em razão da sua situação administrativa, pois se ela voltasse ao Brasil nesse momento inicial, talvez não conseguisse entrar novamente na Espanha.

Carol se lembra de que a visita da mãe durava no máximo 45 dias, de modo que, durante os primeiros dias de convivência, a filha tinha certa dificuldade para lidar com a presença da mãe e lhe dar atenção, de modo que, quando a filha se acostumava com a situação, já estava na hora da mãe partir outra vez. É importante destacar esta faceta das visitas das mães, mencionada por Carol, que rompe com a rotina dos/as filhos/as que precisam se organizar de maneira diferente diante da presença física da mãe em suas casas aqui no Brasil.

T: Uhum, entendi. Quando você ficou no Brasil durante esses anos que ela ficou aqui, você se lembra de quantas vezes ela voltou? Qual que era a frequência das visitas dela?

C: Ela tentava não passar de dois anos sem ver a gente, mas era raro quando ela ficava mais de 45 dias, 45 dias geralmente era o máximo, então, eu tenho a lembrança, assim, de que os primeiros dias eram de estranheza e, quando tava ficando melhor, assim, a nossa relação, ela tinha que voltar, porque nos 10, 15, 20 primeiros dias a gente estranhava um pouco a presença dela, e principalmente o fato de ter que dar atenção a ela já tendo a nossa vida, já tendo as nossas relações com outras pessoas, e era com um pouco de um tempo obrigatório, assim, então era uma coisa que causava uma ambiguidade no coração, porque quando a gente mais queria que ela permanecesse, ela já estava perto de ir embora.

T: Ela demorou quanto tempo para voltar a primeira vez, você se lembra?

C: A primeira vez foi a mais demorada, ela demorou quase cinco anos, assim, foi quando foi mais difícil, porque a gente pensava que ela não voltaria nunca, e tinha até outros amigos que tinham passado pela mesma situação e que foi até mais tardio, então era um medo assim desesperador, apesar da pouca idade. Mas, depois dessa primeira vez ela não ficava mais que dois anos. O primeiro momento que ela foi, com muitas dívidas da viagem, que foi mais complicado e que tinha um medo de não conseguir entrar novamente no país, é que ela demorou cinco anos e pouco, mais ou menos (Carol, 25).

A seguinte entrevistada, Cristina, não se lembrava ao certo quantos anos sua mãe demorou para voltar ao Brasil, mas arriscou dizer que esse período foi de mais ou menos cinco anos.

T: Você se lembra quanto tempo sua mãe demorou para voltar ao Brasil após a migração?

C: Nossa, ela veio tem 17 anos, deixo eu lembrar aqui quanto tempo que ela veio depois. Acho que uns 8 anos depois, mais ou menos.

T: Ou seja, ela foi e ficou 8 anos lá sem vir aqui?

C: Isso, aham. É, eu acho que sim, mais ou menos uns 7 ou 8 anos. Não, eu acho que menos, eu acho que uns 5 anos, é nessa faixa assim. Eu sei que ela ficou muito tempo mesmo.

T: como é que foi esse reencontro de vocês, você se lembra?

C: Ah, foi bom, foi muito bom (Cristina, 26).

Sua mãe, Susan, explica que levou, exatamente, cinco anos e meio para voltar ao Brasil pela primeira vez, em razão das dificuldades impostas pelo processo de regularização das pessoas migrantes na Espanha.

T: Qual foi o período mais longo que já passou sem visitar a família no Brasil e por quê?

S: Eu fiquei cinco anos e meio, sem voltar no Brasil, porque eu não tinha conseguido os meus papéis, a minha residência, então, eu só fui depois que eu casei, que eu tive os meus papéis todos legalizados, tudo certinho. Eu tinha medo de ir e depois não conseguir voltar (Susan, 47).

Laura também afirma que a demora de sua mãe para visitar o Brasil pela primeira vez se deu em razão das exigências do processo de regularização, sendo uma delas que a pessoa não saia do território espanhol durante um período determinado de tempo. Laura, assim como outros/as filhos/as, também se mudou para a Espanha após a primeira visita da mãe ao Brasil. Sua mãe continua visitando o Brasil para ver seu outro filho que mora aqui.

T: Quantos anos você demorou para reencontrar a sua mãe?

L: Acho que se passaram uns quatro ou cinco anos para eu ver a minha mãe, porque ela não podia sair do país, porque ela estava fazendo o processo do documento dela, então, na época, a lei exigia que você tinha que ficar de dois a três anos sem sair do país. Então, eu acho que eu fiquei isso, quatro ou cinco anos sem ver a minha mãe.

T: Você disse que ela demorou algum tempo para conseguir a documentação, você sabe quanto tempo mais ou menos?

L: Foi justamente os três anos, eu acho, foram três anos, porque a chefe dela deu o contrato pra ela, então, a chefe dela quis legalizá-la, então aí ela teve uma oferta de trabalho só para cumprir, realmente, o prazo que a lei diz. Assim que saiu o documento dela, ela já foi para o Brasil.

T: E aí depois que ela conseguiu a documentação, ela passou a visitar o Brasil com mais frequência?

L: Ela só foi uma vez, foi quando ela foi para a minha formatura, aí ela veio, voltou pra cá, e depois que eu vim, porque foi muito gasto, eu tinha que fazer o meu mestrado, aí ficou oito mil euros, hoje já é dinheiro, naquela época era muito dinheiro. Aí ela só conseguiu voltar no Brasil, gente eu nem lembro quando que ela foi, na verdade. Eu acho que ela foi em 2018, por aí, que ela foi para o Brasil, aí depois disso ela sempre vai. Ela só não foi em 2020 por conta do confinamento (Laura, 38).

No caso de Alex, sua mãe também demorou cinco anos para voltar ao Brasil. Ela migrou em 2005 e voltou para visitar a família em 2010. Em seu relato sobre a visita da mãe, Alex conta que, em razão de ela não ter conseguido comprar sua casa própria no Brasil, teve que hospedar-se na casa de sua mãe e dormir num colchão no chão, o que não lhe agradou. Observa-se uma pressão por parte da família para que a migrante compre ou conquiste coisas aqui no Brasil, para que mostre os resultados da migração. Alex termina seu relato afirmando que sua mãe sofre essa cobrança até os dias de hoje por parte da família.

Diante da migração das mulheres que são mães, cria-se, portanto, uma expectativa por parte da família que fica no Brasil que, no caso das mulheres que não cumprem com tais expectativas, pode levar à existência de conflitos familiares e, conseqüentemente, que as migrantes evitem assim visitar seu país de origem. Por outro lado, Alex também explica que nessa época, em 2010, as pessoas estavam passando por dificuldades financeiras aqui no Brasil, o que também pode ter chocado com as expectativas que sua mãe tinha sobre como estaria a vida aqui no Brasil, depois de ter passado tantos anos longe.

A: E depois ela voltou, foi uma época que tava todo mundo passando muita dificuldade financeira, em 2010. Eu tava morando com a minha avó, de favor, e aí ela veio e eu lembro que ela foi dormir no colchão do chão. Nossa, ela ficou nervosa com esse colchão no chão, e se indispôs com a minha mãe, com a minha avó. Ela disse, "eu não acredito que eu viajei não sei quantos mil quilômetros para dormir no chão". A minha mãe tava insuportável nessa época que ela voltou, e aí foi aí que a família caiu de cima, "uai, mas então cadê a sua casa que você comprou, para você não querer ter que dormir no chão, vai lá para a sua casa que você comprou, esse tanto de casa aí que você diz que você comprou". E aí as relações se azedaram, foi uma confusão. Mas, eu percebi que o choque ali era a minha mãe querendo voltar por cima da carne seca, a família querendo um

comprovativo de que ela fez alguma coisa, e os filhos ali no meio daquela situação, que ninguém tá entendendo nada. "Como assim você comprou metade da cidade e eu tô morando de favor com a minha avó, me explica essa situação". E aí, foi isso, mais ou menos isso que eu tenho para dizer dessa época, essa confusão da galera querendo que ela mostrasse que fez alguma coisa, né. E essa cobrança tá aí até hoje. Essa cobrança perpassa até hoje, dezessete anos depois. Eu penso que os migrantes ainda têm na cabeça aquela necessidade de voltar com patrimônio feito, sabe? A minha mãe, até hoje, pensa nisso, e eu acho que ela não voltou até hoje porque ela pensa que ela deve alguma coisa para as pessoas. "Eu não posso voltar agora porque eu ainda não construí nada", mas construir o que? E aí, eu gosto sempre de conversar com a minha mãe sobre a realidade econômica e social dos momentos. Em 2005, a vida era uma, em 2022 a vida é outra. E, nessa condição que ela tava lá, sempre sendo explorada, migrante explorada, sem direito trabalhista, sem direito a férias, sem direito a nada, é muita ingenuidade ela continuar achando que vai construir patrimônio sendo explorada nesses subempregos. Mas, ela não gosta, ela tem aquela fé cega de que ela vai conseguir ainda fazer alguma coisa e voltar. E ela diz que só volta quando tiver a própria casa, só que até hoje ela não teve dinheiro para comprar um tijolo da casa [risos], coitada. Então, basicamente, são essas as expectativas que a família tinha naquela época e até hoje a família pensa, "então, a Márcia não vai voltar não? Ela não comprou nada, acho que não vai voltar não", a minha avó fala isso até hoje. Então, essa é a expectativa, ainda tá muito ligada àquela coisa do crescimento econômico, melhoria das condições de vida, patrimônio, essas coisas (Alex, 33).

O seguinte entrevistado, Pablo, nos conta que sua mãe também demorou cinco anos para visitar o Brasil pela primeira vez e que, cinco meses depois, ele foi morar com ela em Madri, de modo que sua mãe continuou visitando o Brasil para ver sua mãe – que veio a falecer recentemente – e seu outro filho.

T: Sua mãe voltou para visitar o Brasil após a migração? Depois de quanto tempo?

P: Sim, a primeira vez demorou cinco anos. Justo quando ela foi para o Brasil pela primeira vez, ela veio e voltou um mês depois, ficou um mês, e foi cinco meses depois eu vim para cá. Mas, ela direto, direto ela vai para o Brasil. Desde que a minha avó faleceu, ela não foi ainda, a minha avó faleceu fez um ano agora, e acho que ela tem uns dois anos que não vai ao Brasil. Mas eu acho que ela deve ir por agora, no final do ano, por causa do meu irmão. Se bem que a gente prefere que venha ele, porque é muito melhor para ela, sobretudo, porque aí no Brasil ela não tem mais família, é só o meu irmão, e ela não tem onde ficar. Mas, imagino que ela pretende solucionar coisas, também, da herança da minha avó, essas coisas. Imagino que daqui até o fim do ano ela deva ir, não sei quando. Mas, sim, ela foi várias vezes, desde a primeira vez que demorou cinco anos, que demorou muito, mas, desde então ela foi constantemente (Pablo, 31).

É interessante ler o relato de Sol, mãe de Pablo, acerca deste tema. Diferentemente do que diz seu filho, ela afirma que acredita que voltou ao Brasil durante umas três vezes somente, também em razão de sua rotina de trabalho. Sol perdeu sua mãe e pretende levar seu outro filho para a Espanha também, de modo que, quando isso acontecer, ela não terá

mais motivos para voltar para o Brasil, uma vez que sua vida está na Espanha e que ela já não se sente bem no Brasil.

T: Desde que você chegou aqui na Espanha em 2006, você foi alguma vez ao Brasil nesse tempo?

S: Fui. Eu vim em 2006, então eu consegui os meus documentos pelo arraigo laboral e, depois, eu fui no Brasil em 2010. Eu acho que desse tempo todo que eu tô aqui eu fui no Brasil umas três vezes só.

T: O que você achou desse tempo que você ficou aqui sem voltar no Brasil?

S: Ah, eu já tenho aqui como a minha casa, né, eu vou no Brasil, eu gosto do Brasil, mas eu consigo ficar lá pouco tempo, eu não consigo ficar muito tempo mais não. E agora que o Pablo está aqui comigo, que veio para cá em 2011, eu já fico mais sossegada, o coração. Só está faltando o outro vir, o João. Mas, assim, eu não sou como as outras migrantes que visitam o Brasil a cada seis meses, então, eu demoro muitos anos para ir, pelos trabalhos que eu tenho, né. Eu deixei a minha mãe, deixei os meus filhos. A minha mãe tem um ano que ela faleceu e agora eu já não tenho mais, assim, tanto motivo para ir para lá. Tenho o meu filho pequeno que eu estou tentando ver se ele vem para cá, mas está difícil para ele vir, porque uma hora ele quer, outra hora ele não quer. Mas, quando eu tiver os dois aqui, aí eu não tenho mais motivos para voltar, eu não me sinto bem lá (Sol, 53).

A seguinte história, de Luís, se assemelha à de Pedro. Sua mãe demorou quatro anos para voltar ao Brasil pela primeira vez e, quando o fez, em seguida, levou seu filho para morar consigo na Espanha. Assim como os demais participantes, Luís explica que durante os primeiros anos de separação foi difícil para ele, pois sentia falta da mãe, mas que eles sempre mantiveram o contato e que depois de um tempo ele foi se acostumando. Do mesmo modo, quando ela voltou para visitá-lo e depois foi para a Espanha outra vez, Luís sofreu novamente com sua partida.

T: Quanto tempo durou esse período em que vocês ficaram longe um do outro?

L: O primeiro período foi de quatro anos.

T: E durante esse tempo vocês ficaram sem se ver totalmente, ou alguém visitava alguém?

L: Foram quatro anos totalmente sem visita, tipo, ela ficou quatro anos e aí veio. Em 2007 ela veio, aí passou uns dias aqui e foi embora. Aí nessa vinda que ela planejou a minha ida. Então, era desse jeito, no começo eu sentia muita falta, ela me ligava com frequência, a gente conversava e tal, mas ela me ajudava muito, então, assim, com o tempo foi ficando mais tranquilo. Quando ela vinha visitar, por exemplo, da vez que ela foi, foi difícil quando ela foi embora de novo, mas eu já estava mais acostumado (Luís, 31).

Inês, uma das mães participantes, também demorou quatro anos para voltar ao Brasil após a migração. Ela explica como foi o reencontro com seus filhos e suas impressões sobre a vida em São Paulo, onde, segundo ela, a desigualdade social e a pobreza só aumentaram. Sua visita serviu para que Inês tivesse mais certeza acerca de sua escolha por continuar morando na Espanha e se preparando para, quem sabe futuramente, levar seus filhos para lá.

T: Então, você veio para a Espanha em 2018 e só agora que voltou para visitar o Brasil?

I: Foi, eu fiquei esses quatro anos sem voltar, só nas chamadas de vídeo quando dava, mantive o contato telefônico, mas foram quatro anos sem voltar, eu só voltei agora. Então, a minha filha eu não via ela desde os oito anos dela. Quando eu saí ela tinha oito, e eu voltei agora, ela está com doze. Eu tomei um susto, sabe, quando eu vi. Tipo, as duas, a gente não se reconhecia, a gente ficou um tempo em choque uma olhando para a outra, foi muito surreal. E o meu filho está com 21, muito bom, né. Aí o meu filho tem 21, então, ele tinha 17. Aí muita coisa mudou, nossa, é maravilhoso, mas é... aí é por isso que eu adorei o seu tema, sabe, porque fala muito com o meu coração, assim, é muito difícil ser mãe à distância. É muito desafiador, eu diria. E nessas férias agora quando eu fui, eu tomei um choque. Já estavam falando pra mim, "se prepara hein, tem muito mais gente na rua depois da pandemia, a pobreza, a desigualdade, agora tem um abismo ainda maior e tal". E eu pensei, não, imagina, eu tô acostumada, é o Brasil, eu tô ligada, uma galera na rua, eu sempre conheci uma galera na rua, eu tô acostumada com essa galera, nada a ver. Mas, eu realmente tomei um choque quando eu cheguei, sabe, você sai do aeroporto, pega um taxi e fala, "caralho, mano!", eu fiquei chocada, chocada assim que o meu coração disparou. E aí, não sei, eu fiquei, sei lá, na casa do meu filho, ali na Liberdade, que é perto do centro, uma área com muita gente na rua, e eu fiquei todos esses dias reparando assim aquele puta barulho, sabe? Por mais que a gente tem o choque cultural, que a gente tem que aprender a ser mais flexível, adaptar o paladar, né, se abrir para uma nova cultura, não ficar colocando sempre a tua como melhor, porque não tem, né, melhor ou pior. Mas eu acho que essa viagem me confirmou, eu voltei com mais tesão para casa. Ah, que bom foi voltar para casa, continuar a minha construção aqui [na Espanha], trazer os meus filhos. Caraca, tá todo mundo sem grana, as coisas estão super caras, uma puta inflação, então, eu fiquei pensando, não, eu prefiro essa qualidade de vida. Por hora, se a vida me levar, eu vou aceitar, não tem problema, mas não está nos meus planos voltar para o Brasil não (Inês, 43).

O seguinte relato é de Mônica, mãe de Adriana, que explica que ficou durante os primeiros três anos de migração sem voltar ao Brasil porque seu objetivo principal era trabalhar e juntar dinheiro para comprar sua casa própria em Goiânia, para seus filhos se mudarem do interior para estudar na capital. Mônica menciona o alto custo da viagem, assim como a questão da documentação, como os principais obstáculos para voltar ao Brasil nesses primeiros anos, pois se ela voltasse havia a possibilidade de não conseguir entrar novamente na Espanha.

Sobre a questão de sua situação administrativa irregular, Mônica foi detida pela polícia espanhola uma vez, durante esse período em que seu visto já havia vencido, de modo que teve que contratar um advogado e pagar uma multa de 511,00 euros para ser liberada após um dia de detenção. Segundo ela, graças à sua esperteza de não assinar os documentos que a polícia lhe pediu que assinasse, ela conseguiu evitar sua deportação.

M: Eu fiquei sem vir no Brasil durante três anos, porque eu queria trabalhar, eu queria juntar o meu dinheiro, eu queria comprar a minha casa aqui, eu queria estabilizar os meus meninos, os meus filhos que agora, graças a deus, estão bem estabilizados aqui em Goiânia. Até porque na cidade que a gente morava, que até hoje a gente é de lá, porque temos família lá, que é no interior, não tinha os cursos que eles queriam, por isso eles vieram pra cá. Então, eu decidi, eu falei, vamos estabilizar eles aqui né, na capital. Mas, enfim, eu fui, fiquei morando lá em Oviedo, depois eu tive bastante oportunidades lá, trabalhei com muita coisa, sabe, eu já trabalhei numa empresa de carro, de doméstica, em cafeteria, vários tipos de coisa. E aí eu fui conseguindo, sabe? Mas aí eu fiquei três anos, porque claro, para você poder ganhar um dinheiro, juntar um dinheiro, eu não podia ficar pra lá e pra cá, porque, você sabe, tudo era, é difícil. Passagem cara e tal, tem muitas despesas. E eu tive que arriscar ficar esse tempo lá, fiquei quase três anos, tive problema por causa da minha documentação, mas foi simplesmente por estância irregular. Eles me pegaram por documentação porque eu já estava há quase três anos com o meu visto vencido. E aí aconteceu que um dia eles me pegaram. Eu paguei uma multa de 511 euros. E a partir daí eu peguei e chamei o meu chefe e falei, chorando, falei pra ele que não, que eu tava com medo, que tal, que eles iam me deportar. Mas, eu fui esperta porque, graças a deus, eu não assinei os papeis, porque eles vinham até mim com umas pastas para mim assinar, mas aí eu lembro que há muito tempo, que alguém falou "se um dia acontecer isso com você, qualquer coisa que eles te mandar assinar, você não assina, você não tem a obrigação de assinar, a não ser que seja perante o seu advogado, eles não podem te obrigar". E eu lembrei disso, sabe, eu lembrei, aí vinham as mulheres policiais para eu assinar, e eu falava que não, que eu não queria assinar não. Eu falava, eu sou obrigada? "Não". Pois então eu não vou assinar, não quero, né. E assim foram umas quatro vezes. Dizem que quando eles pegam assinatura da gente, no tempo que a gente está lá dentro, lá na cadeia, lá, e tal, na *cárcel*, que eles falam, que você pode estar assinando a sua deportação. Então, eu não assinei. Aí, até que veio o advogado, entrou em ação, mas foi um dia só também. No outro dia eu já saí e paguei só uma multa. E aí, foi aonde arrumaram os meus documentos e pronto (Mônica, 44).

Adriana, filha de Mônica, afirma que, após a primeira visita da mãe, esta costumava visitar os filhos uma vez ao ano, aproximadamente. Quando a mãe vinha, ela ficava no Brasil durante três meses ou, no máximo, quatro meses. No entanto, em sua última visita, que coincidiu com o começo da pandemia, Mônica ficou no Brasil durante um ano, fato que Adriana viveu de forma positiva e que, segundo ela, fez com que ela e seu irmão se aproximassem mais de sua mãe. Adriana afirma que se acostumou à presença da mãe e que sentirá sua falta, mas também afirma que, por outro lado, ela também já estava acostumada à falta da mãe.



A: Ela ficou um ano aqui, ela veio em novembro e aí ela ficou por causa da pandemia. Porque quando ela vinha, ela nunca ficava tanto tempo assim, ela ficava três meses, no máximo quatro meses. E agora ela ficou um ano, então, eu meio que acostumei com a presença dela, quando ela foi eu fiquei assim sentindo falta, eu pensei, vou ter que voltar a ficar sozinha com o meu irmão. Como ela ficou um ano, eu me acostumei mais com a presença dela, e aí agora que ela foi, ah, eu vou tá novamente sozinha com meu irmão aqui em casa. Eu já tinha acostumado com ela aqui novamente, aí ela voltou, acontece. [...] Então, assim, a princípio eu fico um pouco preocupada, eu não queria que ela voltasse pra lá, fiquei um pouco preocupada por causa desse vírus, só que aí o Brasil tá pior né, e a vacinação que tá tendo lá, e apesar que já tem a vacina, mas lá na Espanha o caso, se comparado ao Brasil, tá melhor do que aqui. Então, eu fiquei assim, me sentindo meio aliviada por ela sabe, talvez tenha sido melhor ter ido pra lá do que ter ficado aqui, porque os trem tá ficando pior. Eu fiquei feliz por ela ter ido por conta disso. Mas, eu não sofri não, porque eu acho que meio que já me acostumei com ela não estando aqui. Mas, aí, como ela liga sempre, praticamente todo dia, ela fala comigo todo dia, ou manda mensagem ou manda áudio, ou liga pra mim por vídeo, ela tenta manter contato. Até antes da pandemia ela ligava muito por vídeo. A gente se aproximou mais, sabe, acho que agora a gente se aproximou muito mais, depois desse um ano juntos.

T: Quem, você e sua mãe?

A: Nós três, eu falo, nós três, meu irmão com ela e eu com ela, porque por passar a ter mais convivência, é totalmente diferente de ficar só mantendo contato por ligação, então, acho que reconectaram as nossas ligações de mãe e filho (Adriana, 23).

No caso de Sara, diferentemente da maioria dos/as participantes, sua mãe voltou ao Brasil pela primeira vez após dois anos para buscar a filha para morar consigo na Espanha, onde elas moram até hoje.

S: Bom, a minha mãe se casou aqui na Espanha, foi me buscar, acho que já mencionei antes, ela nunca me visitou, ela simplesmente veio, passou aqui dois anos e foi me buscar, diretamente. Ou seja, a primeira vez que ela foi visitar o Brasil desde que ela emigrou, ela já me trouxe. [...] Não, a minha mãe não voltou nunca para o Brasil, bom, ela voltou para me buscar, mas nesse período, entre 2001 e 2003, que foi quando ela foi me buscar, ela nunca foi no Brasil, ela foi me buscar e já. Também nunca vim para a Espanha visitar ela, nunca (Sara, 23).

A seguinte entrevistada, Elis, afirma que sua mãe voltou para visitá-la após um ano de sua partida e que depois ela demorava no máximo dois anos para voltar ao Brasil. Quando a filha completou seus dez anos, a mãe começou a levá-la para passar as férias na Espanha. Mais tarde, o marido de sua mãe faleceu e a mãe, entre idas e vindas, passou a ficar mais tempo no Brasil que na Espanha. Elis afirma que sua mãe ficou nesse ir e vir até o momento da entrevista, em que a mãe havia ido primeiro para a Espanha e Elis depois, com a intenção de, desta vez, permanecerem por mais tempo.

T: Então, a primeira vez que ela voltou, ela demorou um ano?

E: Sim.

T: E, depois ela voltou outras vezes? Com que frequência?

E: Sim, ela voltava entre um ano, dois anos, dois anos era o máximo que ela ficava fora, ela sempre voltava. Aí, quando eu comecei a ter meus 10 anos, eu começava a vir todas as minhas férias para cá.

T: E você disse que ela morou no Brasil por um período, certo?

E: Morou, assim, desde quando ele faleceu, que eu tinha uns 13 anos mais ou menos, com 14 ela se mudou para o Brasil, e ela ficava indo e vindo, mas ela vinha e ficava três meses e o resto do ano ela ficava no Brasil. Tinha ano que ela nem vinha para cá, então, ela acabou ficando lá esse tempo, aí a gente voltou. Depois ela ficou aqui, ficou nessa mesma história de ir e vir. Aí, agora que ela veio antes de mim, ela veio em abril, e eu vim em maio, que é quando, assim, eu acredito que agora a gente vai ficar bastante tempo aqui, sabe?

T: Então, vocês continuam morando juntas?

E: Sim, sim, a gente continua morando juntas, sim (Elis, 28).

A mãe de Beatriz conseguiu voltar ao Brasil em menos tempo que as demais mães, dentro de seis meses, de modo que ela conseguiu sair e entrar novamente na Espanha ainda em situação irregular. Mais tarde, quando ela teve que passar pelo processo de regularização e permanecer na Espanha, suas filhas foram lhe visitar. No final, sua mãe não conseguiu sua permissão de residência, o que Beatriz acredita que foi por causa de sua saída do país durante os primeiros meses. Para requerer novamente a permissão, sua mãe teria que fazer outro pedido e comprovar novamente seu tempo de moradia na Espanha.

T: Após a migração, sua mãe voltou ao Brasil alguma vez? Depois de quanto tempo?

B: Ela voltou, ela foi por seis meses, daí voltou, ficou um período de férias, né, depois ela foi de novo e aí nesse período que ela foi de novo, e eu e minha irmã fomos pra lá visitá-la. Foi esse o período mais longo que ela ficou sem vir no Brasil, que depois eu entendi que era por conta de questão de documentação, né, que quando você solicita a documentação, você tem que ficar um tempo sem sair do país.

T: Quanto tempo durou esse período em que ela ficou sem voltar ao Brasil em razão do processo de regularização? E no final, ela conseguiu?

B: Esse período que ela ficou sem voltar ao Brasil por conta da documentação foi um ano, um ano e meio, acho que nem chegou a um ano e meio ela veio para o Brasil. Não tenho certeza, assim, mas eu acho que foi mais ou menos isso, porque foi quando a gente foi visitar ela lá, e foi o período mais longo, assim, que a gente ficou sem se ver, acho que foi mais ou menos um ano mesmo. Ela não conseguiu a documentação no fim, porque foi isso, ela precisava ficar um período maior sem

sair do país e ela acabou saindo para nos visitar, então, ela acabou perdendo, né. Eu não me lembro muito bem como é que funciona essa questão da documentação, mas ela teria que dar entrada num novo pedido, e ela acabou, por fim, voltando para o Brasil.

T: Como filha, o que você acha desse processo e desse tempo que eles exigem para a pessoa migrante sem sair do país?

B: Como filha, eu acho muito complexo, né, esse pedido, esse processo e esse tempo que as pessoas tem que ficar sem voltar para os seus países, eu acho que é mesmo uma forma de fazer a pessoa desistir, porque é muito difícil para uma pessoa, principalmente, quem tem filhos, ficar tanto tempo sem esse contato, ou mesmo que não tenham filhos, mas que são filhos, né, ficar sem essa rede de apoio, ficar sem ver os pais, a família de uma forma geral. Então, para mim, é meio que uma forma de fazer a pessoa desistir, sabe, do processo, essa é a minha percepção (Beatriz, 26).

No seguinte relato, Maite explica que viu sua mãe poucas vezes, sendo este um tema doloroso para ela por envolver questões de perda e de migração de várias pessoas de sua família, além de sua mãe, pois sua avó e sua irmã também migraram para a Espanha. Maite acredita que o fato de sua mãe ter voltado porque tinha sido deportada significa que ela não voltou especificamente para visitar as filhas. Ao falar sobre a segunda visita da mãe ao Brasil, Maite considera importante contar sobre o motivo dessa visita, envolvendo a sua irmã que morava em outra cidade sob os cuidados da bisavó. Sua irmã, ainda criança, passou por episódios muito difíceis aqui no Brasil, de modo que foi levada pela mãe para morar com ela e sua avó na Espanha a pedido do conselho tutelar do Brasil, o que lhe causou e ainda lhe causa muita dor, a Maite, porque essa foi a última vez que viu a irmã pessoalmente.

M: As vezes que eu vi a minha mãe foram muito poucas, muito breves, então, assim, a relação que eu tive com ela era de vez em quando ela mandar presentes, então, ela mandava algumas coisas, algumas roupas, alguns presentes em épocas de Natal, sabe? A minha avó também. Algumas vezes ela [a mãe] chegou a vir para o Brasil, só que todas as vezes que ela veio, ela veio porque ela foi deportada. Então, todas as vezes que eu a vi não foi porque, tipo, "ah, tô indo te visitar". Não, foi porque ela foi deportada, e logo depois ela migrou de novo, né. Juntou dinheiro aqui e migrou novamente. E aí, resumindo bem para não me estender muito, uma vez que ela foi deportada, eu acho, é assim, eu não tenho certeza, mas eu acho que ela foi deportada da Espanha, mesmo, ela foi deportada de lá, e aí ela veio para o Brasil, e aí quando ela veio para o Brasil, ela resolveu voltar para Londres, ela não voltou para a Espanha, aí ela migrou para Londres. É, eu acho que foi isso, aí ela ficou um tempão lá em Londres. Aí, aconteceu que nessa época a minha irmã ela tinha 11 anos e desapareceu no final de semana, desapareceu sumiu, aí o Conselho Tutelar foi procurar ela, e encontrou ela num lugar lá, tipo um... enfim, num lote lá, e tinham feito uma festa, uns adolescentes, uma festa de adolescentes mesmo, sabe, tipo, com droga, bebida alcoólica, e aí eles identificaram que ela tinha tido relações sexuais, usado drogas e tudo mais. Aí, o Conselho Tutelar concluiu que a minha bisavó era incapaz de cuidar dela, e aí ele autuou, e minha mãe tinha que vir aqui e buscar a minha irmã e cuidar dela. Então, a minha mãe foi obrigada a

voltar no Brasil e buscar a minha irmã. Aí, quando isso aconteceu, foi a segunda vez que eu vi a minha mãe, então, ela veio aqui, buscou a minha irmã, aí eu nessa vez que ela veio, enfim... [começa a chorar e quase não consegue mais falar], só porque eu nunca vi a minha irmã, enfim, desde que a minha irmã [continua chorando] foi embora eu nunca a vi, aí eu falei isso... mas, tá tudo bem. Aí ela veio, buscou a minha irmã e foi embora, né. E aí as duas, voltaram para a Espanha, aí elas voltaram para a Espanha e ficaram morando, de novo, as três lá. E aí, quando elas voltaram para lá, a minha mãe migrou de novo para Londres, e aí deixou a minha irmã morando com a avó. E eu sempre morei aqui, então, eu cheguei a visitar a minha mãe depois de adulta, em 2019 na Espanha. Vi a minha mãe pouquíssimas vezes na vida, então, eu acho que foram essas duas ou três vezes que ela foi deportada, sei lá, agora eu perdi as contas, que eu a vi pessoalmente (Maite, 24).

Sobre a questão da deportação, como vimos no relato de Mônica – que quando foi detida teve muito medo de ser deportada e não conseguir alcançar seus objetivos na Espanha –, esta interrupção foi de fato vivida pela mãe de Maite, Paula, que foi deportada, voltou a migrar e atualmente afirma que não tem intenções de voltar a morar no Brasil. Verifica-se, portanto, um conflito entre as expectativas dos/as filhos/as que ficam e das mães migrantes, que têm seus próprios objetivos para serem alcançados na Espanha, muitas vezes, para se distanciarem do estilo ou da qualidade de vida que tinham antes no Brasil, de modo que voltar para cá não está em seus horizontes.

Algumas mães conseguem conciliar seus objetivos de vida e corresponder às expectativas dos/as filhos/as sobre o exercício da maternidade, ao realizarem a reorganização familiar ou levando-os para visitar a Espanha periodicamente. Não obstante, para fazer estas coisas, as mães migrantes precisam regularizar primeiro sua situação administrativa na Espanha, o que pode levar anos, e/ou disporem de dinheiro suficiente para custear as visitas dos/as filhos/as na Espanha.

Através dos relatos dos/as filhos/as participantes, percebe-se que os primeiros anos da migração são os mais difíceis para os/as filhos/as que ficam no Brasil, porque é quando a mãe não pode voltar para visitá-los, pois assim estaria colocando em perigo seu projeto migratório. Conforme afirmam as mães entrevistadas, elas contraíram dívidas para realizar essa viagem e, portanto, precisam chegar na Espanha e já começar a trabalhar para pagá-las.

Ao analisar a política migratória espanhola no que diz respeito às mulheres migrantes não europeias e, principalmente, as mulheres latino-americanas, observa-se que sua inserção no mercado laboral espanhol, como trabalhadoras domésticas, cuidadoras, trabalhadoras sexuais, dentre outros, na maioria das vezes esses trabalhos não lhes fornecem os documentos necessários para poderem requerer sua permissão de residência na Espanha e,

assim, poderem gozar de seus direitos como cidadãs. Por este motivo, a maioria das mães, conforme relatos dos/as filhos/as e delas mesmas, só consegue voltar ao Brasil pela primeira vez após regularizar sua situação na Espanha.

#### **5.4 Envio de remessas e melhora na qualidade de vida da família no Brasil**

Pizarro (2017, p. 631) conceitua as remessas como “aquelas porções da renda dos migrantes internacionais com residência temporária ou permanente no país onde trabalham que são transferidas desde esse país para o país de origem”. Desde o ponto de vista das motivações por trás das remessas, pode-se afirmar que se trata de “um exercício de solidariedade dos migrantes com suas famílias, comunidades e países” (Pizarro, 2017, p. 632). Segundo este autor, seus impactos sociais e econômicos podem ser medidos ao nível microeconômico – referindo-se aos seus efeitos sobre as famílias e comunidades de origem – e macroeconômico – através de seu impacto no crescimento dos países receptores.

De acordo com Guarnizo (2003), o envio de remessas pelas pessoas migrantes demonstra seu compromisso e suporte para com seu país de origem. As remessas monetárias representam laços sociais de solidariedade, reciprocidade e de obrigação que ligam os/as migrantes aos seus familiares e amigos através das fronteiras controladas dos Estados-Nações. Trata-se de uma transação “íntima”, entre cada migrante e sua rede de pessoas próximas, cujo volume e estabilidade com que se realiza a nível global as convertem em um importante fator macroeconômico, que gera efeitos nos países de origem e além.

As remessas dos/as migrantes constituem, portanto, uma importante transação econômica global (Guarnizo, 2003) e uma das principais fontes de ingressos de muitos países em desenvolvimento ou de recente industrialização, especialmente da América Latina e do Caribe (Pizarro, 2017).

Neste estudo, onze de um total de catorze filhos/as entrevistados/as afirmaram que suas mães enviavam remessas da Espanha para custear a sua alimentação, vestimenta, educação e/ou lazer no Brasil, como podemos observar, a seguir, nos relatos de Carla e de Elis.

T: Sobre essas melhorias que você disse, quais foram as mudanças que você notou em termos materiais?

C: Uai, igual, na educação, apesar que desde quando ela tava aqui, igual eu falei que ela já deu aula para mim, né, mas porque era uma escola particular, porque ela dava aula e ganhava a bolsa, né, na época. Aí, quando ela foi embora, eu continuei, mesmo ela saindo da escola, eu continuei em escola particular, fazia cursos de inglês, que na época também era muito... um auge, assim, eu fazia curso de inglês para não estudar somente na escola; a minha Bis [moto], na época a minha primeira Bis foi ela que me deu assim que ela foi, dois anos depois que ela foi, ela me deu para me levar para a escola. Então, tipo assim, foram melhorias assim que foi bom, igual, ela não deixava eu andar a pé, quando não tinha a Biz ela pagava, na época, era a Kombi escolar. Foram melhorias boas para mim. [...] Ela sempre me ajudou, toda vida, nunca deixou faltar nada, nem pra mim hoje em dia, nem para os meus filhos, ela me ajuda (Carla, 28).

T: E a sua mãe te ajudou a pagar a faculdade? Como é que foi?

E: Sim, a minha mãe na verdade ela sempre me ajudou em tudo, financeiramente. Inclusive, até hoje né, porque eu vivo às custas dela [risos]. Então, ela pagou a faculdade, pagava o aluguel, pagava tudo, tanto é que quando eu comecei a fazer estágio, essas coisas assim, todo o dinheiro era para mim, sabe? Eu nunca precisei tirar do meu para por para aquelas rotinas básicas de uma dona de casa, sabe? Então, ela sempre me ajudou (Elis, 28).

As remessas eram enviadas para a pessoa encarregada do cuidado dos/as filhos/as ou, quando estes atingiam a adolescência e a idade adulta, eram enviadas diretamente para estes/as para que pudessem se encarregar de suas despesas, o que, por sua vez, lhes possibilitou uma maior autonomia desde cedo.

No caso dos outros/as três entrevistados/as cujas mães não enviavam remessas monetárias, elas enviavam ou traziam presentes da Espanha. Um outro cenário diz respeito aos filhos/as adultos/as que estavam ou ainda estão morando no Brasil e cujas mães continuam enviando-lhes remessas, mesmo que com uma frequência menor que quando eram crianças, conforme relata Cristina.

T: A sua mãe, além de mandar os presentes, ela te ajudava de algum jeito? Como?

C: Sim, financeiramente. Na verdade, ela sempre ajudou, e me ajuda até hoje financeiramente (Cristina, 26).

Partindo da teoria da circulação de cuidados, Baldassar e Merla (2014) defendem que as remessas são uma importante forma de cuidado transnacional que circula em ambas as direções. Isto porque a teoria da circulação de cuidados critica a teoria das cadeias de cuidado (*care chains*), por visibilizarem somente o fluxo unidirecional do cuidado, ou seja, do cuidado que viaja com a mulher migrante para beneficiar a outros/as receptores/as no país de destino; assim como o seu fluxo inverso, que são as remessas enviadas para o país de

origem. Sob este argumento, as autoras defendem que a ‘drenagem de cuidado’ (*care drain*) não ocorre necessariamente em todas as famílias transnacionais, correndo o risco de que a mencionada teoria simplifique as complexas relações e negociações familiares presentes nestes processos.

Se passarmos de um foco no mercado de trabalho para um foco nas economias morais da família, poderemos ver que não só as formas corporificadas e mercantilizadas de cuidado viajam ao longo da cadeia, mas também outras formas “virtuais” de cuidado viajam em ambas as direções (Baldassar; Merla, 2014, p. 29).<sup>74</sup>

Nesse sentido, a teoria da circulação de cuidados entende que as pessoas migrantes e seus familiares são ambos receptores e provedores de cuidados (Baldassar; Merla, 2014), assim como classifica as remessas em monetárias e não monetárias – referindo-se ao envio de bens materiais como presentes, roupas e comidas (Ariza, 2014), como aparece no relato de Beatriz ao ser perguntada pelo envio de remessas por parte de sua mãe.

T: Sua mãe mandava dinheiro para custear o cuidado de vocês no Brasil, ou era seu pai quem se encarregava disso?

B: A minha mãe não mandava dinheiro para custear o nosso cuidado, ele se encarregava disso, mas ela mandava, assim, ela falava que eram presentes, né, mas ela mandava roupa, mandava brinquedos, mandava essas coisas assim, e acabava que o que a gente tinha de roupa e brinquedo era mais o que ela comprava mesmo e mandava do que o meu pai comprar, sabe? Então, essa parte ela que continuou custeando, de certa forma (Beatriz, 26).

De acordo com Singh e Cabaal (2014), as remessas proporcionam à pessoa que envia um sentido de pertencimento à família, e estabelecem obrigações recíprocas de cuidado por parte de quem as recebe, formando assim uma ‘rede de confiança’. O caso de Sara é um exemplo de como as obrigações recíprocas se constituem nas famílias transnacionais. Sara, que ficou no Brasil aos 6 anos sob os cuidados de sua tia, afirma que sua mãe enviava dinheiro para que a tia custeasse as despesas do lar, que era formado pela tia, seu marido, seus filhos e Sara.

S: Ela ajudava a minha tia, ela mandava dinheiro todo mês para a minha tia e esse dinheiro era basicamente para a casa, para os gastos, para a comida. Ela falava

---

<sup>74</sup> If we move from a labour market focus to a focus on the moral economies of the family, we can see that not only do embodied and commodified forms of care travel along the chain, but also other ‘virtual’ forms of care travel in both directions. (Tradução livre).

para a minha tia separar um pouco e comprar alguma sandália para mim, alguma coisa, alguma roupa. Mas, na verdade, isso não era feito porque era muita gente para comer em casa. Mas a minha mãe falava, "esse mês eu vou mandar um pouco mais para você comprar isso para a Sara", aí quando isso acontecia, sim, a minha tia comprava e a minha mãe mandava. Mas, todo mês era só para gastos de casa, para comida, principalmente. Por exemplo, eu não via nunca o dinheiro que ela mandava, eu sabia que tinha comida em casa, mas, eu não via, a minha tia não dava o dinheiro para mim e falava "toma, isso aqui é para você, para você guardar", não (Sara, 23).

A contrapartida das remessas enviadas pela mãe era o cuidado que sua tia lhe proporcionava, relacionado ao seu sustento. Sara não tinha acesso ao dinheiro, pois sua tia era quem o controlava e atuava como a mediadora do cuidado transnacional.

Baldassar e Merla (2014) chamam atenção para o trabalho e o comprometimento necessários para ganhar e guardar o dinheiro das remessas por parte das pessoas migrantes, o que fica evidente no relato de Mônica, uma das mães participantes deste estudo. Ela é mãe de Adriana, também participante da pesquisa, e contou acerca de seus esforços para economizar e enviar dinheiro para Adriana e seu irmão mais velho, tendo que, muitas vezes, abrir mão de comprar coisas para si na Espanha, com o objetivo de custear seus estudos no cursinho e na universidade. Como ela afirma, o dinheiro economizado e enviado também foi investido na compra de sua casa própria, onde hoje moram seus filhos aqui no Brasil.

M: Eu acho que a gente que é mãe, depois que a gente está lá e tal, tudo que a gente vê lá a gente só pensa nos filhos. Às vezes a gente deixa de pensar até na gente. Eu hoje conto a minha história pra eles, assim, as vezes que muitas vezes eu deixei de comprar até calcinha pra mim pensando neles, para poder mandar o dinheiro. Tanto pensando neles mas, também, em prol de pagar as coisas, pagar a casa, pagar o material. Porque eu acho que se eu pegasse aquele dinheiro, não que eu ficasse sem comprar, né, mas às vezes eu abria mão. Eu abria mão porque era o melhor, sabe, eu nunca pegava o meu dinheiro pra estar gastando com coisas de marca. Eu encontrava pessoas, às vezes, que falavam assim, "ah, Mônica, você está indo para o Brasil, por que você não compra aquela melhor bolsa, aquela melhor...". Eu falava, "mas o que que adianta eu chegar com aquela melhor bolsa lá no Brasil e não ter nenhum centavo?" Então, eu abria mão dessas coisas. Mas, valeu a pena, porque essas coisas, tudo tem o seu tempo para comprar. Então, o que eu pensava era em coisas mais importantes, porque a roupa não era o mais importante, os óculos não era o mais importante, nem a bolsa de marca. Eu tinha as minhas, eram baratinhas lá, mas o maior sucesso né [risos]. Eu acho que a pessoa tem que ter a cabeça muito no lugar pra não meio que, porque está lá, porque está trabalhando, porque tal, e aí acaba que um dinheiro, que às vezes você compra uma bolsa de marca de 200 euros, por exemplo, 300 euros, e esse dinheiro, eu ficava pensando, esse dinheiro lá no Brasil é quase um salário. Digamos hoje, que o euro está a quase seis reais. Então, eu vou pegar e praticamente dar um salário em uma bolsa? Nunca precisei. Então, a gente tem que pensar muito bem, "ah, mas você já está aqui, deixa de ser boba, você tem que aproveitar, você tem que gastar". Mas, não, eu sempre pensava primeiro nas minhas... o que que eu fui fazer lá? Ou seja, o dinheiro que eu ganho lá, eu vou ficar jogando assim, gastando e gastando e, depois, quando eu vir aqui para o meu país? E quando eu voltar, né?



Chegar lá eu quero estar bem, eu quero poder comprar alguma coisa, eu quero poder passear, e aí é onde aquela coisa cara que eu comprei lá não vai me ajudar em nada aqui, é simplesmente só por luzir mesmo (Mônica, 44).

Adriana, filha de Mônica, reconhece os esforços que a mãe fez para ajudar economicamente os filhos no Brasil e acredita que sua vida teria sido totalmente diferente se esta não tivesse migrado. A mãe enviava dinheiro para pagar o cursinho do filho e, Adriana, para ajudar nas despesas da mãe, decidiu pagar seu próprio cursinho. Sua mãe orientou os filhos para que estudassem na universidade pública e, por isso, priorizou a realização do cursinho preparatório.

Observa-se que sua mãe sempre se mostrou preocupada com suas notas na escola, mas a filha afirma que ela não tinha com o que se preocupar, pois ela e o irmão sempre se dedicaram muito aos estudos. Por outro lado, Adriana também afirma que se cobrava bastante para ser uma ótima aluna e tirar boas notas, o que pode ser visto como uma contrapartida da filha diante do esforço de sua mãe, por entender que ela migrou para oferecer uma vida melhor para os filhos.

A: Mas, por outro lado, também, teve a parte ruim da ausência dela, mas eu não culpo, não tô falando que é uma culpa. É igual, tem os pros e os contras, e aí, no mais é isso, apesar que se ela não tivesse ido, eu acho que seria totalmente diferente a minha vida, eu acho, totalmente se ela não tivesse ido. Até por conta de que, lógico que ela ajudou a gente financeiramente muito, então isso impactou muito aqui na minha vida em Goiânia. O meu pai também ajudava, mas, ele não recebia tão bem assim, então eu acredito que ia ser diferente a nossa vida se ela não tivesse ido, porque ela foi no propósito de ajudar a gente, sabe, de ir trabalhar para conseguir pagar cursinho pra gente, pagou cursinho pro meu irmão, sempre nos incentivou a estudar. Eu com certeza vejo a minha mãe como uma grande guerreira, porque ela foi na cara e na coragem, sabe, para quem não conhecia o país, não sabia a língua, sabe, ela foi pra ajudar os filhos e recém separada, então ela foi muito guerreira. Eu acredito que ia ser totalmente diferente a minha vida se ela não tivesse ido pra lá. [...] Ela sempre perguntava o que era preciso pra me ajudar nos estudos, ela sempre me ajudou, mandou dinheiro pra gente comprar material, cursinho, sabe. Ela sempre foi muito solícita nesse aspecto. Ela sempre insistiu muito em que a gente precisava de ter um futuro, de estudar. Ela nunca se preocupou muito porque ela já sabia como é que os filhos eram, sabe, que a gente dedicava bastante, a gente sempre foi muito dedicado em questão de estudo, principalmente. Ela sempre queria saber como que eu tava na escola e, na verdade, eu sempre me cobrava muito, sabe, nossa senhora. Ela falava, “você não precisa se cobrar tanto”, mas qualquer coisinha, se eu tirasse um 6 ou um 7, eu já chorava. Pra mim não era suficiente, eu pensava que eu tinha que ser melhor, que ser melhor. Aí a minha prima falava, “calma, não é assim”. E aí, é isso, ela sempre incentivava a gente a estudar, a fazer faculdade, essas coisas (Adriana, 23).

A seguinte participante, Júlia, que atualmente mora na Espanha, nos conta como sua vida e a de sua família melhorou após a migração da mãe, através das remessas enviadas

para o Brasil. Júlia morava com seus pais e irmãos na vila dos sargentos, na cidade de Anápolis, e, após a separação dos pais e a migração da mãe, ela e os irmãos passaram a morar com a avó e os tios em outra casa. Mais tarde, graças à ajuda da mãe, toda a família se mudou para uma casa melhor. Diante dessas informações, perguntei à Júlia se ela achava que a melhora na qualidade de vida compensava a ausência da mãe, de modo que ela respondeu que de certo modo sim, considerando que sua mentalidade atual, de quem mora na Espanha e percebe que tem melhor qualidade de vida que no Brasil, é diferente de sua mentalidade de criança que tinha ficado no Brasil sem a mãe.

T: O que mudou na sua vida depois que sua mãe migrou? Em relação a coisas práticas, por exemplo.

J: Eu acho que o fato de a gente melhorar muito financeiramente, porque naquela época as coisas no Brasil não eram tão caras e o Euro era muito valorizado. Continua sendo, mas as coisas no Brasil estão muito caras, então, financeiramente foi uma coisa que melhorou muito. Assim, eu acho que não só para mim, mas para a minha família, porque quando a minha mãe morava no Brasil, o meu pai trabalhava de sargento, então naquela época era um emprego bom, aí a gente tinha boa condição, e aí a gente morava na vila dos sargentos, então, era boa a condição. Só que eu vi isso na minha família, que quando eu morei com a minha avó e com os meus tios, a gente, primeiro a minha avó morava numa casinha bem simples e, depois, a gente já começou a morar numa casa melhor. Então, eu vi que a minha mãe ajudou muito a minha família. Foi uma coisa que melhorou.

T: Você acha que uma coisa compensa a outra? Ou não dá pra ter esse julgamento?

J: Eu acho muito difícil, porque no começo eu falava muito pra minha mãe, eu falava assim, “mãe, eu acho que a senhora devia ter ficado com a gente aqui no Brasil e a gente dava um jeito, mesmo sendo muito difícil”. Mas, hoje eu olho não só pelos meus irmãos e pela minha mãe, mas eu olho por mim, eu acho que eu tô num lugar que eu nunca imaginei, mas aqui é um lugar muito bom e eu sei que eu vou ter muito mais oportunidades. Foi muito difícil, mas, olhando para mim, eu acho que eu também não me tornaria a pessoa que eu sou hoje se nada disso tivesse acontecido. Eu tive uma oportunidade totalmente diferente dos meus amigos, por exemplo, dos meus primos de Anápolis. E hoje eu vejo que a vida que eu ia ter se eu estivesse em Anápolis e a vida que eu tenho agora, não financeiramente, mas a qualidade, e pra mim valeu a pena, porque, eu acho que não falo que é certo a minha mentalidade, mas é um jeito muito bom de viver (Júlia, 24).

Assim como Júlia, Carol também mora na Espanha e considera que sua qualidade de vida melhorou consideravelmente após a migração de sua mãe. Ela acredita que sua mãe tentou suprir sua ausência ajudando financeiramente os filhos, ou seja, lhes proporcionando coisas e um modo de vida que eles não tinham antes, o que a leva a afirmar que atualmente a mãe continua fazendo isso com seu irmão, que mora no Brasil.

T: Sua mãe ajudava vocês economicamente?

C: Sim, muito, na verdade em absolutamente tudo, tudo era a minha mãe. Tudo que a gente queria fazer, desde escola de inglês à academia, a coisas supérfluas. Na verdade, eu sinto que a minha mãe, de certa forma, tentou suprir a ausência com a questão financeira, de certa forma, porque eu vejo que ela segue fazendo isso com o meu irmão, e acaba atrapalhando muito no desenvolvimento dele. Mas, ela sempre proporcionou tudo para a gente, que a gente tinha muito o mínimo, e passou a ter uma vida medianamente bem, e não faltava absolutamente nada, na verdade. Não era uma vida de luxo, mas a gente também não passou falta de nada desde que a minha mãe foi, a nossa vida melhorou sim, na verdade.

T: Então, você notou essa diferença na qualidade de vida?

C: Sim, na verdade, se não fosse essa mudança da minha mãe, a minha vida seria absolutamente outra, porque o meu pai e a minha avó jamais conseguiriam fazer acontecer tudo o que a gente tinha vontade e enfim, eu acho que eu tenho que ser muito grata à minha mãe por tudo, na verdade, até porque é uma das coisas que ela se preocupou muito, que acontece com poucas famílias, é a questão da documentação, porque desde que ela chegou na Espanha, ela já tentou, porque muitos imigrantes se acomodam depois que têm trabalho, se acomodam na questão da documentação, e a minha mãe sempre foi atrás de ter o máximo possível para que ela pudesse passar para a gente a tempo, e ela realmente conseguiu, porque ela conseguiu que nós dois tivéssemos o direito de ter a dupla nacionalidade antes dos vinte anos, e foi um dos percussores para que eu pudesse vir, também, para a Espanha (Carol, 25).

O seguinte participante, Luís, ficou no Brasil à época de migração de sua mãe e, mais tarde, morou durante alguns anos e cursou a universidade na Espanha e também realizou um intercâmbio na Irlanda. Atualmente, tanto ele como sua mãe moram no Brasil. Luís ficou morando com sua tia no Brasil e sua mãe custeava todas as suas despesas, desde a educação ao lazer, assim como no caso da maioria dos/as participantes. Luís também afirma que tinha um tio, com quem morou no Brasil, que lhe enviou dinheiro algumas vezes quando ele morava na Espanha, sendo, neste caso, algo incomum na vivência dos/as participantes, isto é, o envio de remessas por familiares no Brasil para outros na Espanha.

T: Sua mãe te ajudava financeiramente ou de algum outro jeito quando você ficou no Brasil?

L: Ah, quando eu tava no Brasil sim, ela mandava, ela pagava o meu colégio, pagava academia, o basquete que eu fazia, eu fazia vôlei, ela pagava todas as minhas contas. Assim, eu morava na minha tia, na qual eu não tinha gastos lá. Mas, os meus gastos, tipo, colégio, inglês, essas coisas, era a minha mãe.

T: Em relação ao seu cuidado financeiro, sempre foi responsabilidade da sua mãe então?

L: Sempre foi a minha mãe. Assim, na faculdade, que nem eu te falei, eu não paguei nada, por conta das minhas notas e por conta da renda da minha família, que era só a minha mãe, eu tive bolsa durante os quatro anos. Inclusive o ano que

eu fui para a Irlanda, eu fui com bolsa, também. Mas assim, em questão de dinheiro, era a minha mãe que mandava, e eu tenho um tio, que era aquele que eu falei mais cedo, que eu morei com a minha tia avó, esse meu tio avô ele me mandava dinheiro às vezes. Tipo assim, poucas vezes, mas ele me mandava.

T: Você fala quando você estava aqui na Espanha ou no Brasil?

L: Quando eu tava na Espanha e a na Irlanda, ele me mandava dinheiro às vezes (Luís, 31).

Beatriz, que foi morar com seu pai no Pará, após a migração da mãe, explica que seu pai sempre teve mais condições financeiras, de modo que durante o processo migratório ele pagou a escola para as filhas. Beatriz afirma que, através do trabalho de sua mãe na Espanha, quando ela voltou para o Brasil, ela conseguiu comprar seu apartamento para morar com as filhas, saindo assim do aluguel. Para a filha, a aquisição da moradia e o fato de a mãe colocar as filhas em uma escola particular em Goiânia, quando as trouxe de volta do Pará, constituem melhoras em sua qualidade de vida.

B: O meu pai sempre teve mais condições financeiras, então, ele pagava pra gente na época o que era lá em Marabá, no Pará, uma das melhores escolas da cidade, e depois, quando a gente voltou para Goiânia, quando a minha mãe voltou da Espanha, aí ela já tinha juntado um dinheiro, a gente passou a ter casa própria, parou de morar de aluguel, que a minha infância inteira a gente morava de aluguel, então, a gente mudou assim umas seis vezes, porque é isso, é a ideia do aluguel, que a pessoa pede a casa de volta, você tem que sair, tem que mudar, a gente morou um tempo meio que de favor, assim, pagando um aluguel bem barato na casa de um tio dela, e aí, quando ela voltou ela tinha comprado o apartamento e tinha um dinheiro e a gente foi escolher a escola que a gente ia estudar até, eu me lembro que isso foi uma coisa legal, assim, então, a gente visitou algumas escolas em Goiânia, e aí a gente começou a estudar em escola particular (Beatriz, 26).

No que diz respeito à vivência das mães migrantes, trazemos a seguir o relato de Inês, que migrou para Barcelona com o objetivo de dar uma vida melhor para seus filhos no Brasil, através do envio de remessas e, também, com a esperança de levá-los algum dia para morar consigo na Espanha. Inês trabalha como guia turística em Barcelona e, em razão do câmbio da moeda, ela consegue enviar dinheiro para custear as despesas de seus filhos no Brasil, assim como para ajudar seus pais aposentados. Inês, assim como a maioria das mães dos/as participantes deste estudo, teve que encarregar-se do sustento dos filhos sem a ajuda do pai.

Inês explica que, apesar de se sentir bem com seu trabalho e por poder cuidar financeiramente de seus filhos à distância, ela também sente que é dilacerante estar longe dos filhos, mas que esse processo não deve ser visto como algo impossível, ou carregado de estereótipos do que significa ser uma boa mãe.

I: Eu tenho essa questão que o meu propósito é cuidar deles, é dar um estudo melhor para eles. Mas, é um pouco dilacerante. Tem vezes que as pessoas, porque eu trabalho como guia turística, no ônibus, sabe, esses ônibus que levam para os principais pontos, então eu trabalho muito com motoristas, né, sou eu a guia e o motorista comigo. E muitos deles, quando sabem que eu tenho filhos no Brasil e tal, eles falam "nossa, como é que você aguenta?" Cara, põem uma carga tão pesada às vezes, tipo, "hey, eu aguento!". As pessoas deviam olhar de outro jeito, deviam mudar a perspectiva e falar assim "que valente que você é", entendeu? Porque se não, mano, fica insuportável pra mim também, tipo, tem horas que é uma coisa física a maternidade, eu quero ter eles no meu colo, eu quero, pô. Eu ligo e eles estão chorando por um problema que teve na escola, uma coisa, eu queria estar lá abraçando, pondo no colo, mas não posso, né. E aí as pessoas colocam essa carga "ai, como é que tu consegue...", pelo amor, eu consigo, eu tenho que conseguir, a história da minha maternidade é essa, e bola pra frente, meu. Enfim, eu acho que também é um desafio, mas não tem que ser algo dilacerante, as pessoas precisam tirar um pouco essa carga. Tem que ser uma coisa do tipo, é um propósito, sabe? Aqui, por conta do Euro, eu consigo mandar dinheiro para os meus pais, que tem uma aposentadoria horrível. Então, essa questão da cotação, enfim, eu acho que eu acabo vivendo um propósito que tem muito mais sentido. Infelizmente, infelizmente mesmo, no Brasil assim, eu não tava encontrando nada que eu fosse ganhar o que eu ganho aqui, que me abriu esse caminho e poder ter essa estrutura. Eu acho que a estrutura é melhor, eu gostaria mesmo, eu sinto que eu estou mesmo batalhando para poder trazer eles para essa estrutura, mais pra perto de mim (Inês, 43).

Seu relato sobre a contradição presente na possibilidade de exercer o cuidado à distância e, ao mesmo tempo, sentir-se realizada e triste pela separação dos filhos ilustra, portanto, uma vivência comum a muitas mães migrantes, como veremos a seguir nos relatos de Fernanda e Susan.

Fernanda migrou para a Espanha em 2018 e seus filhos ficaram no Brasil durante seis meses até que a mãe pudesse se estabelecer no país e levá-los para morar consigo. Fernanda afirma que no momento da migração ela estava passando por uma depressão, de modo que, ao chegar à Espanha, ela teve que lidar com as dificuldades adicionais de encontrar um trabalho, com a saudade que sentia dos filhos e com a pressão exercida pelo pai de seus filhos, sendo este um período difícil para ela. Além disso, ela também se preocupava de que seus filhos pensassem que ela os estava abandonando, em razão de ter precisado de mais tempo para se organizar, ultrapassando sua previsão inicial de três meses.

T: E como foram esses seis meses que você ficou longe deles? Como que foi esse período pra você?

F: Nossa, esse período foi duro, eu tive vontade de desistir, porque em alguns momentos, apesar de eu ter tido toda a sorte que eu te falei, eu sentia muita saudade e, em alguns momentos, não é que eu consegui o meu primeiro emprego e fiquei de cara, eu tive três empregos, eu fui demitida de dois, e isso me causou, assim, um pouco de depressão. Eu já vim também num processo depressivo grande, então, foi uma barreira também que eu tive que enfrentar, e a saudade era muito

grande e tinha também a pressão do lado do pai deles, que achava que eu não ia conseguir, e que fazia uma pressão psicológica, assim, "você não vai conseguir, volta logo e tal, os seus filhos estão com saudade", e isso pra mim era muito duro, porque não era só o que eu sentia, se não, também, aquilo que eu sabia que eles estavam sentindo. E o medo de eles acharem que eu tava abandonando, assim, porque a minha ideia era, eu pensei que em três meses eu conseguiria, e logo eu vi que não era possível em tão pouco tempo, então, os três meses seguintes foram difíceis porque eu sentia que eu estava em dívida com eles. Mas, por outro lado, também, eu tava muito aliviada na questão do ano escolar, eu sabia que eles só poderiam começar o ano escolar em setembro aqui, porque é diferente por causa das estações do ano, então, pra mim era o limite eles virem em setembro, que ia começar o ano letivo. Isso também significou que eles, digamos, ficaram frequentando a escola no Brasil, durante esse período, mas sabendo que eles iam ter que começar de novo quando chegassem aqui (Fernanda, 42).

Susan é mãe de Júlia e Cristina, que atualmente moram na Espanha. No momento da entrevista, Cristina se encontrava no Brasil e tanto ela como a mãe afirmam que esta continuava lhe ajudando financeiramente, mesmo após o término da faculdade. Susan afirma que só conseguiu pagar a faculdade da filha através da migração.

T: Você costumava ou costuma enviar dinheiro para seus filhos no Brasil?

S: Sim, quando a minha filha, essa que veio agora por último, ela estava desempregada no Brasil, então sim eu mandava. E agora, assim que eu posso, todo mês eu procuro mandar, assim, um pouquinho para ter alguma coisa, né, quando a gente for de férias e tal.

T: Você consegue identificar alguma coisa que você conseguiu fazer por seus filhos depois que você chegou na Espanha, e que não era possível quando morava no Brasil?

S: Sim, muito, muito, claro. Se eu tivesse no Brasil, eu não podia ter dado os estudos que eu dei para eles, a faculdade para essa que veio agora, ela fez jornalismo, né, e, nossa, eu ajudei bastante, e acho que se eu estivesse no Brasil, eu não conseguiria.

T: Como foi a sua experiência de ser mãe após ter vindo para a Espanha?

S: Muito difícil, muito difícil porque eu deixei eles pequenos, a pequena tinha sete anos, mais ou menos, seis, muito complicado, muito difícil. Eu deixei com a minha mãe, sei que estavam bem cuidados, mas, quem é mãe sabe como que é difícil ficar longe dos filhos, né (Susan, 47).

Ao ser questionada acerca do envio de presentes para os filhos, Sol, mãe de Pablo, explica que não enviava presentes e sim dinheiro para seus filhos e sua mãe no Brasil. Ela afirma que, apesar de que na Espanha só se ganha o suficiente para sobreviver, ainda assim ela pôde melhorar a vida de seus filhos e de sua mãe, enquanto esta ainda estava viva.

T: Você mandava presente pra eles?

S: Não, eu não mandava não, mandava, assim, mandava dinheiro né, mandava dinheiro para eles, mas coisas materiais eu não mandava não.

T: Esse dinheiro era para cobrir a despesa deles?

S: Sim, para cobrir a despesas deles e pagar as contas que eu deixei lá. Aí, assim, depois que eu vim pra cá que eu pude facilitar mais as coisas pra eles, pra minha mãe, para mim, é outra vida, é outra condição de vida. A gente trabalha aqui e ganha pra viver também, mas a sobrevivência aqui é mais fácil.

T: Você pode me dar exemplos de coisas que você conseguiu fazer para sua família no Brasil após a sua migração?

S: Sim, por exemplo, a casa que a minha mãe queria, de reformar, de mobiliar, eu pude fazer. E a questão dos meus filhos também. A minha mãe eu sempre quis ajudar ela, mas ela nunca quis vir, então, desde aqui, o que ela quis fazer na casa dela, eu pude mandar o dinheiro para ajudar ela. Isso aí tenho satisfação que ela faleceu, mas eu comprei o que ela queria, sabe? Aqui eu moro de aluguel, mas eu moro bem, e lá no Brasil eu tenho meu outro filho lá, mas eu sei que lá é mais difícil, o dinheiro que se ganha lá às vezes não dá pra comprar o gás, uma compra no supermercado lá que você enche o carrinho, você não consegue pagar com o salário mínimo. Hoje eu vejo que se eu não estivesse aqui, se eu não tivesse vindo, eles não tinham os estudos que têm né, eu não ia poder pagar uma faculdade para o Pablo, porque lá eu ganhava um salário mínimo, pagando aluguel, e não tinha condições nenhuma de pagar uma faculdade, sabe? E já com isso eu me superei, eu vejo assim que, graças a deus eu pude vim e meu filho hoje está trabalhando no que se formou. Então, olhando pra trás, hoje eu acho muito bom eu ter vindo pra cá, mas não gostei de ter deixado eles lá, porque coração de mãe sempre dói, né (Sol, 53).

Pablo, um dos filhos de Sol, começou a estudar Direito no Brasil com a ajuda financeira de sua mãe. No entanto, com a chegada da crise econômica na Espanha, sua mãe não conseguia mais continuar pagando seus estudos, de modo que levou Pablo para morar consigo em Madri, onde ele pode começar a trabalhar e terminar o seu curso na universidade de lá com a ajuda de bolsas de estudo. Pablo afirma que sua mãe se fazia presente em sua vida na medida do possível, através da comunicação telefônica e pelo envio de remessas, dando suporte emocional e financeiro à distância.

P: Então, tudo o que se refere à educação, cursos, tudo que eu quis fazer, ela sempre estava presente, sempre ajudou, sempre pagou tudo, essa era a forma de ela estar presente, pagando o que a gente precisava nesse momento. Financeiramente e telefonicamente, tentando dar o apoio emocional do jeito que ela podia, na quantidade que podia, porque naquela época telefone não era barato, mas, sempre, financeiramente, sempre muito presente para a gente. Era a forma dela suprir, porque não tinha outra opção mesmo. [...] Depois eu me mudei para Goiânia, fui estudar, comecei a universidade de Direito em Goiânia, ela me ajudou. Justo depois veio a crise muito forte na Europa e as coisas se complicaram um pouco, ela nesse momento não podia me ajudar como antes. As questões no Brasil também estavam difíceis, estava difícil para o meu pai, eu tive que trancar a

universidade e a opção era voltar talvez para o interior, e eu não queria de jeito nenhum e me arrisquei a vir para cá. Me arrisquei vir para cá porque no dizer dela saia mais barato aqui do que aí (Pablo, 31).

A partir dos relatos dos/as participantes, observa-se que muitas dessas mães tinham como objetivo proporcionar aos filhos/as a educação superior para que pudessem ter acesso a melhores oportunidades de trabalho e de vida, visto que treze dos/as catorze filhos/as participantes possuem o ensino superior completo, tendo-o cursado no Brasil ou na Espanha. Há, portanto, uma expectativa das mães sobre os estudos dos/as filhos/as que, desde a perspectiva destes/as, pode ter sido vivenciada como certa pressão para não as decepcionar em diversos sentidos, sendo bons filhos/as para não sobrecarregar suas/seus cuidadoras/es; e sendo bons alunos durante sua infância na escola e, mais tarde, ingressando na universidade.

Neste capítulo, vimos como os/as participantes deste estudo desenvolveram práticas transnacionais tais como a comunicação por diversos meios, e o envio de presentes e de remessas para manter seus laços familiares e afetivos mesmo à distância. É, portanto, através das práticas transnacionais que as mulheres migrantes conseguem manter sua identidade materna para com os/as filhos/as que ficaram no Brasil e, ao mesmo tempo, conectá-los com a Espanha para um eventual reagrupamento familiar.

Diante da impossibilidade de estar fisicamente perto dos/as filhos/as em datas comemorativas, como os aniversários e o Natal, as mães migrantes desenvolveram estratégias para fazerem-se presentes mesmo à distância e compartilharem estes momentos com eles/as através do envio de cartões postais, ligações telefônicas ou de vídeo, e mediante o envio de presentes ou dinheiro para que eles/as fizessem suas festas de aniversário no Brasil.

As práticas transnacionais que envolvem o envio de presentes e objetos da Espanha para os/as filhos/as no Brasil contribuíram, em alguns casos, para a construção de uma identidade ou pertencimento transnacional dos mesmos, que passaram a se identificar com a língua e/ou cultura espanhola ainda no Brasil e que se deram conta disso uma vez que chegaram à Espanha, posteriormente, para visitar o país ou para morar.

Já para os/as filhos/as, as práticas familiares analisadas lhes possibilitaram manter um vínculo afetivo com suas mães, acionado de diversas formas segundo o tipo de prática transnacional. Assim eles recebiam o cuidado emocional de suas mães através da comunicação via telefone, celular e chamadas de vídeo; relembavam sua presença física



através do recebimento de objetos materiais vindos da Espanha; e, por último, recebiam o cuidado material através das remessas enviadas pelas mães.

Nesse sentido, pode-se afirmar que a migração das mães para a Espanha produziu impactos não só na organização familiar e a nível emocional, mas, também, a nível identitário, através dos efeitos que as práticas transnacionais tiveram na formação de sua identidade, no que diz respeito à questão do pertencimento transnacional.

Através dos diversos tipos de práticas transnacionais relatadas pelos/as participantes, observa-se que as mães migrantes continuam exercendo o cuidado de seus filhos/as à distância, na maioria das vezes com o apoio de uma cuidadora de sua família no país de origem, encarregada, por exemplo, de receber as remessas e convertê-las em cuidado direto para esses filhos/as na forma de vestimenta e alimentação. Vimos também que, em muitos casos, a presença das avós no cuidado dos filhos/as das migrantes já existia antes da migração, confirmando assim a teoria da circulação de cuidados, que afirma que o cuidado “vai além da relação entre mãe e filho, já que inclui intercâmbios multidirecionais de cuidado entre gerações e gênero” (Cortés, 2017, p. 122).

Ao explorar a questão do envio das remessas com as mães entrevistadas, percebe-se que elas convivem, por um lado, com sentimentos de concretização de seus objetivos e de superação, por conseguirem trabalhar na Espanha e ajudar suas famílias no Brasil e, ao mesmo tempo, também experimentam a tristeza pela separação dos/as filhos/as. Nesse sentido, é necessário considerar as desigualdades de gênero que fazem com que as mulheres e os homens vivenciem estes processos de maneira diferente. Não somente através da comparação entre homens e mulheres migrantes, mas, também, ao observarmos que os próprios pais que abandonaram seus filhos/as no Brasil não se encarregaram de seu sustento e cuidado e, ainda assim, não sofrem com a culpabilização do abandono do mesmo modo que as mulheres.

Ao se tratar de mães migrantes, existe uma maior tendência da sociedade à sua culpabilização pelo modo como exercem o cuidado dos/as filhos/as. Conseqüentemente, seu sentimento de culpa por estar longe deles/as pode coexistir com o sentimento de superação e de dever cumprido no âmbito da maternidade transnacional, conforme relatado nas entrevistas pelas participantes.

No capítulo seguinte exploro como os/as filhos/as já adultos processaram a migração de suas mães e se houve mudanças em sua percepção e em sua relação ao longo dos anos.

Para tanto, analisei diversos aspectos de suas vidas que se relacionam com o processo migratório de suas mães, tais como a influência dos discursos familiares, a questão do reagrupamento familiar e a influência da política migratória espanhola; assim como a adaptação dos/as filhos/as que se mudaram para a Espanha e a convivência com suas mães após o período de separação.

## **CAPÍTULO 6 – PROCESSANDO A MIGRAÇÃO NA IDADE ADULTA: A PERCEPÇÃO DOS/AS FILHOS/AS SOBRE SUAS MÃES E SOBRE O PROCESSO MIGRATÓRIO**

*“Em verdade, a nostalgia não é o mal do retorno, pois, uma vez realizado, descobre-se que ele não é a solução: não existe verdadeiramente retorno (ao idêntico). Se de um lado, pode-se sempre voltar ao tempo de partida, o espaço se presta bem a esse ir e vir, de outro lado, não se pode voltar ao tempo da partida, tornar-se novamente aquele que se era nesse momento, nem reencontrar na mesma situação, os lugares e os homens que se deixou, tal qual se os deixou” (Abdelmalek Sayad).*

### **6.1 A relação entre filhos/as e mães durante a infância, a adolescência e a idade adulta**

Ao analisar as migrações, sempre se deve levar em consideração o enfoque de gênero, porque as mulheres e os homens vivenciam estes processos de maneira diferente em razão da carga desigual de responsabilidades e de cuidados que a sociedade atribui para pais e mães. Logo, quando se fala em mães migrantes, existe a questão de sua culpabilização decorrente da tendência cultural, presente na sociedade, de responsabilizar e culpar mais às mães do que aos pais pelos resultados da criação dos/as filhos/as que, neste caso, ocorre à distância. Nesse sentido, tais normas de gênero estigmatizam muito mais a mulher que migra e deixa seus filhos/as que os homens que fazem o mesmo, refletindo-se na maneira como os/as filhos/as se sentem, impactando na construção de sua identidade e, conseqüentemente, no tipo de relação que desenvolvem com suas mães.

No caso dos/as filhos/as, ao se verem separados da mãe, que na maioria dos casos analisados era a cuidadora principal antes da migração, estes/as se enfrentam a mudanças em seu cuidado e em sua organização familiar. Apesar de contarem com um/uma cuidador/a substituto/a no Brasil, observa-se que os momentos mais difíceis para os/as filhos/as foram os primeiros anos da migração, quando ainda estavam vivendo o choque da separação e a saudade da presença física da mãe, somado às possibilidades de comunicação da época. Verifica-se que a maioria dos/as participantes eram crianças ou adolescentes quando ocorreu

a migração da mãe, encontrando-se, portanto, ainda muito pequenos/as para entender completamente o que significava o processo migratório de suas mães, no que diz respeito ao seu objetivo de vida como mulheres e às suas necessidades como mães chefas do lar.

Durante o tempo de separação – como vimos, muitas vezes ocasionado pela política migratória espanhola – observa-se que o papel de mediadores/as dessa relação mãe-filho/a, realizado pelos/as cuidadores/as e outros familiares no Brasil, foi relevante para a qualidade dessa relação de maternidade transnacional e para a percepção dos/as filhos/as sobre suas mães. Tal mediação se faz visível, por exemplo, no modo como a família recebeu a notícia e concordou ou não com a migração; assim como na maneira como a família se refere às mães migrantes na presença dos/as filhos/as, por exemplo, sobre o tipo de trabalho que realizam no exterior ou sobre seus objetivos e conquistas, atingidos ou não.

Nesse sentido, observa-se que alguns filhos/as desenvolveram uma relação complicada com suas mães, principalmente durante o período da adolescência, até que eles/as atingiram a idade adulta, visitaram ou foram morar na Espanha e, ao conhecerem essa outra face da migração, a do país de destino, foram capazes de compreender melhor o processo migratório das mães e, conseqüentemente, melhoraram sua relação com elas. Uma vez adultos, estes/as filhos/as conseguiram entender melhor a decisão da mãe de migrar, muitas vezes porque eles/as mesmos/as se viram passando por situações parecidas no que diz respeito às dificuldades financeiras, faltas de oportunidades e o desemprego depois de adultos.

No caso dos/as filhos/as que também migraram para a Espanha mais tarde, essa vivência lhes possibilitou, para alguns deles, compreender melhor o processo migratório da mãe e, portanto, ressignificar lembranças e melhorar sua relação com a mãe; e também se alegrarem de sua própria migração, pois reconhecem que migrar lhes trouxe mais oportunidades para aprender coisas novas, conhecer novos lugares, para trabalhar e ter uma mentalidade mais aberta. Nesse sentido, trazemos a seguir alguns relatos dos/as filhos/as a respeito de como processaram a migração de suas mães na idade adulta.

Beatriz, uma das filhas entrevistadas, tinha 6 anos quando sua mãe migrou pela primeira vez, de modo que esta ficou seis meses na Espanha, seis meses no Brasil, depois migrou novamente e ficou mais dois anos morando na Espanha. Se comparamos sua experiência à dos/as demais participantes, a migração de sua mãe durou menos tempo. É

importante ressaltar que Beatriz chegou a visitar sua mãe na Espanha quando era criança e que sua mãe voltou para morar no Brasil após esse tempo de migração.

Perguntei a ela acerca da influência da migração na relação com sua mãe, ao que Beatriz respondeu que sua relação não se viu tão afetada se comparada com a de sua irmã, que é cinco anos mais velha que ela.

T: Você acha que a migração da sua mãe provocou mudanças na relação entre vocês duas?

B: Eu acho que sim, mas eu acho que, como eu disse, bem menos na minha relação com ela do que na da minha irmã com ela, pela fase mesmo. Eu acho que a fase em que eu estava, eu ainda era muito criança mesmo, ali de 7 a 10 anos, é muito diferente da minha irmã, que estava ali entre os 12 e os 15 anos, que é pré-adolescência, adolescência. Então, eu acho que isso mudou a nossa relação, mas, no meu caso, me aproximou um pouco mais, eu acho que me fez admirar um pouco mais a minha mãe, porque eu entendo que deve ter sido um processo muito difícil para ela, e acabou que aproximou a gente dessa forma (Beatriz, 26).

Nesse sentido, Beatriz assegura que atualmente compreende os motivos da migração da mãe, relacionados às dificuldades financeiras da época, mas que para ela o ideal seria que nenhuma mãe ou filho/a tivesse que passar por esse processo de separação.

T: Hoje, como adulta, o que você acha disso tudo? Qual é a sua visão geral?

B: Bom, eu acho que realmente é um processo muito complexo, eu descobri que eu tenho muitos amigos que passaram por essa mesma situação. Outros, a mãe nunca voltou. Mas, eu também entendo que a oportunidade que a minha mãe teve de ir para lá e comprar um apartamento próprio e tudo, se ela tivesse continuado aqui, talvez a gente não tivesse conseguido, ou tivesse demorado muito mais, na verdade, porque as coisas de fato eram muito difíceis, e com duas filhas, também, era muito complexo. Então, eu entendo a decisão dela, mas acho que, claro, o ideal é que filho e mãe nenhum precise passar por isso, sabe? (Beatriz, 26).

Diferentemente de Beatriz, a seguinte participante, Carol, passou mais tempo longe de sua mãe, que migrou quando ela tinha 5 anos e nunca mais voltou para morar no Brasil, somente para visitar algumas vezes. A filha afirma que não possuía nenhuma lembrança da mãe quando era criança, em razão da idade que tinha quando ela migrou e que durante sua infância e adolescência sentiu muita mágoa e também saudade de sua mãe, por estar longe, ainda que ela se fizesse presente na vida da filha através das práticas transnacionais. Segundo Carol, sua relação com a mãe foi melhorando com a idade, pois durante a adolescência, por exemplo, muitas vezes a mãe ligava e ela se recusava a falar com ela, principalmente depois que ela voltava para a Espanha após um período de visita no Brasil.

Em 2019, aos 22 anos e após terminar a graduação em jornalismo em Goiânia, Carol decidiu mudar-se para Gijón, na Espanha, para morar com sua mãe. Nesse sentido, lhe perguntei se sua ida para a Espanha foi importante para ela compreender a migração de sua mãe, ao que ela respondeu positivamente. Segundo ela, ao chegar à Espanha já adulta e perceber as dificuldades que sua mãe havia enfrentado no passado, a partir de sua experiência como mulher, ela compreendeu melhor os motivos da mãe para migrar e assim pôde processar melhor tais sentimentos.

T: Você acha importante ter vindo para a Espanha para poder entender melhor a migração de sua mãe?

C: Sim, só vindo para a Espanha que eu fui entender a minha mãe como mulher, sabe? Eu nunca tinha visto ela com esses olhos de uma outra mulher olhando para uma mulher, por todas as dificuldades da gravidez indesejada, a gravidez na adolescência, as dificuldades financeiras, não ter tido o apoio paterno necessário. Então, eu acho que eu comecei a ver ela como uma mulher que fez o máximo que ela podia. Eu acho que ela deu o melhor dela. Eu acho que a vida das pessoas, das famílias, das crianças que foram deixadas por um emigrante foi muito desafiadora, mas, aqueles que permaneceram têm de ser agradecidos pela coragem da mãe que se dispôs a mudar totalmente, assim, bruscamente, em busca de uma vida melhor para os filhos, porque realmente é certo que a vida facilitou muito com a iniciativa dessa pessoa que tomou essa decisão de coragem e bravura mesmo. E, muitas vezes, é difícil entender o que se passa na nossa vida, em muitos momentos a gente não aceita a nossa realidade, mas acho que sempre chegamos num momento de que os nossos pais fizeram o melhor que eles tiveram ao alcance deles. Eu consegui deixar muita mágoa para trás, e a minha vida sempre foi muito repleta de mágoa e de saudade, e só a partir do momento que eu pude conhecer a realidade da minha mãe de perto foi que eu fui deixando um pouco disso. Então, eu acho que o importante é tentar ficar junto, mesmo que demore, porque a vida separada realmente é muito dolorosa. Querendo ou não, vão ser junções de momentos não vividos, e acho que é importante esses filhos tomarem essa decisão de tentar aproximar, tentar dar o primeiro passo com muitas facilidades, pensando que os nossos antepassados já percorreram esse caminho facilitando pra gente. Eu queria que o meu irmão tivesse essa escolha de vir também, mas ele nunca quis e eu amadureci muito com tudo isso, é acho que é isso (Carol, 25).

Em um trecho da entrevista, Carol afirma que sua vida sempre foi repleta de mágoa e saudade, e que ela só conseguiu deixar isso para trás quando reencontrou sua mãe na Espanha. Neste caso, observa-se que a filha conseguiu superar bastante os impactos causados pela migração em sua vida, de modo que viu na migração uma possibilidade de recuperar o tempo perdido com sua mãe.

C: Então, quando eu fui ao encontro da minha mãe, eu estava com o coração bem aberto, porque eu tinha essa sensação de que ia ser positivo, porque mesmo na ausência, a minha mãe sempre foi muito presente, assim, era para ela para quem eu contava as minhas primeiras experiências, meus primeiros momentos, as

minhas dificuldades, e foi melhorando um pouco com a idade, porque na fase da adolescência mesmo, era muito remorso. Muitas vezes ela ligava e eu não queria falar com ela, principalmente depois que ela ia embora, os primeiros meses eram complicados porque ela ligava muito e eu nunca queria falar com ela. Mas, ter encontrado e ter começado a ter o nosso lar foi muito importante, porque eu vi que apesar da nossa distância, absolutamente todo mundo daqui conhecia a minha existência e falavam "a sua mãe fala muito de você, você não imagina o feliz que ela está agora, sempre faltou, o coração dela sempre esteve vazio, assim, porque ela falava de vocês, e ela pensava que vocês nunca iam querer vir até a Espanha e agora eu vejo que ela está no momento mais feliz da vida dela". E foi recíproco, porque eu também senti o mesmo, eu nunca tinha tido a sensação da mãe galinha protetora, porque eu acho que é uma coisa que está nas mães mesmo. As avós podem até tentar, mas acaba não sendo a mesma coisa. E perceber que independente de ser falha e de cometer muitos erros, a mãe tem esse instinto de sempre acreditar no filho e foi muito mágico sentir isso pela primeira vez. E faz pouco tempo isso, então para mim ainda é muito recente esse sentimento. A gente se tornou melhores amigas, na verdade (Carol, 25).

A seguinte entrevistada, Elis, tem uma história parecida com a de Carol. Elis tinha 4 anos quando sua mãe migrou para a Espanha e, após cumprir seus 10 anos, ela passou a visitar a mãe na Espanha durante as férias. Após a morte do marido de sua mãe na Espanha, esta passou uma temporada morando no Brasil junto à filha, mas sem deixar de visitar a Espanha, até que a mãe decidiu voltar para morar novamente.

Mais tarde, aos 17 anos, Elis perdeu sua avó materna que a criara no Brasil; aos 19 anos, ela se mudou para Goiânia para cursar Direito; e aos 21 anos, ela trancou o curso e mudou-se para a Espanha pela primeira vez depois de adulta. No entanto, após mais ou menos dois anos, Elis retornou ao Brasil e fez o curso de jornalismo em Goiânia. Após isso, ela começou a trabalhar no Brasil, mas sentia que seu futuro estava na Espanha, de modo que, após a pandemia, em maio de 2022, ela migrou novamente para Gijón, na Espanha, onde se encontrava no momento da entrevista.

Ao ser perguntada acerca de como era a relação com sua mãe durante sua infância e adolescência, Elis afirma que era uma relação um pouco conturbada porque ela não entendia a ausência de sua mãe, citando alguns momentos específicos, como as apresentações da escola, onde a filha queria que a mãe estivesse presente. Para a filha ainda pequena, era impossível compreender que a ausência da mãe se devia ao objetivo de lhe proporcionar uma vida melhor.

Sua relação com a mãe só melhorou quando a filha se mudou para a Espanha pela primeira vez, aos 21 anos, para morar com esta, de modo que elas estabeleceram uma comunicação maior acerca do que significava o processo migratório para sua mãe e também para ela.

T: Como era sua relação com sua mãe quando ela estava na Espanha e você no Brasil?

E: A nossa relação era um pouco conturbada, porque eu sempre fui uma pessoa, durante boa parte da minha vida, extremamente mimada, extremamente fora da realidade, eu não me encaixava na realidade ali, sabe? Eu era extremamente revoltadinha, mimadinha, tudo tinha que sair como eu queria, como eu pensava. Então, no decorrer disso e vê-la sempre, a nossa relação era sempre conturbada, porque eu esperava coisas que não dependiam de mim. Então, eu esperava, por exemplo, que ela voltasse para o Brasil, mas não era uma coisa que dependia de mim. Eu não conseguia ter a percepção de que ela teve uma razão para sair dali, e a razão tinha sido eu, para me dar uma vida melhor, para me dar um futuro melhor, para me proporcionar coisas que ela não ia conseguir me proporcionar estando ali. E aí, durante muito tempo, a nossa relação foi muito conturbada porque ela não entendia o meu lado e eu não entendia o lado dela. Ela não entendia a ausência e saudade que eu sentia dela, porque ela achava que era muito óbvio o que ela estava fazendo, e eu achava que não, eu achava que ela tinha meio que me dar satisfação, uma coisa absurda, mas, enfim. E aí, quando eu comecei a entender que não era dessa forma, que as pessoas às vezes têm que fazer coisas que são necessárias, a nossa relação começou a melhorar, e começou a melhorar quando eu vim morar aqui. Eu já tinha 21 anos quando eu vim morar aqui a primeira vez, que começou a morar nós duas sozinhas, que a gente começou a conversar mais, a se expressar melhor, eu comecei a ver que, nossa, não era daquele jeito e ela também viu que, sei lá, que talvez poderia ter se arriscado ficando lá ou não, mas ficou naquele "e se, e se" que nunca vai acontecer. E aí foi quando a gente começou a ter uma relação melhor, e daí pra cá a nossa relação é bastante boa, sabe? É bem melhor assim, mas durante muito, muito tempo não foi (Elis, 28).

Nesse sentido, Elis explica que também houve uma mudança na sua percepção do processo migratório, comparando suas experiências de criança que ia passar férias e não tinha as responsabilidades e preocupações que ela tem agora, como mulher adulta que tem como objetivo construir sua vida nesse país.

T: Quando é que você foi entender o que significava a sua mãe ter vindo para cá? Teve algum momento em que você mudou de percepção? Quando aconteceu?

E: Quando eu me mudei, essa vez mudei a percepção do que realmente era a migração, foi já adulta mesmo. Na verdade, faz poucos anos que isso aconteceu, porque o que que acontecia? Quando eu vinha pra cá, nas minhas férias, eu vinha de criança, e criança não tem uma percepção do que é imigrar, porque criança se enturma muito fácil, criança não tem medo de falar errado, não tem medo de falar, inclusive eu até brinco que como eu aprendi a falar espanhol de criança, eu não tinha medo de errar, então eu aprendi muito mais fácil. Então, eu não tinha essa percepção, eu achava que aqui era também como se fosse a minha pátria, o meu lar, sabe? Então, pra mim, ela não tinha migrado e eu muito menos, quando eu vim morar aqui, eu era um pouco desviada desses termos, apesar de saber que as pessoas imigravam e tudo mais. Eu fui ter isso realmente, para você ter ideia, acho que poucos anos pra cá, quando eu estava terminando a faculdade, tem uns dois anos, mais ou menos, e resolvi voltar pra cá de novo, que aí eu vi como realmente era difícil você vir para cá e querer como se virar sozinha. É realmente uma coisa muito difícil, porque você tem que começar do zero. Quando eu vim pra cá da outra vez morar, eu não tinha essa noção, eu acho que é porque eu era jovem demais, queria curtir demais, festejar demais, eu não tava nem aí para uma percepção



de migrar para poder construir um futuro, porque eu sei que foi uma coisa que a minha mãe fez, entendeu? Eu não tinha isso não, eu queria vir mesmo era para curtir. E, agora, de uns anos pra cá que eu resolvi vir e que eu comecei a pensar, nossa, realmente é uma coisa que é muito difícil, porque apesar de você conhecer pessoas no lugar, você está indo do zero para fazer tudo, para começar, sei lá, a assinar a sua carteira de trabalho do zero, você tá indo para poder começar a trabalhar e criar um futuro, mas, tudo do zero, meio que juntar dinheiro do zero para você poder comprar a sua casa, para você poder comprar o seu carro, então, isso assusta muito (Elis, 28).

O seguinte participante, Luís, também migrou para a Espanha para morar com sua mãe aos 15 anos, ficando lá durante 7 sete anos. Após esse período, ambos voltaram para morar no Brasil. Segundo ele, a distância afetou um pouco sua relação com a mãe, pois querendo ou não, a comunicação diminuiu com a migração. Atualmente, sua mãe mora em Uruaçu, Goiás, e Luís mantém boa relação com ela, de modo que eles continuam se comunicando quase diariamente pelo celular e o filho a visita em datas comemorativas como o Natal.

T: Como era a relação com a sua mãe durante a migração? Você acha que mudou alguma coisa em razão da distância?

L: Então, querendo ou não a distância ela afeta um pouco né, mas, assim, questão de carinho e de amor, não. Mas era mais por... a gente não se falava às vezes todos os dias, né, se falava menos, e eu estava acostumado a morar com ela, então, no começo foi um choque nesse sentido.

T: E como é sua relação com ela atualmente?

L: Com a minha mãe? Hoje ela mora em Uruaçu, que é aquela cidade que eu te falei lá no começo, que é de onde eu sou. Ela está lá com meus avós, meus tios e minhas primas, estão todos lá, todos que moraram na Espanha - todos não porque tem uns que estão lá nos Estados Unidos agora. Aí, essa parte da família está lá em Uruaçu, eu vou pra lá, tipo, três vezes no ano. Eu devia ir mais, mas eu vou umas três vezes, eu vou para lá na semana que vem e vou no Natal, e aí a gente conversa, agora que tem o WhatsApp, a gente conversa praticamente todos os dias. Um dia ou outro que a gente fica sem conversar.

T: Você acha que a migração da sua mãe trouxe mudanças para a sua vida? Em que sentido?

L: Nossa, completamente. Na época eu não tinha muita consciência disso, mas hoje eu tenho total consciência de que mudou a minha vida completamente. Hoje eu tenho uma graduação que é de fora, o meu diploma é espanhol e eu tenho um ano de Irlanda, eu tenho dupla nacionalidade, eu tirei a minha carteira de motorista primeiramente lá. Mas, mudou a minha forma de ver o mundo, porque eu conheci muita gente, eu conheci pessoas do mundo inteiro, principalmente no intercâmbio que eu fiz, gente de muitos estilos diferentes. Eu abri a minha cabeça para muita coisa e eu acho que foi muito importante, também porque lá fora eu consegui explorar a minha sexualidade de uma forma muito mais segura do que eu podia ter feito aqui no Brasil. Quando eu me assumi para a minha mãe, a primeira coisa que ela falou foi, "vamos voltar para a Espanha?" Porque ela considera que lá o pessoal

é menos homofóbico do que aqui, então, ela tinha essa preocupação de eu estar vivendo aqui nessa realidade. Mas eu tranquilizei ela na época.

T: Então sua migração te possibilitou explorar sua sexualidade com mais segurança?

L: Isso, assim, tendo em vista hoje a minha família [risos], e eu tenho pensamentos muito diferentes deles em relação à política, em relação a exatamente tudo, então eu vejo que isso foi muito bom para mim. Ter saído também do ambiente onde eu, talvez, hoje eu estaria com a cabeça totalmente diferente se tivesse continuado nesse ambiente que eu estava aqui antes, mas lá eu consegui, enfim, abrir a minha mente em vários sentidos.

T: Em relação à sua sexualidade, sua mãe lida bem? Ela te apoia?

L: Sim, eu nunca tive problema não (Luís, 31).

Assim como Luís, a seguinte participante, Júlia, também migrou para a Espanha para morar com a mãe aos 13 anos e por vontade própria, porque ela achava que, estando perto da mãe, sua vida melhoraria. No entanto, Júlia afirma que, após o reencontro, ela percebeu que tinha criado uma imagem idealizada de sua mãe e de sua convivência com ela, de modo que Júlia, atualmente, ainda tem dificuldades em sua relação com a mãe, atribuindo isso ao fato de que ela sentiu esse carinho e esse afeto destinado à mãe, pela sua avó, agora já falecida.

J: Eu tenho muita dificuldade para lidar com a minha mãe, e é uma coisa que eu tento melhorar muito, mas é muita dificuldade porque, pra mim, ela é a minha mãe, óbvio, ela sempre me ajudou e sempre vai ajudar a gente, mas esse afeto e esse carinho eu tive pela minha avó e não pela minha mãe. Porque quem me deu esse carinho quando eu precisava, quando eu estava crescendo, foi a minha avó. Então, pra mim é muito difícil olhar pra minha mãe com esse carinho de mãe, sabe. É óbvio que eu respeito e eu tento honrar ela como ela merece, como a mãe que ela é, só que eu acho que é uma coisa bem difícil porque já ficou marcado isso. Então, é muito difícil tentar ver ela e ter o afeto que eu tive pela minha avó.

T: Então você ficou dos 6 até os 13 anos morando aqui no Brasil e depois você foi pra Espanha. E como que foi esse reencontro com a sua mãe?

J: O reencontro foi ruim [risos], porque, como eu tinha isso de "nossa, eu preciso da minha mãe por perto porque eu tenho esse sentimento", sabe, "isso tá dando ruim porque eu não tenho a minha mãe por perto", então a minha esperança era toda na minha mãe. Eu tinha uma imagem da minha mãe, uma ideia da minha mãe, da melhor mãe do mundo, super bacana, que a gente ia dar super certo, e porque eu sempre quis isso, porque eu não tive. Então, eu cheguei, criando uma expectativa muito grande sobre a minha mãe e, depois que eu cheguei aqui, vi que nosso relacionamento não era tão bom assim. E foi muito ruim, muito ruim no começo. Até pouco tempo atrás a gente não se dava nada bem, agora que a gente tá começando a se dar bem, mas porque eu estou ficando mais independente. Então, quanto menos eu dependo dela emocionalmente e financeiramente, a gente dá mais certo.

T: Você foi para a Espanha por vontade própria?

J: Sim, foi por vontade própria porque eu queria estar perto da minha mãe, eu achava assim, que se as coisas não estavam dando muito certo era porque eu não tinha a minha mãe por perto, então eu sempre quis estar perto da minha mãe, e por isso que eu vim para cá.

T: E com o passar do tempo como que você foi lidando com essa situação? Melhorou ou piorou?

J: Na verdade eu acho que até hoje eu tento lidar com essa situação, porque foi uma coisa muito marcante pra mim, e hoje eu vejo que foi uma coisa que me afetou muito emocionalmente, tanto que na época eu não tinha muita ideia do que estava acontecendo, e até pouco tempo atrás eu não sabia porque eu agia de tal forma, até ver que era por conta disso. Então, eu acho que eu continuava vivendo sem pensar muito nisso, mas que acabou me afetando muito emocionalmente.

No caso de Júlia, observa-se que ela migrou para a Espanha ainda na adolescência, de modo que teve que se adaptar ao convívio e às regras de sua mãe, enfrentando assim uma mudança na organização de seu cuidado, pois até então Júlia tinha sido cuidada por sua avó materna. Ao chegar à Espanha e ter contato com a nova configuração familiar de sua mãe, que estava casada e teve um quarto filho espanhol, Júlia compara a estrutura familiar de seu irmão espanhol, com pai e mãe presentes, àquela que ela teve no Brasil, e afirma que isso lhe trouxe consequências que hoje se manifestam em sua vida na forma de sintomas de ansiedade. No entanto, apesar das dificuldades, ela afirma que com o tempo a relação com sua mãe tem melhorado em comparação com o passado.

T: Quer me dar exemplos?

J: Sim, o que eu vejo hoje em dia com o meu irmão, que é totalmente diferente, porque o meu irmão ele nasceu aqui, ele foi criado aqui com os pais, com o meu padrasto e com a minha mãe. Também com os meus amigos próximos que têm pai e mãe. Eu vejo assim, que a falta de paternidade e maternidade, ela prejudica muito a pessoa, que foi o meu caso, e no caso dos meus irmãos também, que cada um tem o seu problema, mas acaba sendo tudo por conta disso. Eu não coloco a culpa na minha mãe porque eu sei que ela tava fazendo o que era melhor pra gente. Mas, quando você tem 6 anos, ou quando você é uma criança, a única coisa que você quer é a atenção do seu pai e da sua mãe, e nem eu e nem os meus irmãos a gente tinha isso, porque a minha mãe estava na Espanha e meu pai ele morava com a minha avó. Então, isso acabou criando em mim, e eu vejo que nos meus irmãos também, hoje eu consigo ver isso, muita ansiedade, começou a gerar muita ansiedade na gente, que a gente foi vivendo com isso sem saber o que era até que a gente cresceu e foi consciente do que tinha acontecido. E a gente hoje enxerga o problema, que era essa falta de ter uma mãe por perto e um pai.

T: E como que é a sua relação com ela atualmente?

J: Agora é, assim, boa porque eu não dependo dela, igual eu falei. Não é cem por cento ou noventa por cento porque, querendo ou não, um pouco emocionalmente,

sim que me afetam as coisas que ela faz, mas é uma coisa que eu faço terapia, mais por isso mesmo, eu comecei a fazer mais por isso, porque pra mim é difícil até hoje, aceitar tudo o que aconteceu, mesmo que igual eu falei, que pra mim valeu a pena tudo. Eu não sei, tipo, eu sinto falta do afeto e do amor, então, eu tento, mas é muito difícil. E ela também tem esse sentimento, ela fala que para ela também é difícil (Júlia, 24).

Susan, a mãe de Júlia e de Cristina, também participou da pesquisa e afirma que é consciente de que seus filhos sentem um reproche pelo fato de ela ter migrado e deixado eles no Brasil quando pequenos, de modo que ela acredita que com o tempo eles possam entender melhor sua decisão de migrar.

S: A respeito dos meus filhos é muito complicado, porque eles sentem, eu acho que até agora eles não conseguiram, assim, ter uma realidade, né, por que que foi e tal que eu deixei eles pequenos. Até hoje tem assim um reproche, que eu deixei eles pequenos e tal. Espero que um dia, quando eles sejam mais velhos, eles possam entender, né, que eu saí para dar uma vida melhor para eles (Susan, 47).

A seguinte participante, Bruna, explica que também teve uma relação um pouco conflituosa com sua mãe durante sua adolescência. Bruna ficava revoltada naquela época, por exemplo, quando sua mãe visitava o Brasil e queria que a filha seguisse suas regras, ao que Bruna não queria obedecer, pois, segundo ela, já estava acostumada ao modelo de criação de sua avó materna com quem ela morava. Bruna afirma que sua avó lhe entendia melhor que sua mãe, de modo que ela sempre se sentiu mais próxima desta, até o momento de seu falecimento.

T: Você se lembra se sua mãe passou muito tempo sem voltar aqui no Brasil?

B: Muito, muito tempo. Anos, uns cinco, seis anos sem voltar no Brasil. Aí, quando ela voltou, eu já era adolescente e fiquei revoltada com ela, tipo, aqui, com a presença dela. Ela tinha a mania de dizer “cala a boca porque sim, porque eu sou a sua mãe”, e aí eu não gostava desse tipo de argumento pra cima de mim. Aí eu não cheguei a ser revoltada, nunca fui revoltada, porque eu entendia que não era a minha avó a culpada de tudo, então eu não precisava ser revoltada, porque no final das contas ia ser a minha avó que ia ter que lidar com isso. Então, eu não era revoltada, não com a minha avó, não com as pessoas da minha casa, mas, talvez com as pessoas do mundo, tipo, com outras pessoas talvez eu fosse fechada, eu pareço também, mas não sou, eu era bem fechada. Me sentia sempre muito sozinha, sempre. Eu sentia isso.

T: E quando a sua mãe voltava, vocês ficavam juntas? O que acontecia?

B: Não, era ela e meu irmão que ficavam mais, assim. Eu e minha mãe, não. Não, porque a última vez que ela voltou, dessa primeira vez que ela ficou muito tempo fora e depois voltou, ela não voltou para ficar pra sempre, ela só ficou um tempo mesmo. E eu lembro que ela tinha um jeito de me ler, de falar comigo que eu não

gostava, e exigia de mim... eu não sei, ela tinha um jeito que eu não gostava, ela exigia coisas de mim que não tinham nada a ver comigo, sabe. Ela ligava pra coisas que eu não me ligava, muito vaidosa o tempo todo, e me exigia muita vaidade o tempo todo. Eu me lembro que era muito fútil, e eu via aquilo e não gostava. Eu ficava, gente, eu tô lidando... e eu comecei a perceber que parecia que eu tava lidando com uma pessoa muito mais nova do que eu, com a maturidade menos madura do que eu, e aquilo lá me deixou, assim. Ainda assim, o último encontro que a gente teve, eu ainda fiquei com essa impressão da minha mãe, de que talvez ela não amadureceu tanto. Mas é porque eu comparo muito ela com a minha avó, né, então, é inevitável a comparação.

T: Você acha que a sua avó te entende mais?

B: Muito, infinitamente. A minha avó é minha melhor amiga. Eu não preciso mentir nada para a minha avó, por isso que eu acho que ela me entende. Ela sabe quando eu não quero conversar, ela sabe quando não dá, ela sabe quando eu tô feliz, ela é muito tranquila a minha avó, e muito centrada, muito honesta, muito correta com tudo, muito... eu não sei, eu acho ela muito bom exemplo, então, acaba que eu fico o tempo todo comparando a minha mãe com a minha avó, porque a minha avó é minha mãe também, então é inevitável a comparação. E aí eu, às vezes, me sinto um pouco mais madura que a minha mãe, ainda hoje. Talvez eu nem seja, mas é a percepção que eu tenho da minha mãe, que ela foi, assim, meio sem ligar [risos].

T: E como você acha que seria a sua vida hoje caso a sua mãe não tivesse migrado? Você acha que seria diferente?

B: Não dá pra saber, mas a minha mãe sempre foi uma mãe muito ausente, mesmo quando morava aqui. Minhas tias foram presentes, a minha mãe sempre foi ausente, mesmo quando ela podia e quando ela morava no Brasil, ela era uma mãe ausente. Então, assim, ela era diferente, ela era desligada, completamente desligada (Bruna, 27).

Após o término de sua graduação no Brasil, Bruna decidiu mudar-se para trabalhar na Espanha, mas, diferentemente dos/as demais participantes, ela não mora na mesma cidade nem junto com sua mãe. Sua mãe mora em Bilbao junto ao seu filho do meio, que também tinha ficado no Brasil, e sua filha mais nova, nascida na Espanha, enquanto Bruna mora em Barcelona.

Ao ser questionada sobre como é sua relação com a mãe na atualidade, Bruna explica que possui uma relação distante com ela. De acordo com a filha, sua mãe já era uma mãe mais distante antes mesmo da migração, no sentido de deixar a filha sob os cuidados da avó e das tias, considerando que o pai de Bruna nunca quis estar presente em sua vida. Uma vez adulta, a filha conversou abertamente com a mãe sobre este tema e chegou à conclusão de que tanto a mãe quanto o pai tomaram decisões em suas vidas que não envolviam estar perto da filha, aceitando, finalmente, essa situação.

Bruna cita a questão da ausência do pai para demonstrar que sua mãe tampouco fez nada de outro mundo ao escolher ir para longe, pois muitos pais fazem o mesmo e, muitas

vezes, abandonam por completo os/as filhos/as, ao contrário, portanto, das mães migrantes que participaram deste estudo, que sempre tentaram manter o contato de uma forma ou de outra, mesmo morando na Espanha.

Apesar da distância em sua relação com a mãe, a filha afirma que também sente sua falta e que gosta de falar com ela no telefone e compartilhar suas vivências.

B: É isso, eu lembro de quando a gente era pequenininho, que ela sempre foi muito carinhosa. Quando ela tá presente, ela é bem carinhosa. Inclusive a minha relação com a minha mãe só não é pior somente por isso, porque eu sinto que tanto ela quanto meu pai fizeram as escolhas deles, e na escolha dos dois eu não estava ali. É a minha mãe, depois de adulta, ela confessa que, realmente, eu não estava ali. Então, a minha relação com ela é muito mais distante, porque ela realmente escolheu não ser a minha mãe, então, como que eu posso odiar o meu pai por ele não ser presente, entende? Como que eu posso? Eu não odeio a minha mãe, eu não odeio a minha mãe. Eu amo ela, do jeito que ela é, mas, a nossa relação é assim, é uma relação distante. Mas é uma relação distante, eu penso, até que ponto, porque eu sinto falta dela, então, a gente ri muito juntas. Quando ela me liga, a gente fica quatro horas no telefone, o dia inteiro. Se ela me liga no domingo, duas da tarde, eu vou desligar o telefone já é quase de noite. A gente compartilha muita coisa, só que ela tem uma cabeça bem mais conservadora do que a da minha avó, muito mais conservadora, porque como que ela pode ser hippie de boa e tão conservadora? Então não é tão de boa assim (Bruna, 27).

No caso de Alex, ao ser perguntado sobre sua mudança de percepção acerca de sua mãe de seu processo migratório, ele acredita que ter cursado Ciências Sociais na UFG, em 2011, e ter estudado sobre as migrações em uma disciplina, lhe possibilitou entender melhor este fenômeno através de conceitos e de diferentes abordagens teóricas. Além disso, Alex afirma que o fato de ter migrado para Portugal e enfrentado muitas dificuldades para tentar obter sua documentação também lhe fez entender melhor sua mãe, pois muitas vezes ele lhe cobrava para que ela regularizasse logo sua situação na Espanha e conquistasse algum patrimônio.

T: Como uma pessoa que viveu tão de perto a migração, foi bom para você ter tido acesso a essa disciplina específica sobre as migrações na universidade?

A: Ah, sim, sim. Eu não fazia ideia da violência que as pessoas migrantes estavam sujeitas, aí eu passei por algumas. Por mais que a gente seja, que eu tenha sido muito bem recebido em Portugal, e criei e ainda tenho essa rede de apoio, se eu quiser voltar, tem lá tudo, o meu emprego, os meus amigos, as pessoas, um espaço mais amortecido de chegada, diferente de quem simplesmente vai sem nenhuma rede de apoio, sem conhecer ninguém, e sem ter conhecimento de legislação. Eu acho que a maior contribuição que o curso me deu foi porque eu entendo, hoje, de legislação de migração, de Direitos Humanos. Basicamente, a gente sabe quando a gente tá sendo explorado, né, a gente sabe quando a coisa não tá sendo bem feita, e o fato de a gente ter mais acesso à legislação, abre a Internet e vai ler legislação

trabalhista do país, legislação migratória. E são coisas que a minha mãe nunca teve, assim, ela sempre, eu me lembro, de ela comentar que ela se mudou da Espanha para Portugal porque, eu me lembro que pegaram ela uma vez, ela foi presa por estar irregular, e aí ela conseguiu ser solta e, depois, os detalhes eu não sei porque a minha mãe não conta, a gente pergunta e ela desconversa, inventa outra história. E aí ela foi para Portugal, então, basicamente, a vida dela foi isso, muita humilhação, muita dificuldade financeira e muita violência administrativa, né, que o povo fala, tem esse conceito, violência administrativa. Quando você é migrante, você vai pedir um documento, você não é bem tratado, e esse documento não sai (Alex, 33).

Em sua entrevista, observa-se que a história de sua mãe às vezes se mistura com sua própria história de migração em Portugal, país para onde também foi sua mãe após viver alguns anos na Espanha e enfrentar diversas dificuldades em relação ao processo para obter a documentação. Alex, após ter experimentado o que ele chama de violência administrativa – referente à demora e ao descaso por parte das instituições para com as pessoas migrantes –, ele passou a entender melhor sua mãe e seus motivos de não ter conseguido regularizar sua situação administrativa na Espanha.

T: Você disse que às vezes sua mãe omite alguma informação, ou não quer falar de maneira clara sobre as coisas, então, você acha que isso tem a ver com essa expectativa que a família tem sobre ela?

A: Ah, com certeza, da família e da gente, né. Eu, principalmente, eu acho, porque eu sempre exigi que a minha mãe estudasse, né, voltasse a estudar, ela tava nova, tava lá fazendo nada, sem filho para criar, sem nada. Só que aí, depois que eu fiquei adulto e que eu tive mais esse contato com a realidade de lá, eu percebi que é muito difícil para uma pessoa que trabalha num serviço pesado o dia inteiro, ainda ter alguma motivação para ir estudar a noite. A gente faz isso, pelo menos eu fiz, sempre fui estudante trabalhador, sempre trabalhei de dia e estudei a noite. Só que, eu não sei se a idade influencia ou a própria força de vontade da pessoa, mas eu sempre cobre que ela estudasse. Então, volta e meia ela tentava mostrar para mim que tava procurando algum curso para fazer, alguma coisa. Já a família e os outros irmãos, eles são mais materialistas, eles querem ver dinheiro, carro, casa, eles cobram mais essa coisa material mesmo. Eu mudei bastante a minha percepção com relação a ela, tanto é que depois de um tempo eu parei de dizer a ela, de pressioná-la para fazer patrimônio, e mais para ter experiência de vida mesmo. Eu lembro que eu já falei isso várias vezes para ela, vai viajar, pega o seu dinheiro e faz poupança, vai fazer um curso, entra numa graduação, qualquer coisa, um curso técnico, vai viajar, vai aprender um monte de idiomas, já que você tá aí... e ela fala espanhol bem, mas é aquele espanhol bem *callejero* mesmo, bem de rua, nunca estudou gramática. Mas, também, é minha opinião pessoal, né, eu não sei como é que os meus irmãos veem isso, mas depois eu mudei a chavinha para ela ter mais experiências de vida e menos patrimônio, não tem necessidade, sabe, porque a final é isso que a gente leva da vida, né (Alex, 33).

Sobre sua percepção acerca de sua mãe, Alex acredita que ela difere do modelo tradicional e nuclear de mãe, considerando-a mais ‘heterodoxa’ em suas palavras, de modo

que ele também acredita que ela deve pagar um preço psicológico por isso e, também, por esse período da infância que passou sem a presença da mãe e do pai. Uma vez adulto, ele também passou a perceber que a vida não é somente “preto no branco” e a compreender melhor a experiência de sua mãe como mulher migrante através das lentes da interseccionalidade.

A: Eu acho que mães que tem uma criação de filho mais heterodoxa, mais fora do padrão de mãe coruja, de mãe nuclear, eu acho que elas devem pagar um preço psicológico por isso. Devem ter sempre a sensação de culpa, aquela coisa de "ah, eu sou mãe, mas não queria ser mãe, mas ao mesmo tempo eu quero, mas ao mesmo tempo eu não sei, eu quero só um pouco". Eu penso que na cabeça dela deve passar tudo isso aí.

T: Está tudo bem para você ter uma mãe, como disse, que não se adequa muito ao modelo tradicional?

A: Eu acho que eu também pago o preço psicológico por isso, mas a gente, quando a gente fica mais adulto, a gente percebe mais que a vida não é tão preto no branco. E, principalmente pela minha área, acho que eu fujo um pouco da cor porque, com as Ciências Sociais e com a Antropologia, a gente melhora um pouco a percepção dos outros, a situação objetiva e subjetiva das pessoas do mundo. Então, quando eu fiquei mais adulto, eu tendi a ter mais paciência e mais compreensão com ela, a posição que uma mulher migrante de periferia, mãe de um monte de filhos, sem escolaridade ocupa. Então, fazendo as interseccionalidades, a gente entende mais as pessoas e tem mais, não é compaixão a palavra mais adequada, é compreensão mesmo. A gente entende, a vida é muito doída, a gente tem que ter mais paciência com as pessoas. Então, nesse sentido, sim. Mas, eu passo algumas coisas de problemas psicológicos, de confusões, que com certeza tem a ver com a infância confusa, pouca estabilidade e pouca presença de mãe e de pai, ou sei lá quem que cuida, né (Alex, 33).

Nesta seção vimos como os/as filhos/as pequenos/as tinham dificuldades em compreender a ausência física da mãe e seus motivos para migrar, sendo que muitos/as só conseguiram alcançar esse entendimento na idade adulta, seja porque migraram e viram o outro lado da migração, empatizando-se, assim, com suas mães; porque olharam para a mãe com as lentes de gênero, percebendo-a como mulher livre para tomar suas decisões em igualdade com o pai; ou porque, através dos estudos universitários em antropologia, o filho enxergou os desafios que as mulheres migrantes enfrentam na Europa.

Assim como Alex, muitos/as filhos/as participantes continuam vivendo com os impactos da migração da mãe e da ausência paterna na construção de sua personalidade e identidade, ao mesmo tempo que também desenvolveram uma maior compreensão do processo migratório da mãe e de seus motivos, de modo que ambos sentimentos passaram a coexistir uma vez que alcançaram a idade adulta.



Na tentativa de entender melhor os impactos que a migração da mãe teve na vida dos/as filhos/as, lhes perguntei, a seguir, sobre quais foram os momentos em que mais sentiram falta de suas mães.

## **6.2 Momentos em que os/as filhos/as mais sentiram falta da presença física da mãe**

As mudanças na organização do cuidado após a migração da mãe levaram outros membros da família a assumirem essa função de cuidador/a principal dos/as filhos/as que ficaram no Brasil. Ainda assim, os mesmos afirmaram que em alguns momentos, principalmente durante sua infância e adolescência, eles/as sentiram que somente sua mãe, e não outra pessoa, poderia preencher essa necessidade, seja de sua presença física ou de apoio emocional para lidar com questões novas ou difíceis que eles/as estavam enfrentando naquele momento.

Nesse sentido, perguntei aos filhos e filhas participantes acerca dos momentos em que mais sentiram falta de suas mães durante o período de separação, de modo que eles/as destacaram alguns momentos de sua infância, como, por exemplo, nas apresentações da escola durante o dia das mães, onde os pais também não estavam presentes e eram as avós ou as tias quem compareciam; em alguns momentos da adolescência, como quando os/as filhos/as passavam por mudanças corporais e começavam a se interessar por namorados/as, sobretudo no caso das filhas, quando ocorria sua primeira menstruação; assim como em outras datas comemorativas, como os aniversários e o Natal.

Observa-se que estão presentes algumas questões geracionais e de gênero quando os/as filhos/as afirmam que preferiam tratar certos temas com suas mães e não com seus pais ou avós, por exemplo, pelo fato de acharem que as mães os entendem melhor, por terem mais capacidade de escuta que os pais, por exemplo – nos casos em que estes eram presentes –, ou por terem mais inteligência emocional para acolher e aconselhar os/as filhos/as.

Carla, uma das filhas entrevistadas, explica que durante sua infância, o dia das mães era um momento específico em que ela sentia falta da presença física da mãe, pois a escola sempre fazia apresentações nesse dia. Como Carla nunca contou com a presença do pai, era sua mãe quem também comparecia às apresentações na escola desse dia. Além disso, sua mãe era professora do pré-escolar aqui no Brasil e ela também dava aulas para a filha, de

modo que sua ausência durante a infância de Carla foi sentida mais intensamente nesses três aspectos de sua vida.

No que diz respeito à sua avó, Carla afirma que ela não comparecia na escola nessas datas comemorativas e que, durante sua adolescência, quando a neta estava passando pela puberdade e se interessando pelos primeiros namorados, ela não conseguia conversar sobre isso com sua avó em razão de sua mentalidade, considerada por Carla como antiga, sendo, portanto, sua mãe quem lhe aconselhava sobre tudo isso, mesmo à distância.

C: No começo, quando eu era pequenininha, com unos 8 anos, naquela época de colégio que tinha o dia das mães, apresentação, não tinha a presença dela, era um pouquinho chatinho, porque você quer a sua mãe perto. Mas, eu sempre entendi que ela foi para trabalhar, para me dar o melhor, então, eu nunca fui daquelas rebeldes que a minha mãe deixou, não, sempre entendi.

T: Então você sentia mais falta dela nessas datas comemorativas do colégio, certo?

C: Sim, eram mais as datas comemorativas, dia das mães... Apesar que dia dos pais era ruim também, porque ela era o meu pai, né, cumpriu a função de mãe e pai, tanto que no dia dos pais, eu sentia a falta dela, porque ela era a minha mãe e o meu pai, era a única presença de pai que eu tinha era ela. Então, tanto no dia das mães, quanto no dia dos pais, que tinha alguma apresentação ou alguma festinha de comemoração, sempre fazia falta. Tanto porque ela, antes de ir embora, como eu falei, ela era professora, ela me deu aula, ela me alfabetizou. Então, ela fazia muita falta nessas épocas.

T: No caso, a sua avó era quem fazia esse papel depois da migração? Ou tinha alguma outra pessoa da família que comparecia?

C: A minha avó não ia, sabe? A minha avó sempre foi mais assim, é daquelas muito antiginha ainda, então, ela não ia. Mas, fora esse papel de escola, o resto ela sempre fez o papel, desde que a minha mãe foi embora, foi ela. Por mais que a minha avó era mais velha, tinha vivido a vida, mas, assim, eu era uma adolescente, então tinha muita coisa que ela não sabia, porque a mente dela e a memória dela ainda é muito antiga, ela não é muito, como diz a minha mãe, ela não é do mundo moderno, ela é mais atrasada um pouquinho. Então, o que eu tinha dúvida, igual, no caso, do primeiro namorado, a primeira menstruação, tudo era com a minha mãe, eu corria e ligava, ou, quando ela ligava eu falava, a gente conversava, então, ela sempre me dava dicas, conselhos, o que pode, o que não pode, mesmo longe ela sempre se fez presente (Carla, 28).

A seguinte participante, Elis, também afirma que os momentos em que mais sentia falta da presença física da mãe eram em datas comemorativas, como no dia das mães e no Natal, em que as crianças faziam apresentações para suas famílias na escola. Em seu caso, sua avó era quem comparecia no dia das mães e seu tio, no dia dos pais.

E: Eu esperava que ela fosse mais vezes lá [no Brasil], mas, claro, ela não ia, porque tampouco era uma coisa que dependia de mim. E aí, por conta disso, eu

tinha muito atrito de, por exemplo, "ah, você não está na minha escola no dia das apresentações do dia das mães; ah, você não está na minha escola por conta da apresentação do Natal". Aí, eu sempre ficava jogando isso na cara, sabe?

T: Nessas datas comemorativas que você me falou, em relação à escola, quem é que ia?

E: Normalmente quando eram datas que eram voltadas para a mãe, como o dia das mães, era a minha avó, e quando era data voltada para o dia dos pais, normalmente era o meu tio que morava comigo e com a minha avó (Elis, 28).

Outra entrevistada, Júlia, também afirma que sentia falta da presença física da mãe e do pai durante sua infância, no dia das apresentações na escola, onde muitas vezes Júlia se sentiu sozinha ao ver que todas as outras crianças tinham a alguém.

J: Eu me lembro de muitas apresentações que eu tinha que ficar sozinha, ou acabava que a minha tia ia depois, porque ela trabalhava, ela cuidava da gente, trabalhava e fazia faculdade. Então, a minha tia às vezes meio que chegava tarde um pouquinho, mas ela tentava ir. Mas, eu lembro que era isso, que eu sempre ia para as apresentações e não tinha esse pai ou essa mãe, igual a maioria das outras pessoas tinha. Então, isso me afetava muito (Júlia, 24).

Assim como Carla, Adriana afirma que também sentiu bastante falta da presença física de sua mãe quando menstruou pela primeira vez, pois apesar de ter o seu pai como cuidador, ela não se sentiu à vontade para contar isso para ele, de modo que Adriana preferiu conversar com sua tia que, nesse dia, estava em sua casa e lhe aconselhou sobre o que fazer. Mais tarde, Adriana também sentiu falta da presença da mãe para conversar acerca de seu interesse pelos primeiros namorados; e em outro momento, quando se mudou para Goiânia para entrar na universidade, um momento em que ela experimentou muita ansiedade.

A: Assim, eu senti falta, por eu ter 11 anos, dos 11 aos 18, eu senti um pouco de falta mesmo, da presença ali materna. Apesar que meu pai sempre me deu de tudo, principalmente em relação a afeto. A minha família também, só que não é igual quando a mãe tá por perto, né. Então, ainda mais eu morando só com o meu pai e com o meu irmão, eu sentia falta de uma presença feminina junto comigo, até pelo fato, não sei se eu tô entrando num assunto muito íntimo, por exemplo, a primeira vez que eu tive a minha menstruação. A minha mãe sempre explicava pra mim por telefone certinho, aí chegou e eu fiquei até nervosa, a minha sorte é que minha tia tava lá em casa, porque eu não vou falar isso pro meu pai, entendeu, eu não sei nem pra quem que eu falo, aí com a minha tia lá eu falei pra ela. Eu falei ah, mas eu queria que a minha mãe tivesse aqui, eu queria falar pra ela isso. Aí, são nesses aspectos, nesses pequenos momentos que eu senti falta, sabe. Mas, no mais, eu não vou falar que foi tranquilo, que acredito que toda separação assim dos pais com os filhos tem os pros e os contras, né.

T: Teve mais algum outro momento em que sentiu a falta da presença dela?

A: Teve, os momentos de quando eu comecei a interessar por rapazes, que eu queria conversar com alguém, e eu aí eu falei, não, eu acho que eu prefiro conversar isso com a minha mãe, só que era chato conversar por telefone esses trem. Não era igual quando é pessoalmente, pedir conselhos nesses momentos, presencialmente eu acho que é melhor. A questão da faculdade também, às vezes sobre a ansiedade, quando eu ficava muito ansiosa, que eu precisava muito de alguém, esses trem eu não era de conversar muito com o meu pai. E o meu irmão, na época, ele não parava aqui em Goiânia. E aí, eu senti uma certa carência nesses momentos para conversar. Inclusive, eu acho que trouxe isso da minha infância até então, um pouco assim, de atenção em conversar. Eu sou muito ansiosa, e aí não sei se isso influencia, quando eu era mais nova eu me fechava muito, quando eu não tinha, por exemplo, alguém pra conversar. Hoje em dia eu já me abro demais para as pessoas, mas, quando eu era muito pequena eu não tinha com quem conversar direito, e aí hoje em dia eu perdi um pouco essa vergonha.

T: Em relação ao seu pai, por que você não se sentia à vontade para conversar sobre esses temas com ele? A convivência de vocês era boa?

A: Sim.

T: Você acha que ele supria as suas necessidades, nesse sentido?

A: Sim, eu era muito apegada no meu pai, nossa, muito, só que a gente nunca teve um diálogo aberto para essas coisas mais íntimas, questão de namorado, ou coisas pessoais de mulheres. Só que eu via que poderia conversar isso com ele sim, só que não é a mesma coisa de quando você conversa com uma mulher. Mas, nossa, o meu pai foi realmente pai e mãe, na época que eu morei com ele. Ele me dava de tudo, quando eu pedia, no que ele pudesse dar ele dava. Sempre em questão de roupa, ele ia lá e me levava, e aí alguma coisinha que eu queria, ele sempre fazia de tudo para dar pra gente (Adriana, 23).

Assim como Adriana, Pablo também afirma que sentiu muita falta de sua mãe durante sua entrada na adolescência, que diz respeito às questões de construção de sua personalidade e de sua sexualidade. Além disso, Pablo também aponta o término do ensino médio e entrada na universidade como um momento importante de tomada de decisão em que ele sentiu falta de sua mãe. Isto porque, segundo ele, seu pai era um homem do campo que não gosta de conversar sobre essas coisas, de modo que Pablo recorria à sua irmã mais velha – e filha somente de seu pai – para se abrir sobre esses assuntos e ser acolhido emocionalmente quando precisava.

P: Eu acho que era uma fase importante da formação da pessoa, com 12 anos, imagina, na adolescência, a gente tava naquela fase de se transformar de criança para adolescente e, a gente tem muita, temos também muitos problemas de personalidade, de conduta. Eu sempre fui uma pessoa muito compreensiva, muito, eu fui uma criança velha, eu sempre fui muito adulto, eu escultava muitas conversas das outras pessoas, então eu era consciente, por mais que eu sentisse falta em certos momentos, eu não sei se eu sentia falta, porque eu realmente entendia aquilo. Mas, talvez sentisse falta, não sei, quando eu tinha dúvida sobre o que fazer, ou alguma decisão que eu tinha que tomar, que eu queria falar com ela. Eu sentia falta nesses momentos de dúvidas a respeito de, talvez, da minha

própria personalidade, sexualidade, de tomada de decisões. Quando você necessita tomar uma decisão, quando você termina o ensino médio, que vai para a universidade, a escolha da profissão, o que fazer, sabe? Essas típicas decisões de quando a gente está entrando na fase adulta e que a gente não conhece.

T: E você procurava conversar com outras pessoas sobre isso? O seu pai supria essa necessidade emocional?

P: O meu pai jamais, o meu pai [risos], ele é um homem de campo, não entende muitas coisas, talvez problemas psicológicos, emocionais, por exemplo, eu tive muito de adolescente, também, para o meu pai, impossível, para ele era falta do que fazer, ter muito tempo livre. Não tinha com quem falar não, eu falava muitas vezes com a minha irmã mais velha, com a minha irmã mais velha, sim, muito, muito, muito. Ela sempre foi muito aberta, sempre queria saber e apoiava muito. Mas, o meu pai não, com o meu pai eu conversava poucas coisas (Pedro, 31).

Outra participante, Maite, explica que a falta da mãe em sua vida se manifestava em aspectos práticos como, por exemplo, quando ela e sua irmã precisaram fazer a carteirinha para andar de ônibus e eles requisitavam a presença da mãe, de modo que sua tia-avó que era quem exercia esse papel, não podia fazer nada.

M: E aí, o que que acontece, nessa época, as memórias que eu tenho são muito difusas, por que? Que aí eu fui crescendo, né, três, quatro, cinco anos, e aí, a questão que sempre eu lembro é de que, assim, precisava fazer as coisas, por exemplo, ah, precisa tirar a carteirinha de estudante, aquela de passar no ônibus, aí, a minha tia avó precisava ir no SETRANSP para tirar, e aí não podia tirar, porque tinha que ser a mãe, e a minha mãe não estava aqui. E aí, a minha tia avó não podia fazer nada. A mesma coisa acontecia com a Isabela, por exemplo. Aí, essas coisas se repetiam para várias coisas, carteirinha do SETRANSP, escola, para conseguir vagas, às vezes, assim, para fazer aula de balé, para fazer aula de música e tudo mais, e aí, tudo isso ficava essa coisa meio conturbada (Maite, 24).

Outra participante, Sara, afirma que sentia falta da atenção que recebia da mãe, pois ela era filha única, de modo que quando passou a morar com sua tia, que já tinha outros filhos, Sara se sentiu mais solitária sem a presença e o carinho da mãe.

S: Claro que eu sentia falta dela, né, como eu disse antes, na minha casa eu era a única protagonista, eu e ela, e sentia falta no meu aniversário, ou quando ela chegasse do trabalho, porque era principalmente quando a gente se via. Nosso maior momento era de noite, quando ela chegava do serviço a gente jantava juntas (Sara, 23).

Já no caso de Bruna, ela afirma que sentia e ainda sente falta da mãe quando vivencia alguma coisa boa, como, por exemplo, ao comer ou escutar uma música específica, de modo que lhe desperta um sentimento de saudade de sua mãe.

T: Em quais momentos você mais sentia falta dela?

B: Alguns momentos específicos, tipo, a minha mãe, eu acho que o que que faz a situação com a minha mãe não ser tão ruim é que minha mãe é uma pessoa agradável pra caramba, ela é muito engraçada, e ela é muito leve, ela é toda hippie, ela é bem tranquila, ela leva a vida do jeito dela. Então, quando eu escutava algumas músicas em específico, eu lembrava da minha mãe e eu ficava com muita saudade. Quando eu comia alguma coisa que me lembrava a minha mãe, eu ficava com muita saudade. Sabe, então, eu nunca fiquei com saudade da minha mãe em momento muito triste, é sempre momento de coisa boa mesmo. Quando vem uma coisa boa eu lembro dela e fico com saudade dela. Igual, quando eu escuto ABBA, eu lembro muito da minha mãe, eu lembro muito e aí eu fico com saudade dela o dia inteiro. O dia que eu levanto e escuto ABBA, eu fico com saudade da minha mãe o dia inteiro (Bruna, 27).

A partir dos relatos dos/as participantes/as, observa-se que alguns momentos específicos, como o dia das mães na escola, a entrada na adolescência e na universidade, foram mais difíceis para os/as filhos/as vivenciá-los sem a presença física da mãe, pois ainda que ela proporcionasse esse cuidado emocional através dos meios de comunicação, para os/as filhos/as não era fácil tratar de certos assuntos por telefone.

Em razão das desigualdades de gênero presentes na sociedade, onde as mulheres são ensinadas desde cedo a cuidar física e emocionalmente dos demais, os/as filhos/as que ficaram no Brasil sob os cuidados dos pais sentiram falta da inteligência emocional destes, de sua capacidade de escuta e de acolhimento quando precisaram. Já os/as filhos/as que ficaram com as avós sentiram a existência de uma barreira geracional para tratar de certos assuntos acerca de sua entrada na adolescência e interesse por namorados/as que, segundo eles, sentiam mais liberdade para tratar disso com suas mães.

### **6.3 A influência dos discursos da família na relação dos/as filhos/as com suas mães**

Diante da reorganização do cuidado, os/as cuidadores/as dos/as filhos/as no Brasil assumem, também, um papel de mediadores dessa relação entre eles/as e suas mães que estão longe, de modo que muitas vezes seus discursos e valorações acerca da pessoa da mãe e de seu processo migratório influenciam na opinião e na qualidade das relações que os/as filhos/as têm com suas mães.

Observa-se que, em alguns casos, as famílias conversavam com as crianças e explicavam que suas mães tinham migrado para trabalhar e dar uma vida melhor para elas, de modo que isso tranquilizava os/as filhos/as, contribuindo para que tivessem assim uma relação menos conflituosa com suas mães e consigo mesmos. Em outros casos, observa-se

que pessoas da família ou pessoas próximas relacionavam a migração das mulheres à prática da prostituição, levando as crianças a se sentirem abandonadas e estigmatizadas, uma vez que esses discursos também circulavam em suas escolas através de outras crianças.

Verifica-se que a questão da prostituição, tanto nos casos em que ela ocorreu de verdade, quanto nos que não, era vista de forma negativa pelas famílias das mulheres migrantes e, conseqüentemente, pelos/as filhos/as que eram crianças e não eram capazes de compreender a complexidade da questão. Nesse sentido, foram os próprios participantes da pesquisa, tanto os/as filhos/as quanto as mães, que mencionaram por espontânea vontade o tema da prostituição nas entrevistas realizadas. Sobre este tema, é importante ressaltar que alguns entrevistados, ao serem contactados para participar desta pesquisa, pensaram que o foco seria o tema da prostituição das mulheres brasileiras na Espanha, o que demonstra a presença atual desta questão no imaginário e nas vidas das famílias transnacionais.

Como vimos nos capítulos anteriores, a prática da maternidade transnacional foge do modelo de maternidade ideal esperado das mulheres brasileiras, de modo que as questões relacionadas à prostituição e ao uso de maconha – ambos citados nas entrevistas – parecem contradizer ainda mais essa imagem da mãe ideal, tanto na sociedade de origem, quanto na de destino. No entanto, trata-se de práticas comuns que algumas das mães participantes relataram em suas entrevistas, mas que, por serem temas tabus aos olhos da sociedade, muitas vezes os/as filhos/as não sabem que suas mães as fazem; escutam comentários de outras pessoas e vivem com essa suspeita; ou passam a entender melhor o tema ao entrar na idade adulta e conhecer de perto as condições de trabalho de suas mães na Espanha, por exemplo.

Para ilustrar essa situação, trago o seguinte relato de Fernanda, uma das mães entrevistadas, que explica que sofreu uma série de preconceitos por parte dos moradores de seu prédio em Maiorca, na Espanha. Fernanda é brasileira descendente de italianos, atua na área do turismo e, ao trabalhar em uma embarcação na rota entre a Espanha e a Itália, ela passava a maior parte do tempo longe de casa, de modo que seus dois filhos, ambos adolescentes e estudantes, ficavam em casa durante sua ausência.

Pelo fato de ser brasileira, mãe solo, chefe do lar e, como ela mesma disse, ‘maconheira’, seus vizinhos chegaram à conclusão de que Fernanda só podia ser traficante e prostituta, de modo que eles a denunciaram para o dono de seu apartamento. Diante da

dificuldade de encontrar moradia na Espanha, Fernanda teve que lhe mostrar seu contracheque para provar como era capaz de pagar o aluguel e evitar, assim, sua expulsão.

T: Você já notou alguma diferença de tratamento na Espanha por ser brasileira?

F: Olha, sim, no prédio onde eu fui morar, os moradores acharam que eu era prostituta, porque eles não conseguiam entender como que uma mãe sozinha conseguia manter uma casa, e eles fizeram uma denúncia para o dono do meu apartamento. E eu fumo maconha, e aí eles sentiram o cheiro de maconha e eles falaram que eu era traficante e prostituta, que eu tinha uma bandeira do Brasil na minha varanda, e que isso era o sinal para dizer onde que era. Então, o dono do meu apartamento quis que eu saísse do meu apartamento. Eu consegui convencer eles de que não era assim, eu mostrei pra ele o meu contrato, mostrei pra ele os meus contracheques, eu falei "olha, isso aqui é o que eu ganho, é com esse dinheiro que eu vivo, e se você tivesse me dito que eu não podia fumar maconha dentro da minha casa, eu não teria alugado o seu apartamento". Mas, na Espanha é permitido, você pode até ter plantas em casa, então, não caberia sequer uma denúncia policial por essa questão. Tive que procurar o síndico do prédio e tal, e fui numa reunião do condomínio pra, assim, não para me explicar, mas querendo calar a boca dos vizinhos, tipo, "vocês cuidem da vida de vocês, essa é a minha, ninguém tem nada a ver com isso e fique na tua, não me encham o saco porque eu já tenho problemas demais, muitas dificuldades como para ter que ficar me justificando para pessoas que eu nem conheço e que também não me conhecem". Então, essa foi, digamos, a discriminação que eu sofri. Eu sofri o preconceito por ser uma mãe sozinha, mulher sozinha com filhos. E minha filha é lésbica, ela assumiu a sexualidade dela desde muito cedo, ela é uma mulher, assim, de estereótipo feminino, mas ela sempre teve namoradas, e o fato dela ter, e ela tem uma namorada já há três anos, e isso também foi uma coisa que nesse momento que houve essa discriminação em relação a mim, também falaram a respeito da minha filha, "inclusive a filha dela também é lésbica, né, é lesbiana e tal". Sim, a minha filha é lesbiana, sim, mas ela é íntegra, e que bom que vocês sabem disso porque ela faz questão, até para desconstruir essa opinião equivocada que as pessoas têm de que merecem menos respeito por causa da sexualidade (Fernanda, 42).

No que diz respeito à problemática da prostituição, tanto da exercida por vontade das mulheres migrantes, como daquela relacionada ao tráfico internacional de mulheres, faz-se necessária uma análise mais ampla da sociedade, envolvendo, por exemplo, questões como o aumento da migração de mulheres dos países do Sul rumo ao Norte Global; a globalização e a divisão sexual do trabalho; o turismo sexual; a subjetividade, capacidade, agência e estratégias de sobrevivência das mulheres envolvidas; os estereótipos e estigmas ligados à prostituição, tanto no país de origem como de destino; sua criminalização; e, principalmente, a natureza restritiva da política migratória espanhola, que restringe o acesso das mulheres migrantes não europeias a um mercado laboral informal e precarizado.

A prostituição é um tema que levanta controvérsias não só na opinião pública, mas que também divide opiniões dentro do movimento feminista, entre quem a vê, por um lado, como forma de subordinação e de violência patriarcal e, por outro, como “estratégias de



sobrevivência ou de geração de renda, estratégias que envolvem energias e partes do corpo sexualizadas, assim comparáveis a outros tipos de trabalho produtivo” (Kempadoo, 2005, p. 62).

Muitas vezes, o tráfico de pessoas para fins de exploração sexual, o trabalho sexual e a migração indocumentada aparecem misturados na experiência das mulheres brasileiras que vão para a Espanha. Trata-se de situações que apresentam elementos semelhantes, referentes à maneira em que são constituídas, como é o caso das redes que se formam entre conhecidos/as, amigas/os e parentes, onde estes colaboram com o deslocamento das mulheres, financiando suas viagens, prometendo postos de trabalho, oferecendo moradia na Espanha, etc.

Outra questão que merece destaque, segundo Agustín (2005), é o fato de que a mídia e a opinião pública espanhola tendem a discutir a prostituição com foco na figura da prostituta, sem, no entanto, reconhecer que existe um grande número de pessoas que pagam por sexo e que, portanto, estas migrantes não iriam trabalhar se não houvesse uma demanda por tais serviços. A indústria sexual é ampla e envolve muitos beneficiários, que vão desde as empresas aéreas, de telecomunicações, segurança, produtores de bebidas e tabaco, agências de viagens, advogados, garçons, cafetões, dentre outros, lembrando que “todas são pessoas com suas famílias que vivem dessa indústria” (Agustín, 2005, p. 127).

No caso de Bruna, ela explica que sua família aqui no Brasil emitia opiniões negativas de sua mãe pelo fato de ela fumar maconha, chamando-a de ‘maconheira’ na presença da filha. Bruna também escutava críticas sobre alguns traços da personalidade de sua mãe que, muitas vezes, também eram criticados na filha, quando alguém da família lhe dizia que ela era ‘igualzinha à sua mãe’, o que gerava em Bruna um conflito por não querer ser assim nessa época.

Uma vez adulta, Bruna pôde compreender melhor esse processo de como se deu a construção de sua identidade em contraposição ao que sua família criticava de sua mãe, e tal entendimento só foi possível quando Bruna passou a entender melhor a história de vida de sua mãe em relação à maternidade precoce e suas escolhas de vida, incluindo a migração. Nesse sentido, no relato a seguir, Bruna fala sobre as diferenças de personalidade entre sua tia e sua mãe, e como as comparações com sua mãe por parte de sua família lhe afetaram durante sua infância e adolescência.

B: As duas são diferentes demais, a minha tia é mais contida, mais tímida, não é muito expansiva. Eu sou muito parecida com a minha mãe nisso, muito expansiva, só que eu via a rixinha lá em casa do pessoal com a minha mãe pelo jeito dela de maconheira e tal, tanto que eu lembro de comparações em relação à minha mãe que eu não gostava. Às vezes eles me falavam, “nossa, você é igualzinha à sua mãe”, e aquilo me irritava. Eu construí a minha identidade forçadamente aos poucos, porque na minha casa ela era mal vista, a minha mãe, ela era vista como a hipponga vagabunda que não quer trabalhar, maconheira, que largou tudo para trás por causa de homem. Tanto que um dia quando eu fui para a Inglaterra ver a minha tia, eu lembro que eu conheci um inglês novinho igual eu, novinho, moleque e ele queria sair comigo, me chamou pra sair. E eu falei ah, a minha tia não deixa e tal, e ele falou “chama ela, vamos todo mundo”, e a gente chamou, ele chamou, a gente foi ele conheceu a minha tia, aí ele falou “a gente podia beber alguma coisa ali do outro lado”, tipo, a minha tia estava com um namorado dela, e ele falou “vamos ficar só nós dois do outro lado”. Aí eu falei, tia, deixa eu ir com o fulano pra ali, tomar um café, e ela “por que que você quer ficar sozinha com ele?”. E eu falei, uai, o que que você acha, eu tô paquerando ele né. E aí ela virou e falou assim, “você é igual a sua mãe, quer largar a família por causa de macho”. Eu nunca esqueci desse comentário. Eu fiquei assim... tipo, tudo que era de ruim, o fato de eu ser uma pessoa expansiva, risonha, que rapidamente conhece muita gente. A minha mãe é exatamente assim. Isso tudo não era legal, ninguém nunca falou, “nossa, você é igualzinha à sua mãe, você faz amizade fácil”. Nunca. Mas, quando eu falava alto, nossa, “você é igual à sua mãe, você fala alto”; “nossa, você é igual à sua mãe, você troca isso por causa de macho”; “nossa, você...” Era sempre um comentário que eu acabei, tipo assim, tendo que ressignificar isso aos poucos, sozinha, e perceber que eu tenho sim muita coisa da minha mãe, mas muita coisa boa da minha mãe, não é isso. E isso é uma coisa que eles acham da minha mãe, não é o que a minha mãe é, ela pode até ter um pouco disso, mas, assim, ela não é isso, ela não é só isso. E se talvez ela foi assim num momento, ela não é assim mais, então, eu entendo, a minha mãe eu entendo. A minha relação com a minha mãe está resolvida, o problema é que se perdeu um pouco, sabe, e não dá pra forçar. A ela dá pra mim o que ela tem para me dar, porque ela sente, ela pede desculpa, porque ela chegou ao ponto de falar pra mim que me associava sempre com perda. Perda de liberdade, vergonha, porque quando ela ficou grávida a minha avó tirou ela da escola, ela era boa aluna, então ela me associava com perda. Então, ela não queria estar perto, ela não queria aquela responsabilidade. Já o meu irmão foi outro momento, a ligação dela com o meu irmão é diferente (Bruna, 27).

Observa-se que a família de Bruna no Brasil relacionava a ida da mãe para a Espanha com aspectos de sua personalidade que elas reprovavam, tais como seu estilo de vida hippie e sua facilidade para conhecer pessoas, de modo que Bruna só conseguiu enxergar o cenário da migração e de sua relação com a mãe de uma maneira diferente ao chegar na idade adulta.

Diferentemente de Bruna, a seguinte entrevistada, Carla, afirma que sua família recebeu bem a notícia da migração da mãe para a Espanha, de modo que ela nunca ouviu nada negativo vindo da família a esse respeito. No entanto, Carla menciona a questão do preconceito para com as mulheres que vão para a Espanha para se prostituírem, algo que ela afirma ter vivido no Brasil como filha de mãe migrante. Carla explica que, na época em que sua mãe migrou, muitas outras mulheres também estavam migrando para a Espanha, e que

ela ouvia comentários tanto dos adultos, quanto de outras crianças ao seu redor acerca da migração dessas mulheres, que elas estariam exercendo a prostituição.

T: Como que a sua família recebeu a notícia da migração dela, eles concordaram?

C: Concordaram, assim, meio que concordaram por conta da dificuldade da época. Então, eles sabiam que ela ia para ter uma vida boa, tanto pra eles, quanto pra mim. Eles realmente viam que aqui estava difícil, então, eles no momento sempre apoiaram.

T: E a sua avó, ela sempre foi de acordo? A respeito da comunicação, o que você ouvia sobre a migração da sua mãe era positivo ou negativo?

C: Sim, sim, toda vida sempre foi positiva, eu nunca ouvi nada de ruim por conta disso não, sempre foi positivo.

T: Para finalizar, quais são as suas impressões sobre tudo isso?

C: Quando o Arthur me falou sobre esse tema, que você queria, eu pensei na questão do preconceito, porque tem muita gente que tem preconceito, e ainda mais nessa época que a minha mãe foi, foi naquele auge que todas as brasileiras estavam indo para a Espanha. Nossa, tava, no auge mesmo, então, tem muito preconceito com isso, que muitas vão para isso, vão para aquilo. Mas, assim, graças a Deus, que eu sei, a minha mãe não foi não, ela foi para trabalhar mesmo para me dar uma vida boa. Então, eu acho que tem muito preconceito com isso, sabe, porque ela era, é mãe solteira, né, então, tinha todo o peso de cuidar de uma filha sozinha, por mais que tinha a minha avó, mas, sempre acaba pra mãe, né. Então, eu sei que hoje tudo o que eu tenho, tudo o que eu sou, tudo o que eu continuo tendo, por conta dela também, eu sei que ela foi por uma boa causa, sabe. Eu sempre tive isso na minha cabeça, eu nunca pensei que a minha mãe foi "ah, que me abandonou, que foi, que não queria ficar perto de mim". Não, eu sempre tive na cabeça que ela foi para dar uma boa vida para mim, hoje para os meus filhos, porque ela me ajudava, então, graças a deus eu nunca fui traumatizada, nunca fui, sabe, doida da cabeça por conta disso não.

T: Você falou sobre a questão do preconceito. Você acha que isso te afetou ou afetava outras crianças aqui no Brasil naquela época?

C: Ah, com certeza, porque tem aquilo né, criança não vê maldade, mas sempre faz uma brincadeira. Tem aquelas brincadeiras, "ah, que você não tem mãe, a sua mãe foi embora", ou mesmo você ouvia num círculo, talvez até de amizade dentro da família, ou um círculo de adultos mesmo comentando, né, porque como eu falei, foi uma época que foi praticamente quase todas as mulheres, então, todo mundo comentava "fulana de tal foi, fulana de tal foi, fulana de tal vai", e sempre falavam perto de criança, sempre falam perto de criança, porque adulto tem isso, não mede as palavras perto de criança, né, não pede a criança para se retirar um pouquinho do círculo de adultos. Então, eu creio que tem, que o preconceito abala um pouco as crianças porque criança ouve, não vê maldade, pensa que é um comentário normal, e leva aquilo, sabe, "ah, a minha mãe foi embora; ah, a minha mãe não tá perto de mim, a minha mãe foi embora". Às vezes pensa que a mãe foi embora por conta dela, da criança, então, é chato, sabe? Mas eu, graças a deus, eu nunca tive, a minha família, a minha avó e a minha tia, desde quando ela ia, tava preparando para ir, elas sempre me explicavam, "olha, a mamãe tá indo embora por conta disso, porque aqui tá difícil, a mamãe trabalha e tudo, mas não pode te dar uma vida confortável, uma vida boa, então, a mamãe vai" (Carla, 28).

Assim como Carla, Alex também teve contato com essas histórias de que as brasileiras vão para a Europa para se prostituírem. Porém, no seu caso, sua avó afirmava que sua mãe tinha ido para a Espanha para se prostituir, de modo que, segundo Alex, sua mãe sofreu bastante com esse preconceito por parte da própria mãe.

A: Foi numa época que tinha muito aquele preconceito das prostitutas brasileiras que migraram, principalmente para a Espanha, para a Itália. Para Portugal, eu lembro que quando eu tava em Portugal, a minha chefe que era portuguesa, já com 45 anos, ela lembra de um caso muito interessante que em Guimarães, todas as portuguesas da cidade fizeram um complô para expulsar todas as brasileiras da cidade. Tem isso, se você procurar na Internet, você vai achar. É maravilhosa essa história. As brasileiras foram escorraçadas da cidade [gargalhadas] porque, segundo as portuguesas, as brasileiras estavam lá para tomar os homens delas. Os homens saíam do trabalho às cinco horas da tarde e não iam embora para casa. E tem uma casa lá que ficou famosíssima, que é uma casa de convivência [gargalhadas], maravilhosa essa história. Pois é, e lá tem muito essas histórias, e a minha mãe sofreu muito na época com o preconceito da família. Tanto é que a minha avó, até hoje, a minha avó é empolgadíssima com esse negócio de prostituta, ela é enalacrada com essa coisa. Para a minha avó, todo mundo que... a minha avó já tem quase 70 anos, né. Para a minha avó, toda mulher que vai embora do Brasil é para ser prostituta. Então, a minha mãe sofreu bastante com isso.

T: Você pode me falar mais um pouco sobre isso, como que a família aqui do Brasil lidou com a migração dela?

A: Lidou um pouco mal, pensa, uma mentalidade de periferia com uma pessoa que supostamente vai embora e vai melhorar de vida, e todo mundo que não foi ia ficar para trás. Eu lembro dessa conversa, muito, muito interessante.

T: E, você acha que essa visão da sua avó influenciou na visão que vocês tiveram da sua mãe?

A: Quando eu era menor, sim, tanto é que eu achava que a minha mãe tinha ido para ser prostituta mesmo. Eu tinha 16 ou 17 anos, com aquela mentalidade de periferia, com os comentários de rua de periferia, é óbvio que a gente não passa ileso, né. Mas, depois de chegar lá e ver que a situação era outra, talvez... [pausa] o que dificulta, eu penso, a mentalidade das pessoas que ficam, em relação a quem vai, é porque a Europa ainda é muito inacessível, ninguém entende muito bem o que você faz lá. Que se vive como aqui, não tem rio de ouro correndo, igual no folheto das testemunhas de Jeová. Trabalha-se muito lá, trabalha-se muito, as pessoas trabalham muito na Europa. Só que migrantes trabalham mais ainda, sem direitos trabalhistas nenhum. Então, a gente ficava sempre naquele comentário, né, "poxa, mas já tem cinco anos que a Márcia tá lá e até hoje não conseguiu comprar um lote". Eu lembro que ela comprou um lote no nome do meu irmão, quando ela veio. Ela foi em 2005, então ela ficou cinco anos sem vir aqui, nesses dezessete anos ela só voltou ao Brasil duas vezes, porque ela nunca tinha dinheiro para voltar, ela nunca conseguiu juntar dinheiro para voltar para comprar o bilhete (Alex, 33).

Alex explica que cresceu sem saber quem era seu pai e que somente mais tarde ele descobriu que era um primo de sua mãe, de modo que Alex cresceu perto da família do pai,

mas que ninguém antes lhe havia contado a verdade. Nesse contexto, a família de seu pai, que Alex caracteriza como conservadora, foi a responsável por inventar e propagar essa história de que sua mãe tinha migrado para se prostituir na Espanha.

A: Engraçado que eles, essa parte da família, a família do meu pai, que é extremamente classista, conservadora, bolsonarista, para resumir a coisa, evangélicos, com uma parte evangélica e a outra muito católica, foram eles que fomentaram a coisa da prostituição, sabe? Quando a minha mãe foi, eu lembro que todo mundo dessa parte da família falava, foram eles que falaram, ah, "a Márcia vai para se prostituir, certeza; olha lá, é do feitio dela". E eu cresci ouvindo isso lá, sabe, e são pessoas horríveis, horríveis (Alex, 33).

A seguinte entrevistada, Carol, filha de uma brasileira que migrou para a Espanha, nos relata sua experiência pessoal como imigrante na Espanha ao sofrer com o preconceito da prostituição pelo fato de ser brasileira. Ela se mudou do Brasil em 2019, aos 22 anos, para morar na cidade de Gijón, na Comunidade Autônoma de Asturias, junto à sua mãe e afirma ter sofrido e continuar sofrendo com as situações de preconceito que, por sua vez, envolvem o assédio, mesmo que ela não trabalhe ou não procure que a vejam assim.

T: Pode me contar um pouco mais sobre o que você achou de ir morar em Astúrias?

C: Ah, foi uma mudança muito, muito brusca na verdade para Astúrias, eu tive que lidar com muitas coisas, muitas coisas pelo fato de ser uma mulher latina, e de toda a história das mulheres latinas na Espanha, e os preconceitos com o sotaque, com o meu jeito, foi muito desafiador no meu primeiro ano e meio na Espanha, foi muito, muito desafiador. E, na verdade, continua sendo, ser uma mulher latina fora do Brasil é muito desafiador mesmo. Mesmo aqui, que eu achava que isso ia ser um pouco mais fácil, continua sendo muito complicado. Os estereótipos são muito fortes, são muito marcados, estão muito impregnados nas cabeças das pessoas, e mesmo que você prove levar uma vida diferente, as pessoas sempre vão pensar de você o que elas querem pensar, e isso é complicado.

T: Você fala em relação ao estereótipo de associar as mulheres latinas com a prostituição? Ou diz em relação à xenofobia?

C: Principalmente a prostituição, principalmente quanto a isso, esse é o tema principal mesmo, a questão de sempre achar que a mulher latina, brasileira, vai ser fácil e está acessível, que ela sempre está desesperada por dinheiro, que ela sempre quer isso, que ela sempre quer isso, que ela sempre está atrás disso, mesmo até quando ela nem procura isso.

T: Então, você sofreu assédio por ser brasileira?

C: Sim, eu sofri muito assédio, tanto de pessoas aleatórias que eu conhecia no Tinder, quanto de pessoas apresentadas por amigos, já de confiança, tanto no trabalho como garçone, sempre foi uma coisa que me perseguiu sempre, desde que eu saí do Brasil. Quase sempre, semanalmente eu passo alguma situação, assim, incômoda. É complicado. É complicado. Eu acho que todas passaram por

isso e muitas até começaram a entender essas mulheres que realmente se dedicavam a isso e vê-las com olhos de amor, porque passando pelas situações de trabalhar em restaurante e tal, é que a gente percebe o quanto que o trabalho é desvalorizado e que muitas não têm escolha quando decidem partir para isso, porque acho que, geralmente, as mulheres de outras gerações elas vieram tendo a obrigação, tendo a necessidade de estar ajudando a sua família, às vezes famílias inteiras lá no Brasil, e se viram obrigadas a certo tipo de situações, porque mesmo que elas não procurassem essas situações, essas situações procuravam elas de alguma forma ou de outra, sempre. E, muitas vezes eu acredito que muitas se deixaram levar por isso pelo fato da remuneração ser muito superior a qualquer outro trabalho como garçõete e pensar "por que não? se já me veem assim, se já me tratam assim, se eu já não consigo provar o contrário nunca, sempre vão estar falando sobre isso, pelas costas ou pela frente, sempre, sempre, sempre".

T: Você acha que isso chegou no Brasil? Essas falas?

C: Chegou muito, eu tenho lembranças de discriminação na minha escola, mesmo quando eu ainda era uma criança, desse tema ser muito pertinente. Esse tema sempre foi presente de alguma forma, porque eu acho que sempre estive estigmatizada com essa temática, sempre, e eu não conseguia entender até o momento em que eu realmente conheci a Espanha, até então eu não conseguia entender por que que falavam aquilo da minha mãe, se não conheciam de verdade a minha mãe e, por que que as pessoas tinham tanta maldade em tratar diferente as crianças, com essa questão. Então, sempre foi um tabu nas nossas vidas, além da parte de criança abandonada, a gente ainda tinha que lidar com essa temática, que sempre esteve presente, sempre (Carol, 25).

Observa-se que, assim como Carla, Carol também enfrentou preconceitos quando era criança na escola, pelo fato de ser filha de mãe migrante e, também, em razão da crença de que toda brasileira que migra para a Espanha vai para exercer a prostituição. E, assim como Alex, ao chegar na Espanha e ver de perto o cenário laboral precário que as mulheres migrantes têm acesso, Carol também passou a entender melhor e olhar com outros olhos as migrantes que exercem e que não exercem a prostituição, desvendando assim esse tabu que muitas vezes persiste no imaginário e nos discursos das famílias que ficam no Brasil.

#### **6.4 Reagrupamento familiar dos/as filhos/as na Espanha**

Deixar os/as filhas/os no Brasil sob os cuidados de outras pessoas constitui, muitas vezes, uma estratégia das mulheres brasileiras migrantes para entrar na Espanha como turistas e permanecerem para trabalhar sem a documentação espanhola durante os primeiros anos; para dedicarem todo seu tempo ao trabalho; ou para economizar dinheiro com a moradia, considerando que seus salários são os mais baixos da escala laboral e os aluguéis costumam ser muito caros.

Observa-se que muitas das mães migram com esse objetivo inicial e lutam por regularizarem sua situação na Espanha o mais rápido possível para, posteriormente, tentarem a reagrupação familiar de seus filhos. Com o passar do tempo, tal objetivo pode mudar ou ser postergado, devido a fatores como a dificuldade para se regularizar no país, a busca por continuar se dedicando somente ao trabalho e economizando dinheiro, ou a própria vontade dos/as filhos/as de permanecerem no Brasil junto a suas avós cuidadoras, por exemplo.

Através da análise da legislação espanhola sobre a reagrupação familiar, observa-se que não se trata de um processo fácil, devido aos inúmeros requisitos exigidos às mulheres migrantes. Como explicam Pedone e Araujo (2013), a normativa sobre migração de um país incide diretamente no acesso ao direito das pessoas migrantes, condicionando suas oportunidades, restringindo ou impulsando a sua capacidade de agência, o seu acesso ao mercado laboral e aos benefícios sociais, assim como a sua participação política e o seu direito de viver em família. As políticas de migração familiar influenciam nas transformações das relações familiares, assim como nas estratégias geracionais e de gênero adotadas pelos/as migrantes e seus familiares que permanecem no país de origem (Buriticá; Pedone; Araujo, 2013)

No caso da Espanha, observa-se que sua política migratória busca dificultar a entrada e permanência de imigrantes não comunitários/as, isto é, de países que não fazem parte da União Europeia, o que faz com que muitos/as deles/as entrem no país como turistas, diante da não necessidade de um visto, e, passados os três primeiros meses, permaneçam em situação administrativa irregular.

A política migratória do país de destino influencia, portanto, no tipo de estratégia migratória adotada, que, no caso das mulheres latino-americanas que são mães, muitas vezes consiste em deixar os/as filhos/as no país de origem para poder passar mais facilmente pelo controle migratório, assim como para facilitar seus primeiros meses ou anos de migração, no sentido de que inicialmente essa mãe não precise se preocupar com dividir seu tempo entre o trabalho e o cuidado de seus filhos, ou com seu sustento e o aluguel de uma moradia.

Diferentemente dos/as migrantes da União Europeia, os/as migrantes não comunitários enfrentam vários obstáculos para regularizar sua situação administrativa na Espanha a fim de, posteriormente, poder realizar a reagrupação familiar, tais como a

comprovação de *empadronamento*<sup>75</sup>; de um tempo mínimo de residência continuada no país; e contratos de trabalho com durações e jornadas específicas.

A reagrupação familiar diz respeito à faculdade do estrangeiro residente na Espanha de solicitar a entrada de seus familiares no país a fim de conviverem juntos no mesmo território. Isto inclui tanto os membros de uma família anteriormente constituída, ou no caso de que o reagrupante, após a sua entrada na Espanha, decida formar uma nova família com uma pessoa proveniente de um país não comunitário (Vázquez, 2003). Trata-se de um direito reconhecido internacionalmente, presente no Convênio Europeu de Direitos Humanos, em seu artigo 8º.

Sobre o modo como a legislação espanhola tratou a questão da reagrupação familiar, é importante lembrar que o legislador é quem decide o tipo de familiares que poderão ser reagrupados, seguindo, portanto, o modelo de família da sociedade de destino, o que muitas vezes não coincide com o modelo familiar das pessoas migrantes em seus países de origem. “No contexto europeu, a família ‘tipo’ é a nuclear monogâmica, mas não existe um modelo único de família, senão que existem múltiplas formas que correspondem a uma sociedade plural e impedem interpretar o conceito restritivamente” (Vázquez, 2003, p. 440)<sup>76</sup>.

A reagrupação familiar foi reconhecida como um direito formal das pessoas estrangeiras somente com a publicação da LOE 4/2000, de 11 de janeiro, sobre Direitos e Liberdades dos Estrangeiros na Espanha e sua Integração Social.

A última reforma da Lei de Estrangeria ocorreu através da aprovação do Real Decreto 629/2022, cuja principal mudança nos critérios para a reagrupação familiar foi a diminuição dos meios econômicos exigidos para reagrupar os/as filhos/as. Atualmente, a pessoa que deseja realizar a reagrupação familiar, em primeiro lugar, deve possuir mais de 1 ano de residência legal (temporária ou permanente) na Espanha; comprovar uma fonte estável de renda igual ou maior que o salário mínimo interprofissional que, no caso dos núcleos familiares compostos por dois membros e onde um deles seja menor de idade, exige-se 110% do salário mínimo, com 10% adicional para cada menor de idade adicional a ser reagrupado;

---

<sup>75</sup> Registro que as pessoas fazem em seu novo lugar de residência, quando têm a intenção ou o projeto de viver ali durante o tempo mínimo de um ano. Tal registro é voluntário, porém, é um requisito necessário para que o/a migrante tenha acesso aos serviços básicos oferecidos à população.

<sup>76</sup> En el contexto europeo, la familia-tipo es la nuclear monogámica, pero no existe un modelo único de familia, sino que existen múltiples formas que corresponden a una sociedad plural e impiden interpretar el concepto restrictivamente. (Tradução livre).



e possuir uma moradia adequada para acolher o reagrupado, cuja comprovação ocorre mediante um parecer do órgão competente da Comunidade Autônoma.

Além destas mudanças, Elisabet, uma advogada responsável pelo atendimento às pessoas migrantes na associação Cáritas, em Barcelona, nos explica que a lei também flexibilizou o requisito do contrato de trabalho, podendo este ser menor que uma jornada completa caso a/o migrante tenha menores a seu cargo.

E: Com a última reforma do regulamento, introduziu-se a possibilidade de aceder ao arraigo, a ter documentação por arraigo com contrato de 20 horas de trabalho caso se tenha um menor a cargo. E acho que isso é favorável para as mulheres, sobretudo para as mulheres que estão sozinhas, pois muitas vezes é impossível compatibilizar o cuidado dos menores com contratos de jornada completa. E, por outro lado, sim que é verdade que a regularização dos menores – que são os mesmos requisitos para os menores que já estão na Espanha e que não nasceram na Espanha, e para os que querem fazer o reagrupamento familiar desde o país de origem –, o tema da moradia continua sendo um obstáculo, e para mim, atualmente, é o grande obstáculo. Com certeza não é um grande obstáculo em alguma cidadezinha do centro da Espanha, onde não haja problemas de moradia. Mas, em grandes metrópoles como Barcelona e as cidades que estão ao redor, é um grave problema (Elisabet, Barcelona, 2023).

Observa-se, portanto, que ao longo das diversas reformas da LOE não houve mudanças positivas substantivas no referente à reagrupação de filhos/as menores de idade, porém, como vimos acima, muitas das reformas afetaram indiretamente a possibilidade de reagrupamento dos menores ao aumentarem os requisitos que os/as reagrupantes devem cumprir para realizar este processo (Montiel; Vintila, 2011).

Em resumo, as mães que desejam reagrupar seus filhos, além de possuírem sua permissão de residência de mais de um ano, ainda devem comprovar a posse de recursos econômicos, contrato de trabalho e uma vivenda adequada. Considerando que sua inserção laboral na Espanha ocorre nos trabalhos mais desvalorizados e precarizados, observa-se que a normativa incide de maneira diferenciada em relação ao gênero e à nacionalidade, o que faz com que elas demorem muitos anos para regularizar sua situação e, posteriormente, quem sabe, conseguirem reagrupar seus filhos. Nessa perspectiva, é importante ressaltar que “quando a reagrupação familiar não se concretiza, a crítica recai, principalmente, sobre as mães migrantes” (Pedone, 2011, p. 235).<sup>77</sup>

---

<sup>77</sup> Cuando la reagrupación familiar no se concreta la crítica recae, principalmente, sobre las madres migrantes. (Tradução livre).

À medida que o mito do retorno se desvanece, quando a separação, inicialmente considerada breve e temporária, se prolonga, são iniciados os processos de reunificação familiar, principalmente - mas nem sempre - para cônjuges, filhos e filhas. Em geral, nos estágios iniciais, a permanência é prolongada porque as coisas não saem como planejado, o contexto de destino não é tão favorável quanto o esperado e são encontradas dificuldades para encontrar um emprego, para coletar e enviar dinheiro ou para obter documentação (Araujo, 2009, p. 1).<sup>78</sup>

Nesse sentido, busquei identificar as estratégias de reagrupamento familiar e os motivos pelos quais as mães decidem ou não reagrupar seus filhos no país de destino. Para tanto, trago a seguir trechos de entrevistas realizadas com as representantes de duas organizações que trabalham com pessoas migrantes em Barcelona: a Casa da Gente e Cáritas.

A Associação Casa da Gente foi fundada em 2019 como um espaço da sociedade civil brasileira organizada, voltado para o acolhimento de pessoas em situação de vulnerabilidade, tais como mulheres vítimas de violência machista; coletivos LGBTQIAPN+; mães monoparentais; questões de saúde, etc. Na ocasião, entrevistei a presidenta da Casa da Gente, Maria Badet, também doutora em comunicação e experta em migração brasileira, meios de comunicação e gênero.

A organização Casa da Gente atende pessoas em situação de vulnerabilidade em Barcelona, em toda a Espanha e, até mesmo, em outros países, sendo elas majoritariamente mulheres brasileiras cis e trans. Maria afirma que muitas dessas mulheres que buscam a associação são vítimas de violência machista, das quais uma parte importante são mães que trazem demandas relacionadas à guarda e custódia dos filhos, denúncias de sequestro internacional por parte de seus ex-parceiros ou qualquer situação de vulnerabilidade. Durante a pandemia, houve um aumento expressivo do número de mães brasileiras migrantes que procuraram a Casa da Gente porque perderam seus empregos e se encontravam sozinhas com seus filhos sem receber nenhum tipo de ajuda na Espanha.

A maioria das mulheres que busca esta associação recorreu, primeiramente, ao serviço social municipal, cujo protocolo requer passar primeiro por um/a trabalhador/a social para que este/a profissional dê entrada da pessoa solicitante no sistema. No entanto,

---

<sup>78</sup> A medida que se va diluyendo el mito del retorno, cuando la separación primeramente pensada como breve y temporal se prolonga, se ponen en marcha procesos de reunificación familiar, principalmente –pero no siempre– de cónyuges, hijos e hijas. En general, en los primeros tiempos, la estancia se prolonga porque las cosas no salen como estaban previstas, el contexto de destino no es tan favorable como se pensaba y se encuentran dificultades para conseguir un trabajo, para juntar y enviar dinero, o para conseguir la documentación. (Tradução livre).

conforme explica Maria, se a mulher migrante se encontra em situação administrativa irregular, ela não consegue acessar esse tipo de ajuda fornecida pelo sistema de assistência social do governo.

M: Qual é o problema? Essa mulher está em situação jurídica irregular? Ou seja, se ela não tem os documentos, o serviço social vai fazer muito pouco ou praticamente nada por essas mulheres. O que o serviço social faz por essas mulheres, como muito, é dar uma ajuda de alimentação. Esse é o grande problema. Por isso que uma das nossas lutas junto com milhões de movimentos aqui é a regularização das pessoas imigrantes, porque sem a regularização, sem o reconhecimento do status como pessoa com direitos, o sistema não tá pensado para ter política de acolhimento para essas mulheres. As casas de acolhidas não estão pensadas para isso, o sistema social não está pensado para isso, as políticas públicas, as ajudas sociais, nada está pensado para quem está em situação jurídica irregular. Então, essas mulheres ficam no limbo, e aí entram as outras tentativas, que outras ONGs que fazem mais assistencialismo, como Cáritas, Cruz Vermelha, ou mesmo algumas associações brasileiras que trabalham com assistencialismo imediato. A gente tenta fazer rede com elas para, pelo menos, conseguir uma roupa para aquela criança que não tem roupa, que não tem fralda, que não tem leite; aquela mãe que está passando frio porque não tem um agasalho. Não é o nosso principal intuito, porque a gente sabe que isso tudo é temporário. Mas, até você conseguir uma forma de vincular essas mulheres ao sistema, você tem que buscar uma solução temporária. Então, a gente tenta fazer um pouco disso também, porque não adianta eu querer fazer um planejamento de cara à estabilidade, se eu sei que o sistema vai falhar na hora de dar acesso para essas mulheres para ter esses direitos (Maria Badet, Barcelona, 2023).

Desde seu ponto de vista, existe uma grande quantidade de mulheres em situação administrativa irregular que buscam ajuda na Casa da Gente, assim como uma grande quantidade de mulheres que estão tentando fazer o processo de regularização migratória na Espanha.

Quando questionada acerca do perfil das mães brasileiras que buscam ajuda em sua associação, Maria afirma que há uma diversidade de vivências e experiências que dizem respeito às mães que migraram com os filhos, seguindo o conselho ou o convite de algum/a amigo/a que lhes prometeu ajuda após a sua chegada na Espanha, e que depois não as ajudou; às mães que optaram por não levar seus filhos e que os deixaram sob os cuidados, por exemplo, da avó no Brasil; e àquelas que esperam alcançar certa estabilidade para poder levar os filhos, e o fazem mediante o processo de reagrupamento familiar para que eles tenham, assim, sua situação regularizada.

M: Tem muitas mães que vêm pra cá com filhos, para tentar a vida, muitas vezes elas se apegam a um amigo que conheciam no Brasil, que diz que vai ajudar quando chegar aqui e tal e, muitas vezes, poucos meses depois, esse amigo que abriu as portas deixou essas mulheres a ver navios, e elas passam dificuldades com

crianças. Muitas, também, vêm sem os filhos para poder tentar estabilidade e depois buscar os filhos; e muitas não querem trazer os filhos, ou seja, os filhos estão lá no Brasil e elas fazem remessas, enviam dinheiro para essas famílias no Brasil. Normalmente essas crianças ficam com as avós. Tem um estudo que fala sobre a feminização dos fluxos migratórios, como que as mulheres, 70% do fluxo migratório que vem pra cá, vem para poder tentar manter a sua família, são arrimo de família, porque elas fazem os processos migratórios para isso. E, normalmente, muitas deixam para trazer os filhos quando elas conseguem já a estabilidade, e aí através do arraigo familiar, elas conseguem regularizar a situação dos filhos (Maria Badet, Barcelona, 2023).

As mães brasileiras, sobretudo aquelas que não possuem sua situação administrativa regularizada, estão sujeitas a situações de vulnerabilidade social devido à precariedade laboral enfrentada pelas mulheres migrantes não comunitárias na Espanha. Nesse sentido, observa-se que são justamente as mulheres mais necessitadas as que não conseguem receber ajudas do sistema de assistência social, tendo que recorrer a outras associações e organizações como a Casa da Gente, Cáritas, Cruz Vermelha, entre outras.

Também entrevistei Elisabet, uma advogada especializada em estrangeira e responsável pelo programa de migração e refúgio de Cáritas Barcelona, uma organização humanitária da Igreja Católica. Segundo a entrevistada, o perfil das pessoas atendidas por Cáritas é composto por pessoas que estão em situação de vulnerabilidade social, que não estão sendo atendidas pelos serviços sociais nem pela administração pública, coincidindo, portanto, com as pessoas de origem estrangeira, que representam 80% dos atendimentos. Dentro desta cifra, encontram-se os/as imigrantes em situação administrativa irregular que, segundo Elisabet, representam 45% desses atendimentos e compõe-se, majoritariamente, de mulheres solteiras ou que são mães solo.

As principais demandas das mulheres migrantes dependem de sua situação administrativa, pois aquelas que estão em situação administrativa irregular procuram, sobretudo, cobrir suas necessidades básicas referentes à moradia e alimentação, e, em um segundo momento, procuram ajuda para questões de inserção laboral e assuntos jurídicos. Paralelamente, no caso daquelas mulheres que são mães e únicas responsáveis pelo cuidado de seus filhos menores, elas procuram ajuda com o cuidado dos mesmos, para encontrar lugares onde deixá-los enquanto trabalham ou realizam cursos profissionalizantes.

T: Que tipo de ajuda procuram as mães que trazem seus filhos para a Espanha?

E: Depende da situação. Se não os trazem de entrada, muitas vezes os trazem quando já estão com uma autorização de residência e trabalho e, então, fazem o processo de reagrupamento prévio a trazê-los. Existe essa necessidade de

conseguir um trabalho estável e uma moradia para poder fazer o processo de reagrupamento, que é um dos requisitos, e pede-se ajuda nesse sentido, porque não é fácil que alguém, atualmente, na zona em que vivemos, possa custear sozinha o preço de uma moradia, de modo que isso é algo bastante difícil. E, uma vez que chegam, se conseguem que cheguem, chegam em uma situação econômica e laboral minimamente estável, de modo que costumam sair da órbita de Cáritas; ou então ir para os serviços sociais; ou porque as pessoas conseguem manter-se por si mesmas. Nas fases iniciais a necessidade é jurídica, tanto para trazê-los, como para posteriormente manter essa autorização de residência. E, às vezes, também há demanda psicológica, porque talvez esses menores tenham passado muito tempo sozinhos; às vezes eles não reconhecem a autoridade daquela mãe, ou daquela família, porque estiveram sozinhos; e, às vezes, a adaptação também não é fácil, porque vêm para uma nova terra que talvez eles também não tenham escolhido, certo? Basicamente, é isso. E, por outro lado, há outras pessoas que, ao longo dos anos que estão aqui, vendo que a situação administrativa demora a regularizar-se, enfim, trazem os filhos irregularmente, para que fiquem aqui com elas. O problema é que os menores, até que os progenitores, um dos progenitores, não seja regular, não conseguem obter uma autorização de residência, e quando os progenitores a obtêm, não estão necessariamente numa situação ótima para poderem conceder residência aos menores. Muitas vezes, novamente, atualmente o grande problema é o acesso a uma casa que lhes permita obter o laudo habitacional favorável, requisito necessário para entregar a documentação. E aí você vê como esses menores chegam aqui, estudam, crescem, continuam em situação administrativa irregular, até chegarem, terminarem a educação secundária obrigatória e não poderem mais continuar estudando (Elisabet, Barcelona, 2023).

A grande diferença das demandas, portanto, reside no fato de possuir ou não a situação administrativa regularizada que, em caso positivo, essas mulheres têm mais acesso ao mercado de trabalho, o que diminui a necessidade de ajudas constantes, limitando-se a questões de inserção laboral e de assessoria jurídica para renovações de documentos, entre outras.

De acordo com Elisabet, o setor que mais emprega as mulheres migrantes é, sem dúvidas, o serviço doméstico e de cuidados de idosos e pessoas doentes, independentemente da formação prévia que possam ter de seus países de origem, pois na maioria das vezes não é possível ser homologada. Em sua opinião, a maioria das mulheres migrantes emprega-se no serviço doméstico por ser o que possui maior demanda e onde as mulheres espanholas não querem trabalhar.

Elisabet refere-se às mulheres migrantes de forma geral, sem especificar suas nacionalidades, pois no momento da entrevista não possuía esses dados. Lhe perguntei acerca das demandas específicas das mulheres migrantes brasileiras e, sobretudo, daquelas que são mães, mas ela afirma que, a partir de seu trabalho no dia a dia da organização, não saberia dizer quais são as especificidades deste coletivo, ou seja, o que as diferencia do resto das nacionalidades que buscam atendimento.

Nesse sentido, lhe questionei acerca das maiores dificuldades que enfrentam as mães migrantes que levam seus filhos para a Espanha, sobretudo aquelas que não possuem sua situação regularizada, e também a sua opinião sobre por que algumas mães optam por não levar seus filhos.

T: No caso das mães que não têm a situação regularizada, de que maneira essa situação afeta seus filhos?

E: Sobre os menores de idade, a Ley de Extranjería estabelece que têm acesso à educação e à saúde pública gratuita até os 18 anos; e no caso da educação, à Educação Secundária Obrigatória, que é até os 16 anos, dos 6 aos 16. O problema está, por exemplo, no acesso às creches e bolsas para creches públicas, que não faz parte da educação obrigatória e, então, está na discricionariedade da prefeitura, quem se ocupa. Também afeta, por exemplo, na questão das bolsas de refeição, que é mais do mesmo, como a lei não deixa clara essa parte, deixa à cargo da prefeitura correspondente, há um acesso mais ou menos simples. E, desde outra perspectiva, é preocupante, principalmente, a questão da moradia, eu diria. O fato de estar em situação administrativa irregular implica uma realidade laboral instável, muito importante. Em cidades como Barcelona ou a área metropolitana de Barcelona, implica que muitíssimas vezes não se tem o salário suficiente como para pagar o aluguel de um apartamento, de modo que são apartamentos compartilhados com outras famílias. Quando há menores, muitas vezes eles não querem alugar os quartos, ou é fácil que de um dia para o outro coloquem para fora essa mãe e essas crianças, e tudo isto afeta, também, no tema da educação, no sentido de que muitas vezes eles precisam se mudar de forma muito constante, seja em função do apartamento, seja em função do trabalho que surge, e isso implica muitas mudanças de colégio, e uma rede muito instável de amigos e de suporte a esses menores.

T: Por que razão você acredita que as mulheres optam por migrar sem seus filhos/as?

E: Bom, eu acho que quando se toma essa decisão, é mais fácil migrar uma pessoa sozinha se você tem, minimamente, seus filhos protegidos. Quer dizer, outra coisa é que você fuja por um tema de violência e então se tenta levar também os filhos, ou que eles possam vir logo. Mas, quando há um mínimo de rede familiar que fica no país de origem, é mais simples. Por que? Porque não vêm desde o país de origem com uma autorização de residência, majoritariamente. As pessoas ficam em situação administrativa irregular, e a via mais habitual para regularizar implica permanecer três anos em situação administrativa irregular. Então, é deixar os filhos em uma situação ainda mais vulnerável se viajam com você, em uma situação absolutamente incerta. As mães precisam poder trabalhar, porque vêm para conseguir a documentação, mas vêm também para conseguir dinheiro para a família que deixaram no país de origem e, por tanto, é muito difícil compatibilizar essa necessidade de trabalhar o máximo de horas possível com o cuidado de uns menores, não? E, depois, te diria também o processo migratório, a possibilidade de êxito em acabar chegando na Espanha, se você vem só, é muito mais elevada que se você vem com uns menores onde, com certeza, vai ser mais facilmente detectável que você vem para morar (Elisabet, Barcelona, 2023).

Como experta na Lei de Estrangeria e a partir de seu conhecimento prático, Elisabet explica os obstáculos enfrentados pelas mulheres migrantes, tanto aquelas que levam seus

filhos em um primeiro momento, quanto aquelas que realizam o reagrupamento familiar posteriormente. Caso as mães optem por levar seus filhos/as menores de idade no momento da migração, elas correm o risco de serem barradas pela polícia migratória, caso suspeitem de sua intenção de morar no país após o período de validade do visto. E, no caso daquelas que conseguem entrar, logo terão que enfrentar o desafio de encontrar moradia e tempo para trabalhar e cuidar dos/as filhos/as, uma vez que, a depender da cidade, não encontrarão vagas em creches públicas e, dada a situação da migração, é provável que não contem com uma rede de apoio de familiares e amigos.

Não obstante, Elisabet também chama a atenção para as diferentes consequências a longo prazo para os/as filhos/as que permanecem no país de origem durante muito tempo e, também, para aqueles que vão para a Espanha em situação administrativa irregular.

E: Ao meu ver, um dos grandes problemas são os menores, né? São os menores e, tanto o fato de que fiquem no país de origem e não seja possível ter as condições para reagrupá-los, ou que passe muito tempo e, então, o vínculo familiar possa ficar muito danificado. Mas, sobretudo, também os que estão aqui, os que estão aqui com os pais e que eu acho que são as últimas vítimas, porque, às vezes, majoritariamente os adultos, conseguem ter a documentação, mas, muitas vezes, os menores não, e se está fazendo eles crescerem sentindo-se diferentes, né? E eu acho isso um dos grandes problemas que temos na legislação atual. Pelo menos para mim é um tema que me preocupa muito (Elisabet, Barcelona, 2023).

De acordo com Elisabet, Cáritas também dispõe de atendimento psicológico para quem o necessite, ou no caso de que os trabalhadores sociais assim o recomendem. Para os casos de reagrupamento familiar, a prefeitura de Barcelona possui uma equipe chamada SUAP, que ajuda tanto no processo de regularização, como na atenção psicológica, para realizar uma preparação prévia das famílias antes da chegada dos/as filhos/as menores de idade. Após sua chegada, o SUAP também auxilia a estas famílias e prestam apoio à criança menor.

Também lhe perguntei quais são as outras entidades ou organizações que ajudam as mulheres migrantes, ao que Elisabet citou a Cruz Vermelha, a Casa da Gente e outras organizações menores específicas de cada coletivo ou nacionalidade.

Partindo destas considerações, fica evidente a relação existente entre a política migratória espanhola e o exercício da maternidade transnacional de migrantes brasileiras, demonstrando como o caráter restritivo das leis de migração incide no modelo e nas

estratégias migratórias adotadas pelas mulheres migrantes, afetando também a vida de seus filhos/as que ficaram no Brasil.

#### 6.4.1 Visitas dos/as filhos/as às mães na Espanha

Do total de 14 filhos/as participantes, 8 visitaram suas mães na Espanha durante sua infância, adolescência ou idade adulta, de modo que 4 deles voltaram para morar na Espanha depois e os outros continuam morando no Brasil. Dos outros 6 participantes que não visitaram a Espanha anteriormente, 5 deles foram diretamente para morar lá. Nesse sentido, do total de 14 participantes, 9 deles foram morar na Espanha e, desses 9, 1 deles voltou para morar no Brasil, onde se encontra atualmente.

Nos relatos a seguir, os/as filhos/as contam acerca de como foi sua experiência de visitar suas mães na Espanha, de sua primeira viagem internacional e de estar em contato com uma nova língua e cultura. Em todos os casos, as mães conseguiram levar seus filhos para fazer turismo porque já possuíam sua situação financeira e de moradia minimamente estabilizada, assim como sua documentação espanhola regularizada.

T: Você foi visitar sua mãe alguma vez na Espanha?

A: Fui, eu fui duas vezes lá. Uma eu era menor de idade ainda, eu tinha 17, e a outra foi recente, eu tinha 21, e agora eu tenho 23, mas, na época que eu fui, na segunda vez, eu fui sozinha. Na primeira ela veio, ela falou, “Adriana, eu vou te levar para você conhecer”. E aí, quando eu cheguei, nossa, eu fiquei assombrada né, “nossa eu tô em outro país”. É outra cultura, novas pessoas para conhecer e tudo, e eu fiquei um pouco mais assustada por ser uma outra língua, só que não tanto porque o espanhol dá para você entender um pouquinho. Lá eu queria vir embora, pelo fato de você não ter o contato assim tão próximo com a pessoa que não é da sua língua, é diferente, sabe. Eu gostei por estar lá com ela. E aí, a segunda vez, eu já tava mais acostumada com a cultura de lá, eu passei a gostar mais das músicas, dos atores, dos cantores, artistas e tudo mais, e aí foi melhor a segunda vez, sabe. A gente também viajou para vários lugares lá. Eu gostei mais (Adriana, 23).

Adriana voltou para o Brasil para terminar sua graduação, mas, no momento da entrevista, em 2021, ela afirmou que, diante da situação econômica e política difícil pela qual passava o Brasil, ela não descartava a possibilidade de também migrar para a Espanha para viver junto à sua mãe.

Assim como Adriana, a seguinte participante, Beatriz, também foi visitar sua mãe na Espanha junto com sua irmã e ambas voltaram para continuar morando no Brasil. Mais tarde,



sua mãe também retornou para o Brasil. Beatriz expõe uma série de motivos pelos quais ela e sua irmã não foram morar na Espanha naquela época, evidenciando, como vimos anteriormente, a influência da política migratória espanhola na configuração das famílias transnacionais.

B: Ela voltou, igual eu falei, ela foi por seis meses, daí voltou, ficou, tipo, um período de férias, depois ela foi de novo e aí nesse período que ela foi de novo, e eu e minha irmã fomos pra lá visitá-la. Foi esse o período mais longo que ela ficou sem vir no Brasil, que depois eu entendi que era por conta de questão de documentação, né, que quando você solicita a documentação, você tem que ficar um tempo sem sair do país.

T: E por que você e sua irmã não foram morar na Espanha junto com a sua mãe?

B: A gente não foi porque a minha mãe achou que fosse ser muito difícil. A minha irmã também não queria ir, e ela tava ali na pré-adolescência, né. E a minha mãe sabia que como ela ia entrar lá ilegal, então ia ser um processo muito complexo, muito difícil, então ela preferiu que não, e a minha irmã também preferiu ficar, então, foi um pouco isso, assim, foi a partir disso a decisão, e tem a ver também o meu pai, né, que não queria que a gente fosse (Beatriz, 26).

Carol, diferentemente de Adriana e Beatriz, após visitar a Espanha três vezes, ela decidiu mudar-se de vez depois de adulta, de modo que ela explica que suas viagens também foram em razão de seu processo de conseguir a documentação espanhola através de sua mãe.

T: Esta é a primeira vez que você vem para a Espanha ou já tinha vindo antes? Como se deu o processo para conseguir a sua documentação?

C: Eu tinha vindo outras três vezes, por tema de documentação mesmo. Na primeira vez que eu vim dar entrada eu tava com 19 anos. Na minha época podia conseguir até os 21 anos, mas na época do meu irmão já era 20. Então, eu vim com 19, dei entrada na documentação e estive um mês de férias. Depois, eu voltei, era no meu período que eu não estava tendo aula, eu acompanhava o período letivo. E quando chegou a documentação, eu voltei novamente para assinar, para fazer a foto e para dar procedência nos trâmites. Depois eu voltei para o Brasil novamente e, na terceira vez, eu já vim para morar, que eu já tinha a documentação em mãos e foi incrível, na verdade, viver do ponto de vista de um imigrante documentado, e pensar que eu devia tudo isso à minha mãe mesmo, porque são coisas difíceis de conquistar, que necessita muita dedicação, muitos papéis, e acaba sendo um investimento grande, também. Mas, que ela sempre teve essa esperança, de que eu viesse algum dia a ficar com ela e que isso fosse me abrir portas, e ela tinha razão (Carol, 25).

A seguinte participante, Elis, explica que sua mãe a levou muitas vezes para passar férias na Espanha, mas que ela sempre voltava para morar no Brasil por causa de sua avó, que não abria mão de sua companhia, de modo que a neta sempre se sentiu dividida entre ir

e ficar com a avó aqui no Brasil. No entanto, após seu falecimento, Elis decidiu ir mais uma vez com o intuito de permanecer na Espanha.

T: Você disse que vinha passar férias na Espanha. Como era a sua relação com esse país?

E: Quando minha mãe ia de férias para lá [no Brasil], ela levava muita coisa daqui, como as músicas que ela escutava aqui, as comidas que ela comia, as revistas, ela consumia muita, muita revista naquela época, ela levava muita coisa, sabe, muita informação daqui para lá. Só que quando eu cheguei aqui a primeira vez, eu lembro que eu fiquei muito assustada, porque eu não sabia o que eu fazia, porque era tudo muito diferente, aquele tanto de prédio, e eu vinha de uma cidade que só tinha casa, casa, praça e Igreja. E você chega aqui tem Shopping, tem um monte de prédio, tudo muito, muito diferente. Eu assustei, eu queria ir embora, eu não queria ficar aqui, eu não entendia nada que ninguém falava, apesar de eu ouvir as músicas, eu achava que eu entendia, mas quando eu ia conversar com as pessoas, eu não entendia nada. Eu não fazia ideia do que eles estavam falando e eu fiquei muito agoniada. E aí, só que claro, eu fui me acostumando, porque eu comecei a fazer a rotina daqui, de sair, de ter mais contato com as pessoas aqui, então, eu acabei amando, e não querendo voltar mais. Mas, como eu tinha que voltar, por conta da minha avó, eu sempre vinha aqui. Não consegui desapegar [risos].

T: Você disse que a primeira vez que você veio você tinha 10 anos, certo?

E: Sim.

T: Você acha que ter vindo para cá tão pequena te ajudou a construir uma relação boa com a Espanha?

E: Sim, ajudou, ajudou eu ter criado essa conexão, sabe? Porque, assim, quando eu cheguei aqui, claro, eu fiquei assustada, mas logo depois eu comecei a criar laços. Então, eu fui criando laços com as pessoas, eu fui criando laços com a cultura, eu fui criando laços com o idioma, então, assim, eu era muito destemida quando eu vim para cá a primeira vez e quando eu vinha todas as férias. Então, isso me ajudou a ver aqui como eu via o Brasil, como uma casa, sabe? De não ter medo de arriscar, de não ter medo de falar, de não ter medo de viver, realmente. Então, isso fez com que eu me adaptasse muito mais fácil e muito mais rápido agora, de novo. Então, assim, vir desde criança ajudou a ter esse laço, a ter esse carinho, a achar que aqui realmente é outro lar que eu tenho no mundo (Elis, 28).

Ao escutar sua história, lhe perguntei acerca da questão da documentação, ao que Elis respondeu que não possui os documentos regularizados em razão de sua relação conflituosa com a mãe durante a adolescência. De acordo com Elis, sua mãe, ao ver que a filha queria muito ir morar na Espanha algum dia, quando teve a oportunidade de requerer a documentação para a filha, a mãe abriu mão de seu direito, não só uma, como duas vezes, de modo que, ao passar da idade limite, a filha não pôde mais obter seus documentos através do reagrupamento familiar.

T: Em relação à documentação, você e sua mãe têm a documentação daqui?

E: Eu não tenho, eu vou te explicar a história. Porque assim, quando eu comecei a vir para cá com 10 anos, minha mãe viu que eu comecei a ficar muito 'ilusionada' com o país, então, o que que acontecia, eu vinha muito, sempre, e eu desde adolescente já tinha planos de que eu ia morar aqui, nunca pensei em morar em outro lugar. Então, eu já tinha planos de que eu ia morar aqui, que eu ia construir a minha vida aqui. Então, o que que aconteceu. Quando ela ficou viúva, ela tinha a documentação, e ela foi resolver toda aquela papelada de ser viúva, de ficar com a pensão, de se tornar pensionista, então, ela podia pedir a nacionalidade, e aí foi quando ela pediu a nacionalidade pela primeira vez, eu tinha 13 anos. Só que, como ela viu que eu tinha muita esperança de viver aqui, e ela não queria, ela abriu mão, ela falou que não queria, porque ela sabia que o documento que ela tinha, que é o NIE, que é o de residente de estrangeira, valia só para ela, então assim, como ela tinha, tava ótimo. E aí passou uns dois anos, mais ou menos, ela falou assim, não, não vou ser tão injusta né, vou dar entrada na nacionalidade de novo, né, só que ela foi e deu entrada na nacionalidade de novo, aí quando ela viu que eu tava tipo, nessa época eu tinha uns 15 anos, falei nossa, pronto, eu vou me mudar, porque provavelmente se ela tem eu tenho também, ela foi lá e abriu mão de novo. Aí nisso, a gente começou a... ela falou que não queria mais, que se eu quisesse vir para cá eu vinha sozinha e me virasse. Aí, então, a partir daí começam umas brigas nossas de novo de a gente não dar certo, e aí nisso, de não dar certo, não deu, ela falou que não ia pedir mais, que se eu quisesse eu começava do zero como ela começou, e quando eu vir morar para cá da outra vez eu fiquei ilegal, eu morei aqui um ano e meio ilegal, até quando eu tava indo embora por Portugal o povo queria me prender no aeroporto lá em Lisboa. E aí, depois, agora quando eu vim de novo, eu continuo ilegal aqui agora [risos]. Então, assim, a documentação nunca aconteceu, sabe. Hoje ela se arrepende, mas, claro, uma coisa é você se arrepender, e outra coisa é você se arrepender e não ter como concertar, então não adianta de nada se arrepender por isso. Então, assim, eu falei, ah, vou ficar aqui, que eu sei que fome eu não vou passar, necessidade também não, e se não der certo, eu sei que eu sempre vou ter o Brasil para voltar (Elis, 28).

A seguinte participante, Maite, afirma que visitou sua mãe uma vez quando ela morava na Espanha e outras duas vezes na Escócia, após ela ter se mudado para estar perto de sua outra filha brasileira que mora em Londres. Maite viu a mãe pessoalmente poucas vezes durante sua vida, de modo que as visitas significam para ela uma oportunidade de conviver e conhecer melhor sua mãe, assim como sua irmã mais nova, fruto do casamento de sua mãe na Espanha. Nesse sentido, Maite conta sobre o choque cultural que experimentou ao conviver com o marido de sua mãe, de nacionalidade espanhola, quando visitou a Espanha pela primeira vez.

M: Aí, nessa época foi uma época que eu conheci ela melhor, porque eu era mais adulta, e aí eu cheguei a visitar ela, conheci Tarragona, conheci Barcelona. Nessa época ela já era legal, porque aí nesse período de anos ela juntou dinheiro, ela conseguiu tirar os papeis de italiana, porque a gente tem descendência italiana, então a gente conseguiu, tanto eu quanto a Isabela, quanto ela, ter a certidão de nascimento italiana. E aí, assim, as coisas se estabilizaram mais, e aí ela se estabilizou lá, teve um casamento, teve uma filha. Eu tenho uma irmã, que ela é espanhola, ela é filha de um espanhol com a minha mãe, que é brasileira, e hoje,

atualmente, a minha irmã brasileira mora em Londres, e a minha mãe mora na Escócia, junto com a minha irmã mais nova. Então, digamos assim que esse foi o trajeto da história. E eu sempre morei aqui, então, eu cheguei a visitar depois de adulta, em 2019. Vi a minha mãe pouquíssimas vezes na vida, então, eu acho que foram essas duas ou três vezes que ela foi deportada, sei lá, agora eu perdi as contas, que eu a vi pessoalmente, e foi isso.

T: Quantos anos você tinha quando você veio aqui?

M: Em 2019, eu acho que eu tinha 21 anos.

T: E aí você ficou na casa da sua mãe?

M: Aham, foi.

T: E como é que foi esse encontro com ela?

M: Ah, foi eu acho que difícil, porque como nunca houve uma convivência, parece que foi uma forma de conhecer ela ali, eu tava conhecendo ela naquele momento, e como a minha irmã já era nascida, então foi uma forma, também, de conhecer a minha irmã. E, na época, ela era casada com um espanhol e, assim, ele me irritava muito, então foi um choque de cultura muito tenso mesmo, porque, por exemplo, quando eu cheguei na cidade de Tarragona, a primeira coisa que ele me falou foi que eu tinha que ter cuidado com os marroquinos, porque eram eles que estavam causando problemas na Espanha. Então, eu ouvi isso, e aí eu já fiquei tipo assim... Aí, teve um dia que a gente estava conversando e tal, e ele falando coisas do Brasil, aí eu falei assim, “ah, mas foram vocês europeus que foram lá e colonizaram tudo e pegaram todas as riquezas e trouxeram para cá, né”. Então, tinha alguns conflitos nesse sentido, de questões muito culturais. Por exemplo, a minha irmã, Na época eu acho que ela tinha três ou quatro anos, aí eu queria dar chocolate, aí ele não deixava, porque tem uma diferença muito grande com essa questão da infância, do tipo, “ai, não, não pode dar chocolate para criança, não pode dar açúcar, não sei o que, blablabla”. Aí eu falo, “ai, que saco! Deixa eu dar chocolate para a minha irmã”. Sabe? Teve um dia que eu quis dar café e aí ele quase surtou, “como assim?! Você vai dar café para a criança”, e não sei o que. E aí eu fiquei tipo, nossa, eu tomava café na mamadeira, e nunca aconteceu nada comigo [risos]. Eu literalmente tomava café na mamadeira, a minha mãe fazia isso. Então, também tinham alguns conflitos culturais que, por exemplo, eu não sei se você percebe isso aí, mas isso era uma coisa que me incomodava muito. Eu tinha a sensação de que quando eles conversavam, ele, por exemplo, ele com a mãe dele, com os parentes dele, eles ficavam se atropelando na conversa. Eles conversavam um em cima do outro, um falando em cima do outro, de uma forma muito gritada, muito atropelada mesmo, de não ouvir o que a outra pessoa tem para falar. E aí, isso foi uma coisa que ao longo do tempo que eu passei lá foi me irritando, me irritando, e aí chegou um dia que eu explodia, eu disse “nossa! Chega! Não aguento mais, vocês não ouvem o que a outra pessoa tem para falar, vocês não esperam a pessoa nem terminar a frase, vocês já estão falando encima”, e aí nesse dia foi realmente um conflito, porque eu falei isso, e aí a mãe dele me chamou de mal educada, falou que eu era grossa e tal. E aí a minha mãe ficou, tipo, “ah, para de falar isso da minha filha”. E aí gerou esses conflitos assim que são de cultura mesmo. Mas, fora isso, a experiência em si de visitar a Espanha foi uma experiência legal. E aí, na época, a minha mãe ela gostava bastante de lá, de Tarragona. Na época, ela só queria ir para a Escócia porque ela queria ficar perto da minha irmã, e como a minha irmã mora em Londres, ela queria ficar perto, e ela não queria ir para Londres, porque Londres ela achava muita loucura, aí ela resolveu ir para a Escócia (Maite, 24).

O seguinte participante, Alex, visitou sua mãe pela primeira vez na Espanha em 2013, aos 24 anos, e, depois disso, a visitou duas vezes mais. Percebe-se que, em razão de sua idade, Alex viu a situação de sua mãe com olhos de adulto, e isso se reflete em suas observações acerca de sua situação trabalhista e do fato de ela não ter conseguido a documentação espanhola após tantos anos de migração. Apesar de ter consciência das dificuldades enfrentadas pela mãe, Alex sentia vontade de ir morar na Espanha.

Mais tarde, ele foi fazer seu mestrado em Portugal e, a partir dessa experiência como morador e não mais como turista, Alex afirma que mudou sua postura em relação à migração, de modo que no momento da entrevista ele se mantinha esperançoso de continuar morando e trabalhando no Brasil.

A: Sempre que eu a visitei lá, eu fui na Espanha visitá-la umas três vezes, e aí sempre ela estava em uma cidade diferente. E, nos últimos cinco anos, ela migrou para Portugal. Ela teve um problema com o visto dela, mas depois eu fui descobrir que não era problema, era problema que ela mesmo tinha causado [risos], não tinha necessariamente a ver com o governo espanhol, e aí ela se mudou para Portugal, porque supostamente era mais fácil de obter visto de trabalho. Então, ela viveu treze anos na Espanha e cinco anos em Portugal.

T: E quais foram as impressões de sua visita na Espanha?

A: Então, a primeira vez que eu fui visitar a minha mãe foi em 2013, e a primeira impressão é, e tinha sido a segunda vez que eu tinha ido à Europa, em 2013. Então, eu imaginava que a minha mãe tava... nossa, como é que eu posso dizer? Em 2013, o Brasil tava passando por uma fase de muito boom econômico, né. O dinheiro, o real, tava muito valorizado, foi por isso também que eu viajei para lá e passei bastante. O Real tava muito valorizado, o Euro estava super em conta, então, eu não vi muita diferença do padrão de vida da minha mãe com o padrão de vida que eu já tinha aqui, depois, em 2013, naquela época. Não vi muita diferença, na verdade, eu já era um pouco mais esperto com a questão de documentos e vistos e tal, eu esperava que a minha mãe estivesse um pouquinho melhor, tanto é que eu venho falando pra ela desde sempre, vai estudar, vai procurar melhorar o seu salário, porque ela sempre ganhou salário mínimo, né. E uma coisa que eu descobri recentemente, também, foi que ela nunca, nunca, em dezessete anos que ela tá lá, teve um contrato de trabalho real, com direitos trabalhistas, ela nunca foi legalizada em Espanha, ela nunca teve um documento em Espanha. Ela viveu anos, treze anos, na promessa de ser, de ter o visto de trabalho, mas ela tinha contrato de gavetas, e ela não entendia muito bem isso, sabe? Ou entendia e não queria dizer pra gente. Eu sempre perguntava pra ela, então, e o seu visto? Porque, com treze anos, ela já poderia ter se naturalizado há muito tempo, se ela tivesse legalmente, regularmente na Espanha. Então, eu percebo que ela não tava tão bem quanto ela supunha, quer dizer, como ela nos dizia. Porque ela tinha comida, casa, morava bem, passeava, só que era tudo muito instável, né, não tinha segurança social, não tinha nada, coisas que para mim são importantes, né.

T: Isso mudou algo em relação à sua vontade de ir pra lá?

A: Mudou depois de um tempo, porque nas duas primeiras vezes que eu fui eu fiquei muito deslumbrado, eu queria ir embora mesmo, não via mais nenhuma

possibilidade de ficar no Brasil. Só que depois a gente vai... mudou definitivamente em 2018, quer dizer, quando eu voltei. Em 2018, quando o Bolsonaro ganhou, eu fui embora, só que eu fui para Portugal, e aí depois de ter trabalhado, e o meu mestrado foi lá, eu mudei radicalmente a minha postura em relação à Europa. É muito bom quando se é turista, mas é muito péssimo quando se vive lá, para emprego, para oportunidades de trabalho, para melhorar salário, oportunidades que, por incrível que pareça, o Brasil ainda é o único lugar que eu vejo, assim, que tem possibilidades de a gente crescer através dos estudos, né, com nossos diplomas. É um caminho que dá para melhorar de vida. Então, é isso (Alex, 33).

Observa-se que a impressão dos/as filhos/as de visitar a Espanha quando crianças e adolescentes é diferente de quando fazem isso adultos, muitas vezes em razão do deslumbramento que experimentam ao conhecer um estilo e qualidade de vida diferentes dos que conheciam no Brasil. Uma vez adultos, eles começam a comparar as vantagens dessa nova vida com as dificuldades enfrentadas pelos migrantes na Espanha em relação à situação laboral e aos preconceitos, por exemplo.

No caso das mães que tinham como objetivo futuro realizar o reagrupamento familiar, observa-se que as visitas funcionavam como forma de tramitar a documentação e de inserir os/as filhos/as na cultura espanhola.

As visitas também funcionam como um termômetro para medir a qualidade da relação entre mães e filhos/as, que permitem tanto as mães quanto os/as filhos/as decidirem se querem realmente morar na mesma casa ou no mesmo país. Nesse sentido, trago a seguir alguns relatos de filhos/as que realizaram o reagrupamento familiar, onde contam como foi esse encontro com suas mães após anos de separação.

Sobre este tema, trago o relato de Mônica, mãe de Adriana, que levou a filha para visitar a Espanha em duas ocasiões, mas que a filha continuou morando no Brasil. Mônica explica seus motivos de não ter realizado o reagrupamento familiar de seus filhos, pois apesar de reunir as condições mínimas necessárias para isso, ela viu casos de outras mães brasileiras que levaram seus filhos e que, ao não se acostumarem à nova vida, tiveram que retornar ao Brasil. Além disso, Mônica também se mostra realista em relação à sua vida com seu parceiro espanhol, que apesar de manter boa relação com seus filhos, ela não vislumbra um futuro onde todos vivam sob o mesmo teto na Espanha.

A mãe de Adriana também acredita que a situação da filha é diferente da sua, na época em que migrou, quando tinha menos condições e menos oportunidades que a filha, atualmente, em suas palavras. Mônica também afirma que, caso seus filhos queiram migrar algum dia, essa decisão deve partir deles.

M: Quando a minha filha foi eu levei ela para Barcelona, Firenze, Galícia, pra conhecer.

T: E ela não quis ficar por lá?

M: Na verdade não, por causa dos estudos dela aqui. Ela foi duas vezes, sempre no verão, ela não conhece lá fora no frio não, e eu falo pra ela, é até bom mesmo, porque você vai no frio lá fazer o que? Ficar dentro de casa? Porque no frio você só vai na montanha conhecer a neve e só, e acabou. No verão pelo menos você conhece as praias, igual ela conheceu em Barcelona. Ficamos nas praias, hospedamos lá, fomos para outros tipos de praia, passeamos bastante lá em A Corunha, lá em Galícia, em Vigo, fomos para Astúrias também, porque uma vez que eu morava em Astúrias ela foi também. Eu levei ela pra conhecer tudo lá, conhecer pessoas que eu conheci, mas, ela sempre ficou muito mesmo foi lá em Madri, quando ela vai. Aí ela foi por duas vezes e ficou um mês lá, gostou bastante e aprendeu a falar o espanhol direitinho, se defendendo bem. Eu nunca empenhei pra ela ir, e depois pegar e levar os meus filhos, porque eu via exemplo de outras famílias. Tem muitas brasileiras que às vezes levam os filhos – e isso é minha concepção de vida, na minha comigo mesmo, que eu via. Eu estando lá eu já me sentia como eu me sentia, eu passava bem, eu ia num restaurante, você passava bem, você ia num shopping, né, mas aí eu via muitas brasileiras que levavam o filho e ele não se adaptava, a não ser que tenha desde bebê ou então está muito pequenininho, ok, vai acostumando. Mas, depois que já tem uma certa idade, já está acostumado com os amiguinhos daqui, o clima daqui, comida daqui, eu acho... eu já encontrei uma conhecida lá que tinha levado dois assim, mais ou menos pequenos, e os dois estavam com depressão, e ela tava arrumando para trazer eles de volta para o Brasil, e ela me falou que no início ela sonhava tudo para poder levar, mas, depois, sabe, com o tempo eles não acostumaram, é diferente. Cada uma é uma história, é uma vida, né. Então, eu, falando dos meus, as pessoas falam porque eu tive a oportunidade, porque eu tive a condição de poder levar eles pra lá, se eles quisessem ficar lá, mas eu nunca quis arrumar, porque se eles algum dia quiser ir pra fora, e migrar como eu fui uma imigrante, eles vão com as próprias pernas deles, por decisão deles. A minha filha foi lá duas vezes passear, porque eu falei, eu prometi pra ela, "um dia eu vou te levar lá para você passear". Ela disse, "ah, mãe, então tá". Eu fiz o passaporte dela aqui, ela ficou quase um ano com o passaporte engavetado, aí um dia eu consegui tudo pra ela ir numa boa. Ela foi, eu busquei ela aqui, eu vim e com sete dias eu voltei com ela, pra você ver que as condições já estavam bem boas, eu já tinha, eu já estava bem estabilizada lá. Então, é diferente, vai pra passear, passa o mês, a gente vai pra tal praia, etc. Agora, se ela quer, que ela fala que futuramente, porque ela faz curso de inglês, ela é muito boa falando o espanhol, o idioma, e termina a faculdade dela esse ano, né. Mas, mesmo assim, eu ainda, eu aconselho ela ficar aqui, eu aconselho. Mas, se quiser ir, isso já tá com ela, porque ela que tem que saber o que vai ser melhor pra ela. Ela termina os estudos, tá trabalhando, tá bem, linda, maravilhosa, tá estabilizada. Então, eu acho que se tem vontade de se aventurar e tal, tudo bem, mas eu acho que às vezes não merece, dependendo. Na minha época, até que tudo bem, foi mais difícil pra mim. Agora, pra eles, que praticamente já tem tudo mais fácil, então, caçar chifre na cabeça de égua... eu não sei. Então, eu deixo isso com eles. Mas, que eles vão ter essa experiência de sua própria vontade, porque falta de oportunidade aqui não é, só basta correr atrás e fazer acontecer como eu fui lá fora, corri atrás, batalhei e passei perrengues, mas eu venci. Depende de você, se é isso que eles querem, só que eu não vou dar empurrão. O dia que eles falarem, "ah, eu quero ir, que eu vou resolver, vou trabalhar", eu entro em contato com pessoas para procurar trabalho para eles, se eu tenho alguma influência que é ligada ao que eles querem, com certeza eu não vou deixar de apoiar, eu vou apoiar sim. Mas, eu não vou ficar, sabe, dando aquele apoio que tem que ir, que vai pra lá, vai morar lá, não sei o que e tal. Até porque eu nunca pensei na minha cabeça, porque como eu estou com uma pessoa lá, que é o Marco, e meus filhos se dão muito bem com

ele, ele trata os meus filhos como se fossem dele, apesar que ele não tem filhos, ele tem 50 anos. Mas, ele é uma graça com meus filhos, trata de maravilha, estiveram aqui eles juntos, mas eu não vejo meus filhos indo pra ter que morar com a gente, porque assim, uma coisa é que meus filhos estão aqui na casa deles, e ele vem passar férias, e outra coisa é que meus filhos tenham que ficar com ele, claro que se tiver que ficar, nos dias que tiver que ficar, não tem problema. Mas, é a tal coisa, quando é tudo já de pequeno, que vai crescendo naquele ritmo é diferente. Agora, depois que já está grande, é diferente. Então, assim, eu não quero inventar coisas pra eles, pra depois eu não me arrependar com muitas coisas. Tem coisas que eu me arrependo? Sim. Mas, eu não quero ter mais arrependimento enquanto a coisas ligadas a eles. Então, eu quero deixar em sua livre e espontânea vontade (Mônica, 44).

Mônica também revelou em sua entrevista que pretende passar o final de sua vida no Brasil, pois ela desfruta das visitas e de passar temporadas em sua terra natal, ao contrário de outras brasileiras que afirmam não querer voltar mais para o Brasil. Nesse sentido, a depender dos planos futuros das mães no que diz respeito ao lugar onde querem passar o resto de suas vidas, elas preferem que seus filhos/as vão para a Espanha ou permaneçam no Brasil: no primeiro caso, para não precisarem mais voltar aqui e, no segundo, para terem um motivo para voltar, esporadicamente ou, quem sabe, para sempre no futuro.

Sol, mãe de Pablo, é um exemplo de migrante que não encontra mais motivos para voltar para o Brasil, pois acredita que toda sua vida está agora na Espanha. Por isso, Sol levou seu filho Pablo para morar consigo e tem vontade de levar também seu outro filho que mora no Brasil. Em suas palavras:

S: Sim, toda a minha vida está aqui, então, eu não pretendo voltar para o Brasil, porque eu sei que lá as condições de vida continuam muito difíceis. Se eu fosse, eu teria que começar lá tudo de novo, e eu sei que é muito difícil no Brasil. Você acostuma aqui a receber o seu salário mínimo e conseguir fazer as coisas, mas com o salário mínimo de lá, a gente não consegue fazer nada. Lá no Brasil, eu não dou conta de *gestionar* o dinheiro lá, porque, eu fui e eu levei uma quantidade, e em uma semana eu já não tinha mais nada, porque tudo é muito caro. Então, eu acho que eu não consigo mais viver lá. Então, o meu filho André é o único motivo que eu tenho de ir lá passear, porque a partir do momento que ele estiver aqui, eu já não terei mais motivos para ir lá. Pelo menos quando você tem os seus pais, você tem um motivo, aquela saudade de ver os seus pais, então você quer ir todo ano. Então, os meus pais eu não tenho mais (Sol, 53).

#### 6.4.2 Adaptação, convivência e vivências dos/as filhos/as reagrupados na Espanha

Observa-se que o tempo de separação entre filhos/as e mães pode acarretar diversas consequências para sua relação, tais como o surgimento de conflitos em razão de diferenças no estilo de vida ou de comportamento; a dificuldade para reconhecer a autoridade materna;



ou a idealização da figura da mãe e da convivência com esta. Em outros casos, a relação que era boa no Brasil se manteve boa na Espanha.

Nesse sentido, quando os/as filhos/as realizam o reagrupamento familiar e se mudam para a Espanha, observa-se uma pluralidade de vivências deste processo que dizem respeito não só ao seu encontro e convivência com suas mães, mas também em relação ao seu contato e adaptação à nova sociedade, cultura e idioma – considerando que muitos dos/as filhos/as que se mudaram para a Espanha nunca tinham visitado o país antes. Nesse sentido, perguntei aos participantes acerca de como foi a sua chegada e adaptação na Espanha em relação a esses aspectos.

No caso de Júlia, sua mãe migrou quando ela tinha 6 anos e, aos 13, ela se mudou para a Espanha para estar junto à mãe, por vontade própria e sem saber falar o idioma.

T: E como foi a adaptação na Espanha? Você gostou do país?

J: Foi horrível [risos]. Assim, eu sempre falo pra uma pessoa que diz "ah, eu quero ir para a Europa, eu quero ir para a Europa", só se for para passear. Enfim, que todo mundo que fala eu quero ir para a Europa, eu falo vem para a Europa para passear, ou para ficar um certo tempo para juntar dinheiro, mas não venha para se mudar para a Europa, porque foi muito difícil me adaptar aqui. Muito difícil ficar longe da minha família, e é outra cultura totalmente diferente. A gente pensa que é parecido mas é muito diferente. E eu vim pra Espanha quando eu tinha 13 anos de idade, e foi em fevereiro que eu vim pra cá, e pra mim foi um pouco difícil no começo, porque eu cheguei aqui em fevereiro, e aqui o curso acaba em junho, começa em setembro e acaba em junho. Então, eu cheguei aqui em fevereiro sem saber falar nada e eu tive que ir para a escola sem saber falar nem um "oi, eu tô com fome", e eles me colocaram, mesmo assim, na turma que correspondia, e eu bombei por causa disso, porque eu tive que aprender o espanhol, então foi bem difícil no começo.

T: E agora, como que estão as suas perspectivas? Você pretende ficar por aí?

J: Agora é totalmente diferente e, assim, eu tenho os meus amigos aqui, e eu tô acabando já a faculdade aqui. Eu já fui para o Brasil tentar morar, mas eu quero realmente ficar aqui porque eu realmente já me adaptei muito aqui. Então, acabou que também, olhando futuramente, já que eu me adaptei aqui e eu gosto muito daqui, então eu quero, pensando no futuro, ter a minha família aqui e dar uma melhor condição para os meus filhos. Mas, foi muito difícil, muito, muito difícil (Júlia, 24).

Já no caso de Laura, ela foi para Barcelona aos 29 anos para cursar um mestrado e acabou ficando por lá para morar junto à sua mãe que, na época, era cuidadora de uma idosa e morava na mesma casa onde trabalhava, de modo que mãe e filha dividiram o quarto durante os primeiros anos de migração de Laura. Apesar de manter boa relação com a mãe, Laura afirma que sua adaptação no novo país foi bastante dura em razão dos costumes, de

modo que isso também gerou alguns conflitos de convivência entre ela e sua mãe, quem já reproduzia os costumes da nova sociedade.

T: Como que foi seu reencontro com sua mãe quando você veio morar em Barcelona?

L: Nossa, foi emocionante eu ter visto a minha mãe, abraçado, ter ficado com ela, e era tudo muito novo, e eu cheguei também no inverno, eu cheguei em março e naquela época fazia muito, muito frio. Foi bom estar com a minha mãe, mas a adaptação aqui foi terrível, eu demorei uns seis meses para me adaptar, acho que fui uma das poucas meninas que chegou aqui que queria ir embora, chorava todos os dias para ir embora. E a minha mãe foi... o único conforto que eu tinha era estar com ela. Quando eu a vi, quando eu sabia que ia passar um tempo com ela, foi um conforto pra mim muito grande, uma fase, mas depois começavam outros sentimentos. Um ano depois e tal, começaram os conflitos de convivência, e aí foi que eu vi que eu tinha mudado muito, ela estava totalmente adaptada ao estilo de vida aqui, ela tinha outros costumes, outros hábitos, outro tudo, e o fato de eu ter morado sozinha e tal, né, e ter que me independizar assim tão rápido. Então criei manias, manias mesmo, é na verdade porque eu não me abria para me adaptar, então, a gente chocava muito, muito. Veio a fase das discussões e tal, mas, sempre, eu sou uma pessoa mais maleável, então, eu sempre cedia, eu sempre chegava num acordo e tal. Mas, quando eu a vi depois de muito tempo, meu deus, foi como, tipo, eu podia respirar em paz, sabe, aquela sensação de que pode acontecer o que for, mas você tem a sua mãe do lado, então, nada vai te abalar, ninguém vai te fazer mal, porque a sua mãe está ali para te defender. E, realmente, eu parecia criança, ela me levava na faculdade [risos], me levava na aula de espanhol, toda quarta-feira a gente saía pra passear, pra ter um tempo juntas porque ela trabalhava muito. Eu falava "mãe, pelo amor de deus né, deixa eu viver, eu vou fazer 30 anos". Eu cheguei aqui com 29, "eu vou fazer 30 anos, deixa eu viver".

T: Então, quando você chegou, você morou junto com ela na mesma casa?

L: É, ela trabalhava numa casa como cuidadora interna, ela cuidava de um matrimônio de *ancianos*, aí ele faleceu, o chefe dela, e ficou a senhora, que ela tinha Alzheimer. Então, assim, ela cuidava dela como um bebê, e aí a gente morava na casa deles que era, inclusive, meio que no bairro onde a gente mora agora, e a gente morava, dividia quarto, porque o quarto era bem grande, e ele aceitou que eu morasse lá com ela, e a gente dividia quarto, e aí foi bem difícil também, porque eu estava acostumada com o meu quarto, com o meu guarda-roupa, mas ao mesmo tempo foi gostoso, sabe, porque foi quando a gente se, como se diz, a gente foi se conhecer outra vez, então...

T: E você ficou lá até quando?

L: Ah, a gente sempre morou juntas, eu moro com ela até hoje, nunca nos separamos, nunca, assim. Agora, para o ano que vem, que ela vai decidir ir para o Brasil passar uma temporada, acho que vai ser o período depois desses nove anos grudadas que nós vamos ter um tempo longe uma da outra de novo. Mas, agora eu tenho outra cabeça, outra perspectiva, é diferente (Laura, 38).

No caso de Luís, ele afirma que sua mãe o levou pela primeira vez para a Espanha aos 15 anos, através do reagrupamento familiar, de modo que ele obteve sua situação regularizada após alguns anos de trâmites. Acerca de seu processo de adaptação, Luís chegou

à Espanha sem saber falar o idioma e foi bem recebido na escola pelos colegas espanhóis no início. No entanto, pouco tempo depois, ele começou a sofrer exclusão por parte dos mesmos, que o isolaram completamente, de modo que alguns professores prestaram solidariedade a Luís diante desta situação que o impactou profundamente. Nesse caso, ele não sabe ao certo qual foi o motivo do comportamento de seus colegas, mas suspeita que pode ter sido em razão de ele se destacar rapidamente entre os alunos através de suas boas notas.

T: Quando você chegou aqui na Espanha, o que você fazia? Como que foi?

L: Eu tinha acabado de fazer o segundo ano do ensino médio aqui no Brasil, e aí lá eu tive que terminar o que seria o ensino médio lá, na verdade eu terminei - talvez você esteja familiarizada com o termo - a ESO, que é a escola secundária. Aí eu fiz logo em seguida os dois anos de *bachillerato* e entrei na faculdade.

T: E como era a sua relação com a Espanha? Por que você foi para lá?

L: Então, eu estava muito bem aqui em Goiânia, eu estava com o meu grupo de amigos bem formado, fechado, e eu gostava muito de estar com eles, eu fazia vôlei, basquete, tudo com eles, colégio e tal. Então, na época eu senti muito, tipo assim, eu não queria tanto ir por conta disso. Mas, eu não coloquei nenhum obstáculo porque, né, era a minha mãe e eu acreditava de fato que ia ser bom, mesmo sendo mais novo eu já tinha essa consciência. E aí, chegando lá eu confesso que eu não tive um bom começo. Eu entrei no colégio que, nossa, todo mundo era, todo mundo me amava, supostamente, né, por ser diferente, brasileiro e tal, tanto que eu entrei numa sala onde as meninas todas, porque a gente senta lá de dupla né, em grupos, e as meninas todas queriam sentar comigo e tal. No começo eu achei legal porque eu fui bem recebido né, mas, eu não sei o que que rolou - e isso é um mistério que eu carrego -, eu não sei o que que rolou que um dia eu cheguei, tava esperando todo mundo chegar, eu cheguei mais cedo e todos passaram por mim e não falaram comigo, e aí desde então eu sofri de fato exclusão. As pessoas não falavam comigo, eu falava com elas e elas não respondiam, foi bem estranho.

T: E você acha que foi algum tipo de preconceito? Ou você não faz ideia?

L: Então, preconceito é uma das opções, mas não existiu esse preconceito quando eu cheguei, de cara. De fato, era algo que eles, pelo menos, mostraram ser positivos. Eu não sei se foi com o tempo, eles foram, tipo assim, com o tempo eu me tornei talvez o melhor aluno da sala, não se isso teve alguma coisa a ver, eu não sei o que que rolou. Se foi algum tipo de resposta que eles esperavam que eu não dei, ou o fato de eu não conversar direito, eu não sei o que que foi. Eu sei que eles começaram a me excluir e os professores começaram a notar, então, acabou que eu desenvolvi uma certa relação especial, assim, com alguns professores.

T: Certo. E, você pode falar mais sobre isso de você ter se tornado um bom aluno lá, como que era isso?

L: Então, eu era muito bom aluno aqui em Goiânia já, eu fiz um ensino médio um pouco puxado, de estudar todos os dias. Quando eu cheguei lá eu confesso que eu senti certa facilidade porque aqui, você sabe como que é o ensino médio aqui, a gente tem que estudar de quinze a vinte matérias, estudar tudo para uma prova só. Lá era, tipo assim, ah, uma prova com um capítulo, aí eu tinha facilidade para

decorar, então eu decorava as palavras mesmo. Então, eu conseguia decorar um texto inteiro e eu conseguia recriá-lo na prova. Os meus trabalhos, eu conseguia as notas altas e tal. Tanto que eu entrei na ESO, no ensino secundário, mas eles me deixaram lá uma semana só, eu fiz as provas, passei, aí eles me colocam no primeiro ano do *bachillerato*. Pela minha idade eu tinha que ficar no segundo ano, mas, pelo idioma eles me colocaram no primeiro.

T: E, como é que foi a adaptação com o idioma? Você foi para lá sabendo ou você aprendeu lá?

L: Eu não sabia nada de Espanhol. A minha mãe me mandou um jogo de Pokémon que era em espanhol, e aí eu comecei a ter o meu primeiro contato com a língua aí. Então, muitas palavras eu já aprendi por aí. Eu fui para lá sem saber, assim, só pelo jogo mesmo, só que eles têm, aí na Espanha eles têm uma coisa que chama imersão cultural, que antes do recreio eu fazia aula de Espanhol com estrangeiros. Então, tinha um lugar lá em Gijón que dava esse tipo de aula para estrangeiros. Aí acabava, eu ia para o colégio, depois eu fazia as aulas com os espanhóis normalmente. Então, eu tive esse momento de adaptação que foi exatamente esse, antes do recreio era só espanhol com estrangeiros e depois do recreio, matérias normais com os espanhóis. E eu acho que foi bem positivo, porque em dois meses eu consegui já pegar o idioma e de verdade, foi questão de meses para eu tá dominando (Luís, 31).

Observa-se que Luís teve acesso à educação secundária obrigatória e gratuita, equivalente ao ensino fundamental brasileiro, junto à imersão cultural, que era uma aula de ensino de espanhol voltada para alunos migrantes de diversas nacionalidades. Luís afirma que, após o episódio do isolamento por parte de seus companheiros, ele mudou de colégio e, mais tarde, conseguiu cursar Administração na universidade sem pagar nada em razão de suas excelentes notas na Espanha.

O seguinte entrevistado, Pablo, assim como Luís, nunca tinha visitado a Espanha antes de migrar. Sua decisão de mudar-se junto à sua mãe e terminar lá o curso de Direito que tinha começado aqui no Brasil se deu em razão das dificuldades econômicas que enfrentava na época, pois Pablo se viu diante da possibilidade de ter que abandonar o curso para voltar para o interior para trabalhar no campo junto ao pai. Uma vez na Espanha, ele conseguiu regularizar sua situação mediante um contrato de trabalho oferecido pelos chefes de sua mãe, uma vez que, em razão de sua idade, ele não podia mais se beneficiar do reagrupamento familiar.

Pablo nos conta acerca das dificuldades de adaptação no novo país e das coisas de que precisou abrir mão no Brasil, referindo-se a esse processo como “nascer de novo”. À época, seu irmão mais novo também migrou e retornou ao Brasil poucos meses depois por não se acostumar à nova vida na Espanha. Diferentemente de algumas participantes do sexo feminino, Pablo afirma que não sofreu preconceitos de nenhum tipo na Espanha.

Atualmente, ele se encontra bem adaptado à sua nova vida, ao ponto de se considerar tão espanhol quanto os nativos, e também sente saudades do Brasil, de modo que ele gosta de vir às vezes para visitar a família. No momento da entrevista, por exemplo, Pablo tinha planejado passar o próximo Natal no Brasil. Sobre suas visitas ao país de origem, ele afirma que prefere ficar aqui no máximo 15 dias, pois quando passa mais tempo começam a surgir conflitos de convivência com sua família, uma vez que ocorre um choque de costumes e maneiras de fazer as coisas.

Sobre esta questão, é interessante destacar que as visitas das pessoas que moram na Espanha ao Brasil quase sempre ocorrem nas casas dos familiares que ficaram por aqui, de modo que essas pessoas, após anos de separação, passam a ter um convívio diário sob o mesmo teto no Brasil, o que pode provocar situações de conflito por diversos motivos entre os familiares, seja entre mães e filhas migrantes; entre mães migrantes e filhas que ficaram no Brasil; ou entre irmãos, como no caso de Pablo.

T: Como se deu sua decisão de ir para a Espanha? E como é sua relação com esse país?

P: A minha relação com o país é muito boa, às vezes é uma relação de amor e ódio. Às vezes eu fico com raiva, todo lugar que a gente está, que a gente fica com raiva, que alguma coisa dá errado, você fica com raiva de todo mundo e de tudo e quer ir embora. Eu vim para cá, realmente, porque as coisas financeiramente no Brasil não estavam fáceis. Não estavam fáceis, minha mãe não podia ajudar mais do jeito que ajudava antes, e meu pai menos ainda, e eu me vi na situação de que ou eu voltava para o interior e ia ajudar o meu pai na fazenda, ou eu vinha para cá e tentava, de outra maneira, conseguir estudar, porque eu queria muito estudar, eu queria muito terminar o meu curso e eu tentava buscar alguma maneira de conseguir isso. A maneira foi, aproveitando que eu tinha a metade do curso feito no Brasil, tentar entrar numa universidade aqui. Eu consegui reunir todos os papéis que pediram, tradução, legalização, tudo, tentei, e no terceiro ano eu consegui entrar na universidade daqui. Então, a minha relação com o país foi dura, foi muito difícil no começo, no início, tanto pelo idioma, quando você está em outro país que você não conhece. Praticamente, eu acho que eu nunca tinha saído do estado de Goiás, a minha vida era Goiânia e Nazário, não tinha outra coisa. Eu nunca peguei um avião e fui para lugar nenhum, então, é você nascer de novo: você tem que aprender a falar, você tem que aprender a comer, você tem que aprender a andar, as suas amizades acabaram porque ficaram do outro lado do mundo, não tinha WhatsApp, também, aí você tinha que refazer a sua vida, e isso te dá uma bagunçada boa na cabeça. Você recebe um não atrás do outro, não sabe o que fazer, de repente você pensa que você tomou a decisão errada, que deu tudo errado, que perdeu tempo e quer ir embora. Eu não fui embora, porque o meu irmão foi embora antes e a minha mãe ia ficar sozinha, te confesso. Mas, hoje em dia, eu acho que a decisão foi correta, eu não deveria ter ido embora mesmo, ia dar tudo errado se eu tivesse ido embora. Adoro viver aqui, adoro muito esse país, me adaptei muito bem, depois de tantos anos aqui eu acho que eu me sinto tão espanhol como qualquer outro, às vezes até mais, porque realmente eu adoro, eu tenho uma paixão por esse país tremenda. Não consigo viver longe daqui, eu adoro Madri, eu adoro o Brasil, também. Eu queria passar muito mais tempo no Brasil,

eu não tenho vontade de morar no Brasil de novo, mas eu queria ir mais vezes e passar mais tempo, porque a última vez que eu fui eu fiquei doze dias e não pude ficar mais, e a próxima vez que eu for vai ser igual. Eu irei depois de anos e vou passar o Natal com a minha família, é o décimo segundo Natal ou o décimo terceiro que eu passo aqui. Passei eu acho que onze ou doze Natais aqui e esse eu vou passar com a minha família. A relação é essa, de muita gratidão, eu encontrei boas pessoas, pessoas que me ajudaram muito, não tive a minha vida dificultada por nenhuma situação, por nenhuma pessoa. Eu passei o que todo migrante passa, a dificuldade de todos os migrantes, de tentar encontrar o seu caminho, tentar encontrar um trabalho, se alimentar, se manter. Mas, facilitado pelo fato de já ter a minha mãe aqui, por ter uma casa, por não ter que viver em casa de gente desconhecida, te dá essa segurança, mas sempre trabalhando muito. O trabalho dela sozinha não dá para manter, e para manter um filho na universidade é impossível. Graças a deus eu sempre consegui bolsas universitárias, nunca paguei nenhum euro de matrícula em universidade alguma, nenhum curso que eu fiz, todos foram pagos pelo Estado espanhol, muita gratidão, muita gratidão. Graças a deus eu consigo hoje exercer a minha profissão com independência, com liberdade, com certa estabilidade também. Então, eu adoro viver aqui, eu gosto de tudo, menos o calor que tá fazendo aqui que, olha, tá difícil.

T: Você sente saudades do Brasil?

P: Acho que sinto sempre muita saudade. Saudade, talvez, de coisas que não existem, né. Porque, às vezes que são ilusões que a gente cria, que parece que é assim ou que poderia ser o que a gente queria que fosse, mas isso não existe. Eu acho que não existe não, sei lá. Mas, eu percebi na última vez que eu estive no Brasil, que quinze dias é o máximo. Não que eu não queira, eu tenho muita vontade de estar aí, de ficar mais tempo, de ir mais vezes aí, mas, das outras vezes que eu estive mais tempo, que eu tive um mês, eu sei que eu terminei bem queimado. Um mês vendo as coisas, você vai vendo a sua família tomar decisões, fazer as coisas que a gente aprendeu a fazer diferente, administrar a casa de maneira diferente, e aí você quer ensinar para as pessoas, e você não deve, não deve se intrometer na administração da casa de ninguém, e aí você quer se meter, e aí começam as brigas lá. Mas, eu voltei depois desses 15 dias e não briguei com ninguém. Com 30 dias, quando eu vou aí normalmente, o meu irmão fala, "volta para o seu país, aqui não é a sua casa", e a gente briga. A gente vai se irritando com muitas coisas (Pablo, 31).

A seguinte participante, Sara, mudou-se para a Espanha aos 8 anos, dois anos após a migração de sua mãe. Assim como os entrevistados anteriores, Sara também se mudou para a Espanha sem visitar o país antes, de modo que ela não sabia falar espanhol e também teve que aprender na escola, onde era a única aluna estrangeira na época em que chegou. Ela afirma que no começo recebeu muita atenção de seus companheiros pelo fato de ser de fora, mas que logo, quando isso deixou de ser uma novidade, ela foi ficando mais sozinha e foi então quando começou sua amizade com outra aluna imigrante, da República Dominicana. Além disso, Sara também era chamada pelos colegas da escola de Ronaldinho Gaúcho, pois estes relacionavam sua aparência ao jogador.

S: Quando a gente chegou aqui na Espanha, a gente foi morar aqui num povoado que se chama Infiesto, no município de Piloña, no centro de Astúrias. Em setembro

eu comecei o curso escolar, comecei a primária e o meu processo eu não me lembro bem como foi, mas foi tranquilo, eu tinha um professor particular dentro da sala. Nas aulas de língua castelhana e matemática eu saía da classe com ele. Eu cheguei aqui em quinto de primária e meus companheiros, como era um *pueblo*, eram pessoas que já se conheciam desde antes de nascer. Eu morava em Infiesto, que era o colégio que me correspondia, mas também tinha crianças de outros povoados que não tinham escola. Então, se juntava muita criança e adolescente e eles já se conheciam, os pais já se conheciam desde a creche. Eu era a novidade naquele momento, eu era literalmente a de fora, né. E eu não conhecia ninguém, a nossa vizinha da nossa casa era diretora desse colégio, ela ajudou muito os meus pais, eu já cheguei aqui e já comecei a estudar, porque foi ela que fez a matrícula e tudo mais. Eu não sabia nada de espanhol. Com os meus companheiros, no começo foi bom, sempre foi tranquilo, mas no começo foi um pouco diferente, né, porque era diferente para mim e também era novidade para eles. Eu, por exemplo, era um povoado onde não tinha nenhum imigrante, não tinha nenhum estrangeiro. Eu era a única da minha classe e a única do meu curso que era estrangeira. Depois, em janeiro, chegou uma menina da República Dominicana, ela e dois irmãos. Ela também começou a ir comigo nas classes particulares em língua castelhana e matemáticas, ela também saía da sala e ia comigo e com outro professor, e me juntei muito com ela, porque mesmo que ela falasse espanhol era uma pessoa de fora também, não conhecia ninguém, eu ajudava muito ela. No recreio nos juntávamos com nossos companheiros de sala, mas, quando passou a novidade, assim... nunca me trataram mal, né, sempre me trataram bem, com cuidado, pisando em ovos, mas, no começo eu era a novidade, mas depois quando já passou esse tempo, esses meses né, de me conhecer e tal, aí a gente já não passava tanto tempo com os nossos companheiros, a gente já ficava sozinha no recreio, íamos dar as nossas voltinhas. Às vezes estávamos com companheiros, outras vezes estávamos jogando bola. Eles faziam muita brincadeira comigo porque eu tenho uma testa grande. Nunca me afetou, mas no inverno eu gostava muito de usar uma faixa tampando meia testa, para tampar as orelhas, mas também tampava meia testa, e eles brincavam muito comigo. Era a etapa do Ronaldinho Gaúcho jogar no Barcelona, eu acho, ele era muito famoso e eles me chamavam de Ronaldinho, porque eu usava um rabo de cavalo e me parecia muito com ele. Não eram piadas maldosas nem nada, né (Sara, 23).

Na escola pública de Infiesto, Sara era retirada da sala de aula para fazer as aulas de língua espanhola e matemática com outro professor que, segundo ela, era bastante rígido, razão pela qual ela aprendeu rapidamente o novo idioma.

S: Então, eu acho que adaptar, eu me adaptei rápido, com a língua, eu falava no primeiro mês, eu falava portunhol, mas o meu professor particular, que ele ficou comigo dois anos, ele me deu classe particular um ano de língua castelhana e matemáticas, e no segundo ano, só de castelhano, uma vez por semana. No começo eram quatro vezes por semana, no segundo ano, era só uma vez por semana. No começo eu falava portunhol, mas ele era muito, muito rígido, eu tinha que, inclusive, mudar a entonação para falar, né. Por exemplo, alguma palavra que eu não colocava muito empenho, muito esforço para pronunciar assim em espanhol, ele sempre me corrigia, e eu acho que isso me ajudou bastante. Isso desde fora talvez seja um pouco bruto, um pouco desagradável, mas eu agradeço bastante, eu aprendi bastante com ele (Sara, 23).

Sara repetiu 1º de ESO<sup>79</sup>, equivalente ao 6º ano no Brasil, em razão das dificuldades que enfrentava para ir à escola devido às nevascas e à depressão causada pelo inverno severo. Após isso, sua família e ela se mudaram para Gijón, uma cidade maior e um pouco mais quente, onde Sara pôde ter mais qualidade de vida e onde também aprendeu mais espanhol, pois, segundo ela, no povoado eles também falavam Bable, que é a língua de Astúrias. Sara ficou tão traumatizada com as nevascas e o inverno intenso que viveu no povoado que atualmente diz não ser capaz de sequer visitar a neve. Dessa época, ela guarda as lembranças boas de sua casa onde a mãe cozinhava comidas brasileiras e seu padrasto fazia comidas asturianas no fogão à lenha.

S: Quando passamos para a secundária, eu fiz primeiro de secundária lá no *pueblo* também, e segundo de ESO eu já, nós nos mudamos para Gijón. Eu repeti primeiro de ESO, porque não fui muito bem, esse ano eu sofri um pouco com o inverno, teve uma nevasca muito grande, passamos meses e meses, além do mais a casa onde a gente morava estava como em uma montanha, aí nevava muito. Muitas vezes o ônibus escolar não passava, porque a neve não deixava passar, e eu tinha muito, muito frio, eu odiava, odiava. Aqui em Astúrias sempre choveu muito, é muito húmido, tem pouco sol, é muito nublado. Inclusive aqui em Gijón, na cidade, mas nesse povoado esse ano teve muita neve e muito frio. Então, eu não sei, eu acho que eu tava deprimida, não gostava nada, eu não queria ir para a escola. Eu não sei... tava com muita desvontade, sabe, sem querer fazer muita coisa, então, eu repeti de ano. Depois, eu me mudei para Gijón, o meu irmão já tinha nascido, ele nasceu em 2007, e nos mudamos aqui para Gijón e eu transformei, foi aí quando eu cresci realmente, comecei segundo de la ESO, em um instituto perto da minha casa, aqui do bairro onde eu morava aqui em Gijón, conheci muita gente, também não conservo eles como amigos, essas pessoas que eu conheci no primeiro instituto, mas eram gente muito legal, disfrutei muito e aprendi muito também, gostei muito da cidade, era como mais liberdade, sabe. Podia chegar um pouco mais tarde em casa, podia ir caminhando, tinha transporte, podia andar em bicicleta, podia a tarde íamos tomar um sorvete, essas coisas. Aprendi muito mais espanhol também, porque no povoado falávamos asturiano, Bable, que é a língua aqui de Astúrias, o asturiano é a mistura de Bable com Espanhol, mas tem o Espanhol e tem o Bable, depois tem o asturiano, né, que é a mistura de ambas línguas. A gente falava asturiano e espanhol misturado com Bable, e quando cheguei aqui em Astúrias, em Gijón, era muito interessante porque eu tinha sotaque de *pueblo*, falava muitas palavras em asturiano, e muita gente ria de mim, porque aqui em Gijón se usa um pouquinho de palavras, mas não tanto como nos povoados, e foi muito interessante. Astúrias é muito nublado, mas aqui em Gijón, por causa do mar, tem muita neblina, é um pouco nublado, e no inverno tem frio, tem vento, 5 graus, 8 graus, porém esse frio eu suporto. Mas, neve, eu acho que eu peguei tanto ranço de neve que hoje em dia eu não sou capaz de ir passar um dia na neve. Por exemplo, os meus amigos me convidam para ir esquiar, nunca na vida eu falo para eles, nunca me convidem para ir para a neve, se vocês têm amor por mim, nunca, jamais me chamem para ir para a neve, eu não vou esquiar, eu não vou passar nem duas horas na neve, nunca. E eu acho que foi por tanto ódio que eu fiquei daquele povoado, de tanta neve. Eu me levantava, eu colocava as minhas botas, eu colocava os meus agasalhos, o meu gorro, eu ia, eu caminhava, não tinha problema, eu ia comprar o pão, eu me adaptava, eu sabia o

---

<sup>79</sup> *Educación Secundaria Obligatoria*, equivalente ao ensino fundamental II do Brasil.



que eu tinha que fazer, eu sabia como resistir a isso, mas gostar mesmo, logicamente eu não gostava. O primeiro ano era interessante, mas, depois, para mim era insuportável. Em minha casa a gente tinha fogão de lenha e a gente cozinhava muito, muito, o meu padrasto fazia comida asturiana, a minha mãe fazia comida brasileira. A casa se esquentava com esse fogão de lenha. Em casa era muito agradável, a gente tinha vaca, tinha ovelha, tinha porco, tinha galinha, eu saía tranquilamente dar comida para as galinhas e tudo isso, mas, gostar, nunca, nunca (Sara, 23).

Atualmente, Sara se considera asturiana, mas não se esquece de sua identidade brasileira, de modo que ela ainda mantém alguns costumes brasileiros, como, por exemplo, o hábito de comer arroz e feijão, de ouvir algumas músicas antigas que sua mãe ouvia, de Zezé de Camargo e Luciano, e Chitãozinho e Xororó. No entanto, Sara afirma que nem ela, nem sua mãe têm intenções de retornar para o Brasil.

S: Nunca vou negar que eu sou brasileira, que eu nasci no Brasil, que eu vim para aqui, que eu morei em um *pueblo*, mas que eu sou... nasci no Brasil, sempre falo que eu sou brasileira, comento sobre coisas do Brasil, comida do Brasil, alguns costumes que eu conheço, que eu sei do Brasil. Nunca vou negar, mas, o meu lugar é aqui, me sinto muito bem, desde pequenas coisas do dia a dia, até coisas grandes de costume, de cultura, tenho muito dentro. Para os meus amigos, por exemplo, eu sou uma brasileira asturiana, né, e eu realmente me sinto assim. Em casa, por exemplo, eu como arroz e feijão, mas também como favada asturiana, tomo cidra asturiana e sempre vou ser asturiana. O meu padrasto é asturiano, o meu irmão é asturiano, eu cresci em um *pueblo* asturiano, moro numa cidade asturiana, conheço os costumes, as festas, a língua, as regiões, as paisagens. Então, a minha relação com a Espanha não é de uma brasileira que mora na Espanha, sabe? É de uma brasileira que cresceu na Espanha, e como eu digo, mesmo eu sempre falando que eu sou brasileira, de certa forma, eu também sou espanhola, porque foi aqui onde eu aprendi muita coisa, foi aqui onde eu passei a adolescência, onde eu tive o meu primeiro namorado, onde eu passei a etapa secundária, onde eu fiz faculdade, onde eu tive o meu primeiro trabalho, onde eu fui à minha primeira festa, onde eu fumei o meu primeiro cigarro, bebi a minha primeira cidra, a minha primeira cerveja, então, Espanha para mim é minha casa, sabe? A minha relação hoje com o Brasil é pela Internet, e a pessoa mais perto que eu tenho é a minha mãe, também tenho a minha prima que mora na Catalunha, que é sobrinha da minha mãe e que foi quem veio primeiro para a Espanha, ela e a irmã dela, a irmã dela voltou para o Brasil. Quando eu cresci, na adolescência eu ia muito para a Catalunha, para Lérida, passar o verão com essas duas primas, então, para mim elas são a minha família, e foram as pessoas representantes do Brasil aqui para mim, sabe? Hoje em dia, por exemplo, é a minha mãe, e a Internet também. Consumo muito conteúdo brasileiro no YouTube, não conheço muito sobre cantores, sobre atrizes, conheço da época quando eu morava no Brasil, né, que a minha avó antes de ser evangélica era muito noveleira, e conheço esses atores. Eu conheço podcasts do Brasil, escuto música antiga, que a minha mãe colocava para mim, sertanejo de grupos já antigo, de Zezé de Camargo e Luciano, eu não sei... Chitãozinho e Xororó, mas, os famosos atuais do Brasil, por exemplo, eu não faço ideia de quem seja (Sara, 23).

A história de Sara constitui um exemplo, portanto, de identidade transnacional, em que ela é vista pelos espanhóis como uma brasileira asturiana, e ela mesma admite se sentir

assim, pois não nega sua origem brasileira, pois ela fala português e pratica certos costumes brasileiros relacionados à comida e ao gosto musical. Por outro lado, Sara admite que quando voltou para visitar o Brasil ficou meio perdida em relação aos costumes, uma vez que ela teve suas primeiras experiências em relação a festas, amizades, escola e namorados na Espanha, durante sua infância, adolescência e vida adulta, e não no Brasil.

Os relatos dos/as participantes trazem a questão do choque cultural ao chegarem na Espanha e a dificuldade inicial que enfrentaram por não saber o idioma. Muitos destes/as filhos/as nunca tinham saído do Brasil ou, nem mesmo, do estado de Goiás antes de viajarem para a Espanha. Observou-se que a introdução à cultura espanhola e as viagens de visita feitas pelas mães para seus filhos/as lhes ajudaram a se adaptar melhor quando realizaram o reagrupamento familiar.

Neste capítulo, vimos que os/as participantes tinham uma percepção de suas mães e de sua migração quando eram crianças e adolescentes ligada aos sentimentos de falta e de abandono, mas que isso mudou com o passar do tempo, evoluindo para uma maior compreensão de seus motivos para migrar e, até mesmo, para sentimentos de gratidão pelo fato da mãe ter lhes possibilitado uma vida melhor no Brasil e permitindo-lhes que se mudassem, posteriormente, para a Espanha.

Não obstante, diante das dificuldades impostas pela política migratória espanhola para o reagrupamento das famílias migrantes, muitos/as filhos/as não puderam reencontrar suas mães na Espanha, fazendo com que elas voltassem para o Brasil ou que continuem, até os dias atuais, morando longe de seus filhos/as. Em menor medida, outros fatores como a própria vontade das mães e dos/as filhos/as de não realizarem o reagrupamento e/ou se mudarem de país faz com que algumas famílias ainda mantenham sua configuração transnacional.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A questão central que guiou esta tese foi saber como a migração de mulheres que são mães afeta as vidas dos/as filhos/as que ficam a partir de suas próprias perspectivas, considerando o impacto da saída destas mulheres para a organização e estruturação de suas famílias. Para tanto, entrevistei a quatorze filhos/as que ficaram no Brasil, sete mães que migraram para a Espanha – sendo que a maioria dos/as filhos/as eram crianças e adolescentes no momento da migração –, e duas representantes de associações que trabalham com pessoas migrantes em Barcelona, na Espanha.

No capítulo 4, observei que, uma vez adultos, muitos dos/as participantes dessa pesquisa ainda se lembram do dia da partida da mãe com riqueza de detalhes, o que indica que se tratou de um momento marcante em suas vidas. O fato de a mãe ter conversado e explicado sua migração para os/as filhos/as, e o modo como o fez, influenciou na maneira como estes/as vivenciaram o momento de sua partida, com mais ou menos angústia e sofrimento, e como processaram sua migração com o passar do tempo.

No caso das mães que não comunicaram a sua migração para seus/suas filhos/as, ou que comunicaram e eles ainda eram muito pequenos/as para entender ou se lembrarem, suas cuidadoras se encarregaram de fazer essa mediação e, uma vez mais, a forma como trataram o tema ou as coisas que disseram sobre as mães, influenciaram no modo como os/as filhos/as vivenciaram este processo.

No que diz respeito aos motivos da migração, desde a perspectivas dos/as filhos/as, as dificuldades econômicas enfrentadas pelas mães no Brasil e a vontade de garantir a educação para estes aparecem como os motivos principais, seguidos do divórcio dos pais, convites de amigas para migrar e a vontade da mãe de vivenciar outras possibilidades.

Por outro lado, desde a perspectiva das mães, elas também citaram as dificuldades econômicas, porém acompanhadas de outros motivos de cunho mais pessoais, tais como sua vontade de morar fora do Brasil, de sair da casa dos pais, suas paixões e questões emocionais envolvendo parceiros e ex-parceiros e o fato de terem amigas ou familiares que já moravam na Espanha naquela época.

A delegação do cuidado dos/as filhos/as para outros familiares – na maioria dos casos, para as avós maternas e tias – revela-se, portanto, como uma das mudanças provocadas pela migração das mães. Não obstante, observei que do total de 14 filhos/as

participantes, 10 moravam em lares monoparentais femininos antes da migração, sendo que 8 destes lares estavam compostos pelas avós maternas e outros familiares, tais como avós, tias e tios.

Logo, nos lares monoparentais femininos em que os/as participantes já moravam com suas avós maternas antes da migração da mãe, eles/as não tiveram que se mudar de residência após a migração, pois continuaram morando com suas avós e, em um caso, com uma tia-avó, que passaram a ser suas principais cuidadoras. Nos casos em que os/as filhos/as ficaram morando com suas avós, este tipo de arranjo classifica-se como família anaparental, “constituída por parentes e pessoas que convivem em interdependência afetiva, sem pai ou mãe que a chefie, como no grupo de irmãos, ou de avós e netos, ou de tios e sobrinhos” (Dufner, RB-5.9, 2023).

Verifica-se que nos lares monoparentais femininos em que as mães contavam com a ajuda das avós para o cuidado de seus filhos/as, isso aconteceu porque, na maioria dos casos, os pais não se encarregaram do seu cuidado desde o nascimento e, em menor medida, porque as mulheres se separaram de seus parceiros e voltaram para a casa da mãe, situação em que os pais também não se ocuparam do cuidado dos/as filhos/as.

Observa-se que 3 participantes ficaram sob os cuidados de seus pais no Brasil, de modo que eles/as relataram diferenças na forma destes exercerem o cuidado em comparação com suas mães, no que diz respeito à dificuldade dos pais de oferecerem cuidado emocional aos filhos/as quando estes atravessam por momentos de mudança ou de dificuldades em sua adolescência; e, em um dos casos, além disso, houve também a falta de cuidado do pai em relação à alimentação e vestimenta das filhas.

Além destes/as participantes que ficaram com suas avós, com seus pais e com uma tia-avó, uma das participantes que já era adulta no momento da migração da mãe, com 26 anos, ficou no Brasil com seu irmão mais novo, de modo que ela passou a chefiar o lar e cuidar de seu irmão com as remessas que sua mãe mandava da Espanha.

Constata-se, portanto, que a maioria das pessoas que se encarregaram do cuidado dos/as filhos/as que ficaram no Brasil são do sexo feminino.

Além da reorganização familiar, a migração das mães também produziu impactos no modo como os/as filhos/as passaram a se sentir e no modo de conceber-se a si mesmos, como, por exemplo, desenvolvendo um maior senso de responsabilidade sobre si e sobre seus estudos, numa tentativa de não decepcionar suas mães; tentando dar o mínimo de

trabalho possível para não sobrecarregar suas cuidadoras e cuidadores; desenvolvendo sentimentos de ansiedade e ficando mais fechados e deixando de compartilhar seus pensamentos e vivências com a família; assim como desenvolvendo um maior senso de liberdade e autonomia durante a adolescência e entrada na idade adulta graças às remessas enviadas pelas mães.

No capítulo 5, verifiquei que, após a migração, a maioria das mulheres passou a exercer a maternidade à distância ou transnacional, desenvolvendo práticas e estratégias para exercer o cuidado de seus filhos/as no Brasil e poder preservar sua identidade materna. Surgem assim as famílias transnacionais que, apesar do tempo e da distância, mantêm seus laços afetivos, fazendo com que o cuidado entre seus membros circule entre o país de origem e o de destino mediante diversas práticas transnacionais, tais como fazer-se presente virtualmente através das tecnologias de comunicação disponíveis no momento; o compartilhamento e a celebração de datas comemorativas, como aniversários e o Natal; as visitas das mães ao Brasil e dos/as filhos/as à Espanha; o envio de presentes, que muitas vezes ainda são guardados pelos filhos mesmo depois de adultos; e o envio de remessas.

Observa-se que a evolução dos meios de comunicação foi acompanhada de perto pelas famílias transnacionais, sobretudo dos anos 1990 em diante, de modo que as mães migrantes inicialmente utilizavam os locutórios para ligar para suas famílias no Brasil; logo, os celulares e os cartões para ligações internacionais; mais tarde, a Internet e os aplicativos de chamada de vídeo em computadores, como o Skype, e outros sites de redes sociais, como o Facebook; recentemente, surgiram os Smartphones e os aplicativos de trocas de mensagens instantâneas, como o WhatsApp, trazendo, portanto, uma maior comodidade para as mães ao não precisarem mais se deslocar até um locutório para conversar ou ver seus filhos por chamada de vídeo.

Nesse sentido, a maioria dos/as filhos/as entrevistados só pôde aproveitar os benefícios da comunicação simultânea, das chamadas de vídeo e do envio de fotos digitais durante sua adolescência ou idade adulta, de modo que quando eram crianças a comunicação se dava principalmente mediante o telefone fixo ou através dos primeiros aparelhos de celular, sem a possibilidade de ver a pessoa em tempo real. Assim, o contato visual que tinham de suas mães se dava mediante fotografias impressas e enviadas por correios ou por outras pessoas migrantes. Vale ressaltar que, para muitos dos/as filhos/as, estas foram, durante os primeiros anos de migração em que a mãe não voltou para visitá-los, a única

forma de contato que ambos tiveram, o que, por sua vez, gerava incerteza e ansiedade nos filhos/as por não saberem quando seria a próxima vez que sua mãe ligaria para falar com eles/as.

Os/as filhos/as afirmaram que continuaram recorrendo a suas mães através dos meios de comunicação em busca de apoio emocional e conselhos sempre que atravessavam algum momento de mudança ou de incertezas, sobretudo durante sua adolescência. Isto porque, segundo alguns participantes que ficaram sob os cuidados de seus pais, estes não foram capazes de lhes proporcionar este tipo específico de cuidado, confirmando a afirmação de Parreñas (2005), de que “na verdade, os telefones celulares vinculam as mulheres aos seus papéis tradicionais de gênero”.

Nesse sentido, a maioria dos/as filhos/as entrevistados afirma que suas mães lhes enviavam dinheiro para custear, principalmente, seu sustento e seus estudos aqui no Brasil, assim como também enviavam dinheiro para que seus familiares lhes fizessem festas de aniversário, por exemplo, durante sua infância e adolescência.

Através destas práticas ao longo do tempo, observei, em alguns casos, o surgimento de uma identidade ou pertencimento transnacional dos/as filhos/as que ficaram no Brasil, de modo que eles/as perceberam isso com mais clareza ao se mudarem posteriormente para a Espanha e estarem familiarizados com vários aspectos daquela vida.

No que diz respeito às visitas, observa-se que a política migratória espanhola influencia no exercício da maternidade transnacional, no sentido de dificultar a regularização das migrantes não comunitárias, em comparação com aquelas provenientes de países da União Europeia. Nesse sentido, a maioria das mães só conseguiu visitar o Brasil pela primeira vez após terem sua situação regularizada, de modo que estes primeiros anos de migração foram os mais difíceis para seus filhos e filhas que ficaram no Brasil.

Durante a comunicação e as visitas, verifiquei no relato de algumas participantes a presença de conflitos entre filhas e mães, como, por exemplo, a recusa para falar com a mãe por telefone como uma forma de reprovação por sua ausência; as discussões sobre o modo como a mãe queria que a filha se comportasse; a recusa da filha a conversar e ficar perto da mãe durante os primeiros dias quando esta visitava o Brasil; e os conflitos de convivência surgidos após a mudança das filhas para a Espanha.

No capítulo 6, percebi que, com o passar do tempo, muitos participantes mudaram a percepção que tinham de suas mães e de seu processo migratório como um todo, de modo

que tal mudança, em muitos casos, foi intensificada após a ida dos/as filhos/as para a Espanha, seja em forma de visitas ou através de sua mudança para esse país. Tal como afirma Halbwachs (1990), os indivíduos encontram-se inseridos em grupos ao longo de suas vidas, de modo que suas memórias também são construídas em grupo, e a família constitui um desses grupos de referências pelos quais o indivíduo passa.

Nesse sentido, através dos relatos dos/as filhos participantes, muitas vezes a memória que eles têm de suas mães referente ao período de sua infância e adolescência encontra-se influenciada pelos pensamentos e crenças de suas famílias àquela época. Ao distanciar-se do grupo da família e acessar novos grupos, os participantes mudaram suas percepções de suas mães em relação a essas memórias. O seguinte trecho deste autor ilustra, portanto, a possibilidade de evolução de nossas lembranças e de percepções sobre as outras pessoas:

A imagem que fiz de meu pai, desde que o conheci, não parou de evoluir, não somente porque, durante sua vida, as lembranças se juntaram às lembranças: mas eu mesmo mudei, isto é, meu ponto de vista se deslocou, porque eu ocupava dentro de minha família um lugar diferente e sobretudo porque fazia parte de outros meios (Halbwachs, p. 74, 1990).

Ao revisitarem suas lembranças do que ouviam acerca de suas mães nos círculos sociais da família, de outros adultos de sua cidade natal e na escola, alguns filhos e filhas tiveram que lidar, quando crianças e adolescentes, com a associação preconceituosa que estas pessoas faziam entre suas mães e o tema da prostituição.

No que diz respeito à relação entre a política migratória espanhola e o processo de reagrupamento familiar, percebe-se que tal política, ao exigir uma série de requisitos para a realização deste processo, faz com que as mulheres migrantes brasileiras – em razão das desigualdades de nacionalidade, gênero e raça que enfrentam no mercado laboral espanhol – demorem uma média de tempo de 3 anos para se regularizarem e, posteriormente, solicitarem o reagrupamento de seus/suas filhos/as.

No caso das mães que conseguem realizar o reagrupamento – segundo os relatos das representantes das associações que trabalham com pessoas migrantes –, elas se enfrentam à falta de tempo para cuidá-los devido aos seus trabalhos precários; à falta de uma rede de apoio familiar que lhes ajudem nesses momentos; assim como à dificuldade em conseguir moradia, por exemplo, em apartamentos compartilhados, que aceitem a presença de crianças.

Observa-se que nem todos os/as filhos/as que visitaram a Espanha quando pequenos se mudaram para lá posteriormente, assim como muitos dos que se mudaram para a Espanha

o fizeram sem conhecer este país, o que indica que os primeiros tiveram mais facilidade de adaptar-se ao novo país em razão de já terem familiaridade com o idioma e os costumes se comparados ao segundo grupo. Algumas questões, como as dificuldades enfrentadas no ambiente escolar, o fato de chegar sem saber o idioma, o clima frio do novo país e até mesmo o estereótipo de prostituta da mulher brasileira na sociedade espanhola, são exemplos de desafios que os/as filhos/as migrantes vivenciaram durante sua adaptação.

Como vimos até aqui, diversos fatores referentes à sociedade de origem e de destino influenciaram nas formas de organização das famílias transnacionais estudadas, tais como a monoparentalidade feminina anterior à migração e ligada à ausência do pai; a coabitação com a família extensa, como as avós e tias; a inserção laboral das mulheres migrantes na Espanha; e a incidência da política migratória espanhola sobre as migrantes não comunitárias.

Para finalizar, minha tese revelou que a separação entre mães e filhos/as em razão da migração provocou impactos duradouros em suas vidas, e não somente momentâneos. Tais impactos afetaram as relações familiares e, principalmente, a construção da identidade e da personalidade dos/as filhos/as. Não obstante, a separação física da mãe, em muitos casos, ocorreu diante de uma ausência já existente do pai dessas crianças de quando a mãe ainda morava no Brasil e, em outros casos, diante da ausência do pai após o divórcio e seguido da migração da mãe, de modo que muitos/as dos/as filhos/as entrevistados reconhecem que a falta de ambos genitores produziu consequências em suas vidas. Outros/as também afirmam que sentiram muito a falta da mãe uma vez que esta desempenhava os papéis de mãe e pai em suas vidas.

Ao chegarem à idade adulta, observei que estes/as filhos/as tendem a mudar sua percepção acerca de suas mães e dos motivos que as levaram a migrar, desenvolvendo uma maior compreensão sobre este processo. Alguns filhos/as optam por migrar para a Espanha para reencontrar suas mães e poder, de alguma forma, recuperar esse tempo que passaram separados.

Nesse sentido, pode-se afirmar que a migração das mães tem um impacto duradouro e permanente na vida dos/as filhos/as, mesmo quando esses se reagrupam a elas. No entanto, ainda que a percepção do impacto seja permanente ao longo da vida, ela não é fixa, podendo ser reinterpretada e resignificada.



## REFERÊNCIAS

AGUSTÍN, Laura María. La industria del sexo, los migrantes y la familia europea. **Cadernos Pagu**, n. 25, 2005, p. 107 – 128. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n25/26524.pdf>; Acesso em: 21 mar. 2020.

APITZSCH, Ursula; SIOUTI, Irini. **Biographical Analysis as an Interdisciplinary Research Perspective in the Field of Migration Studies**. Research Integrat, University of York, 2017. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/242222997\\_Biographical\\_Analysis\\_as\\_an\\_Interdisciplinary\\_Research\\_Perspective\\_in\\_the\\_Field\\_of\\_Migration\\_Studies](https://www.researchgate.net/publication/242222997_Biographical_Analysis_as_an_Interdisciplinary_Research_Perspective_in_the_Field_of_Migration_Studies). Acesso em: 31 ago. 2021.

APPADURAI, Arjun. **La Modernidad Desbordada**. Montevideo: Ediciones Trilce, 2001.

ARAUJO, Sandra. Las periferias de la metrópolis: políticas migratorias, género y estratificación de la población latinoamericana en España. **Mélanges de la Casa de Velázquez**, 39 – 1, p. 57 – 74, 2009. DOI: <https://doi.org/10.4000/mcv.562>. Disponível em: <https://journals.openedition.org/mcv/562>. Acesso em: 05 out. 2023.

ARIZA, Marina. Care circulation, absence and affect in transnational families. In: BALDASSAR, Loretta; MERLA, Laura. **Transnational Families, Migration and the Circulation of Care: Understanding Mobility and Absence in Family life**. New York: Taylor & Francis, 2014.

BALDASSAR, Loretta *et al.* **Families Caring Across Borders**. London: Palgrave Macmillan, 2007.

\_\_\_\_\_; MERLA, Laura. **Transnational Families, Migration and the Circulation of Care: Understanding Mobility and Absence in Family life**. New York: Taylor & Francis, 2014.

BARRIO, Ángel; DUARTE, Elisa. La inmigración brasileña en España: consideraciones a partir de datos estadísticos. **Stvdia Zamorensia**, v. XI, p. 65-86, 2012. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=4151926>. Acesso em: 31 ago. 2021.

BASCH, Linda; GLICK-SCHILLER, Nina; SZANTON-BLANC, Cristina (eds). **Nations Unbound: Transnational Projects, Postcolonial Predicaments, and Deterritorialized Nation-states**. Langhorne: Gordeon and Breach, 1994.

BENATTI, Ana Paula; *et al.* Famílias monoparentais: uma revisão sistemática da literatura. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 41, p. 1 – 14, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1590/1982-3703003209634>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/msBd4PpRZXMLT7gyqWFhtVc/>. Acesso em: 03 nov. 2023.

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas. Magia e técnica, arte e política** (7ª ed.). São Paulo: Brasiliense, 1994.

BERNHARD, Judith; LANDOLT, Patricia; GOLDRING, Luin. Transnationalizing Families: Canadian Immigration Policy and the Spatial Fragmentation of Care-giving among Latin American Newcomers. **International Migration**, v. 47 (2), 2009. DOI: 10.1111/j.1468-2435.2008.00479.x. Disponível em: <https://yorkspace.library.yorku.ca/xmlui/handle/10315/10021>. Acesso em: 02, dez., 2021.

BONI, Valdete; QUARESMA, Silvia. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. **Em Tese**, Vol. 2, nº 1 (3), p. 68 – 80, 2005.

BOTEGA, Tuíla. **A interface entre migração internacional e mobilidade social: um estudo com migrantes retornados em Goiás**. 2015. Dissertação (Mestrado em Estudos Comparados sobre as Américas) – Centro de Pesquisa e Pós-Graduação sobre as Américas, Universidade de Brasília, Brasília, 2015.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta; AMADO, Janaína (Orgs). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

BRADATAN, Cristina; POPAN, Adrian; MELTON, Rachel. Transnationality as a fluid social identity. **Social Identities: Journal for the Study of Race, Nation and Culture**, 6:2, 2010, p. 169-178, 2010. DOI: DOI:10.1080/13504631003688856. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/13504631003688856>. Acesso em: 02 jun. 2019.

BURITICÁ, María; PEDONE; Claudia; ARAUJO, Sandra. “Entre la estigmatización y la restricción”. Políticas migratorias y discursos políticos sobre familia, migración, género y generación en países de inmigración y emigración: España y Colombia. **Palabra: palabra que obra**, n. 13, p. 84 – 107, 2013.

CARPENEDO, Manoela; NARDI, Henrique. Maternidade transnacional e produção de subjetividade: as experiências de mulheres brasileiras imigrantes vivendo em Londres. **Cadernos Pagu**, n. 49, 2017. DOI: <https://doi.org/10.1590/18094449201700490012>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/sWtQZvFCJkFk54xKG5p3TVD/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 31 ago. 2021.

CARRETEIRO, Teresa; MATTAR, Cristine. História de vida, subjetividade e violência conjugal. **Cronos**, 2004/2005, v. 5/6, 1/2, p. 103-107. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/cronos/article/view/3236/2626>. Acesso em: 21 set. 2021.

CASTAÑEDA, Ernesto; BUCK, Lesley. Remittances, Transnational Parenting, and the Children Left Behind: Economic and Psychological Implications. **The Latin Americanist**, v. 55, n. 4, p. 85-110, 2011. DOI:10.1111/j.1557-203X.2011.01136.x. Disponível em: <https://muse.jhu.edu/article/706534/summary>. Acesso em: 01 dez. 2021.

CAVALCANTI, Leonardo. Lembrança de emigração e realidade de imigração: o fenômeno migratório na Espanha e a recente chegada dos brasileiros. **Cadernos CERU**, série 2, n. 15, p. 185 – 201, 2004. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2595-2536.v15i0p186-201>.

Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ceru/article/view/75331>. Acesso em: 31 ago. 2021.

\_\_\_\_\_. BOGGIO, Karina. Una presencia ausente en espacios transnacionales. Un análisis sobre la cuestión del retorno, a partir del cotidiano de uruguayos y brasileños en España. In: **4º CONGRESO SOBRE LA INMIGRACIÓN ESPAÑA: CIDADANIA Y PARTICIPACIÓN**. 2004, Barcelona. Disponível em: [https://www.academia.edu/1314879/Una\\_presencia\\_ausente\\_en\\_espacios\\_transnacionales\\_Un\\_an%C3%A1lisis\\_sobre\\_la\\_cuesti%C3%B3n\\_del\\_retorno\\_a\\_partir\\_del\\_cotidiano\\_de\\_uruguayos\\_y\\_brasile%C3%B1os\\_en\\_?auto=download](https://www.academia.edu/1314879/Una_presencia_ausente_en_espacios_transnacionales_Un_an%C3%A1lisis_sobre_la_cuesti%C3%B3n_del_retorno_a_partir_del_cotidiano_de_uruguayos_y_brasile%C3%B1os_en_?auto=download). Acesso em: 21 ago. 2021.

\_\_\_\_\_. “Imigrantes”, “imigrados”, “estrangeiro” ... E a fabricação do “outro” imaginário. A presença brasileira no contexto da imigração na Espanha. **Universitas: Relações Internacionais**, v. 3, n. 2, 2005.

\_\_\_\_\_. *et al.* Introdução. In: CAVALCANTI, Leonardo *et al.* (Orgs.). **Dicionário crítico de migrações internacionais**. Brasília: Editora UnB, 2017.

CHANTLER, Khatidja; BURNS, Diane. Metodologias feministas. In: SOMEKH, Bridget; LEWIN, Cathy (Orgs.). **Teoria e Métodos de Pesquisa Social**. Petrópolis: Vozes, 2015.

CONSEJO ECONÓMICO Y SOCIAL ESPAÑA. **La Inmigración en España: efectos y oportunidades**. Colección Informes, nº 02/2019. Disponível em: <http://www.ces.es/documents/10180/5209150/Inf0219.pdf>. Acesso em: 01 fev. 2021.

CONTRATTO, Susan. A Feminist Critique of Attachment Theory and Evolutionary Psychology. In: BALLOU, Mary; BROWN, Laura. **Rethink Mental Health & Disorder: Feminist Perspectives**. New York: The Guilford Press, 2002.

DE LUCAS, Javier. Migración y derechos humanos: una perspectiva jurídica. In: COMITÉ ESPECIALIZADO DE INMIGRACIÓN. **El fenómeno migratorio en España: reflexiones desde el ámbito de la Seguridad Nacional**. Madrid: Gobierno de España, 2019. Disponível em: <https://www.dsn.gob.es/es/documento/fen%C3%B3meno-migratorio-espa%C3%B1a-reflexiones-desde-%C3%A1mbito-seguridad-nacional>. Acesso em: 20 out. 2022.

DE PAULA, Luiz Fernando; PIRES, Manoel. Crise e perspectivas para a economia brasileira. **Estudos Avançados**, n. 31 (89), 2017. DOI: 10.1590/s0103-40142017.31890013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/jNpn6wfChvNj659nr4LLtGD/?lang=pt>; Acesso em: 21 set. 2021.

DE TONA, Carla. But what is interesting is the story of why and how migration happened. **Forum: Qualitative Social Research**, v. 7, nº 3, 2006. Disponível em: <http://www.qualitative-research.net/index.php/fqs/article/view/143> Acesso em: 05 fev. 2017.

DONZELOT, Jacques. **The policing of families**. New York: Pantheon Books, 1979.

DREBY, Joanna. Honor and virtue: Mexican parenting in the transnational context. **Gender and Society**, vol. 20, nº 1, p. 32 – 59, 2006.

DUFNER, Samantha. **Famílias multifacetadas**. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2023.

ENRIQUEZ, Eugène. El relato de vida: interfaz entre intimidad y vida colectiva. **Perfiles latinoamericanos**, v. 10, n. 21, p. 35-47, jan./jun. 2002. Disponível em: <http://mastor.cl/blog/wp-content/uploads/2017/03/Enriquez.-el-relato-de-vida.pdf>. Acesso em: 21 set. 2021.

EREL, Umut. Reconceptualizing Motherhood: Experiences of Migrant Women from Turkey Living in Germany. In: BRYCESON, Deborah; VUORELA, Ulla (Eds). **The Transnational Family: new European frontiers and global networks**. New York: Berg, 2002.

FARGANIS, Sondra. O feminismo e a reconstrução da ciência social. In: JAGGAR, Alison; BORDO, Susan (Orgs). **Gênero, Corpo, Conhecimento**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997.

FERNANDES, Duval; NUNAN, Carolina. O Imigrante brasileiro na Espanha: perfil e situação de vida em Madri. In: **XVI ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS**, 2008, Caxambu. Disponível em: <http://www.abep.org.br/publicacoes/index.php/anais/article/viewFile/3408/3267>. Acesso em: 31 ago. 2021.

FIGUEIREDO, Taís. Imigração brasileira contemporânea: brasileiras e brasileiros na Espanha. **Cadernos CERU**, série 2, vol. 30, n. 1, jun., p. 201-240, 2019. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2595-2536.v30i1p201-240>. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ceru/article/view/158710>. Acesso em: 31 ago. 2021.

FINOTELLI, Cláudia *et al.* **Migração Brasil – Europa. A situação dos migrantes brasileiros na Espanha e Portugal e de portugueses e espanhóis no Brasil: aspectos legais e vivências**. Vienna: International Centre for Migration Policy Development (ICMPD), 2013. Disponível em: <https://www.om.acm.gov.pt/documents/58428/280091/225955.pdf/ac8d98f9-710f-4c0f-8398-58ce725bb055>. Acesso em: 31 ago. 2021.

FISHER, Berenice; TRONTO, Joan. **Toward a Feminist Theory of Caring**. 1990. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/330973025/Fisher-Tronto-Toward-a-Feminist-Theory-of-Caring-1>. Acesso em: 02 jun. 2021.

FONSECA, Claudia. Apresentação: de família, reprodução e parentesco: algumas considerações. **Cadernos Pagu**, Campinas, SP, n. 29, p. 9-35, 2007. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8644815>. Acesso em: 02, dez., 2021.

GAREY, Anita; ARENDELL, Terry. Children, work, and family: Some thoughts on “Mother Blame”. **Center for Working Families**, University of California, Working Paper

n. 4. Berkeley, 1999. Disponível em: <https://dlib.bc.edu/islandora/object/bc-ir:100386>. Acesso em: 02, dez., 2021.

GAULEJAC, Vincent de. **Neurose de classe**. São Paulo: Via Lettera, 2014.

GOMES, Adriana; MELCHIORI, Lígia. **A teoria do apego no contexto da produção científica contemporânea**. São Paulo: Editora UNESP, 2011.

GRINBERG, León; GRINBERG, Rebeca. A psychoanalytic study of migration: Its normal and pathological aspects. **Journal of the American Psychoanalytic Association**, n. 32(1), p. 13–38, 1984. DOI: 10.1177/000306518403200103. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/6707429/>. Acesso em: 05, dez., 2021.

GUARNIZO, Luis. The economics of transnational living. **International Migration Review**, vol. 37, nº 3, p. 666 – 699, 2003. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/30037753>. Acesso em: 20 oct. 2021.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Edições Vértice, 1990.

\_\_\_\_\_. **Los marcos sociales de la memoria**. Barcelona: Editorial Rubí, 2004.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HARDING, Sandra. **Ciencia y feminismo**. Madrid: Morata, 1996.

HONDAGNEU-SOTELO, Pierrette; AVILA, Ernestine. “I’m Here but I’m There”: The Meaning of Latina Transnational Motherhood. **Gender and Society**, vol. 11, nº 5, p. 548 – 571, 1997. DOI: <https://doi.org/10.1177/089124397011005003>. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/190339>. Acesso em: 03 jun. 2016.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTADÍSTICA – INE. Estadística de migraciones. Madrid, 2020. Disponível em: [https://www.ine.es/dyngs/INEbase/es/categoria.htm?c=Estadistica\\_P&cid=1254734710984](https://www.ine.es/dyngs/INEbase/es/categoria.htm?c=Estadistica_P&cid=1254734710984). Acesso em: 31 ago. 2021.

IOSIFIDES, Theodoros. **Qualitative methods in migration studies: a critical realist perspective**. Oxford: Ashgate Publishing, 2011.

KEMPADOO, Kamala. Mudando o debate sobre o tráfico de mulheres. **Cadernos Pagu**, n. 5, 2005, p. 55 – 78. Disponível em: < [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-83332005000200003&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-83332005000200003&script=sci_abstract&tlng=pt)>. Acesso em: 02 fev. 2020.

KOFMAN, Eleonore *et al.* **Gender and International Migration in Europe. Employment, welfare and politics**. New York: Routledge, 2000.

LEVITT, Peggy; SCHILLER, Nina Glick. Conceptualizing simultaneity: a transnational social field perspective on society. **International Migration Review**, vol. 38, p. 595 – 629, 2004. Disponível em:

[https://www.academia.edu/4753465/Conceptualizing\\_Simultaneity\\_A\\_Transnational\\_Social\\_Field\\_Perspective\\_on\\_Society1](https://www.academia.edu/4753465/Conceptualizing_Simultaneity_A_Transnational_Social_Field_Perspective_on_Society1). Acesso em: 02 fev. 2021.

LORENZO, Enrique. Alteridade (otredad). In: CAVALCANTI, Leonardo *et al.* (Orgs.). **Dicionário crítico de migrações internacionais**. Brasília: Editora UnB, 2017.

MACIEL, Lidiane; ALMEIDA, Gisele Maria. As potencialidades da perspectiva qualitativa nas pesquisas sobre as identidades sociais e os projetos de mobilidade. In: **XXI ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, ABEP**. 2004, Poços de Caldas. Disponível em: <http://www.abep.org.br/~abeporgb/publicacoes/index.php/anais/article/view/3126>. Acesso em: 31 ago. 2021.

MADIANOU, Mirca; MILLER, Daniel. **Migration and New Media: transnational families and polymedia**. Abingdon: Routledge, 2012.

MARCUS, George Emmanuel. Ethnography in/of the world system: the emergence of multisited ethnography. **Annual Review of Anthropology**, v.24, p. 95-117, 1995. DOI:10.1146/annurev.an.24.100195.000523. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/234147732\\_Ethnography\\_InOf\\_the\\_World\\_System\\_The\\_Emergence\\_of\\_Multi-Sited\\_Ethnography](https://www.researchgate.net/publication/234147732_Ethnography_InOf_the_World_System_The_Emergence_of_Multi-Sited_Ethnography). Acesso em: 31 ago. 2021.

MARIANO, Agnes. “A memória é a matéria essencial das entrevistas”: entrevista com José Carlos Sebe Bom Meihy. **Revista Lumina**, v. 14, n. 3, p. 213 – 226, 2020.

MASANET, Erika. El proceso migratorio brasileño hacia España desde la mirada de la sociedad de origen: las percepciones sociales en torno al contexto de partida y de llegada. *Revista Alternativas*. **Cuadernos de Trabajo Social**, Alicante, nº 14-2006, p. 71 – 93, 2006. DOI: <https://doi.org/10.14198/ALTERN2006.14.6>. Disponível em: <https://alternativasts.ua.es/article/view/2006-n14-el-proceso-migratorio-brasileno-hacia-espana-desde-la-mirada-de-la-sociedad-de-origen-las-percepciones-sociales-en-torno-al-contexto-de-partida-y-de-llegada>. Acesso em: 31 ago. 2021.

\_\_\_\_\_. **De Brasil a España: un estudio sobre la migración desde una perspectiva integrada de los lugares de origen y de destino**. Alicante, 2008. Tese (Doctorado en Sociología) – Universidad de Alicante.

\_\_\_\_\_; PADILLA, Beatriz. La inmigración brasileña en Portugal y España. ¿Sistema migratorio ibérico? **Obets. Revista de Ciencias Sociales**. Vol. 5, n. 1, p. 49-86, 2010. DOI:10.14198/OBETS2010.5.04. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/44900064\\_La\\_inmigracion\\_brasilena\\_en\\_Portugal\\_y\\_Espana\\_sistema\\_migratorio\\_iberico](https://www.researchgate.net/publication/44900064_La_inmigracion_brasilena_en_Portugal_y_Espana_sistema_migratorio_iberico). Acesso em: 31 ago. 2021.

\_\_\_\_\_; BAENINGER, Rosana; MATEO, Miguel. La inmigración brasileña en España: características, singularidades e influencia de las vinculaciones históricas. **Papeles de Población**, n. 71, enero/marzo 2012. Disponível em: <http://www.scielo.org.mx/pdf/pp/v18n71/v18n71a4.pdf>. Acesso em: 31 ago. 2021.

MAZZUCATO, Valentina; SCHANS, Djamila. Transnational Families and the Well-Being of Children: Conceptual and Methodological Challenges. **Journal of Marriage and Family**, v.73(4), p.704-712, 2011. DOI:10.1111/j.1741-3737.2011.00840.x. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC3258421/>. Acesso em: 02, dez. 2021.

MERLA, Laura. La circulación de cuidados en las familias transnacionales. **Revista CIDOB d'Afers Internacionals**, nº 106 – 107, p. 85 – 104, 2014. Disponível em: <http://www.raco.cat/index.php/RevistaCIDOB/article/viewFile/280776/368454>. Acesso em: 09 jul. 2017.

MINAYO, Maria Cecília. (Org). **Pesquisa social: teoria, método e criatividades**. 21ª Ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.

MONTIEL, Santiago; VINTILA, Cristina. La reagrupación familiar en España y en Europa. **Anuario de la Facultad de Derecho de la Universidad Autónoma de Madrid**, n. 15, p. 143 – 169, 2011. Disponível em: <https://afduam.es/wp-content/uploads/pdf/15/S%20Perez.pdf>. Acesso em 20 jun. 2023.

MORGAN, David. Locating family practices. **Sociological Research Online**, v. 16 (14), p. 01-14, 2011. Disponível em: <http://www.socresonline.org.uk/16/4/14.html>. Acesso em: 06 dez. 2022.

OLWIG, Karen. Migration and Care: Intimately Related Aspects of Caribbean Family and Kinship. In: BALDASSAR, Loretta; MERLA, Laura. **Transnational Families, Migration and the Circulation of Care: Understanding Mobility and Absence in Family life**. New York: Taylor & Francis, 2014.

PARREÑAS, Rhacel. Mothering from a distance: emotions, gender, and intergenerational relations in filipino transnational families. **Feminist Studies**, Vol. 27, nº 2, p. 361 – 389, 2001.

\_\_\_\_\_. The Care Crisis in the Philippines: Children and Transnational Families in the New Global Economy. In: EHRENREICH, Barbara; HOCHSCHILD, Arlie Russel. **Global Woman**. New York: Holt Paperback, 2002.

\_\_\_\_\_. **Children of Global Migration: Transnational Families and Gendered Woes**. California: Stanford University Press, 2005.

\_\_\_\_\_. Inserting Feminism in Transnational Migration Studies. **Migrationonline.cz**, 2009. Disponível em: <https://migrationonline.cz/en/e-library/inserting-feminism-in-transnational-migration-studies>. Acesso em: 10 set. 2021.

\_\_\_\_\_. Transnational mothering: a source of gender conflicts in the family. **North carolina law review**. Vol. 88, p. 1825 – 1856, 2010. Disponível em: <https://scholarship.law.unc.edu/cgi/viewcontent.cgi?referer=&httpsredir=1&article=4447&context=nclr>. Acesso em: 09 set. 2021.

\_\_\_\_\_. **Servants of Globalization: migration and domestic work**. California: Stanford University Press, 2015.

PEDONE, Claudia; ARAUJO, Sandra. Maternidades transnacionales entre América Latina y el Estado español: el impacto de las políticas migratorias en las estrategias de reagrupación familiar. In: PUIG, Carlota; RUBIO, Sònia; CAVALCANTI, Leonardo. **Nuevos retos del transnacionalismo en el estudio de las migraciones**: documentos del Observatorio Permanente de la inmigración, p. 151 – 176, 2008. Disponível em: <https://ddd.uab.cat/record/217042>. Acesso em: 12 jun. 2023.

\_\_\_\_\_. Familias en movimiento: el abordaje teórico-metodológico del transnacionalismo familiar latinoamericano en el debate académico español. **Revista Latinoamericana de Estudios de Familia**, p. 223 – 224, formato Web, 2011. Disponível em: [https://www.observatoriodelainfancia.es/oia/esp/documentos\\_ficha.aspx?id=4698](https://www.observatoriodelainfancia.es/oia/esp/documentos_ficha.aspx?id=4698). Acesso em: 08 dez. 2022.

\_\_\_\_\_. ARAUJO, Sandra. “Entre la estigmatización y la restricción”. Políticas migratorias y discursos políticos sobre familia, migración, género y generación en países de inmigración y emigración: España y Colombia. **Palabra: Palabra que obra**, nº 13, p. 84 – 107, 2013. DOI: <https://doi.org/10.32997/2346-2884>. Disponível em: <https://revistas.unicartagena.edu.co/index.php/palobra/article/view/77>. Acesso em: 12 fev. 2023.

\_\_\_\_\_; ARAUJO, Sandra. Tramando futuros. Transnacionalismo familiar en la migración desde República Dominicana y Brasil hacia España. **Investigaciones Feministas**, vol. 7, p. 241 – 263, 2016. DOI: [https://doi.org/10.5209/rev\\_INFE.2016.v7.n1.52186](https://doi.org/10.5209/rev_INFE.2016.v7.n1.52186). Disponível em: <http://revistas.ucm.es/index.php/INFE/article/view/52186>. Acesso em: 07 jun. 2017.

\_\_\_\_\_. Maternidades Transnacionais. In: CAVALCANTI, Leonardo *et al.* (Orgs.). **Dicionário crítico de migrações internacionais**. Brasília: Editora UnB, 2017.

PIZARRO, Jorge. Remessas (econômicas e sociais). In: CAVALCANTI, Leonardo; *et al.* (Org.). **Dicionário crítico de migrações internacionais**. Brasília: Editora UnB, 2017.

POEZE, Miranda; MAZZUCATO, Valentina. Ghanaian Children in Transnational Families: Understanding the Experiences of Left-Behind Children through Local Parenting Norms. In: BALDASSAR, Loretta; MERLA, Laura. **Transnational Families, Migration and the Circulation of Care: Understanding Mobility and Absence in Family life**. New York: Taylor & Francis, 2014.

PORTES, Alejandro. Introduction: the debates and significance of immigrant transnationalism. **Global Networks: A Journal of Transnational Affairs**, v. 1, n. 3, p. 181-194, 2001. DOI: <https://doi.org/10.1111/1471-0374.00012>. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/1471-0374.00012>. Acesso em: 31 ago. 2021.

RIPOLL, Erika. O Brasil e a Espanha na dinâmica das migrações internacionais: um breve panorama da situação dos emigrantes brasileiros na Espanha. **Revista Brasileira de Estudos**



**Populacionais**, São Paulo, v. 25, n. 1, p. 151 – 165, 2008. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-30982008000100009>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbepop/a/WFQfWHQKmMdWRhtMtpHsts/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 31 ago. 2021.

ROJO, Eduardo. Examen de las modificaciones introducidas por el RD 629/2022 de 26 de julio en el Reglamento de Extranjería. 2022. Disponível em: <http://www.eduardorojotorrecilla.es/2022/08/examen-de-las-modificaciones.html>. Acesso em 20 out. 2022.

RUBIO, Sónia Parella; CAVALCANTI, Leonardo. La movilidad ocupacional de las mujeres inmigrantes brasileñas en España. **Sociedad y Economía**, n. 19, p. 11-32, 2010. Disponível em: <https://ddd.uab.cat/record/213331>. Acesso em: 21 set. 2021.

SALIH, Ruba. Towards an Understanding of Gender and Transnationalism: Moroccan Migrant Women's Movements Across the Mediterranean. **Anthropological Journal on European Cultures**, Vol. 9, Nº 2, p. 75-91, 2000. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/43234876>. Acesso em: 31 ago. 2021.

SANTOS, Boaventura. “Para além do Pensamento Abissal: das linhas globais a uma ecologia dos saberes”, in Boaventura de Sousa Santos; Maria Paula Meneses (Orgs.). **Epistemologias do Sul**. Coimbra: Edições Almedina, 2009.

SARGENT, Carolyn; LARCHANCE-KIM, Stephanie; YATERA, Samba. Migração e telecomunicações: tecnologias e famílias transnacionais na França e África Ocidental. **Cadernos Pagu**, nº 29, 2007.

SASSEN, Saskia. **The Global City: New York, London, Tokyo**. New Jersey: Princeton University Press, 1991.

\_\_\_\_\_. Two Stops in Today's New Global Geographies: Shaping Novel Labor Supplies and Employment Regimes. **American Behavioral Scientist**, nº 52, p. 457 – 496, 2008. DOI: [10.1177/0002764208325312](https://doi.org/10.1177/0002764208325312). Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/0002764208325312?icid=int.sj-abstract.similar-articles.3>. Acesso em: 14 set. 2021.

SAYAD, Abdelmalek. **A imigração ou os paradoxos da alteridade**. São Paulo: EDUSP, 1998.

\_\_\_\_\_. O Retorno: elemento constitutivo da condição do imigrante. **Travessia Revista do Migrante**, São Paulo, Ano XIII, número especial, janeiro/2000.

SETTLES, Barbara *et al.* Grandparents Caring for their grandchildren: emerging roles and exchanges in global perspectives. **Journal of comparative family studies**, Vol. 40, nº 5, p. 827 – 848, 2009. DOI: [DOI:10.1007/s11312-009-9187-7](https://doi.org/10.1007/s11312-009-9187-7). Disponível em: <https://www.proquest.com/docview/232579506?sourcetype=Scholarly%20Journals>. Acesso em: 25 ago. 2021.

SINGH, Supriya; CABRAAL, Anuja. 'Boomerang remittances' and the circulation of care: a study of Indian transnational families in Australia. In: BALDASSAR, Loretta; MERLA, Laura. **Transnational Families, Migration and the Circulation of Care: Understanding Mobility and Absence in Family life**. New York: Taylor & Francis, 2014.

SOLÉ, Carlota; CAVALCANTI, Leonardo; RUBIO, Sònia. La inmigración brasileña en la estructura socioeconómica de España. **Documentos del Observatorio Permanente de la Inmigración**. Madrid, 2011. Disponível em: [https://extranjeros.inclusion.gob.es/ficheros/Observatorio\\_permanente\\_inmigracion/publicaciones/fichas/La-inmigracion-brasilena-en-la-estructura-socioeconomica-de-Espana.pdf](https://extranjeros.inclusion.gob.es/ficheros/Observatorio_permanente_inmigracion/publicaciones/fichas/La-inmigracion-brasilena-en-la-estructura-socioeconomica-de-Espana.pdf). Acesso em: 20 out. 2020.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

TONHATI, Tânia. **Transnational Families, Migration and Brazilian Family Practices**. Curitiba: Editora CRV, 2019. Não paginado.

UNICEF. Children left behind. UNICEF Working Paper, 2018. Disponível em: <https://www.unicef.org/media/61041/file>. Acesso em: 02, dez., 2021.

VÁZQUEZ, Sonia. Derechos y libertades de los extranjeros en España: el derecho a la reagrupación familiar. **Anuario da Facultade de Direito**, v. 7, p. 439 – 465, 2003. Disponível em: <https://ruc.udc.es/dspace/handle/2183/2220>. Acesso em: 22 jun. 2023.

VERTOVEC, Steven. Transnationalism and identity. **Journal of Ethnic and Migration Studies**, 27:4, 573 – 582, 2001. DOI: <http://dx.doi.org/10.1080/13691830120090386>. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/13691830120090386>. Acesso em: 05 jun. 2019.

\_\_\_\_\_. Migrant transnationalism and modes of transformation. **International Migration Review**, vol. 38, nº 3, p. 970 – 1001, 2004. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/27645423>. Acesso em 09 mai. 2019.

VETTORASSI, Andrea; DIAS, Gustavo. Estudos migratórios e os desafios da pesquisa de campo. **Sociedade e Cultura**, Goiânia, n. 2, v. 20, p. 7-28, dez. 2017. DOI: <https://doi.org/10.5216/sec.v20i2.53055>. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/fcs/article/view/53055>. Acesso em: 31 ago. 2021.

ZAGUIRRE, Arantxa. La política migratoria y la normativa de extranjería desde una perspectiva de género y de cuidados. El caso de España. **ONU Mujeres**, 2012. Disponível em: <https://trainingcentre.unwomen.org/instraw-library/2012-R-MIG-ESP-POL-SP.pdf>. Acesso em: 22 jun. 2023.